

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
ANA HARTMANN FIGURELLI

**O TURISMO NA VELHICE PRATICADO NA CIDADE DE RIO
GRANDE E SUAS APROXIMAÇÕES COM OS PRINCÍPIOS DA
EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

RIO GRANDE
2009

ANA HARTMANN FIGURELLI

**O TURISMO NA VELHICE PRATICADO NA CIDADE DE RIO GRANDE E SUAS
APROXIMAÇÕES COM OS PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.

Orientadora: Profa. Dra. Ivalina Porto

Área de concentração: Educação

RIO GRANDE
2009

DEDICATÓRIA

À Vó Aleida que, aos seus 88 anos, é um exemplo de disposição, independência e coragem para encarar a vida de frente.

À minha família – mãe, pai e irmãos – meu porto seguro, força e fonte de energia positiva.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, José Carlos, maior incentivador da minha vida acadêmica, que me ajudou não só com a sua leitura e opiniões, mas principalmente com a sua confiança em minha capacidade e certa “corujice”.

À minha mãe, Angela, por me amparar nas horas de incerteza e vibrar junto a cada etapa conquistada. Pelo apoio incondicional, pela amizade e por me agüentar durante os dois últimos conturbados anos.

Aos meus irmãos, Ricardo e Marcelo, pelo interesse, incentivo e apoio.

Ao meu namorado, Bruno, que apesar de ter entrado recentemente em minha vida, me deu muito amor e força na fase final e decisiva desta dissertação.

À minha orientadora, Ivalina Porto, pela parceria na construção desta dissertação. Por estar sempre à disposição e aberta a discutir toda e qualquer sugestão por ela ou por mim dada. Pela sua dedicação e, principalmente, por entender e persistir em um início um tanto confuso que acabou sendo seguido por um trabalho leve, bem definido e fluidamente desenvolvido.

À Fabi, colega que no decorrer do curso se tornou uma grande amiga, pelas conversas (muitas por sinal), dicas, sugestões e torcida. Além, é claro, dos momentos de risadas, festas, lamentações e etc.

À Greta, amigona que se propôs à revisão desta dissertação simplesmente pelo prazer de ajudar.

À Gabica, prima e amiga que ajudou com a revisão do projeto desta dissertação e, principalmente, com a sua amizade e interesse.

À Tia Elizabeth, por apostar em mim, me apoiar e sinceramente curtir cada passo dado.

Àqueles que participaram das entrevistas, pela boa vontade e disponibilidade de tempo e por contribuírem para a concretização desta dissertação.

RESUMO

A presente pesquisa propõe um estudo acerca do Turismo como opção viável de conscientização em relação aos problemas socioambientais da atualidade, na busca pela superação dos mesmos. O objetivo principal é investigar o Turismo praticado na velhice, realizado na cidade de Rio Grande, em seus âmbitos teórico e prático, sob a ótica da Educação Ambiental, visto que a relação Turismo/ Educação Ambiental vem sendo bastante estudada nos últimos anos e apontada como uma eficiente alternativa, tanto de conscientização da população na luta pela preservação da natureza, como de promoção da distribuição de renda e da igualdade social. Efetuou-se uma consistente revisão bibliográfica na busca de maiores conhecimentos sobre os seguintes conceitos relacionados ao tema proposto: Turismo, Educação Ambiental, a ligação entre ambos e o turismo para a terceira idade. Os participantes foram selecionados por conveniência para atender aos objetivos da pesquisa. Fazem parte do grupo de pesquisados os membros da Secretaria Municipal de Turismo, os guias da Associação de Guias de Rio Grande – que trabalham diretamente com a Secretaria – e turistas idosos. O instrumento para coleta de informações junto aos participantes foi o da entrevista, que levantou dados sobre o Plano Turístico de Rio Grande, o seu roteiro dirigido à Melhor Idade e a interface de ambos com a Educação Ambiental. A metodologia utilizada é a do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), proposta por Lefèvre & Lefèvre (2005). O conhecimento das efetivas práticas de turismo para a terceira idade no município de Rio Grande permite estabelecer uma relação com as propostas presentes no Plano, tendo como base os princípios da Educação Ambiental. O turismo para a terceira idade apresenta-se nesta pesquisa como uma possibilidade de lazer para o idoso que, além de se beneficiar com o entretenimento e diversão proporcionados por tal atividade, pode se constituir em elemento fundamental para a Educação Ambiental, além de gerador de sugestões e propostas que contribuam para estimular e ampliar a prática turística na velhice.

Palavras-Chave: Terceira Idade – Turismo – Educação Ambiental – Município de Rio Grande/RS

ABSTRACT

This research proposes a study about Tourism as a viable option to conscience people about the current social and environmental problems aiming on their solution. Its main goal is to investigate Rio Grande's aging Tourism, its theoretical and practical matters, under the optic of Environmental Education, because the relation Tourism – Environmental Education is being studied a lot lately and pointed as an efficient alternative not only to include the population in the fight for nature's preservation but also to promote money distribution and social equality. A consistent bibliographic revision was made to obtain more knowledge about the subjects related to the proposed theme: Tourism, Environmental Education, the relation between them and the aging tourism. The participants were selected by convenience to attempt the research's goals. Members of the Municipal Tourism Secretary, guides of Rio Grande's Guides Association – that work directly with the Secretary - and aged tourists are part of the researched group. The instrument to collect information from the participants was the interview that got data about Rio Grande's Touristic Plan, its aging tour and their relation with Environmental Education. The methodology used is *Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)* proposed by Lefèvre & Lefèvre (2005). To know the effective practices of Rio Grande's aging tourism allow establishing a relation between it and the Plan's proposes, having the Environmental Education principles as a guide. Aging tourism appears in this research as a possibility of leisure to old people who, besides being benefited by its entertainment and fun, can be an essential element to Environmental Education and generate suggestions and proposes that contribute to stimulate and amplify the touristic practice between old people.

Key-words: Third Age – Tourism – Environmental Education – Rio Grande/RS

SUMÁRIO

RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
LISTA DE QUADROS	x
INTRODUÇÃO	1
REFERENCIAL TEÓRICO	4
1 TURISMO	4
1.1 Turismo versus Lazer	4
1.2 A Atividade Turística e seus Significados	7
1.3 A Sustentabilidade no Turismo: Utopia ou Realidade?	9
2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL	12
2.1 Aspectos Históricos da Educação Ambiental	12
2.2 A Educação Ambiental e suas Diversas Concepções	15
2.2.1 Educação Ambiental Crítica e Transformadora	16
2.3 A Inserção da Educação Ambiental na Atividade Turística	21
2.4 Turismo na Velhice: Busca de uma Melhor Qualidade de Vida	26
METODOLOGIA	34
3 PARTICIPANTES.....	34
4 O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO	34
5 INSTRUMENTO	36
6 PROCEDIMENTOS	37
6.1 Coleta de Dados	37
6.2 Análise e Discussão dos Dados	38
ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	42
7 GRUPO 1: MEMBROS DA SECRETARIA DE TURISMO DE RIO GRANDE	42
8 GRUPO 2: GUIAS TURÍSTICOS	59

9 GRUPO 3: TURISTAS IDOSOS	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
ANEXOS	93
10 ANEXO 1 – ROTEIRO “RIO GRANDE INESQUECÍVEL PARA A MELHOR IDADE”	94
11 ANEXO 2 – INSTRUMENTOS DE PESQUISA	96
11.1 Instrumento para Entrevistas com os Guias de Turismo	97
11.2. Instrumento para Entrevistas com os Membros da Secretaria de Turismo de Rio Grande	98
11.3 Instrumento para Entrevistas com Turistas Idosos	99
12 ANEXO 3 – CONSTRUÇÃO DOS DSCs DO GRUPO 1	100
12.1 Questão 1	101
12.2 Questão 2	106
12.3 Questão 3	109
12.4 Questão 4	113
12.5 Questão 5	118
13 ANEXO 4 – CONSTRUÇÃO DOS DSCs DO GRUPO 2	122
13.1 Questão 1	123
13.2 Questão 2	126
13.3 Questão 3	131
13.4 Questão 4	135
13.5 Questão 5	141
13.6 Questão 6	148
14 ANEXO 5 – CONSTRUÇÃO DOS DSCs DO GRUPO 3	156
14.1 Questão 1	157
14.2 Questão 2	161
14.3 Questão 3	165
14.4 Questão 4	169

LISTA DE QUADROS

QUADRO Nº 1 – Exemplo de Instrumento de Análise de Discurso 1	39
QUADRO Nº 2 – Exemplo de Instrumento de Análise de Discurso 2	40
QUADRO Nº 3 – Resposta dos membros da Secretaria sobre como é tratada a relação Turismo/ Educação Ambiental no Plano Turístico de Rio Grande	42
QUADRO Nº 4 – Resposta dos entrevistados sobre a inserção de ações de EA no roteiro dirigido aos idosos	46
QUADRO Nº 5 – Conhecimento dos entrevistados a respeito da utilização pelos guias turísticos da proposta do roteiro dirigido à terceira idade	51
QUADRO Nº 6 – Opinião dos membros da Secretaria a respeito do que deve ser feito para estimular o turismo na velhice	53
QUADRO Nº 7 – Opinião dos entrevistados sobre como o Turismo pode melhor contribuir para a conscientização ambiental e social dos idosos	56
QUADRO Nº 8 – Conhecimento dos guias turísticos sobre a existência de uma preocupação com a EA no Plano Turístico de Rio Grande	59
QUADRO Nº 9 – Resposta dos entrevistados sobre quais atividades do roteiro dirigido aos idosos visam à conscientização do turista a respeito dos problemas sociais e ambientais	61
QUADRO Nº 10 – Resposta dos guias quando perguntados se seguem o roteiro para os idosos sugerido pela Secretaria de Turismo	65
QUADRO Nº 11 – Resposta dos entrevistados sobre que outro tipo de roteiro turístico é realizado em Rio Grande com os idosos	66
QUADRO Nº 12 – Opinião dos guias a respeito do que deve ser feito para estimular o turismo na velhice	69
QUADRO Nº 13 – Opinião dos entrevistados sobre como o Turismo pode melhor contribuir para a conscientização ambiental e social dos idosos	71

QUADRO Nº 14 – Resposta dos idosos quando perguntados qual passeio fez e quais atividades foram realizadas durante o mesmo	74
QUADRO Nº 15 – Resposta dos entrevistados sobre quais atividades preferiram	77
QUADRO Nº 16 – Fala dos idosos a respeito de como as atividades realizadas contribuíram para uma maior conscientização social e ambiental	79
QUADRO Nº 17 – Opinião dos idosos sobre o que os faria ter mais vontade de participar de passeios turísticos	81

INTRODUÇÃO

Diante do presente cenário de depredação do meio ambiente e de grandes desigualdades sociais, não é mais possível fechar os olhos e seguir em frente da mesma forma. O mundo clama por uma nova ótica organizacional e ações concretas de preservação – ou seria mais coerente utilizar a palavra restauração? – não só do meio natural, como também, e essencialmente, do homem em seus mais diversos aspectos e suas mais variadas relações. Assim, nesse contexto, a presente pesquisa propõe um estudo acerca do Turismo como opção viável de conscientização com relação aos problemas socioambientais da atualidade na busca pela superação dos mesmos.

Sabe-se que um mau planejamento e gerenciamento do Turismo acarretam problemas tanto de ordem social como ambiental, afetando principalmente as comunidades residentes dos locais explorados pela atividade. Porém, a mesma, quando tratada de forma responsável, é capaz de inverter essa lógica e assim beneficiar todos aqueles que estão envolvidos. Segundo Ignarra (2000, p. 62), o planejamento do Turismo é necessário “tanto para acelerar e maximizar os efeitos positivos da atividade, quanto, e principalmente, para que os efeitos negativos sejam mitigados”. Sendo assim, pode-se dizer que a atividade turística, quando bem planejada, pode auxiliar na superação das problemáticas dos meios natural e social, meta também perseguida pela Educação Ambiental.

Além de abordar os temas Turismo e Educação Ambiental, esta pesquisa trabalha com o segmento da sociedade convencionalmente chamado de terceira idade, cuja escolha foi providencial, já que está localizado no cerne da atual crise civilizacional. Os velhos são um grande contingente de pessoas usualmente excluídas de toda e qualquer atividade produtiva e, conseqüentemente, carentes de melhor qualidade de vida, por isso busca-se cada vez mais alternativas – entre elas o Turismo – que enriqueçam a sua existência e os façam sentir parte integrante da sociedade.

O idoso vem acompanhando perplexo as depredações ambientais que estão ocorrendo, porém, devido à sua condição de afastamento do processo educativo, raramente participa de atividades relacionadas à Educação Ambiental desperdiçando, assim, a sua

capacidade de agir em prol da atual causa de recuperação do meio ambiente e da sociedade. O rápido crescimento nos últimos anos dessa parcela da população tem gerado grandes discussões e revelado a falta de preparo do país para lidar com tal situação, e a necessidade de medidas drásticas que favoreçam e insiram os idosos novamente em um efetivo convívio em sociedade. Por esse motivo, estuda-se aqui o turismo para a terceira idade como uma possibilidade de lazer para o idoso que, além de se beneficiar com o entretenimento e diversão proporcionados, pode se constituir em elemento fundamental para a Educação Ambiental.

A questão a ser respondida pelo presente estudo é: “O Turismo voltado aos idosos em Rio Grande é planejado e praticado com base em princípios da Educação Ambiental?” e o objetivo geral é “investigar o Turismo na velhice realizado em Rio Grande, em seus âmbitos teórico e prático, sob a ótica da Educação Ambiental”. Visto que a relação Turismo/ Educação Ambiental vem sendo bastante estudada nos últimos anos e apontada como uma eficiente alternativa, tanto de conscientização da população na luta pela preservação da natureza, como de promoção da distribuição de renda e da igualdade social, os objetivos específicos desta pesquisa são:

- Identificar as inter-relações entre Turismo e Educação Ambiental existentes no Plano Turístico de Rio Grande e em seu roteiro dirigido às pessoas idosas;
- Verificar se o roteiro dirigido aos idosos sugerido pelo Plano é realizado pelos guias e a relação entre este e outros passeios alternativos;
- Propor ações para estimular e ampliar o Turismo para as pessoas idosas considerando sua disponibilidade de tempo e potencial para participação em ações de lazer e cultura.

A metodologia utilizada para desenvolver o tema e os objetivos aqui propostos consistiu, primeiramente, em uma revisão bibliográfica na busca de maiores conhecimentos sobre os conceitos relacionados ao assunto, sendo estudado o Turismo, a Educação Ambiental, a relação entre ambos e, finalmente, o turismo para a terceira idade.

Na seqüência, as entrevistas foram elaboradas tendo como base os objetivos específicos anteriormente mencionados. São três os instrumentos daí surgidos, sendo cada um direcionado a um grupo específico de pessoas que formaram as amostras dos membros da Secretaria de Turismo de Rio Grande, dos guias turísticos e dos turistas idosos.

A próxima etapa foi a aplicação das entrevistas. Tal processo teve duração de aproximadamente dois meses visto que a pesquisadora foi obrigada a adaptar-se à disponibilidade dos sujeitos pesquisados. As entrevistas foram individuais e os locais de realização foram selecionados de acordo com a conveniência de ambos os envolvidos, ou seja, pesquisador e pesquisados. As conversas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra para assegurar a veracidade das informações a serem analisadas.

Os dados obtidos foram tratados seguindo a proposta metodológica de Lefèvre & Lefèvre (2005) do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Tal técnica pretende alcançar a geração ou a reconstrução qualitativa dos pensamentos coletivos e busca organizar, descritivamente e de forma padronizada, os sentidos presentes na matéria discursiva da pesquisa de representação social. A partir da soma das muitas idéias dos sujeitos da pesquisa, busca-se a elaboração de um discurso único proferido na primeira pessoa do singular e que representa a fala do todo, ou seja, é como se o sujeito coletivo estivesse falando em uma só voz. (LEFÉVRE & LEFÉVRE, 2005)

Após a construção dos DSCs as questões de cada grupo amostral foram analisadas e comentadas individualmente, sendo considerado para este processo não só o discurso gerado, mas também as idéias centrais representantes de cada um deles. O tratamento desses dados permitiu a identificação de informações relevantes que se constituíram no corpo de achados da pesquisa e que serviram de base para uma reflexão crítica a respeito do tema.

O presente estudo está estruturado em cinco seções principais: a primeira é a parte introdutória, em que o tema é apresentado e justificado, assim como os objetivos da pesquisa, sua metodologia e estrutura discursiva; a segunda traz a pesquisa bibliográfica, ou seja, o referencial teórico responsável pelos aportes que serviram de sustentáculo à proposta; a terceira contém uma descrição detalhada da metodologia utilizada para o tratamento dos dados e para a obtenção destes, através das entrevistas abertas que foram aplicadas; a quarta seção trata da análise das entrevistas realizadas com cada grupo amostral. As questões são comentadas separadamente e seus objetivos considerados ao final de cada ciclo de sua abrangência; finalmente, a seção 5 apresenta as considerações finais e sugestões que contribuam para estimular e ampliar o turismo para as pessoas idosas na cidade de Rio Grande.

REFERENCIAL TEÓRICO

1 TURISMO

1.1 Turismo versus Lazer

O lazer, assim como o turismo, é um fenômeno contemporâneo, característico das sociedades industriais e intimamente relacionado ao advento, regularização e legalização do tempo livre. (FROMER & VIEIRA, 2004, p. 54)

O lazer é uma das esferas da sociedade e da economia que mais vem crescendo nos últimos anos. Tal situação se deve ao fato de as pessoas encontrarem-se profundamente envolvidas com as atividades e pressões do dia-a-dia, principalmente com o trabalho, a ponto de necessitarem fugir das suas rotinas em busca de alternativas que lhes proporcionem prazer e relaxamento. O lazer é composto por atividades de natureza e motivação diversas, sendo a atividade turística um dos campos mais evoluídos dessa prática.

Quando se pensa em Turismo a primeira imagem que surge é aquela de uma viagem de férias para uma praia paradisíaca, com tempo livre para se fazer o que tiver vontade, descansar muito e se divertir mais ainda. Tal idéia faz com que a atividade seja unicamente associada ao entretenimento e ao relaxamento, ficando esquecido que a mesma envolve setores como o turismo de negócios, por exemplo, onde a palavra de ordem é trabalho, e não diversão. Sendo assim, é de extrema importância um debate sobre a forma como as noções de Turismo e de Lazer se confundem e, ao mesmo tempo, se afastam.

A atividade turística envolve inúmeros setores da atividade social humana e tem como premissa básica o fato de as pessoas se deslocarem de seus locais de residência rumo a uma destinação com objetivos diversos. Grande parte de sua demanda é constituída por

trabalhadores em seu momento de tempo livre, fazendo com que seja igualada ao lazer, já que no imaginário popular este último é associado ao ócio. De acordo com Melo & Alves Junior (2003), no decorrer da história este tempo de não-trabalho foi considerado por um longo período um vício que deveria ser combatido, passando mais tarde a ser considerado um inimigo do trabalho e um dos maiores pecados ao qual poderia submeter-se a espécie humana.

Com a evolução da sociedade, o advento do capitalismo e também a conseqüente configuração do trabalho em um ato alienado de puro cumprimento de obrigações não condizentes com as vontades e os prazeres dos indivíduos, surgiu nas pessoas a necessidade de utilizar seu tempo disponível em busca da satisfação não alcançada por meio do seu trabalho. Assim, pode-se dizer que neste modelo social o lazer possui um papel apaziguador e de equilíbrio entre o tempo produtivo e o tempo ocioso dos trabalhadores.

Embora o lazer ainda seja algumas vezes secundarizado, passou a ter maior importância e ser mais valorizado a partir da regulamentação do tempo livre e do conseqüente aumento da satisfação dos trabalhadores:

Trabalho e não-trabalho são características da atividade humana que não podem ser compreendidas nem de forma hierarquizada (uma se sobrepujando à outra), nem de forma isolada (uma sem relação com a outra). Na verdade, uma análise mais equilibrada acaba revelando que ambas são igualmente importantes e, numa inter-relação complexa, constituem a possibilidade de satisfação e felicidade humanas. (MELO & ALVES JUNIOR, 2003, p. 6)

Diante disso, é possível compreender o papel do lazer tanto nos âmbitos pessoal e profissional do indivíduo, como para os próprios capitalistas, que por um lado lucram com funcionários mais motivados e por outro com o consumo gerado por suas atividades no tempo de não-trabalho. Além disso, há quem diga que tais benefícios não param por aí: segundo Melo & Alves Junior (2003, p. 12) “o lazer / tempo livre na sociedade capitalista é um tempo alienado e patológico, destinado a mascarar as contradições e a contribuir para a perpetuação do sistema”, principalmente através do que eles chamam de “máquina poderosa de sonhos”, ou seja, a televisão, o cinema, etc., que buscam o controle social através da difusão de valores que interessam para a manutenção da ordem.

Nos dias de hoje, quando o lazer é por princípio uma fuga da rotina do dia-a-dia, o mesmo se configura muitas vezes como uma forma amena e descontraída de lidar com esferas mais sérias e constitutivas da sociedade. Em uma empresa, por exemplo, atividades recreativas são desenvolvidas com o intuito de treinar seu pessoal ou simplesmente para construir um espírito de equipe e companheirismo entre os funcionários. Sendo assim, é incontestável a flexibilidade e o caráter educativo e sensibilizante que possuem as diversas atividades de lazer.

Tal capacidade educativa do mesmo é enfatizada por Marcellino (2003), que diz ser duplo o processo pedagógico do lazer, uma vez que ele é ferramenta e objeto da educação. Para o autor, tal processo deve ser de conscientização pessoal e socioambiental, fazendo com que as pessoas assumam um compromisso consigo mesmas, com a sociedade e com o meio ambiente. Também Melo & Alves Junior (2003) comentam a esse respeito quando dizem existir uma educação “pelo lazer” e uma “para o lazer”. De acordo com os autores (p. 53), educar “pelo lazer” significa “aproveitar o potencial das atividades para trabalhar valores, condutas e comportamentos”, enquanto educar “para o lazer” está mais relacionado à atuação dos animadores culturais, os quais têm como cerne de sua atuação a cultura.

Tendo em vista tudo o que foi dito até este momento, faz-se necessária a utilização de uma definição que integre todas as informações colocadas em um único pensamento. Por isso apresenta-se a seguir o conceito de lazer defendido por um dos autores mais respeitados da área: Joffre Dumazedier.

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (1976, p. 34)

Como é possível notar na citação acima, o lazer abrange diversos fatores os quais são igualmente encontrados na prática turística – tais como o repousar, o divertir-se, etc. – e por isso ambos estão intimamente ligados. Conforme Cooper *et al.* (2001, p. 44), “a maior parte do turismo que acontece pelo mundo é uma atividade de lazer”, o que faz com que seja importante situar o mesmo no “espectro das atividades de lazer”. Para os autores o

lazer é abrangente e composto por atividades de recreação, dentre as quais se encontra o Turismo, opinião esta compartilhada por Costa & Costa (2005), para quem

Lazer pode ser considerado como o tempo que se dispõe depois do trabalho, do sono e das tarefas pessoais e domésticas para a pessoa fazer o que quiser, estando associado a uma medida de tempo (“tempo disponível”). A recreação contempla grande variedade de atividades que é empreendida durante o lazer. (p. 42)

Sendo assim, pode-se dizer que o Turismo é uma alternativa de lazer que tem no deslocamento uma das suas principais características, sendo, por esse motivo, um tempo livre mais prolongado, fator indispensável para a sua ocorrência. Além disso, como diz Marcellino (2002), embora o mesmo seja uma prática de lazer, o é de modo não-exclusivo, ou seja, possui segmentos como o turismo de negócios, por exemplo, que o diferenciam e o identificam. Portanto, faz-se necessária uma discussão mais aprofundada a respeito desta atividade em si e de suas particularidades, tal qual a que segue.

1.2 A Atividade Turística e seus Significados

Não podemos nos limitar a uma definição de Turismo, pois essa se encontra ligada praticamente a quase todos os setores da atividade social. A grande variedade de conceitos, todos eles válidos, circunscreve-se aos campos em que o Turismo é estudado. (ANSARAH, 2001, p. 16 apud CATROGIOVANNI, 2004, p. 189)

Definir Turismo é um grande desafio que exige pesquisa e dedicação total. Devem ser levadas em consideração todas as áreas que, de alguma forma, movimentam os equipamentos turísticos lhes gerando renda e conseqüentemente à comunidade em que estão inseridos. Do turismo ecológico ao turismo rural, passando pelo turismo de negócios e o religioso, todos são merecedores de atenção na busca pelo significado dessa atividade. Segundo Ignarra (1999, p. 25), o Turismo pode ser visto como “o deslocamento de pessoas de seu local de residência habitual por períodos determinados e não motivados por razões de exercício profissional constante”.

Embora a definição acima seja bastante abrangente e descreva com objetividade a atividade turística, é uma visão um tanto simplista de uma prática que envolve incontáveis fatores em sua constituição. Para melhor definir o Turismo deve-se utilizar um conceito mais profundo, que traga em sua essência marcas dos mais diversos componentes da atividade a qual está se referindo. Sendo assim, apresenta-se o entendimento de Moesch (2000, p. 9), que vê o Turismo como “uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produtos e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais”.

Beni (2001) identifica, tanto no campo acadêmico quanto nas empresas e nos órgãos governamentais envolvidos com o Turismo, três tendências para a definição do mesmo: a econômica, a técnica e a holística. De acordo com o autor, a primeira só reconhece as implicações econômicas ou empresariais do Turismo; a segunda busca conceitos de turista para fins estatísticos e, a partir daí, deduz a idéia geral do Turismo; e a terceira procura abranger a essência total do assunto. Para ele é também difícil chegar a um consenso do que realmente é essa atividade, isso devido ao seu grande número de estudiosos e “quanto maior o número de pesquisadores que se preocupam em estudá-lo, tanto mais evidentes se apresentarão a amplitude e a extensão do fenômeno do Turismo e tanto mais insuficientes e imprecisas serão as definições existentes” (p. 36).

Para alcançar um melhor entendimento da atividade turística, muitos autores buscam embasamento na definição de *turista*, já que a mesma é mais direta e menos abrangente. Segundo Cooper *et al.* (2001, p. 45), “os turistas são, na prática, um grupo heterogêneo, com personalidades, demografias e experiências diferentes”. Os mesmos autores ainda classificam tal grupo em duas formas básicas: “turistas domésticos *versus* turistas internacionais”, e pela categoria “propósitos de viagens”, ou seja, a partir das motivações de viagem. Já Ignarra (1999) vê os viajantes como simples consumidores turísticos, não importando os seus motivos. O autor esclarece de forma bastante objetiva um dos principais dilemas turísticos, qual seja, quem são os turistas de negócios:

Uma pessoa que reside em um município e se desloca para outro diariamente para exercer sua profissão não estará fazendo turismo. Já um profissional que esporadicamente viaja para participar de um congresso ou para fechar um

negócio em outra localidade que não a de sua residência estará fazendo turismo. (IGNARRA, 1999, p. 25)

Embora as informações acima simplifiquem a identificação dos sujeitos viajantes e conseqüentemente a atividade por eles realizada, de forma alguma excluem a enormidade de conceitos existentes sobre o Turismo. Sendo assim, diante de tal dificuldade de conceituação, não é possível afirmar a validade ou o descarte de qualquer teoria que venha a explicar a atividade turística. É necessário enxergar que cada uma delas possui as suas particularidades e que seus olhares são pertinentes diante dos campos aos quais se referem, já que o saber turístico é uma soma de diversas áreas do conhecimento.

Com o objetivo de fugir do âmbito da conceituação e assim aprofundar um pouco mais a discussão sobre Turismo, faz-se referência, a seguir, a uma vertente exaustivamente estudada por todos os envolvidos na área, devido, principalmente, aos atuais problemas socioambientais e à participação da atividade neste contexto: o *Turismo Sustentável*.

1.3 A Sustentabilidade no Turismo: Utopia ou Realidade?

Com o passar dos anos, em conseqüência de um Turismo não planejado e de rápida evolução, recursos naturais e culturais vêm sendo depreciados e altamente prejudicados pela prática turística. Tais destruições acabam causando malefícios não só para as comunidades receptoras, que são privadas de seu meio ambiente saudável, mas também à própria atividade em questão, a qual depende da cultura do povo e da natureza bem preservada para se desenvolver e sobreviver. Sendo assim, a busca pelo Turismo Sustentável é vista por diversos estudiosos da área como a solução para esse impasse, mesmo que seu alcance seja considerado, por muitos, como “inalcançável”.

Ele [a expressão turismo sustentável] encerra uma abordagem do turismo que reconhece a importância da comunidade local, a forma como as pessoas são tratadas e o desejo de maximizar os benefícios econômicos do turismo para essa comunidade. (SWARBROOKE, p. 13)

O Turismo Sustentável tem como premissa básica o cuidado para com as comunidades locais, seja através da preservação dos recursos naturais e culturais ou mesmo por meio do desenvolvimento econômico dessas comunidades. Porém, segundo

Ruschmann (2000, p. 40), tais prioridades podem tornar-se um tanto difíceis de serem concretizadas simultaneamente, já que “os interesses econômicos de curto prazo pressionam as medidas ecológicas, com efeitos a longo prazo, e geralmente inviabilizam o cumprimento das medidas que visam o controle da implantação de equipamentos e da visitação turística”. Por esse motivo, deve-se ter clara a necessidade de buscar um equilíbrio entre os diversos fatores que envolvem esse tipo de turismo. É como diz Swarbrooke (2000, p. vii) “o turismo sustentável não é apenas proteção ao meio ambiente; ele também está ligado à viabilidade econômica a longo prazo e à justiça social”.

Castrogiovanni (2004) também comenta a respeito do valor social do Turismo. Para o autor, quando essa atividade é planejada valoriza lugares que em princípio não teriam grande importância na produção capitalista e, assim, contribui para o bem-estar de comunidades desfavorecidas. Segundo ele (*ibidem*, p. 41), “o Turismo, quando planejado desde a sua implantação, sem ter o esquecimento do seu manejo e possíveis e futuras revitalizações é o caminho facilitador na manutenção da existência dos diferentes Lugares e Não-Lugares, mesmo no mundo, que é o todo, globalizado”.

Ruschmann (2000) diz ser necessária uma mudança de atitude com relação ao Turismo, principalmente no que se refere à máxima capitalista do lucro imediato. Para a autora, “quando a filosofia de ‘enriquecer rapidamente’ der lugar à de cuidar dos produtos e dos recursos para proporcionarem lucros menores, porém contínuos, o problema do impacto ambiental dará lugar a uma era de turismo responsável” (*ibidem*, p. 112). Além disso, o Turismo Sustentável seria para ela “a base para a proteção da atratividade das destinações pela preservação do meio ambiente” (*ibidem*, p. 113), ou seja, é através da conservação do meio ambiente que a atividade turística poderá sobreviver e continuar gerando renda para todos os envolvidos com a mesma.

O caminho em direção ao Turismo Sustentável passa, necessariamente, por um processo de planejamento da atividade que envolva com igual importância os setores públicos e privados, assim como a comunidade receptora. Visto que a integração de tais segmentos e o próprio planejamento turístico são atos políticos que dependem do estímulo de uma postura participativa nas pessoas para se concretizarem, faz-se indispensável uma política pública do Turismo. De acordo com Krippendorf (2001, p. 135-136), é essencial que essa política respeite o ser humano e o meio ambiente e busque “assegurar e otimizar a satisfação das múltiplas necessidades turísticas dos indivíduos de todas as camadas sociais

no âmbito das instalações adequadas e num meio ambiente intacto, levando em consideração os interesses da população autóctone”.

Além do discutido acima, o cálculo da capacidade de carga¹ de um destino turístico é de extrema importância para a sustentabilidade do mesmo. Tal conceito é, conforme Swarbrooke (2000), ao mesmo tempo útil e problemático, uma vez que até o momento a sua utilização tenha sido única e exclusivamente através da redução da quantidade de brochuras produzidas para promover certas destinações. Embora isso aconteça, é importante saber que existem diversos tipos de capacidade de carga:

- física – o número de turistas que um lugar pode acomodar fisicamente;
- ambiental ou ecológica – o número de turistas que pode ser acomodado antes que se iniciem os danos ao ambiente ou ao ecossistema;
- econômica – o número de turistas que pode ser recebido antes que a comunidade local comece a sofrer problemas econômicos, ex.: preços majorados de moradia e das terras;
- perceptiva – o número de pessoas que um lugar pode receber antes que a qualidade da experiência do turista comece a ser afetada negativamente;
- infra-estrutural – o número de turistas que podem ser acomodados pela infraestrutura da localidade. (SWARBROOKE, 2000, p. 40-41)

É sempre necessário ter em mente que a capacidade de carga depende de fatores muito particulares de cada destino – como a sua geografia e a sua estrutura socioeconômica, por exemplo – sendo por isso difícil de prever os seus efeitos.

Finalmente, atenta-se ao fato de que a busca pela sustentabilidade no Turismo depende de uma predisposição da sociedade para com a atividade, isto é, tanto o visitante quanto a comunidade receptora deve saber lidar com a mesma e lutar pela preservação das suas fontes geradoras. Segundo Ruschmann (2000, p. 23) tal condição é bastante falha, pois “a falta de ‘cultura turística’ dos visitantes faz com que eles se comportem de forma alienada em relação ao meio que visitam”. Devido a isso, Castrogiovanni (2004) diz ser necessária uma educação para o Turismo, a qual construa uma maior conscientização e compreensão dos sujeitos a respeito do fenômeno turístico na contemporaneidade.

O Turismo possui em sua essência uma capacidade educativa e de tomada de consciência capaz de reverter essa falta de responsabilidade turística. Possibilita aos viajantes uma fuga da rotina cotidiana, proporcionando a visualização de questões que

¹ Capacidade de Carga é “o número máximo de pessoas que podem utilizar um local sem uma alteração inaceitável no ambiente físico e sem um declínio inaceitável na qualidade da experiência dos visitantes” (MATHIESON & WALL, *apud* COOPER *et al.*, 2001, p. 219).

passam despercebidas no seu dia-a-dia. É possível que o turista retorne ao seu local de origem mais consciente dos problemas socioambientais não só do destino visitado, mas também dos de sua própria comunidade. Segundo Sampaio (2003, p. 132) a atividade turística pode “transformar-se em uma estratégia alternativa de um desenvolvimento mais sustentável, valorizando e preservando tradições e relações sociais, racionalizando o uso dos recursos naturais, e, ainda, gerando renda e aproveitando as capacidades humanas locais”.

Sendo assim, é possível afirmar que o planejamento do Turismo Sustentável deve prever o desenvolvimento da atividade de forma a maximizar seus aspectos pedagógicos, para que, assim, esta seja tanto responsável e, portanto, duradoura e benéfica a todos nela envolvidos, quanto seja o meio ambiente natural e social preservado para presentes e futuros usufrutos. Nesse sentido, vê-se como essencial a chamada “educação para o turismo”, tão defendida por muito estudiosos da área e que envolve necessariamente a Educação Ambiental. Embora se saiba que tal idéia pode ser mesmo uma utopia, tal qual foi mencionado no presente subtítulo, também se acredita que a simples tentativa do seu alcance produza efeitos, por si só, utópicos.

2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL

2.1 Aspectos Históricos da Educação Ambiental

Nos primórdios do surgimento da terminologia Educação Ambiental (EA) encontra-se o movimento ambientalista, o qual, segundo Cascino (2003), nasceu na década de 60 e teve como grande emblema o chamado “maio de 68” ou “maio revolucionário”. Tal acontecimento se deu na cidade de Paris, no ano de 1968, onde estudantes clamavam por um “planeta mais azul”, indicando para o mundo que algo de novo e diferente estava no ar. Cascino (*ibidem*) ainda aponta as manifestações contra a Guerra do Vietnã, os armamentos nucleares e as várias formas de violência promovidas pelos Estados como aspectos formadores desse novo movimento que estava sendo criado.

Além disso, começam a surgir neste mesmo período importantes manifestações culturais, inclusive no Brasil, que marcariam época e mudariam o rumo do pensamento ambientalista, tais como o movimento *hippie*, o *rock-and-roll*, etc. De acordo com Cascino (2003, p. 35), o ambientalismo “carrega todos esses elementos revolucionários, construídos pela história recente da humanidade. Ele nasce exatamente ali; tem a marca dos

movimentos ditos minoritários e alternativos”. O autor ainda faz referência a dois documentos como sendo marcos do ambientalismo. São eles o livro *Silent Spring*, de Rachel Carson, sobre os problemas causados pelo uso de pesticidas, inseticidas, etc.; e o texto *Os limites do crescimento*, publicado em Roma, que discorre a respeito da capacidade do planeta de suportar desgastes e crescimento da população.

Loureiro (2006) também inicia seu debate sobre a trajetória da EA a partir dos movimentos ambientalistas. Para o autor, o ambientalismo

é um movimento intrinsecamente plural, com finalidades de mudança social (absoluta ou não), composto por atores sociais individuais e coletivos que se identificam pelo modo como compreendem e atuam na “questão ambiental”, na construção de novos padrões na relação sociedade-natureza. Em sua diversidade carrega uma marca específica: é o movimento social nascido nas últimas décadas que se contrapôs ao individualismo, à fragmentação dos saberes e à racionalidade instrumental, buscando repensar o destino do planeta a partir da relação entre partes e todo.

Atenta-se ao fato que ambos os autores citados enfatizam a luta social do movimento conjuntamente com o aspecto da natureza propriamente dita, o que certamente explica a sua associação com a educação e o então surgimento da EA.

De acordo com Loureiro (2006) o nome *Educação Ambiental* foi utilizado pela primeira vez em um evento de educação da Universidade de Keele, no Reino Unido, em 1965. Porém, foi em 1972, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente – realizado em Estocolmo, na Suécia –, que foi ressaltada a importância de se trabalhar a vinculação entre ambiente e educação, tomando o ambientalismo, a partir daí, dimensões em escalas mundiais (*ibidem*).

Tal evento ocorrido em Estocolmo desencadeou a elaboração do Programa Internacional de Educação Ambiental (Piea) pela UNESCO e pelo Pnuma, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, o que acabou transformando a EA em um campo específico no ano de 1975. Segundo Loureiro (2006, p. 70), com a realização do I Seminário Internacional de Educação Ambiental naquele ano, em Belgrado, enfatizou-se a “Educação Ambiental como processo educativo amplo, formal ou não, abarcando a dimensões políticas, culturais e sociais, capaz de gerar novos valores, atitudes e habilidades compatíveis com a sustentabilidade da vida no planeta”.

Na seqüência, mais precisamente no ano de 1977, aconteceu o encontro considerado o marco conceitual definitivo da EA: a Conferência Intergovernamental de Tbilisi, na Geórgia. Para Zakrzewski (2003, p. 39), essa “rompe com a educação meramente conservacionista, baseada na prática conteudista, biologicista, pragmática, freqüentemente descontextualizada, ingênua e simplista”. A autora ainda acrescenta que “a grande relevância da Conferência de Tbilisi está na ruptura com as práticas ainda reduzidas ao sistema ecológico, por estarem demasiadamente implicadas com uma educação meramente conservacionista” (*ibidem*, p. 40).

Loureiro (2006) também comenta a respeito do evento realizado em Tblisi, já que para o autor, devido ao momento histórico em que ocorreu e pela participação em escala mundial de representações de Estado, é até os dias atuais um encontro referência. Ele diz que tal conferência “aponta para a Educação Ambiental como o meio educativo pelo qual se podem compreender de modo articulado as dimensões ambiental e social, problematizar a realidade e buscar as raízes da crise civilizatória” (*ibidem*, p. 71).

Outros eventos também marcaram a evolução da EA. Dentre os principais estão²:

- *Taller Subregional de Educación Ambiental para Educación Secundaria* – Chosica, Peru, 1976.
- Seminário Educação Ambiental para a América Latina – Costa Rica, 1979.
- Congresso Internacional de Educação e Formação Ambientais – Moscou, 1987.
- Seminário Latino-Americano de Educação Ambiental – Argentina, 1988.
- Jornada Internacional de Educação Ambiental – Rio de Janeiro, 1992 – paralela à Conferência Internacional sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente, a Rio-92.
- Conferência Meio Ambiente e Sociedade: Educação e Consciência Pública para a Sustentabilidade – Thessaloniki, 1997.

Já dentre os documentos que influenciaram os debates sobre EA pode-se citar, além dos outros dois já mencionados anteriormente, a publicação *Nosso Futuro Comum*, a qual, de acordo com Cascino (2003, p. 41), juntamente com a realização da Rio-92, impulsionou “um salto qualitativo nas relações entre as sociedades e seu meio”; também, o *Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global*,

² (LOUREIRO, 2006)

que foi produzido na Rio-92 e “expressa o que os educadores de países de todos os continentes pensam em relação à Educação Ambiental e estabelece um conjunto de compromissos coletivos para a sociedade civil planetária” (LOUREIRO, 2006, p. 73).

Finalmente, é necessário dizer que a EA se desenvolveu tardiamente no Brasil. Conforme Loureiro (2006), apesar da existência de registros de projetos e programas na década de 70, é somente em meados de 80 que começa a ganhar dimensões públicas de grande relevância. E é no final dessa década que a EA consegue seu grande feito até então no país: sua inclusão na Constituição Federal de 1988.

2.2 A Educação Ambiental e suas Diversas Concepções

A EA é uma área do conhecimento por princípio interdisciplinar, ou seja, é permeada por diversos campos científicos, sendo por eles teorizada e praticada. São diversos os entendimentos de seus conceitos básicos – tais como meio ambiente e educação, por exemplo – o que faz com que surjam inúmeras visões, cada qual com as suas características e particularidades. Sendo assim, pode-se dizer que existem várias EAs, as quais devem ser conhecidas e respeitadas para que, posteriormente, possa-se defender aquela que se pretende seguir.

Uma das estratégias de apreensão das diversas possibilidades teóricas e práticas no campo da educação ambiental consiste em elaborar um mapa deste “território” pedagógico. Trata-se de reagrupar proposições semelhantes em categorias, de caracterizar cada uma destas últimas e de distingui-las entre si, ao mesmo tempo relacionando-as: divergências, pontos comuns, oposição e complementaridade. (SAUVÉ, 2005, p. 17)

Como se vê na citação acima é de praxe rotular as chamadas vertentes da EA para assim tornar mais fácil visualizar e compreender a maneira com que cada uma dessas vertentes concebe e pratica a EA. Embora essa separação seja realizada por grande parte dos estudiosos da área, não existe consenso quanto à verdadeira classificação de tais correntes. Surgem assim incontáveis nomenclaturas impossibilitando a exposição de todas elas, motivo pelo qual serão explicitadas aqui apenas aquelas apontadas por Lucie Sauvé (2005).

De acordo com a autora são 15 as correntes da EA, algumas que possuem uma tradição mais antiga e outras correspondentes a preocupações surgidas recentemente. As

pertencentes ao primeiro grupo são as seguintes: naturalista, conservacionista/recursista, resolutive, sistêmica, científica, humanista e moral/ética. Enquanto as que estão no segundo são: holística, biorregionalista, praxica, crítica, feminista, etnográfica, da ecoeducação e da sustentabilidade.

A vertente da EA que será utilizada como base para a presente pesquisa integra a corrente crítica, acima citada, uma vez que trabalha a partir de uma visão socioambiental, isto é, leva em consideração não só a natureza propriamente dita, mas essencialmente a sociedade e suas relações.

2.2.1 Educação ambiental crítica e transformadora

Ao perceber a constituição da realidade como decorrente de um movimento dialético/dialógico, em que a interação de forças, seus conflitos, e consensos, são estruturantes dessa realidade, debruçamo-nos sobre a relação, sobre o movimento de inter-retro-ação do todo e das partes, num processo de totalização. (GUIMARÃES, 2004, p. 27-28)

A perspectiva crítica da EA propõe um debate sobre a forma organizacional da sociedade e busca a superação dos paradigmas dominantes nessa mesma sociedade através de uma reflexão sobre a realidade e uma posterior ação consciente dos sujeitos. De acordo com Guimarães (2004), a EA busca primeiramente desvelar as problemáticas da sociedade para que, através da compreensão do real, os atores sociais venham a intervir na realidade. Tal caráter libertário da EA compreende diversas abordagens que, segundo Loureiro (2004, p. 65), “se aproximam na compreensão da educação e da inserção de nossa espécie em sociedade”. São elas: a emancipatória, a crítica, a popular, a ecopedagógica, entre outras. Aqui se faz uma discussão conjunta a respeito das vertentes *Crítica e Transformadora*, uma vez que ambas possuem igual abordagem, sendo, também, norteadoras desta pesquisa.

Como dito anteriormente, cada vertente da EA possui sua própria definição a respeito dos conceitos formadores da área, sendo assim imprescindível o esclarecimento desses conceitos para um melhor entendimento. Por este motivo, o presente debate sobre a EA Crítica e Transformadora será feito, primeiramente, através de uma discussão a respeito das visões de meio ambiente defendidas por seus estudiosos.

No surgimento da terminologia EA, o meio ambiente era encarado de uma forma reducionista, biologicista e excludente, sendo levados em consideração exclusivamente

aspectos relacionados à natureza propriamente dita. Hoje em dia, porém, o conceito apresenta – na maior parte dos casos – uma visão mais abrangente, a qual tem como premissa básica as relações que ocorrem no meio e todos os fatores nelas envolvidos. Para Velasco (2002, p. 37), por exemplo, o meio ambiente é “o espaço-tempo histórico ocupado pelos entes no qual transcorre a vida dos seres humanos”. Já Carvalho (2004, p. 21) enfoca as relações que ocorrem no meio ao conceituá-lo, pois, para ela, o ambiente é considerado como o “conjunto das inter-relações que se estabelecem entre o mundo natural e o mundo social, mediado por saberes locais e tradicionais, além dos saberes científicos”.

Ruscheinsky & Costa, em seu texto *A EA a partir de Paulo Freire* (2002), citam Oliveira (1999, p. 40-1) para defender a sua visão do conceito. Para eles, o ambiente é o homem e o seu lugar e/ou o homem no seu lugar, ou seja, envolve o homem em todas as suas dimensões e interações, sejam elas com o meio natural, com os seus semelhantes ou consigo mesmo. Portanto, no âmbito da EA Transformadora, deve ser sustentada uma óptica não-biologicista do meio ambiente, tendo ele um perfil socioambiental, o qual não se restringe à natureza e às questões ecológicas, mas abrange também o homem como um todo.

Tal abordagem faz com que venham à tona não somente problemas pontuais (como áreas de preservação) e globais (como o efeito estufa), mas essencialmente questões sobre as precárias condições de vida de grande parcela da população e os impactos provocados tanto na sua (sobre)vivência, quanto na natureza com a qual se relacionam. Sendo assim, se torna claro que a sociedade sofre graves conseqüências de um modelo organizacional onde tudo e todos são considerados produtos passíveis à exploração e, principalmente, onde a natureza é tratada como algo a serviço e a disposição do homem e não como parte integrante dele mesmo.

É nesse cenário de pobreza e devastação, o qual necessita de drásticas medidas transformadoras, no qual a EA deve atuar. Seu objetivo primeiro e último é o despertar de uma visão crítica da sociedade por parte das pessoas, fazendo com que enxerguem, contestem e, mais importante, modifiquem a sua realidade. Como diz Saito (2002), não basta somente um compromisso com a transformação social, é primordial uma vivência efetiva de ações realmente transformadoras.

[...] A educação é um dos meios humanos que garantem aos sujeitos, por maior que seja o estado de miséria material e espiritual e os limites de opções dados pelas condições de vida, o sentido de realização ao atuar na história modificando-a e sendo modificado no processo de busca de construção de

alternativas ao modo como nos organizamos e vivemos em sociedade.
(LOUREIRO, 2006, p. 101)

Como sugere o próprio nome, e diz a citação acima, a educação na perspectiva da EA Transformadora busca a mudança tanto do sujeito, quanto da sociedade na qual ele está inserido. Também, visa a um envolvimento total e verdadeiro de seus participantes, sejam eles educandos ou educadores, presumindo uma interação e uma complementaridade entre ambos durante todo o processo de aprendizagem. Porém, para que esses fatores sejam concretizados, é essencial que as ações nesse âmbito sejam primeiramente teorizadas, sendo assim mais conscientes e eficientes.

Tal idéia de praticar a teoria, ou teorizar a prática, nada mais é do que um conceito bastante discutido dentro da educação e, mais precisamente, dentro da EA: a práxis. Segundo Loureiro (2006, p. 130), essa “é a atividade que pressupõe sujeito livre e consciente e na qual não ocorre a dicotomia teoria e prática nem a supremacia de um dos pólos sobre o outro”, ou seja, teoria e prática devem andar juntas para que não ocorram nem abstrações reprodutivas de modelos, nem ações não conscientes. O autor diz que a mesma é um conceito central tanto para a educação quanto para a EA, uma vez que “conhecer, agir e se perceber no ambiente deixa de ser um ato teórico-cognitivo e torna-se um processo que se inicia nas impressões genéricas e intuitivas e que se vai tornando complexo e concreto na práxis” (*ibidem*).

A EA Transformadora possui uma visão emancipatória da educação, onde o ato pedagógico deve estar inserido na interatividade humana e ser mediado pela natureza. Nesta perspectiva, Loureiro (2006, p. 130-131) diz que “educar para transformar é agir conscientemente em processos sociais que se constituem conflitivamente por atores sociais que possuem projetos distintos de sociedade, que se apropriam material e simbolicamente da natureza de modo desigual”. A educação deve trabalhar com a racionalidade e especificidades desses sujeitos, permeando e sendo permeada pela realidade, para assim compreender a sua transformação e atuar em favor dela.

Assim sendo, Loureiro (*ibidem*, p. 131) resume a práxis educativa transformadora como sendo “aquela que fornece ao processo educativo as condições para a ação modificadora e simultânea dos indivíduos e dos grupos sociais; que trabalha a partir da

realidade cotidiana visando à superação das relações de dominação e de exclusão que caracterizam e definem a sociedade capitalista globalizada”.

Isabel Carvalho (2004) também fala a respeito dessa mudança na atitude das pessoas e atenta ao fato de que a EA deve compreender as relações sociedade-natureza para então intervir sobre os problemas e conflitos ambientais. Segundo a autora (*ibidem*, p. 18-19), “o projeto político pedagógico de uma Educação Ambiental Crítica seria o de contribuir para uma mudança de valores e atitudes, contribuindo para a formação de um *sujeito ecológico*”, isto é, pessoas comprometidas com o meio social e ambiental e capazes de “identificar, problematizar e agir em relação às questões socioambientais”.

Conforme Loureiro (2006, p. 91), o fazer educativo ambiental – que se realiza de modo coerente com a tradição teórico crítica e emancipatória – implica alguns princípios, os quais “se realizam pela adoção de múltiplos procedimentos participativos e dialógicos, cognitivo-conteudistas, perceptivos, sensoriais e lúdicos, com ênfases adequadas a cada momento pedagógico”. A educação, nesse caso, não é temática ou disciplinar, mas sim abrangente e busca o pleno desenvolvimento do educando. Para ele (*ibidem*, p. 92), a EA “é uma dimensão essencial do processo pedagógico, situada no centro do projeto educativo de desenvolvimento do ser humano, enquanto ser da natureza, e definida a partir dos paradigmas circunscritos no ambientalismo e do entendimento do ambiente como uma realidade vital e complexa”.

Ainda sobre os processos educativos da EA, pode-se citar Guimarães (2004), para quem tal educação

objetiva promover ambientes educativos de mobilização desses processos de intervenção sobre a realidade e seus problemas socioambientais para que possamos nestes ambientes superar as armadilhas paradigmáticas e propiciar um processo educativo, em que nesse exercício, educadores e educandos, nos formando e contribuindo, pelo exercício de uma cidadania ativa, na transformação da grave crise socioambiental que vivenciamos todos. (p. 30-31)

Segundo o autor (*ibidem*), essas práticas pedagógicas não devem se restringir ao aprendizado individualizado dos conteúdos escolares, mas nas relações do um com o outro e do um com o mundo. O aprendizado se dá na troca de saberes e assim estimula um

movimento coletivo em busca de uma nova realidade socioambiental. Carvalho (2004) igualmente chama atenção ao fato de a EA Crítica recusar a crença de que a mudança social se dá pela soma das mudanças individuais. Para ela, indivíduo e coletividade só fazem sentido se pensados em relação, uma vez que “as pessoas se constituem em relação com o mundo em que vivem com os outros e pelo qual são responsáveis juntamente com os outros” (*ibidem*, p. 20).

Dado o exposto até aqui, deixa-se claro que a visão de EA trabalhada é aquela voltada para a sociedade como um todo, assim como indiscriminadamente a todas as relações que ocorrem dentro dela. É a EA Crítica ou Transformadora, a qual é primeira e prioritariamente dialógica e política, promovendo a conscientização através da práxis.

A Educação Ambiental transformadora é aquela que possui um conteúdo emancipatório, em que a dialética entre forma e conteúdo se realiza de tal maneira que as alterações da atividade humana vinculadas ao fazer educativo, impliquem mudanças individuais e coletivas, locais e globais, estruturais e conjurais, econômicas e culturais. (LOUREIRO, 2006, p. 89)

Deve-se ater ao fato de que a EA crítica carrega consigo uma marca política muito forte, a qual foi construída no decorrer da sua história de lutas sociais e ambientais por parte dos seus atores mais antigos. Sendo assim, Carvalho (2004) aponta a construção de valores ético-políticos como o centro dessa perspectiva educativa, uma vez que é a ética ambiental que baliza as decisões sociais e reorienta os estilos de vida coletivos e individuais. De acordo com a autora, as práticas em EA “produzem culturas ambientais, influenciando sobre a maneira como os grupos sociais dispõem dos bens ambientais e imaginam suas perspectivas de futuro” (*ibidem*, p. 19).

Embora essa visão de EA entenda a crise societária pela qual passa o planeta e busque soluções não-individualistas que modifiquem valores e estruturas em prol de uma sociedade mais justa e preservada, Loureiro (2006) atenta ao fato de que a capacidade transformadora da educação possui limites, devendo ser complementada pelos demais setores da sociedade, tal como a família, por exemplo. Conforme o autor a educação deve transcender o ensino formal e atingir as mais diversas esferas da vida humana para que

assim cumpra com o seu papel transformador. Observação essa que permite propor o Turismo como uma atividade não-formal de EA.

2.3 A Inserção da Educação Ambiental na Atividade Turística

O termo “Educação Ambiental” carrega em si duas idéias básicas, as quais são capazes de induzir teóricos e demais estudiosos a uma leitura e uma prática reduzida e fragmentada da EA. De acordo com Layrargues (2004), o vocábulo é composto pelo substantivo “educação” (que confere a sua essência) e pelo adjetivo “ambiental” (que anuncia o contexto dessa prática educativa) e designa uma qualidade especial definindo características que, juntas, permitem o reconhecimento de sua identidade diante de uma educação que anteriormente não era ambiental. Ocorre que freqüentemente é conferida exagerada ênfase a um desses aspectos em detrimento do outro, ou seja, é considerado somente o ambiental – caracterizando ações e teorias puramente conservacionistas, as quais não dão devida importância ao papel do humano na natureza – ou o educacional, menos prejudicial já que toda a educação, por princípio, deveria ser ambiental.

Embora a segunda situação acima citada seja aparentemente inofensiva, corre-se o risco de cair na armadilha de achar que a educação formal, sozinha, é capaz de resolver todo e qualquer problema da humanidade, seja ele ambiental ou não. Como visto anteriormente, Loureiro (2006), forte defensor de uma EA crítica e transformadora da realidade, destaca a importância de relacionar uma práxis educativa cidadã e participativa com as demais esferas da vida. Para o autor

é idealismo ingênuo e simplista creditar à educação a “salvação do planeta”. Por ser um processo de aprendizagem com o outro e pelo outro, mediado pelo mundo, e, portanto, algo intrínseco à realização da natureza humana, é fundamental e primordial, no entanto, sua centralidade só ganha concretude à medida que a entendemos no seu movimento de definição e objetivação da história. (2006, p. 97)

Nesse sentido, é latente a necessidade do fomento de atividades que discutam e realizem ações de EA fora das barreiras dos muros escolares, assim contextualizando e reforçando valores e visões de mundo já trabalhadas dentro das salas de aula. São inúmeras as possibilidades, da utilização de instrumentos de mídia à promoção de práticas de lazer,

porém aqui somente uma delas será analisada e estudada profundamente: a atividade turística.

O Turismo, desde o seu surgimento, consolidou-se em uma prática de fuga da vida cotidiana e busca de novos locais onde fosse possível o desligamento da realidade e o reencontro com a natureza, tanto aquela propriamente dita quanto a própria natureza humana. Com a evolução da humanidade, a aceleração dos modos de produção e de vida, cresce a necessidade do relaxamento e a busca por um maior contato com a natureza, o que acarreta o aparecimento de roteiros e *tours* turísticos em locais pouco impactados pela ação humana e no conseqüente aparecimento do chamado ecoturismo, que é definido como

um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva a sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas. (EMBRATUR apud AMÂNCIO, 2005, p. 68)

Tal definição é bastante esclarecedora no sentido de que aborda aspectos naturais e culturais como equivalentes, ou seja, ambos como produtos de igual importância para o desenvolvimento e a prática do ecoturismo. Não exclusivamente sítios intocados e isolados de toda e qualquer influência humana devem ser explorados e valorizados, uma vez que a grande riqueza de uma localidade está na combinação entre sua cultura e suas belezas naturais e, sendo assim, devem ser igualmente apreciadas e preservadas. Além disso, fica clara uma preocupação com a sustentabilidade não só da atividade em si e do meio no qual se dá, mas, principalmente, da qualidade de vida das pessoas envolvidas neste processo. De acordo com Costa & Costa (2005, p. 44), o conceito implica em “valorização do patrimônio natural e cultural e no comportamento de bem estar das populações locais, ou seja, é entendido como modalidade de ‘Turismo Sustentável’ e não apenas como um segmento da atividade turística centrada unicamente no ‘bem natural’”.

Outros autores também abordam o ecoturismo sob a ótica da sustentabilidade e da construção de valores socioambientais, tais como Pedrini & Torgano (2005, p. 14) para quem o ecoturismo

[...] deve ser uma alternativa econômica de baixo impacto ambiental e capaz de contribuir para o desenvolvimento sustentável de uma dada região. Deve ainda, pelo simbólico e o lúdico, permitir a aprendizagem de novas atitudes de respeito

aos valores ambientais e culturais, consolidando nova postura ética, respeitando a natureza e o outro, ou seja, os demais elementos das atuais e futuras gerações das sociedades humanas.

Esta forma de Turismo voltada à apreciação da natureza e dos aspectos mais simples da vida vem crescendo rapidamente nos últimos anos e tornando-se um dos setores mais promissores desse setor, provocando um significativo recuo na demanda pelos pacotes turísticos tradicionais. Segundo Layrargues (2004, p. 2), o ecoturismo é o setor do mercado turístico que mais cresce em todo o mundo, movimentando no Brasil cerca de meio milhão de turistas, 500 milhões de reais ao ano e criando por volta de 30 mil empregos diretos. Embora essa mudança seja aparentemente benéfica, deve-se ressaltar também o risco ao qual um local com potencial ecoturístico está exposto. Para Serrano (2005, p. 17) o ecoturismo é um fenômeno social e assim “não é possível negligenciar os impactos sociais e naturais decorrentes de seu desenvolvimento, em que pese a retórica do ‘baixo impacto’, centrada na imagem do turismo como ‘indústria limpa’”.

É sabido que a ação turística pode ser fator depreciativo para o meio natural, porém, de acordo com Ruschmann (2000), mesmo assim é preciso considerar a sua utilização no Turismo, uma vez que ela é indispensável para o desenvolvimento socioeconômico de certas regiões. Segundo a autora (*ibidem*, p. 79), “é preciso demonstrar que um desenvolvimento turístico bem conduzido não é fatalmente traumatizante para o meio ambiente”, embora muitas vezes “as agressões provocadas pelos equipamentos turísticos e pela visitação que estimulam criam graves problemas ao meio ambiente e às paisagens”. Visto que tanto as comunidades receptoras quanto o Turismo necessitam de um meio ambiente saudável, é essencial encontrar um equilíbrio entre o desenvolvimento turístico e a proteção ambiental.

Quanto aos impactos sociais do Turismo, pode-se dizer que a eles não é dada a devida atenção, o que ocorre por não serem tão visíveis quanto os efeitos da atividade sobre a natureza. Conforme Swarbrooke (2000) essa é uma situação compreensível, pois é conhecimento de todos que o meio ambiente é um recurso limitado e por isso deve ser preservado. Entretanto, para o autor (*ibidem*, p. 57), “à medida que a ação do homem dá forma ao meio ambiente físico, qualquer tentativa de administrar o impacto ambiental deve abranger os sistemas econômicos e as necessidades da sociedade em geral e das comunidades locais, em especial”, ou seja, qualquer intervenção no meio natural é realizada pelo homem e, assim, envolve suas relações e sua organização social. Portanto,

indiscriminadamente todas as ações dentro do campo turístico devem considerar sua influência sobre a vida da população autóctone.

Diante destas situações, surge outra questão bastante preocupante e ainda pouco trabalhada pelos estudiosos da atividade turística: a relação estabelecida entre o ecoturismo e os fatores socioeconômicos. Segundo Layrargues (2004, p. 2), a discussão ecoturística envolve essencialmente as relações ecoturismo – proteção da natureza e ecoturismo – dinâmica cultural que, embora satisfatória como princípio, não é suficiente para explicar toda a sua complexidade. Para o autor, diante das condições sociais brasileiras e do grande potencial deste novo mercado, o ecoturismo pode ser considerado “um relevante instrumento de distribuição de renda, mais engajado do que as tímidas menções que se referem à geração de emprego e renda ou melhoria da qualidade de vida das populações envolvidas, como benefícios econômicos indiretos do ecoturismo”, isto é, deve se constituir uma atividade econômica engajada na busca pela amenização das desigualdades sociais. É como diz Sansolo:

se por um lado, o ecoturismo como um segmento de mercado é decorrente da mercantilização dos valores ambientalistas, por outro lado é uma das trilhas que o movimento ambientalista tem encontrado para promover o intercâmbio cultural, distribuição de renda e inclusão social e a ampliação dos valores conservacionistas. (2005, p. 9)

É nesse sentido que aqui se encontra espaço para a inclusão da EA na atividade turística (ou mais precisamente no ecoturismo), uma vez que a última possui inegável influência sobre as pessoas que a praticam, sobre o ambiente no qual ela acontece e sobre as populações que ali vivem. Layrargues (2004) chama atenção para o fato de tradicionalmente o Turismo ser utilizado como ferramenta de EA e não o contrário, isto é, a EA como veículo do Turismo. Essa afirmação é de extrema importância uma vez que, por caracterizar-se uma atividade econômica, o ecoturismo corre o risco de sofrer impactos de si próprio comprometendo assim a sua continuidade. Portanto, de acordo com o autor (*ibidem*, p. 4), há uma inversão da lógica e uma mudança nos contornos desta relação no que diz respeito às suas metas: “a importância de uma eficaz sensibilização do turista com relação à proteção ambiental e cultural do espaço visitado, necessária para a natureza e a comunidade local, também se refere à sustentabilidade do próprio negócio ecoturístico”. A

EA assume, então, papel regulador na expansão da atividade ecoturística para que esta não exceda as capacidades de suporte ambiental e cultural de uma determinada localidade:

[...] a educação ambiental aplicada ao ecoturismo caracteriza-se por ser um mecanismo de compensação do risco da atividade econômica, provendo a segurança necessária para que o sucesso do negócio ecoturístico de hoje não signifique o seu fracasso amanhã. (LAYRARGUES, 2004, p. 4)

Mas de que forma podem ser desenvolvidas ações de EA voltadas aos turistas? Segundo Manosso (*apud* COSTA & COSTA, 2005, p. 48) essas ações devem ser realizadas diferentemente da forma tradicional, devendo o ecoturista possuir um mínimo de conhecimento sobre as características geoambientais da área onde serão efetuadas as atividades e sobre as relações socioambientais ali existentes. Diversas são as práticas encontradas, sendo as trilhas interpretativas³, ou trilhas ecológicas, as mais eficientes e comuns. Tais caminhadas, além de oferecerem um grande atrativo como “recompensa final”, devem ter seu percurso devidamente trabalhado com o intuito de atrair a atenção dos visitantes para os mais diferentes aspectos do meio no qual estão inseridos e, assim, lhes proporcionar um completo conhecimento desse meio e uma conseqüente reflexão e sensibilização a seu respeito.

Mesmo diante da importância de tal discussão em relação às maneiras de praticar a EA dentro da atividade turística, não é ela que neste momento terá ênfase, já que se tem aqui, como objetivo primeiro, demonstrar a forte ligação entre as duas e reivindicar sua integração na caminhada em busca de uma melhor qualidade de vida e de uma maior geração de renda para as comunidades locais. Portanto, por ora concluindo, reafirma-se a concreta possibilidade de o Turismo ser um meio de educar ambientalmente a população podendo, ao mesmo tempo, fazer uso das ferramentas da Educação Ambiental para benefício próprio.

2.4 Turismo na Velhice: Busca de uma Melhor Qualidade de Vida

³ Guillaumon *et al.* (1977) define trilha de interpretação como “um percurso em um sítio natural, propiciando explicações sobre o meio ambiente”. O autor defende que, para os habitantes dos centros urbanos, as trilhas interpretativas podem ter a função de recuperação psíquica e de diversificação, integrando-os em atividades diferentes das quais estão habituados. (*apud* MATHEUS, MORAES & CAFFAGNI, 2005, p. 114)

O avanço da tecnologia provocou diversas modificações no mundo nas últimas décadas. Palavras como internet, *e-mail*, *i-pod*, *mp3*, *pen drive*, entre outras, foram incorporadas ao dicionário da maior parte das pessoas com espantosa rapidez, modificando os velhos conceitos de distância, velocidade, informação, etc. Tais revoluções tecnológicas afetaram – e continuam a afetar – as mais diferentes áreas da sociedade, sendo a medicina uma das grandes beneficiadas.

Há não muito tempo um aparelho como o velho raio X, por exemplo, era considerado tecnologia de ponta, e privilegiados eram aqueles profissionais que tinham a possibilidade de trabalhar com ele. Hoje a realidade é bem diferente e boa parte dos trabalhadores da saúde possuem à sua disposição os mais modernos aparelhos, todos computadorizados, capazes de detectar doenças com grande precisão. Todo esse avanço acarretou mudanças não só na rotina dos hospitais e clínicas, e na saúde das pessoas, mas também na sociedade, que está cada vez mais velha:

A população do Brasil em 2000 superou os 169 milhões de habitantes, correspondendo a um incremento de 15,7% em relação à população residente no País dada pelo Censo Demográfico de 1991 (146,8 milhões de habitantes). Com isso, ao longo da década de 1990 o ritmo de crescimento médio anual da população foi de 1,6%. Já o segmento de 65 anos ou mais de idade, no mesmo período, elevou-se em 41%, com uma taxa média de crescimento anual próxima aos 4%. (OLIVEIRA, ALBUQUERQUE & SENNA, 2006, p. 9)⁴

No Brasil [...] constata-se uma aceleração do número de idosos e do envelhecimento do país. Estimativas prenunciam 32 milhões para o ano de 2025 de acordo com a OMS. (NOVAES, 2000, p. 13)

Outros fatores contribuintes ao envelhecimento populacional foram, conforme Neri (2004), além da diminuição de mortes de adultos por doenças infecciosas, o declínio da mortalidade infantil e o declínio das taxas de natalidade. Para a autora (*ibidem*, p. 16), “embora o crescimento do número de idosos na população total e o aumento na expectativa de vida sejam indícios de progresso social, sua ocorrência provoca o aparecimento de novas demandas e de novos problemas”.

Em decorrência disso, começa a surgir uma preocupação com essa crescente população de idosos, a qual necessita e merece um tratamento diferenciado, que possibilite sua inserção na moderna e um tanto confusa sociedade atual. Até hoje é possível detectar

⁴ FONTE: IBGE

um alto grau de discriminação, por parte da chamada “camada economicamente ativa”, para com as pessoas velhas, o que gera um isolamento dessas pessoas e um conseqüente quadro de doenças como a depressão, por exemplo. É necessário um melhor entendimento desta tão pouco estudada fase da vida para que talvez se possa garantir a essas pessoas mais qualidade no seu dia-a-dia.

São inúmeros os nomes e denominações conferidos às pessoas com idade superior a 60 anos podendo-se destacar como mais freqüentes as expressões “Terceira Idade” e “Melhor Idade”. Embora bastante utilizadas, ambas são alvo de críticas e contestações, sendo a segunda responsável por considerável divisão de opiniões, uma vez que o adjetivo “melhor” é passível a subjetivas formas de avaliação, isto é, aquilo que é melhor para mim não é necessariamente melhor para o outro. Conforme Souza, Jacob Filho & Souza (2006, p. 2), esse termo surgiu como uma necessidade do mercado para atrair indivíduos dessa faixa etária e representa “uma fase da vida em que o indivíduo pode aumentar suas possibilidades de realizar concessões para si e fazer, sem culpas, coisas que não teve oportunidade de realizar anteriormente, devido às obrigações impostas pela idade adulta”. Já no que tange a expressão “Terceira Idade”, as argumentações contrárias giram em torno do fato de ter sido criada com o objetivo de designar a idade em que a pessoa se aposenta, sendo a vida adulta, segundo Neri & Freire (2000), a segunda idade e a infância a primeira.

Levando em conta tais contradições e visando a quebra das barreiras preconceituosas, as quais fazem com que a sociedade em geral possua receio quanto à utilização da palavra “velho” e suas derivadas, Zimmerman (2000) propõe justamente a utilização desse termo, visto que nada tem de depreciativo, muito pelo contrário, para a autora “depreciativo é substituir a palavra velho por eufemismos, como se ser velho fosse um defeito que devesse ser escondido” (*ibidem*, p. X). Outros autores são defensores dessa mesma teoria, tais como Neri & Freire (2000, p. 14) para quem “a adoção de designações-fantasia para tratar do que pertence ao domínio dos anos mais tardios da vida é um sinal de preconceito” e por esse motivo é melhor utilizar as palavras “velho” ou “idoso”, “velhice” e “envelhecimento”. Embora se concorde com tal abordagem, no Turismo os termos “Terceira Idade” e “Melhor Idade” são bastante freqüentes, o que impossibilita aqui a sua não utilização.

O envelhecimento acarreta diversas modificações na vida de qualquer pessoa. É sabido que com a idade existe uma forte tendência de o indivíduo se tornar um tanto mais

sensível do que costumava ser, devido principalmente às diversas perdas sofridas por ele ao longo da sua caminhada. Ao envelhecer, é freqüente que a pessoa pense e aja como se já houvesse realizado tudo na vida, abandonando não só o seu trabalho como também as suas atividades sociais e de lazer. Como conseqüência disso, surgem problemas de ordem psicológica e até mesmo patológica, os quais poderiam ser evitados facilmente através de uma vida ativa, produtiva e feliz. É como diz Zimerman (2000, p. 28): “Ser velho não é o contrário de ser jovem. Envelhecer é simplesmente passar para uma nova etapa da vida, que deve ser vivida da maneira mais positiva, saudável e feliz possível. É preciso investir na velhice como se investe nas outras faixas etárias”.

O processo do envelhecimento é, segundo Porto (2002), condicionado pelo aspecto social, sendo que para qualquer modificação no desenvolvimento humano contribuem fatores econômicos, culturais e interpessoais. O idoso possui um papel que lhe é atribuído pela dinâmica do sistema social e assim responde com a sua conduta. Para Porto (*ibidem*, p. 133), “muito mais do que o envelhecimento biológico é o envelhecimento sociogênico, o maior responsável pelos martírios da velhice, ou seja, pelos papéis impostos ao ser humano, quando atinge determinada idade cronológica”. É essencial que o velho continue ocupando o seu lugar na sociedade e seja valorizado, para que assim sintase estimulado e seja a sua angústia de envelhecer, atenuada.

Mesmo diante de todas as informações a respeito da velhice, da evolução dos tratamentos físicos e psicológicos e da constatação de que esta é uma fase que deve ser vivida de forma plena e satisfatória, ainda existem muitos preconceitos para com os idosos. Segundo Porto (1997, p. 7) ser velho se traduz no contexto atual como “estado de solidão, estigma social, sofrimento, falta de reconhecimento e de opções de atividades de lazer e profissionais”, isso devido tanto à falta de recursos oferecidos pelos governos quanto à imagem depreciativa e um tanto errônea dessa etapa da vida. A autora (*ibidem*) diz que as soluções para esse impasse dependem de uma “profunda mudança de nossa própria mentalidade em relação aos mais velhos” e que qualquer proposta deve estar “embasada nas características e possibilidades situacionais, de forma criativa, ajudando o ser humano em questão a atingir um claro sentido de identidade, com conseqüente ajustamento sadio ao meio ambiente”.

Tal postura preconceituosa parte não só dos jovens, mas também dos próprios velhos, o que torna a situação bem mais preocupante. De acordo com Fromer & Vieira (2004), o discurso depreciativo acerca da velhice está tão arraigado na sociedade que

mesmo os idosos intimamente dispostos “introjetaram conceitos negativos sobre sua condição e, não raro, rejeitam essa realidade como se espelhasse apenas a imagem de declínio culturalmente imposta, uma imagem com a qual não se identificam” (*ibidem*, p. 26). É necessário, antes de tudo, transformar a imagem da velhice, para que assim o idoso se sinta valorizado e viva com dignidade e alegria.

Conforme Baldessin (2007), os velhos não devem ficar à margem da sociedade, ao contrário, é essencial que fiquem integrados a ela. Para o autor, é possível apresentar ações e possibilidades múltiplas que evitem o isolamento dessa faixa etária, entre elas: mobilizar os idosos como sujeitos da ação que desenvolvem, viver a solidariedade com o idoso, evidenciar a dimensão positiva da dependência e, principalmente, criar uma imagem positiva da velhice.

O idoso deve viver seus dias sempre buscando a satisfação de seus desejos mais genuínos, afinal, apesar das limitações, é nesta fase que o sujeito possui tempo livre para realizar tudo aquilo que queria quando jovem ocupado demais para cuidar de si mesmo:

Embora muitos pensem que envelhecer significa deixar de desenvolver-se, adoecer e afastar-se de tudo, na verdade, na velhice existem possibilidades de a pessoa continuar “funcionando” bem, de ter uma boa qualidade de vida. (VITTA, 2000, p. 81)

O envelhecimento sadio e a vivência plena dessa cada vez mais longa etapa da vida dependem de diversos fatores; entre eles aqueles que não podem ser controlados, como aspectos biológicos, e aqueles que dependem única e exclusivamente de atitudes individuais, como o estabelecimento de objetivos a serem alcançados, por exemplo. Segundo Freire (2000, p. 29) embora o envelhecimento bem-sucedido seja visto como uma competência adaptativa do indivíduo às mudanças do seu corpo, da sua mente e do ambiente no qual interage, há também uma parte da garantia do mesmo que cabe à sociedade, uma vez que “a velhice satisfatória não é apenas uma qualidade da pessoa, mas o resultado da interação do indivíduo em transformação vivendo numa sociedade também em transformação”. Freire & Sommerhalder (2000) acrescentam que o envelhecimento apresenta particularidades de acordo com as condições sociais, econômicas e culturais do sujeito, mas, devido a todas as pessoas estarem expostas ao mesmo tipo de influências pelo

processo de globalização, há o aparecimento de características comuns entre os idosos em todas as partes do mundo.

Em geral os idosos estão satisfeitos com suas próprias vidas e procuram desenvolver novos papéis sociais. Capitanini (2000) afirma que os relacionamentos são importantes na velhice, prevenindo o isolamento e a solidão. A qualidade de vida nessa fase está associada aos contatos significativos com amigos da mesma idade, participação em atividades sociais, procura de novos canais de comunicação, participação em atividades educacionais, culturais, de lazer e outras. O conhecimento dos interesses característicos dessa etapa vital, e de suas motivações para o lazer e a cultura permitem destacar o Turismo como uma atividade relevante para a manutenção da qualidade de vida psicológica e social dessa parcela da população que hoje é tão significativa.

O desenvolvimento do turismo para essa faixa etária [pessoas acima de 60 anos] propiciará condições para que o tempo do idoso seja preenchido com atividades agradáveis e nas quais possam desenvolver suas aptidões. Tudo isso contribuirá para a melhoria de sua saúde física e mental. (SOUZA, JACOB FILHO & SOUZA, 2006, p. 78)

Como visto anteriormente, o Turismo é uma forma de lazer capaz de proporcionar aos seus praticantes um maior contato com a natureza e a cultura dos locais visitados, além de possuir em sua essência uma capacidade educativa através da fuga da rotina e de um confronto de realidades. A atividade traz incontáveis, diferenciados e subjetivos graus de satisfação às pessoas, uma vez que lida não somente com fatos concretos e mensuráveis, mas, principalmente, conta com as motivações, expectativas e o imaginário de cada visitante. Em decorrência disso, com o passar do tempo o Turismo foi se segmentando e hoje apresenta diversas possibilidades, sendo o chamado “turismo para a terceira idade” uma delas, justificada “não apenas pelo significativo crescimento que esse grupo populacional vem apresentando, mas pelas próprias peculiaridades das pessoas nele incluídas” (SOUZA *et al.*, 2006, p. 36).

A maioria dos grupos de terceira idade que efetuam viagens turísticas é formada por pessoas que desistiram de sentir culpa, de aborrecer-se com as preocupações dos outros. Ao viajarem, essas pessoas têm expectativas de usar o tempo de uma forma muito divertida e saudável: conhecendo novos lugares, pessoas e culturas. (SOUZA *et al.*, 2006, p. 37-38)

A atividade turística caracteriza-se como uma forte opção na busca por uma boa qualidade de vida na velhice e já que, como diz Souza *et al.* (2006), as necessidades conduzidas a desejos e satisfações não envelhecem, viajar pode ser uma solução para estimular os idosos a traçarem objetivos, encontrarem novos interesses e, assim, manterem sua mente ativa, sentindo-se motivados a seguir em frente e viver seu presente de forma leve e saudável.

De acordo com Fromer & Vieira (2004), os idosos são um segmento com grande potencial para usufruir as viagens e os lazeres em geral, uma vez que o seu perfil psicossocial e de consumo aponta para indivíduos interessados e bem dispostos para vivenciar novas experiências e adquirir conhecimentos. As autoras acreditam que os velhos valorizam, acima de tudo, o bem-estar e a satisfação pessoal, o que faz com que eles invistam cada vez mais em produtos específicos que contemplem tais expectativas.

Embora seja crescente a demanda por pacotes exclusivos para os idosos, o mercado turístico é ainda pobre em serviços e infra-estrutura necessários ao satisfatório atendimento. Segundo Fromer & Vieira (2004) é necessário discutir de que forma o idoso é compreendido pelo Turismo e, além disso, alertar os profissionais do setor sobre o cuidado ao tratar com esse público, que não quer ser visto como incapaz ou inválido. Para as autoras, a premissa fundamental da relação Turismo – Idosos é que

não se deve atribuir ao produto específico para esse público um caráter “assistencialista”, ou seja, tal iniciativa não deve ser compreendida como uma concessão do “setor produtivo” para uma parcela de consumidores pouco valorizada pela mídia, mas sim como uma consequência natural e óbvia do processo de segmentação de mercado. (ibidem, p. 12)

Por outro lado, deve-se levar em conta que o velho apresenta certas limitações decorrentes da idade, sendo assim importantes algumas adaptações para que possa desfrutar momentos de diversão sem que haja um comprometimento do seu bem-estar físico e psicológico. Souza *et al.* (2006) apontam as alterações que o corpo humano sofre com o passar dos anos que consideram mais significativas para a realização de atividades turísticas, não esquecendo que elas ocorrem de maneira diferente para cada pessoa. São elas: força muscular; ossos e juntas; coração e respiração; audição, equilíbrio e visão; raciocínio e movimentação; regulação da temperatura corporal; alimentação e digestão; sistema urinário e, finalmente, pele. Diante disso, fica clara a obrigatoriedade de o

segmento turístico adaptar-se para o acolhimento da parcela mais velha da população. Também a esse respeito os autores acima se manifestam, apresentando os seguintes fatores básicos para os quais se deve dar ênfase no atendimento aos turistas idosos: segurança, limpeza, ambiente, acessibilidade, proteção ao consumidor e educação e treinamento.

Fromer & Vieira (2004, p. 79) acreditam que apesar de o mercado turístico admitir o potencial do “turismo para a terceira idade”, esse ainda “não se desvencilhou das concepções tradicionais acerca da velhice, desconhece o perfil desse segmento e pouco se empenha em criar produtos alternativos que venham atender essa demanda”. As autoras apontam que, ao analisar a oferta turística para os idosos, descobre-se que o aspecto mais intrigante e revelador é a sua ausência, ou seja, o mercado não está preparado para absorver essa crescente demanda devido ao crescimento numérico dos idosos, à sua melhor qualidade de vida e ao conseqüente aumento da sua necessidade por serviços e produtos.

Diante dessas questões, Fromer & Vieira (2004, p. 82-83) apresentam as seguintes características e dados sobre a realidade do público idoso que devem ser considerados pela oferta turística:

- a terceira idade deve ser vista sem concessões ou beneplácitos, como um segmento participante e atuante do mercado turístico. [...];
- promover palestras sobre os locais a serem visitados: os turistas, independente de sua faixa etária, aprimoram sua percepção dos lugares quando estes são anteriormente apresentados por meio de dados e imagens [...];
- oferecer atividades físicas durante a viagem, resguardando a disposição de participação de cada um e suas idiossincrasias;
- estimular a vivência de novas experiências: adquirir conhecimento e interagir com o local visitado é uma motivação fundamental para o turista da terceira idade. [...];
- valorizar a individualidade: ainda que aprecie o convívio com outras pessoas, é interessante propiciar ao turista da terceira idade condições para preservar a sua privacidade [...].

Também as situações que devem ser evitadas são apontadas pelas autoras:

- não impor programações preestabelecidas: valorizar a autonomia do turista, permitindo uma certa liberdade de decisão sobre a viagem;
- o planejamento deve prever a supervisão médica e nutricional como algo disponível em todos os momentos da viagem, e não como monitoramento contínuo [...];

- não segregar a oferta, dirigindo-a somente para a terceira idade: o turismo sênior deve ser associado à diversidade e à qualidade, atraindo todas as faixas etárias [...];
- não condicionar a oferta turística para a terceira idade para a baixa temporada [...]. É importante [...] sempre oferecer opções aos turistas da terceira idade, inclusive no que se refere ao período do ano no qual desejam viajar;
- deve haver um aprimoramento da forma de comunicação do mercado com a terceira idade, conferindo-lhe o mesmo tratamento dispensado aos outros segmentos [...].

Como visto acima não se deve impor aos idosos que suas viagens sejam feitas na baixa temporada, visto que eles possuem o direito de escolher quando querem viajar. Porém, o estímulo ao “turismo para a terceira idade” nessa época pode ser muito benéfico à atividade, já que solucionaria a sazonalidade do setor. Segundo Beni (2001), esse fluxo turístico tem a liberdade de eleger livremente seus períodos de viagem em razão do seu tempo disponível, realizando assim viagens com permanência mais prolongada nas destinações. Outro fato acima citado e que merece ênfase é a não segregação da oferta turística para os idosos, uma vez que a integração de gerações enriquece a atividade e é favorável a todos.

Sendo assim, ressalta-se a relação de reciprocidade existente entre o Turismo e os velhos, isto é, ao mesmo tempo em que a atividade é geradora de inúmeros benefícios a essa parcela da população, a mesma configura-se como um público bastante atraente para o crescimento desse novo setor da economia.

METODOLOGIA

3 PARTICIPANTES

A amostra foi selecionada por conveniência para atender aos objetivos da pesquisa. São parte do grupo de pesquisados o coordenador do Plano Turístico e o Secretário Municipal de Turismo – membros da Secretaria de Turismo de Rio Grande, além de visitantes idosos e guias turísticos da cidade, que com eles trabalham em roteiros alternativos e/ou no roteiro “Rio Grande Inesquecível para a Melhor Idade”, sugerido pelo Plano Turístico.

4 O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

É utilizado como estratégia metodológica o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), um novo enfoque de pesquisa qualitativa que, de acordo com Lefèvre & Lefèvre (2005, p. 15-16), “[...] é uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtida de depoimentos, artigos de jornal, matérias de revistas semanais, cartas, *papers*, revistas especializadas, etc”. Segundo os autores, tal método consiste em uma análise do material verbal coletado havendo uma extração de suas idéias centrais e/ou ancoragens e correspondentes expressões-chave, para que então, a partir do agrupamento de idéias semelhantes, seja composto um ou mais discursos-síntese na primeira pessoa do singular.

É através desse discurso proferido na “primeira pessoa coletiva do singular”, que será possível a construção de um “eu” tanto individual quanto coletivo, isto é, um “eu” sintático que “ao mesmo tempo em que sinaliza a presença de um sujeito individual do discurso, expressa uma referência coletiva na medida em que esse ‘eu’ fala pela ou em nome de uma coletividade”. Pode-se afirmar que o DSC é uma “forma ou um expediente destinado a fazer a coletividade falar diretamente”, visando “dar luz ao conjunto de individualidades semânticas componentes do imaginário social” (LEFÈVRE & LEFÈVRE, 2005, p. 16).

A presente técnica foi desenvolvida como forma de rompimento com a lógica quantitativo-classificatória freqüentemente utilizada nas pesquisas sociais. Tais métodos fazem uso de questões fechadas de múltipla escolha para a coleta de informações, fato que restringe o pensamento do entrevistado enquadrando-o em categorias previamente elaboradas pelo pesquisador. Para Lefèvre & Lefèvre (2005) o pensamento coletivo é uma variável qualitativa e, justamente por isso, não deve ser pré e sim pós-construída. Sendo assim,

com o DSC, os discursos dos depoimentos não se anulam ou se reduzem a uma categoria comum unificadora já que o que se busca fazer é reconstruir, com pedaços de discursos individuais, como em um quebra-cabeça, tantos discursos-síntese quantos se julgue necessários para expressar uma dada *figura*, ou seja, um dado pensar ou representação social sobre um fenômeno. (LEFÈVRE & LEFÈVRE, 2005, p. 16)

Almeida (2005, p. 2), apresenta um breve resumo da metodologia aqui explicitada. Diz ele:

Em resumo, a técnica consiste no agrupamento das expressões mais relevantes dos discursos individuais a partir do estabelecimento de categorias chamadas de idéias centrais que facilitam a associação das falas, com o objetivo de construir um discurso coletivizado. Esse discurso é emitido na primeira pessoa do singular e deve ser apresentado como se fosse um único sujeito falando em nome de muitos indivíduos.

A aplicação da técnica do DSC é baseada primeiramente em uma coleta de dados, que pode ser feita através de questionários, entrevistas, grupos de foco, etc. Deve-se ter clara a necessidade de que tais perguntas sejam abertas, para que assim sejam produzidos os discursos necessários ao desenvolvimento desse método. A partir daí, para confeccionar os DSCs, Lefèvre & Lefèvre criaram quatro figuras metodológicas – expressões-chave, idéias centrais, ancoragem e o DSC propriamente dito – as quais são descritas por Almeida (2005, p. 5) da seguinte forma:

Expressões-chave: são as partes mais significativas do discurso que devem ser destacadas do conjunto da fala individual. As expressões-chave representam a essência do discurso;

Idéia central: é uma descrição sintética do conteúdo das expressões-chave;

Ancoragem: uma afirmação explícita de uma teoria, ideologia, pressuposto, crença ou norma que orienta o conteúdo do discurso. São identificadas somente em marcas lingüísticas muito evidentes;

DSC: discurso-síntese, formulado a partir de falas individuais semelhantes ou complementares, construído como se fosse a fala de um único sujeito.

Para agregar as diversas partes e efetivamente construir um DSC é necessário que haja coerência entre as informações agrupadas, de modo que o discurso expresse um posicionamento próprio e original sobre o tema tratado. Portanto, idéias diferentes devem ser apresentadas separadamente, a não ser no caso de as mesmas não constituírem antagonismos e/ou contradições. Construir um DSC é como moldar uma fala “artificialmente natural” e para fazer com que o mesmo pareça falado por uma só pessoa, “deve-se efetuar algumas operações nos pedaços selecionados de discursos ‘limpando-os’ de particularidades” (LEFÈVRE & LEFÈVRE, 2005, p. 21). Finalmente, os autores sugerem para a apresentação do DSC um quadro-síntese com as idéias centrais e seus respectivos discursos.

5 INSTRUMENTO

Nesse estudo foram aplicadas entrevistas (ver anexo 2) tendo por objetivo colher informações sobre o Plano Turístico de Rio Grande, o seu roteiro dirigido aos idosos e a interface de ambos com a Educação Ambiental. Além disso, busca-se o conhecimento das efetivas práticas de turismo para a terceira idade no município verificando sua relação com as sugestões presentes no Plano, buscando assim embasamento para futuras sugestões de melhorias com base nos princípios da Educação Ambiental.

O processo de construção de um roteiro investigativo exige tempo, dedicação, criatividade e, principalmente, clareza a respeito do tema a ser pesquisado. Segundo Lefèvre & Lefèvre (2005), se esta não for a realidade do pesquisador, ele deve buscar o auxílio de técnicos capazes e pessoas conhecedoras do assunto. Como no presente estudo a pesquisadora possui experiência no campo, as questões foram elaboradas por ela tendo por referência a proposta dos autores acima citados, a qual orienta que as perguntas direcionem

falas exatamente sobre o que se pretende investigar. De acordo com os autores, a má elaboração dos questionamentos pode comprometer seriamente a validade de uma pesquisa qualitativa, uma vez que possivelmente gerarão respostas inadequadas:

A prática indica que certas perguntas, bem como certas formas de pergunta, respondem melhor do que outras às exigências da pesquisa qualitativa, que trabalha com representações sociais e que, por isso, necessita de que as respostas sejam as mais espontâneas ou menos dirigidas possíveis e que, ademais estejam sempre se referindo, do modo mais preciso possível, ao tema sobre o qual se deseja que os indivíduos falem. (p. 39)

Embora não existam regras para a construção dessas questões, Lefèvre & Lefèvre apresentam alguns pontos que podem servir de apoio para o desenvolvimento dessa tarefa. Para eles, primeiramente deve-se definir os objetivos que se pretende atingir com cada pergunta, isto é, antes de elaborá-las, ter claro precisamente o que se quer saber. Além disso, é necessário evitar questões que: levem o entrevistado a produzir representações cognitivas, quando se buscam representações comportamentais ou atitudinais; contenham respostas induzidas; tenham como objetivo a produção de reações emocionais; não ensejem discursos; sejam inadequadas para a população-alvo; e, finalmente, que levem à incompreensão do enunciado. Concluindo, os autores deixam clara a necessidade de testar o roteiro em sujeitos semelhantes ou equivalentes àqueles que serão verdadeiramente pesquisados com o objetivo de verificar a sua eficiência.

Lefèvre & Lefèvre (2005, p. 43) ainda definem as características de uma pergunta ideal:

- leva o entrevistado à produção de um discurso;
- responde com exatidão àquilo que o pesquisador está investigando;
- leva o entrevistado a responder o que acha e não o que o entrevistador tem em mente;
- é apropriada e perfeitamente compreensível pelo sujeito entrevistado;
- foi pré-testada em sujeitos equivalentes aos da pesquisa proposta.

6 PROCEDIMENTOS

6.1 Coleta de Dados

O “Plano Turístico Rio Grande, Cidade Histórica, Cidade do Mar” foi minuciosamente analisado pela pesquisadora, buscando identificar de que forma é considerada a relação entre Turismo e Educação Ambiental no documento e, também, suas referências ao turismo para a terceira idade. Em posse dessas informações foram elaboradas as entrevistas para serem aplicadas individualmente aos participantes. As pessoas selecionadas para constituírem a amostra foram contatadas e convidadas a participarem da pesquisa. O local foi previamente escolhido e preparado.

A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2002), trabalha com os motivos, crenças, valores e significados dos sujeitos tornando-se fundamental para a qualidade do trabalho a interação social que se estabelece entre pesquisador/pesquisado. Sendo assim, é essencial o preparo cuidadoso do entrevistador, do ambiente, do equipamento e do clima da entrevista, para que então transcorra de forma leve e atinja suas metas.

Segundo Lefèvre & Lefèvre (2005), a maneira como o entrevistador se apresenta é um dos pontos cruciais para o bom andamento do processo. Essa abordagem inicial deve ser padronizada e, algumas vezes, feita de forma que o entrevistado não tenha conhecimento total dos objetivos últimos da pesquisa para não haver direcionamentos das respostas dadas. Somado a isso, o entrevistador deve seguir fielmente o roteiro de perguntas podendo somente incluir adendos como “por quê?”, “explique melhor”, etc., o que, muitas vezes, torna-se uma dificuldade devido ao clima de descontração necessário a esse tipo de entrevista.

No que concerne ao ambiente, Lefèvre & Lefèvre levam em consideração o cuidado para que as entrevistas não sejam “perdidas”, pois uma vez que isso ocorra, a repetição pode prejudicar a validade da pesquisa. Também o local propriamente dito é uma preocupação dos autores, o qual deve ser previamente escolhido e preparado e oferecer certa privacidade a ambos os sujeitos envolvidos. Finalmente, a verificação do equipamento de gravação tem que ser uma preocupação do entrevistador.

6.2 Análise e Discussão dos Dados

As questões foram analisadas isoladamente, isto é, primeiro a questão 1 de todos os entrevistados do grupo, depois a questão 2, e assim por diante. Cada uma delas possui os seus “quadros IAD” (INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO) trazendo, entre outras informações, as expressões-chave, idéias centrais e ancoragens, que são figuras metodológicas criadas por Lefèvre & Lefèvre para confeccionar os DSCs. De acordo com

os autores (2005, p. 17), “as expressões-chave (ECH) são pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso”, “a idéia central (IC) é um nome ou uma expressão lingüística que revela e descreve [...] o sentido de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto homogêneo de ECH, que vai dar nascimento, posteriormente, ao DSC” e a ancoragem “é a manifestação lingüística explícita de uma dada teoria, ou ideologia, ou crença que o autor do discurso professa”.

Os passos seguidos para alcançar o DSC foram os seguintes:

1. Copiar integralmente o conteúdo de todas as respostas referentes às questões no seu respectivo IAD 1, na coluna expressões-chave;
2. Identificar e sublinhar, em cada uma das respostas, as expressões-chave das idéias centrais e as expressões-chave das ancoragens;
3. Identificar as idéias centrais e, se fosse o caso, as ancoragens a partir das expressões-chave, colocando as mesmas nas colunas correspondentes;
4. Identificar e agrupar as idéias centrais e as ancoragens de mesmo sentido e de sentido equivalente ou complementar;
5. Denominar cada um dos grupamentos por A, B, C, etc., ou seja, criar uma idéia central ou ancoragem síntese que expressasse todas as idéias centrais e ancoragens de mesmo sentido;
6. Construção do DSC. Primeira etapa: copiar do IAD 1 todas as expressões-chave do mesmo grupamento e colá-las na coluna das expressões-chave do IAD 2. Segunda etapa: discursivar ou seqüenciar as expressões-chave para obter o DSC propriamente dito.

Tais quadros IAD seguem o padrão do exemplo reduzido a seguir e estão disponibilizados em sua totalidade nos anexos desta dissertação.

QUADRO N° 1 – Exemplo de Instrumento de Análise de Discurso 1

IAD 1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS (sublinhadas)	ANCORAGEM (itálico)
S1 – (1ª idéia) <u>Ah, o contato com a natureza.</u> (2ª idéia) <u>a convivência com a turma, sabe? Aquele aconchego que a gente tem. Porque a gente mora [...] eu, por exemplo, moro sozinha e a maioria mora sozinha, né? Isso faz muito bem pro nosso</u>	(1ª idéia) O contato com a natureza. C	

<u>ego, né? A gente se sente feliz mesmo.</u> ENT. – E os lugares em si? Aqui em Rio <i>Continua...</i>		
EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS (sublinhadas)	ANCORAGEM (itálico)
Grande principalmente que lugares a Sra. Gostou de visitar?	(2ª idéia) <u>A convivência com a turma.</u> A	
S1 - <u>A Ilha dos Marinheiros eu fiquei encantada, foi um passeio que gostei muito. Já te falei nos outros. (3ª idéia) A Ilha dos Marinheiros [...] qual é o outro aqui? Na Quinta. Lá na Quinta fizemos um passeio muito bonito também. Lá a [Ilha da] Pólvora. Tivemos oportunidade de ter aquela visão maravilhosa da cidade, né? Foi muito lindo. E vem aqui na nossa volta, por exemplo, passeios lá pelo porto assim. Só não dá pra entrar né, mas passamos pra conhecer. Isso são coisas diferentes que a gente faz e que nos agrada muito.</u>	(3ª idéia) <u>Mais gostei da Ilha dos Marinheiros, da Quinta e da Ilha da pólvora.</u> B	
S2 - <u>O que eu mais gostei? Foi esse lá da 5ª Secção da Barra. Eu gostei porque a gente assim andou de microônibus pra fora, né? A gente atravessou o mar porque não é no Norte [São José do Norte], é na 5ª Secção e lá a gente atravessa o mar de novo pra ir lá no farol.</u> Eu gostei muito. A gente visitou igrejas também lá.	Foi o da 5ª Secção a Barra, porque a gente andou de microônibus para fora. B	

QUADRO Nº 2 – Exemplo de Instrumento de Análise de Discurso 2

IAD 2

A – Gosto da convivência com as pessoas do grupo.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
S1 – <u>A convivência com a turma sabe? Aquele aconchego que a gente tem. Porque a gente mora [...] eu, por exemplo, moro sozinha e a maioria mora sozinha, né? Isso faz muito bem pro nosso ego, né? A gente se sente feliz mesmo.</u> S3 – <u>O que eu gostei e o que eu gosto sempre assim afora o convívio nosso, que a gente troca idéias, a gente conversa né, como eu te expliquei sai daquele aperto da casa.</u> S4 – <u>Fora estar junto com as minhas amigas né?</u>	<i>A convivência com a turma sabe? Aquele aconchego que a gente tem. Porque eu, por exemplo, moro sozinha e a maioria mora sozinha, né? Nos passeios a gente está junto com os amigos, a gente troca idéias, a gente conversa né? Sai daquele aperto da casa. Isso faz muito bem para o nosso ego, né? A gente se sente feliz mesmo.</i>

Para a construção do DSC propriamente dito, segundo Lefèvre & Lefèvre (*ibidem*, p. 55), “é preciso ‘discursivar’ ou seqüenciar as expressões-chave obedecendo a uma esquematização clássica do tipo: começo, meio e fim ou do mais geral para o menos geral e mais particular”, além disso, a ligação das partes deve ser feita através da “introdução de conectivos que proporcionam a coesão do discurso” e deve-se eliminar tanto particularismos quanto repetições de idéias.

Nessa pesquisa, o processo de elaboração dos DSCs seguiu minuciosamente os passos indicados por Lefèvre & Lefèvre. O resultado gerou quadros que trazem as idéias centrais de cada questão, juntamente com seus respectivos discursos. A seguir, os mesmos são apresentados e devidamente analisados e discutidos pela autora.

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

As entrevistas estão comentadas por grupos de participantes da amostra com seu respectivo bloco de questões, sendo que cada uma das perguntas está refletida individualmente. Objetiva-se com isso permitir uma melhor compreensão, garantindo que os dados não se confundam ou se percam no decorrer da análise. Após essa etapa faz-se uma reflexão sobre o alcance ou não dos objetivos almejados. No caso de duas ou mais questões possuírem igual meta, esta somente está comentada ao final da análise de todas as perguntas que abrange. Vale ressaltar que os objetivos se repetem para todos os grupos.

7 GRUPO 1: MEMBROS DA SECRETARIA DE TURISMO DE RIO GRANDE

Os primeiros entrevistados são os membros da Secretaria de Turismo da cidade de Rio Grande, cuja amostra é bastante limitada devido ao fato de abranger essencialmente os sujeitos diretamente ligados à elaboração e à execução do Plano Turístico, ou seja, o coordenador e redator, o Secretário de Turismo. Cinco questões foram feitas, cada qual minuciosamente trabalhada através da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (LEFÉVRE & LEFÉVRE, 2005) obtendo-se assim discursos relevantes, os quais representam a opinião do coletivo a respeito dos tópicos levantados.

A seguir faz-se uma discussão mais aprofundada de cada questão através dos muitos DSCs gerados como respostas para tais questionamentos.

QUADRO Nº 3 – Resposta dos membros da Secretaria sobre como é tratada a relação Turismo/ Educação Ambiental no Plano Turístico de Rio Grande

QUESTÃO 1: De que maneira é tratada a relação Turismo/ Educação Ambiental no Plano Turístico de Rio Grande? Dê exemplos.	
Idéia Central – 1	Discurso do Sujeito Coletivo – 1
Existe preocupação com a preservação e a valorização do meio ambiente. <i>Continua...</i>	<i>Com uma grande preocupação e com o interesse, com a intenção de preservar o meio ambiente. A parte ambiental fica como um dos aspectos retratados como os outros todos: patrimônio histórico, por exemplo; não tem capítulo à parte, está dentro do contexto. Então todas as ações que estão sendo feitas [...] elas</i>

QUESTÃO 1: De que maneira é tratada a relação Turismo/ Educação Ambiental no Plano Turístico de Rio Grande? Dê exemplos.	
	<i>têm como meta prioritária a preservação e a valorização do meio ambiente.</i>
Idéia Central – 2	Discurso do Sujeito Coletivo – 2
É necessário EA para o Turismo.	<i>A gente entende e se preocupa no aspecto turístico de as pessoas não conseguirem visitar alguns locais, mas ao mesmo tempo a gente entende. Falta educação do ser humano para com o meio ambiente. Ele não tem a preocupação da preservação, da manutenção do estado natural e pura e simplesmente ele utiliza sem a preocupação de conservar. Por isso, em todos os roteiros executados existe uma preocupação das agências de turismo local e também principalmente dos guias turísticos; que foram preparados pra isso e participaram da discussão; com a preservação ambiental e também de despertar no visitante a sensibilização pela questão da preservação do meio ambiente.</i>
Idéia Central – 3	Discurso do Sujeito Coletivo – 3
O Plano Turístico é uma referência, não um trabalho pronto.	<i>O Plano Turístico é uma referência podemos dizer, ele não é um trabalho pronto, final, acabado.</i>
Idéia Central – 4	Discurso do Sujeito Coletivo – 4
Os roteiros turísticos oficiais do município são produto de ampla discussão com pessoas capacitadas.	<i>Reuniu-se várias pessoas, técnicos, pessoas com conhecimento em diferentes áreas [...] e se discutiu exaustivamente a cidade sob vários pontos de vista, principalmente a questão da sustentabilidade e o turismo, a parte ambiental.</i>
Idéia Central – 5	Discurso do Sujeito Coletivo – 5
O Turismo deve ser econômica e ambientalmente sustentável.	<i>A gente entende que o Turismo tem que ser sustentável não só do aspecto econômico, mas também do aspecto ambiental.</i>

A preservação e a valorização do meio natural é uma preocupação constante para todos aqueles que trabalham com a atividade turística, o que é confirmado aqui pelos discursos do grupo a respeito do tratamento dado no Plano à relação Turismo/Educação Ambiental. Esse fato fica bastante claro já na primeira idéia central (IC), cuja fala afirma que a forma de lidar com tal associação é *com uma grande preocupação e com o interesse, com a intenção de preservar o meio ambiente*. É verdade que esta questão é essencial ao desenvolvimento de um Turismo bem planejado e não-destrutivo, porém também mostra que o conceito de EA é ainda visto por muitos sob uma ótica exclusivamente biologicista e preservacionista, em que a concepção de meio ambiente dos sujeitos está associada à natureza pura e simples e não ao conjunto de fatores que a constituem. Como visto anteriormente, a EA trabalha nos dias de hoje com definições bem mais amplas de meio

ambiente para que assim possa atuar não só no meio natural, mas também no meio social, político, ético, etc. Santos & Sato (2003, p. 36) defendem que o conceito de ambiente não deve ser restrito à dimensão ecológica, para os autores sua abordagem deve ser “conceitualmente ampliada em função da própria complexidade dos problemas ambientais e dos impactos dos mesmos nos sistemas naturais e sociais, enfatizando a incorporação efetiva dos aspectos sócio-econômicos-culturais na dinâmica da unidade de estudo”.

Outro fato demonstrado pela primeira IC é o de que o tratamento das questões ambientais aparece ao longo do Plano de forma implícita, não havendo um capítulo especialmente dedicado a elas, que apenas norteiam todas as ações propostas pelo documento. Isso fica de certa forma claro na visão e na missão colocadas pelo Plano Turístico, respectivamente “consolidação da cidade do Rio Grande como um pólo turístico regional, nacional e internacional, tendo em vista a sua posição geográfica, a diversidade e a importância dos atrativos naturais e culturais existentes” e “promover e incentivar ações voltadas à implementação da atividade turística, visando à promoção do desenvolvimento econômico e social, à melhoria da qualidade de vida da população e à preservação dos patrimônios natural e cultural, tornando a cidade de Rio Grande e região um destino preferido pelos turistas ao longo de todo o ano” (VALENTE, 2006, p. 18). Tal situação é benéfica na medida em que, desta forma, todas as etapas do desenvolvimento turístico da cidade de Rio Grande serão perpassadas pelo apuro e pelo cuidado para com o meio ambiente como um todo.

A segunda IC, “É necessário EA para o Turismo”, exprime a idéia de que a falta de educação das pessoas para lidarem com o ambiente natural prejudica, e muito, a atividade turística, a ponto de o sujeito coletivo entender e apoiar a necessidade de restringir a visita de alguns locais que possuem um ecossistema mais frágil, a fim de preservá-los. De acordo com o discurso gerado, o ser humano não pensa na manutenção da natureza, ele simplesmente a *utiliza sem a preocupação de conservar*. Esse, entre outros, é um dos motivos pelos quais se propõe aqui a associação entre o Turismo e a EA, para que através de passeios e *tours* se possa sensibilizar os visitantes a respeito das limitações do meio e então, com o tempo, reverter essa recorrente falta de respeito com o mesmo. Autores como Amâncio (2005, p. 74), por exemplo, defendem tal junção ao afirmarem que a atividade turística pode ser “enquadrada como um espaço para a ação da educação ambiental não formal”.

O discurso também afirma que, como consequência da já referida falta de educação dos turistas, existe uma preocupação especial por parte das agências de turismo local e dos guias turísticos com os roteiros por eles executados. Conforme pode ser observado, é enfatizado o cuidado com a preservação ambiental e com o *despertar no visitante a sensibilização pela questão da preservação do meio ambiente*.

As ICs 3 e 4 referem-se mais especificamente ao Plano, ao documento em si e à forma como ele e seus roteiros foram pensados e elaborados. A primeira é de suma importância para o entendimento de que um documento de planejamento tal com o é o “Plano Turístico Rio Grande, Cidade Histórica, Cidade do Mar” não é algo definitivo e incontestável, mas sim uma referência tanto para o desenvolvimento das ações por ele propostas como para o surgimento de novas iniciativas que visem ao fomento do turismo no município de Rio Grande. Já na segunda, se pode ter uma idéia de como ocorreu o processo de elaboração do Plano Turístico: através de incansáveis discussões com profissionais das mais diversas áreas do conhecimento expondo seus modos de ver e entender a cidade. Segundo Valente (2006), o Plano vem a ser o resultado de trinta meses de um trabalho ininterrupto, o qual demonstra a dedicação e a vontade do poder público e da sociedade de consolidar o turismo em Rio Grande.

Fechando a análise da primeira pergunta feita aos membros da Secretaria de Turismo, aparece na quinta IC aquela tão mencionada idéia de que a atividade turística deve ser sustentável em suas várias frentes, ou seja, tanto no que se refere ao meio ambiente como também à economia. Tal crença do sujeito coletivo é praticamente uma unanimidade defendida por autores como Swarbrooke (2000), por exemplo, que ainda acrescenta as questões sociais e culturais como aspectos a serem considerados pelo turismo sustentável. Para o autor, este “não está apenas relacionado ao ambiente físico. Também diz respeito ao ambiente cultural e social, assim como está preocupado com a viabilidade econômica a longo prazo” (p. 100). O mesmo ainda defende que o turismo sustentável somente poderá ser “administrado com êxito” se as inter-relações entre essas dimensões forem completamente identificadas (ibidem, p. 73).

Outros autores igualmente apontam como chave a união desses fatores na busca de um Turismo efetivamente sustentável. Ruschmann (2000) pensa que a contribuição integrada da economia, da sociedade e do meio ambiente é essencial para o bem-estar futuro da humanidade. Segundo ela (p. 111), “se tal postura não ocorrer, o desenvolvimento do turismo pode causar perdas irreparáveis para as populações receptoras

e para os ambientes físicos e culturais”. E é por isso que a autora diz que o planejamento do turismo sustentável surge como “a forma de evitar a ocorrência de danos irreversíveis nos meios turísticos, para minimizar os custos sociais que afetam os moradores das localidades e para otimizar os benefícios do desenvolvimento turístico” (*ibidem*).

Apesar do conhecimento dos fatores acima citados ainda é difícil encontrar uma definição exata para o turismo sustentável, o que se deve ao fato de o mesmo ser dinâmico no sentido de que aquilo que é considerado sustentável hoje, pode não ser mais amanhã. Mesmo assim, Swarbrooke (2000, p. 19) apresenta um conceito bastante viável para a perspectiva defendida aqui de um turismo que trata aspectos ambientais, sociais, culturais e econômicos na mesma proporção. Segundo ele, “turismo sustentável significa turismo que é economicamente viável, mas não destrói os recursos dos quais o turismo no futuro dependerá, principalmente o meio ambiente físico e o tecido social da comunidade local”, isto é, uma atividade que traz benefícios econômicos, porém sem afetar a sua própria continuidade através da preservação do meio ambiente como um todo.

QUADRO Nº 4 – Resposta dos entrevistados sobre a inserção de ações de EA no roteiro dirigido aos idosos

QUESTÃO 2: Foram inseridas ações de Educação Ambiental no roteiro dirigido às pessoas idosas? Quais e com que objetivo?	
Idéia Central – 1	Discurso do Sujeito Coletivo – 1
Tem com referência ao passeio na Praia do Cassino. Nele as pessoas poderão ter uma orientação nesse sentido.	<i>Tem com referência ao passeio na Praia do Cassino, que é uma caminhada pela praia onde os idosos terão oportunidade com o guia de conhecer as aves, a flora, tudo que tem naquele entorno. Então dependendo do enfoque do grupo de Terceira Idade, quando eles forem na Praia do Cassino eles poderão ter uma orientação específica sobre isso.</i>
Idéia Central – 2	Discurso do Sujeito Coletivo – 2
Os idosos exigem um cuidado maior.	<i>Pessoas da Melhor Idade são mais propensas a dificuldades físicas e de saúde. A cidade de Rio Grande, por ser plana, exige menos esforço dessas pessoas.</i>
Idéia Central – 3	Discurso do Sujeito Coletivo – 3
O Turismo contribui para melhoras na saúde das pessoas idosas.	<i>O Turismo é extremamente importante para a qualidade de vida das pessoas. Conhecer coisas novas, andar, viajar, passear e conhecer outras pessoas faz um bem muito grande para a saúde dos idosos.</i>
Idéia Central – 4	Discurso do Sujeito Coletivo – 4
Existe a preocupação, mas é difícil sensibilizar as pessoas.	<i>De forma sincera, não, né? Mas existe a preocupação. É difícil conseguir sensibilizar as pessoas nessa nova conduta, mas a gente tem essa preocupação presente e à medida que se pode colocar isso em prática e acentuar, a gente tem feito isso.</i>

É possível afirmar que a questão aqui analisada criou dois blocos de diferentes temáticas: o primeiro com ICs que falam diretamente do roteiro dirigido aos idosos; e o segundo que trata mais especificamente das concepções do sujeito a respeito da velhice e da atividade turística nessa fase da vida.

O primeiro bloco é composto pelas ICs 1 e 4, as quais podem, em um primeiro momento, parecerem contraditórias, mas que são verdadeiramente muito semelhantes. O discurso da IC número 4 afirma não haver ações de EA no roteiro para os idosos, embora exista a preocupação e se coloque isso em prática sempre que possível. Ora, isso nada mais é do que o mesmo que está indiretamente dito na primeira IC, que atribui ao passeio na Praia do Cassino a possibilidade do desenvolvimento de ações educativas durante o roteiro. A diferença entre as duas é que, enquanto a primeira vê como possibilidade de EA somente aqueles locais onde existe um contato direto com a natureza, a quarta acredita que tendo essa preocupação sempre presente é possível acentuar regularmente a questão. Basicamente a discórdia é conceitual, uma vez que a visão de EA de uma é extremamente preservacionista e a da outra se aproxima mais daquela aqui defendida: a EA Transformadora.

Segundo Loureiro (2004, p. 74), a EA tradicional e preservacionista é uma evolução da Educação Conservacionista, já existente nos anos 50 e 60 e que era “o resultado das práticas de organizações e intelectuais preocupados com ações focadas na manutenção intacta de áreas protegidas e na defesa da biodiversidade, dissociando sociedade e natureza”. Porém, para o autor, somente esta vertente da atual EA é procedente da mesma, já que existem outras formas de pensá-la e de fazê-la, as quais possuem um histórico bastante diferenciado, calcado antes de tudo em lutas de cunho social. De acordo com ele,

[...] a educação ambiental está longe de ser somente uma ampliação de finalidades e metodologias pedagógicas no tratamento da categoria “conservação da natureza”, aproximando-se de se definir como um *paradigma da educação*, um componente questionador e propositor na construção da educação para além dos seus limites nas sociedades contemporâneas. (LOUREIRO, 2004, p. 75)

Ainda conforme Loureiro (2004), a EA, ou o que o mesmo chama de “questão ambiental”, chega ao Brasil na época da Ditadura Militar, quando movimentos sociais eram reprimidos e por isso se encontravam fragilizados.

O resultado foi, em termos de educação ambiental, uma ação governamental que primava pela dissociação entre o ambiental e o educativo/político, favorecendo a proliferação dos discursos ingênuos e naturalistas e a prática focada na sensibilização do “humano” perante o “meio natural”, ambos desvinculados dos debates sobre modelos societários como um todo. Assim, a educação ambiental ganhou visibilidade como instrumento de finalidade exclusivamente pragmática (em programas e projetos voltados para a resolução de problemas enquadrados como ambientais) e como mecanismo de adequação comportamental ao que genericamente chamou-se de “ecologicamente correto”. (LOUREIRO, 2004, p. 75-76)

Para o autor (*ibidem*, p. 76) é esse o motivo pelo qual ainda hoje o senso comum enxerga a EA como um “mero meio de apoio em projetos denominados ‘ambientais’”.

Como já mencionado, utiliza-se como base de sustentação do presente estudo uma EA que seja, antes de mais nada, social e política, pois é essa a base de todos os problemas e soluções da sociedade contemporânea, inclusive, e principalmente, daqueles ligados à natureza e à sua preservação. O que se busca é educação, e que essa seja amplamente ambiental, ou seja, que trabalhe com todos os ambientes nos quais a vida se desenvolve e com as relações neles estabelecidas. Está-se atrás de uma EA Transformadora (ou emancipatória, ou crítica, ou popular) que, de acordo com Loureiro (2004, p. 78), “procura a realização humana em sociedade, enquanto forma de organização coletiva de nossa espécie, e não pela simples ‘cópia’ de uma natureza descolada do movimento total”. Para que assim, todo e parte estejam em constante interação e sejam, nas palavras de Loureiro (*ibidem*), “a unidade complexa de natureza-espécie cultural, societal-natural”.

Com fins pedagógicos, Loureiro apresenta em um de seus textos uma breve reflexão a respeito das diferenças entre a EA Transformadora por ele proposta e defendida e a EA convencional (ou o que se chamou acima de preservacionista). Faz-se uso a seguir dessa análise por acreditar-se ser a mesma de grande valia para esclarecer a diferença conceitual apontada anteriormente como principal discórdia entre as ICs 1 e 4.

Conforme Loureiro (2004), a EA convencional tem em seu ato educativo a busca por uma mudança individual e comportamental, a qual deve caminhar em direção a um

padrão de atitudes pré-estabelecido e idealizado de relações corretas com a natureza. A sociedade em sua forma organizacional não é questionada, o objetivo aqui é aceitar a ordem social tal como ela é e buscar adequar-se aos ideais comportamentais da mesma. Segundo o autor (2004, p. 80-81), suas características são:

- Educação entendida enfaticamente em sua dimensão individual, baseada em vivências práticas de sensibilização, com a secundarização ou baixa compreensão de que a relação do eu com o mundo se dá por múltiplas mediações sociais;
- Educação como ato comportamental pouco articulado à ação coletiva e à problematização e transformação da realidade de vida, despolitizando a práxis educativa. Como consequência, parte-se da crença ingênua e idealista¹⁶ de que as mudanças das condições objetivas se dão pelo desdobramento das mudanças individuais, faltando complexidade no entendimento das relações constituintes do ser;
- Biologização do que é social pela diluição da nossa especificidade, simultaneamente biológica e social na totalidade natural, ignorando-se, assim, que tais relações se dão, atualmente com predomínio do capitalismo e seu padrão não só poluente mas explorador, economicamente, da maioria das espécies. O *Homo sapiens* fica reduzido a um organismo biológico, associal e ahistórico. O resultado prático é a responsabilização pela degradação posta em um ser humano genérico, idealizado, fora da história, descontextualizado socialmente. Por exemplo, isso fica evidente quando ouvimos os recorrentes discursos de que a humanidade é responsável pela degradação planetária, sem que se situem os grupos sociais, o modo como estamos organizados e produzimos, numa fala que, pela ausência de concretude, fica sem efeito prático na mudança das relações sociais que conformam o atual modo de ser na natureza.

Já a EA Transformadora busca, como já sugere o nome, modificar a realidade por meio de um processo educativo que é “permanente, cotidiano e coletivo” (LOUREIRO, 2004, p. 81), estando focada no concreto e nas diferentes necessidades e interações de cada grupo social. Ela trata das diferenças e quer novas sínteses que “indiquem caminhos democráticos, sustentáveis e justos para todos” (*ibidem*). De acordo com o autor aqui trabalhado (*ibidem*, p. 81-82), a EA Transformadora pode ser apresentada nos três seguintes eixos explicativos:

- A educação *transformadora* busca redefinir o modo como nos relacionamos conosco, com as demais espécies e com o planeta. Por isso é vista como um processo de politização e publicização da problemática ambiental por meio do qual o indivíduo, em grupos sociais, se transforma e à realidade. Aqui não cabe nenhuma forma de dissociação entre teoria e prática; subjetividade e objetividade; simbólico e material; ciência e cultura popular; natural e cultural; sociedade e ambiente.

- Em termos de procedimentos metodológicos, a Educação Ambiental Transformadora tem na participação e no exercício da cidadania princípios para a definição democrática de quais são as relações adequadas ou vistas como sustentáveis à vida planetária em cada contexto histórico.
- Educar para transformar significa romper com as práticas sociais contrárias ao bem-estar público, à equidade e à solidariedade, estando articulada necessariamente às mudanças éticas que se fazem pertinentes.

Esclarecidas as questões referentes ao primeiro bloco temático aqui proposto, passa-se a analisar o segundo, o qual é formado pelas ICs 2 e 3 e que trata das crenças do sujeito coletivo sobre a velhice e o turismo para os idosos. Ambos os discursos apresentam referência à saúde dos velhos e de como tal fator influencia, positiva ou negativamente, na sua prática turística. A IC 2 enfatiza as dificuldades físicas e de saúde dos idosos, enquanto a IC número 3 dá mais importância ao fato de o Turismo ser fonte de melhor qualidade de vida para eles. Pode-se dizer que as duas possuem a mesma essência, pois defendem o viajar por parte dos idosos: a segunda, quando diz ser Rio Grande uma cidade plana e por isso propensa ao Turismo para os velhos; a terceira, por afirmar que o *conhecer coisas novas, andar, viajar, passear e conhecer outras pessoas faz um bem muito grande para a saúde dos idosos*.

Como mencionado acima, a segunda IC dá mais importância ao fato de os idosos terem muitas vezes problemas de saúde que dificultam a atividade turística, o que se deve ao preconceito ainda existente na sociedade com relação à velhice. Porém, segundo Ferrari (2007, p. 244), isso está mudando e a tendência hoje é “valorizar o velho, incentivando as potencialidades e habilidades individuais sem, contudo, descartar as perdas que ocorrem ao longo do processo de envelhecimento”, ou seja, apesar de enxergarmos as possibilidades dos idosos deve-se, assim como na IC 2, ter sempre presente a idéia de que eles necessitam, sim, de um tratamento diferenciado, desde que isso não seja feito de modo discriminatório.

Sendo assim, pode-se dizer que é verdadeira a afirmação de que as pessoas idosas possuem mais limitações do que as jovens para caminhar ou até para saírem de suas casas e se exporem a uma viagem, mesmo que por um curto período de tempo. Porém, essa é uma realidade que pode (e deve) ser contornada visando aos benefícios que a atividade turística é capaz de proporcionar aos velhos. De acordo com Fromer & Vieira (2004, p. 65), o Turismo pode ter um papel fundamental para os idosos, uma vez que, “longe de ser uma atividade passiva, de mera contemplação e de imposições de roteiros e horários, constitui

um instrumento ativo de conhecimento e participação social”. Para as autoras (*ibidem*) a atividade turística é ainda “um fenômeno propiciador de experiências distintas e contrastivas daquelas experimentadas no dia-a-dia”, a qual tem a possibilidade de ser “um veículo de autoconhecimento, de elevação da auto-estima e de realização pessoal”.

Feita a análise das questões 1 e 2 propostas para o primeiro grupo pesquisado – os membros da Secretaria de Turismo de Rio Grande – pode-se afirmar que ambas atingiram o seu objetivo, que era “identificar as inter-relações entre Turismo e Educação Ambiental existentes no Plano Turístico de Rio Grande e em seu roteiro dirigido às pessoas idosas”. A partir da primeira proposta, é concluído que no Plano esta relação aparece mais implicitamente e que é levado em consideração mais o aspecto da natureza propriamente dita. Já pela segunda questão, vêem-se muitos indícios de EA, mesmo que esses não sejam freqüentemente notados pelos entrevistados. Um exemplo bastante significativo é a preocupação com a saúde e qualidade de vida dos idosos, fato que por si só já pode ser considerado EA, uma vez que trabalha com uma parcela um tanto esquecida da população.

QUADRO Nº 5 – Conhecimento dos entrevistados a respeito da utilização pelos guias turísticos da proposta do roteiro dirigido à terceira idade

QUESTÃO 3: O Sr.(a) tem conhecimento se essa proposta vem sendo utilizada pelos guias turísticos da cidade? Por quê?	
Idéia Central – 1	Discurso do Sujeito Coletivo – 1
Pelos guias sim, porque eles participaram desde o início das discussões.	<i>Pelos guias turísticos sim, porque desde o início estiveram participando de todas as discussões. Foram uma daquelas instituições convidadas.</i>
Idéia Central – 2	Discurso do Sujeito Coletivo – 2
Os roteiros são um guia para mostrar o que a cidade oferece em termos turísticos.	<i>A expectativa dos 10 roteiros é mostrar um leque de variedades que o município pode oferecer. O nosso interesse, embora eles estejam formatados daquela forma, é de que eles despertem o interesse nas diversas modalidades, nos diversos segmentos que existem do turismo. Então na prática eles não são realizados um por um. Os guias estão dentro desse contexto de transmitir o conceito dos roteiros embora adaptando sempre para cada tipo de grupo. Porque às vezes, por exemplo, eu posso ter o roteiro número 1, mas vem um grupo que tem um interesse um pouco diferente e a gente adapta. Os roteiros não precisam ser exatamente como estão, existe flexibilidade. O mais importante para nós era mostrar ao grande público com potencial turístico que a cidade de Rio Grande possui esses atrativos, que há a possibilidade de fazer roteiros turísticos para a Melhor Idade na cidade de Rio Grande, certo?</i>
<i>Continua...</i>	

QUESTÃO 3: O Sr.(a) tem conhecimento se essa proposta vem sendo utilizada pelos guias turísticos da cidade? Por quê?	
Idéia Central – 3	Discurso do Sujeito Coletivo – 3
É necessário empenho da iniciativa privada. .	<i>Eu acho que a cidade tá realmente um pouco atrasada na comercialização por parte da iniciativa privada. Os roteiros são uma ferramenta. Nós fizemos e estamos colocando à disposição para que os guias e as agências receptivas possam oferecer de uma melhor maneira. O município consegue fazer a parte institucional: motivar, incentivar os agentes de turismo, montar os produtos, mas comercializar quem faz são as agências. Elas estão se preparando para comercializar isso, mas eu acho que eles estão com dificuldade, elas não têm ainda a condição como nós esperávamos.</i>

No Plano Turístico de Rio Grande são considerados três grandes setores de trabalho e, dentro de cada um, apresentados os programas, com seus objetivos e ações previstas a curto, médio e longo prazos. O setor chamado de “Produto e Infraestrutura” corresponde ao “Programa de Estruturação e Melhoria na Oferta Turística”, o qual compreende a elaboração dos 10 roteiros oficiais do município que, conforme Valente (2006), redator do Plano, foi um marco para a implementação do turismo em Rio Grande. Dentre tais roteiros se encontra o intitulado “Rio Grande Inesquecível para a Melhor Idade”, analisado nesta pesquisa.

Pelo conjunto das ICs acima fica claro o papel chave dos guias turísticos na construção e, obviamente, na realização de todos os roteiros propostos pelo Plano Turístico e, conseqüentemente, na atividade turística propriamente dita. O discurso da primeira IC diz que os guias *desde o início estiveram participando de todas as discussões*, sendo eles uma daquelas instituições convidadas a trabalhar na elaboração do documento, como foi visto na questão 1. Por esse motivo o sujeito coletivo dessa IC crê que os guias realizam, sim, o roteiro dirigido para os idosos.

Embora tal passeio seja praticado, a IC número 2 dá a idéia de que este, assim como qualquer outro, não tem uma proposta fixa e pode ser adaptado de acordo com as preferências dos grupos de visitantes. De acordo com o discurso em questão, o mais importante é *mostrar ao grande público com potencial turístico que a cidade de Rio Grande possui esses atrativos, que há a possibilidade de fazer roteiros turísticos para a Melhor Idade na cidade de Rio Grande*. Ainda segundo esse sujeito coletivo, os 10 roteiros são um *leque de variedades que o município pode oferecer*, cujo objetivo é de que *despertem o interesse nas diversas modalidades, nos diversos segmentos que existem do turismo*, isto é, não importa quais atividades irão ser feitas, mas que as pessoas de fato se deslocarão até Rio Grande para fazer Turismo.

A terceira e última IC aponta para a falta de capacidade da iniciativa privada para lidar com a atividade turística do município. Quando o discurso diz, por exemplo, *Elas [as agências de turismo receptivo] estão se preparando para comercializar isso, mas eu acho que eles estão com dificuldade, elas não têm ainda a condição como nós esperávamos*, explicita uma realidade bastante comum em localidades que buscam desenvolver o Turismo, que é a não existência de um comprometimento do setor privado para trabalhar com esse mercado em expansão. Inclusive, esse fato é mencionado por Valente (2006) no Plano, quando ele diz que o poder público está cumprindo a sua parte e que resta um apelo à iniciativa privada, da qual é esperada uma participação efetiva nos esforços em busca de um pleno desenvolvimento da atividade turística no município de Rio Grande.

A presente questão igualmente atinge seu objetivo, que é “verificar se o roteiro dirigido aos idosos sugerido pelo Plano é realizado pelos guias e a relação entre este e outros passeios alternativos”, uma vez que foi descoberto que o mecanismo de funcionamento dessas práticas é flexível e que os guias, embora não realizem integralmente o roteiro, o utilizam como base norteadora para o desenvolvimento de passeios que melhor atendam a demanda dos grupos.

QUADRO Nº 6 – Opinião dos membros da Secretaria a respeito do que deve ser feito para estimular o turismo na velhice

QUESTÃO 4: Em sua opinião, o que deve ser feito para estimular o turismo na velhice?	
Idéia Central – 1	Discurso do Sujeito Coletivo – 1
O Plano do Ministério do Turismo é uma medida excelente.	<i>Eu acho que esse plano do Ministério do Turismo que se criou é uma medida excelente e extremamente válida, porque é uma oportunidade à Melhor Idade.</i>
Idéia Central – 2	Discurso do Sujeito Coletivo – 2
Falta divulgação e marketing.	<i>Falta marketing, divulgação; e no caso específico de Rio Grande é uma das nossas metas.</i>
Idéia Central – 3	Discurso do Sujeito Coletivo – 3
Intercâmbio entre os grupos de terceira idade das cidades.	<i>Uma possibilidade seria através dos grupos da terceira idade de várias cidades se unirem. Fazer esse intercâmbio de maneira a levar a folheteria de Rio Grande, nós poderíamos passar a folheteria e haver um intercâmbio. Então esse intercâmbio através das próprias entidades locais de cada cidade seria interessante.</i>
Idéia Central – 4	Discurso do Sujeito Coletivo – 4
Os idosos possuem mais disponibilidade. Continua...	<i>Cada vez mais o ser humano vive mais tempo e, portanto, da sua aposentadoria até a sua morte vai um lapso de tempo para muitos trinta</i>

QUESTÃO 4: Em sua opinião, o que deve ser feito para estimular o turismo na velhice?	
	<i>anos e essas pessoas precisam ter alguma coisa para fazerem, né? A pessoa tem mais tempo, pode aproveitar a vida, né? É o momento adequado para usufruir das maravilhas da natureza, das maravilhas construídas pelo homem e dos nossos atrativos. Tecnicamente é um grupo que ta aposentado e que tem uma economia, não é? E já se foram aquelas necessidades de quando a gente é jovem, ta constituindo família, tem os filhos pra criar [...] não tem mais essas despesas. Então eles vão ter esses recursos para a sua manutenção e a preservação da sua saúde, mas também sobra recursos para o seu lazer.</i>
Idéia Central – 5	Discurso do Sujeito Coletivo – 5
Os idosos possuem um potencial econômico que pode resolver o problema da sazonalidade no turismo.	<i>O potencial econômico dos idosos é um grande trunfo que fará com que aqueles municípios de zonas turísticas mais consagradas, que têm uma evolução, que têm uma sustentação do turismo mais sazonal (em um certo período do ano) possam ter o turismo todo o ano.</i>

Assim como aconteceu na questão 2, nesta pode-se também fazer uma divisão das ICs em dois tópicos distintos: um que trata de medidas concretas a serem tomadas para estimular o Turismo na velhice; outro, que fala novamente das crenças do sujeito coletivo a respeito dos idosos. Dentro do primeiro grupo se encontram as ICs 1, 2 e 3; já no segundo, as de número 4 e 5. Começa-se a seguir pela análise das ICs 4 e 5, uma vez que o assunto que abordam foi discutido anteriormente, mesmo que com diferentes especificações.

Como já dito, a população mundial está cada vez mais velha devido a diferentes fatores que, direta ou indiretamente, a influenciam, tais como o avanço da tecnologia, aliado a uma taxa de nascimentos baixa e uma expectativa de vida alta. Isso faz com que o número de pessoas acima de 60 anos seja maior a cada ano e que, assim, aumente a procura e a oferta de atividades dirigidas a esse público. O discurso da IC 4 discorre exatamente sobre isso, quando diz que *cada vez mais o ser humano vive mais tempo e, portanto, da sua aposentadoria até a sua morte vai um lapso de tempo para muitos trinta anos e essas pessoas precisam ter alguma coisa para fazerem, né?*. Somando-se a isso a fala que diz que *se foram aquelas necessidades de quando a gente é jovem, tá constituindo família, tem os filhos pra criar* pode-se confirmar no imaginário do cotidiano a idéia de Ferrari (2007, p. 244) para quem

podemos constatar que os anos que constituem o período da velhice se iniciam cronologicamente com 60 ou mais, período em que as pessoas estão praticamente desobrigadas do trabalho remunerado ou de tarefas domésticas e sociais. O ingresso nesse período vem então acompanhado por um imenso

tempo livre, em que o fazer, que é uma necessidade humana, encontra-se bastante prejudicado, principalmente, entre outras causas, pela falta de preparação para vivenciá-lo.

Além disso, a IC número 4 ainda destaca o fato de as pessoas idosas possuírem recursos financeiros para a sua manutenção e não mais despesas com família como quando eram jovens, o que seria benéfico para o Turismo devido à sobra de renda para as suas atividades de lazer. Segundo Fromer & Vieira (2004, p. 13), o envelhecimento da população é “uma realidade que repercute em vários níveis da organização social, gerando, inclusive, impactos importantes sobre a economia do lazer e do turismo”, o que remete à IC 5: “Os idosos possuem um potencial econômico que pode resolver o problema da sazonalidade no turismo”.

A atividade turística lida, desde sempre, com um problema relacionado às popularmente chamadas “alta” e “baixa” temporadas, que nada mais são do que variações na demanda das localidades turísticas de acordo com as diferentes épocas do ano, ou seja, a sazonalidade do Turismo. Várias são as tentativas para amenizar esse efeito, desde a promoção de eventos até valores promocionais, tudo para manter as visitas acontecendo durante todo o ano. Porém, nos últimos tempos vem surgindo com força total uma alternativa até então pouco considerada: o Turismo para os idosos. Tal segmento turístico é visto como possível solução em função da disponibilidade de tempo dos idosos. É como diz o discurso da IC 5 e também as autoras Fromer & Vieira (2004, p. 68), que apontam essa faixa etária como capaz de, pelo menos, amenizar o problema, “já que esse segmento pode constituir um fluxo permanente nas baixas temporadas, garantindo as partidas em viagens organizadas, a taxa de ocupação da rede hoteleira e a utilização de equipamentos e serviços turístico e não turísticos durante todo o ano”.

No que diz respeito às atitudes a serem tomadas para estimular o Turismo para os idosos, o sujeito coletivo, por meio da IC 1, primeiramente fala com aprovação do projeto do Ministério do Turismo “Viaja Mais Melhor Idade”, que oferece pacotes turísticos especiais aos idosos e também descontos nos meios de hospedagem cadastrados. De acordo com o *site* oficial do programa, através dele as pessoas idosas podem “viajar mais pelo país, conhecer sua diversidade cultural e natural, sua gastronomia e sua gente. O “Viaja Mais Melhor Idade” promove a inclusão social do idosos, proporcionando-lhes a

oportunidade de viajar e usufruir dos benefícios da atividade turística, ao mesmo tempo em que fortalece o turismo interno”.

Na seqüência, aparecem as propostas que os discursos apontam como possíveis formas de fomento da prática da atividade turística pelos idosos. A IC número 2 diz que falta divulgação para esse público-alvo e que, no caso específico de Rio Grande, essa é uma das metas apontadas pelo Plano Turístico. Já a IC 3 sugere um intercâmbio entre os grupos de terceira idade das cidades, ou seja, a idéia é que através de um contato entre eles, haja a divulgação do município do qual é originário cada grupo, e, assim, o Turismo comece a ser uma possibilidade ou um objetivo para as pessoas envolvidas.

QUADRO Nº 7 – Opinião dos entrevistados sobre como o Turismo pode melhor contribuir para a conscientização ambiental e social dos idosos

QUESTÃO 5: Em sua opinião, como o Turismo pode melhor contribuir para a conscientização ambiental e social dos idosos?	
Idéia Central – 1	Discurso do Sujeito Coletivo – 1
O idoso possui mais consciência ambiental do que o jovem.	<i>Eu acho que o Turismo em termos de preservação ambiental ele proporciona para qualquer idade só que o idoso, eu entendo, já vem mais com uma visão de experiência de vida, né? Eu acho que o idoso já tem uma sensibilização muito forte para com questão ambiental justamente por causa dessa experiência de vida. Às vezes vem os jovens pra cá e colocam lixo no lago, correm por lá e passam com as motos por cima das dunas, a gente sabe que isso acontece. E acho que a terceira idade já tem uma experiência de vida muito enriquecida, muito grande, e eles são os primeiros, acho que já é um sentimento bem aflorado nisso.</i>
Idéia Central – 2	Discurso do Sujeito Coletivo – 2
O Turismo tem a capacidade de conscientizar ambientalmente as pessoas.	<i>Eu acredito que o Turismo tem essa capacidade, pode ser o desencadeador, o multiplicador dessas ações. A Educação Ambiental é cada vez mais forte dentro do Turismo numa intensidade diferente. E eu falo também a questão ambiental não só natural, porque a questão também de patrimônio e ambiente construído também é importante, né? Então eu acho que não dá pra separar as coisas.</i>
Idéia Central – 3	Discurso do Sujeito Coletivo – 3
Os roteiros podem acontecer como uma aula para reforçar a idéia de conscientização ambiental.	<i>Os roteiros podem acontecer quase como se fosse uma aula no próprio local com esse espírito de conscientização ambiental. Eu acho que isso ajudaria a fortalecer essa idéia.</i>
<i>Continua...</i>	

QUESTÃO 5: Em sua opinião, como o Turismo pode melhor contribuir para a conscientização ambiental e social dos idosos?	
Idéia Central – 4	Discurso do Sujeito Coletivo – 4
Se o guia turístico e os locais visitados tiverem a preocupação com o meio ambiente, isso vai ficar na lembrança das pessoas e elas vão passar adiante.	<i>Se os grupos tiverem assistência (e normalmente deveria ser assim, ter uma assistência de um guia de turismo) e nesse guia sempre houver ou nos locais onde eles vão freqüentar, vão visitar, tiver presente a preocupação do ecoturismo, do meio ambiente, certamente isso vai ficar marcado, isso vai ficar na retina, isso vai ficar na lembrança. Essas pessoas que começam a conviver com essas ações vão chegar nas suas casas, nos seus lares, nos seus meios ambiente, no local onde trabalham, vivem e reproduzir o mesmo.</i>

O primeiro fato que vem à tona a partir de uma análise preliminar de todas as ICs acima é que em nenhum momento o sujeito coletivo menciona a conscientização social, mesmo sendo ele diretamente questionado a respeito. Esse fato prova que, em geral, quando se fala em Turismo, a idéia que surge é a do contato com a natureza, ou até mesmo com componentes culturais de uma determinada localidade, mas dificilmente é feita uma relação com os problemas sociais. A possibilidade de a atividade turística ser capaz de conscientizar não só ambiental, mas também socialmente seus praticantes, é ainda pouco difundida e, assim, por muitos desacreditada. De acordo com Swarbrooke (2000), a dimensão social do Turismo tem recebido menos atenção do que o seu impacto ambiental, inclusive nas discussões a respeito do Turismo Sustentável. Para o autor, talvez seja assim porque “os impactos socioculturais do turismo geralmente ocorrem de maneira vagarosa e discreta com o passar do tempo. Eles são também em grande parte invisíveis e intangíveis”. Apesar disso, o mesmo alerta ao fato de que tal impacto social é, na maioria das vezes, permanente, “com pouca ou nenhuma oportunidade de reverter as mudanças uma vez corridas” (p. 109).

Já quando é realizada uma leitura mais minuciosa dos discursos, pode-se notar que somente a primeira IC discorre a respeito dos idosos, que são o segmento sobre o qual a pergunta busca informações. Essa idéia central diz que a atividade turística é fator de conscientização para qualquer idade, embora os velhos sejam mais sensíveis a essa influência devido à sua experiência de vida. Conforme esse discurso, *o idoso já tem uma sensibilização muito forte para com questão ambiental justamente por causa dessa experiência de vida.[...] e eles são os primeiros, acho que já é um sentimento bem aflorado nisso.* Sendo assim, é possível concluir que o sujeito coletivo acredita na atividade turística como uma grande facilitadora da conscientização do idoso, uma vez que esse já possui um

sentimento de pertencimento para com a natureza e que só necessita ser estimulado para que se manifeste mais ativamente.

Pode-se dizer que a idéia acima remete àquela apresentada pela IC 2, na medida em que ambas apontam o Turismo como capaz de despertar nas pessoas uma preocupação para com o meio ambiente. Para o sujeito coletivo da IC número 2 a atividade possui esta capacidade e pode ser a desencadeadora de ações de conservação. Swarbrooke (2000) compartilha dessa crença e deixa isso claro quando diz que o Turismo tem tornado as pessoas mais informadas a respeito do meio ambiente e que é benéfico, oferecendo uma motivação para a preservação do meio natural. Para ele (2000, p. 78), “sem o incentivo financeiro para essa conservação, representado pelo turismo, muitos órgãos do setor público provavelmente dariam menos atenção à proteção do meio ambiente natural”. Embora o mesmo também alerte para os perigos ambientais do Turismo, o aponta como uma possível força positiva, na medida em que pode

- motivar os governos a conservarem o meio natural e os animais selvagens devido a seus valores como recursos de turismo. Sem essa motivação, principalmente nos países emergentes, poderiam ocorrer ainda mais estragos ao meio ambiente e à vida selvagem causado pelo desenvolvimento industrial e residencial;
- despertar a consciência dos turistas quanto às questões ambientais e levá-los a participar de campanhas pela proteção ambiental com base no que aprenderam durante as férias;
- manter as regiões agrícolas viáveis mediante o oferecimento de uma renda extra vital para os agricultores, evitando, assim, que paisagens rurais cultivadas tornem-se regiões desérticas;
- proporcionar novos usos para construções abandonadas nas cidades e nas metrópoles valendo-se do desenvolvimento de novas atrações para os turistas. (SWARBROOKE, 2000, p. 83)

Passando à análise da terceira IC o único a mencionar é que ela indica os roteiros turísticos como instrumentos educadores ambientais, os quais *podem acontecer quase como se fosse uma aula no próprio local com esse espírito de conscientização ambiental*. Enquanto sobre a IC 4, tem-se a dizer que seu sujeito coletivo crê que o turista, se em contato com locais e guias turísticos comprometidos com a preservação do meio, irá absorver a idéia do cuidado ambiental e passá-la adiante no retorno ao seu lugar de origem. De acordo com o discurso, *essas pessoas que começam a conviver com essas ações vão*

chegar nas suas casas, nos seus lares, nos seus meios ambiente, no local onde trabalham, vivem e reproduzir o mesmo.

Finalmente, conclui-se que na questão número 4 foi alcançado com bastante pertinência o objetivo, que era “propor ações para estimular e ampliar o Turismo para as pessoas idosas considerando sua disponibilidade de tempo e potencial para participação em ações de lazer e cultura”, uma vez que a pergunta gera sugestões sobre de que forma o Turismo pode ser mais difundido entre os idosos. Quanto aos resultados da última questão, cujo objetivo é compartilhado com a anterior, sente-se falta de uma referência mais específica ao seu público-alvo, ou seja, os velhos, pois eles pouco foram mencionados nas respostas obtidas.

8 GRUPO 2: GUIAS TURÍSTICOS

Em um segundo momento, foram entrevistados os guias de turismo da Associação dos Guias de Rio Grande, que atuam em parceria com a Secretaria de Turismo do município. A presente amostra é formada por um total de cinco profissionais, os quais foram escolhidos devido à sua disponibilidade para participar da pesquisa e, também, ao seu trabalho junto aos grupos de terceira idade. Nesse caso, seis questões foram realizadas e organizadas a partir do método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (LEFÉVRE & LEFÉVRE, 2005), tal como ocorreu no grupo anterior. Sendo assim, na seqüência apresenta-se a análise dos questionamentos realizados para esse grupo.

QUADRO Nº 8 – Conhecimento dos guias turísticos sobre a existência de uma preocupação com a EA no Plano Turístico de Rio Grande

QUESTÃO 1: O Sr.(a) tem conhecimento se existe no Plano Turístico de Rio Grande uma preocupação com a Educação Ambiental? Por quê? Como isso é demonstrado?	
Idéia Central – 1	Discurso do Sujeito Coletivo – 1
Existe, mas nada específico. Está implícito.	<i>Não tem assim uma coisa específica, não tem. Eu acredito que até tenha algo, mas tá meio implícito. Existe dentro do Plano essa preocupação de mostrar a importância, ou melhor, de conscientizar as pessoas da importância da Educação Ambiental mostrando as belezas naturais e como isso se representa, né? Não tanto quanto se vê em outros lugares, mas há uma preocupação.</i>
Idéia Central – 2	Discurso do Sujeito Coletivo – 2
Ecoturismo e EA são distintos, mas se complementam.	<i>Ecoturismo e Educação Ambiental são coisas distintas, mas também uma faz parte da outra.</i>
<i>Continua...</i>	

QUESTÃO 1: O Sr.(a) tem conhecimento se existe no Plano Turístico de Rio Grande uma preocupação com a Educação Ambiental? Por quê? Como isso é demonstrado?	
Idéia Central – 3	Discurso do Sujeito Coletivo – 3
Todos os roteiros acompanhados por guias têm essa preocupação.	<i>Existe, inclusive nós guias já trabalhamos com isso. A gente sempre em todos os roteiros tem uma preocupação com o meio ambiente, né? Todos os planejamentos, todos esses roteiros turísticos, todos eles quando estão acompanhados de um guia, da associação pelo menos né, tem essa preocupação. A gente tenta passar para os nossos grupos, os grupos que a gente recebe, uma conscientização sobre a localização da cidade e a importância da preservação, principalmente nos lugares aonde se vai. Nós não temos conhecimento do Plano em si, mas sei que em todos os roteiros que foram feitos a gente sempre teve essa preocupação.</i>

A elaboração desta questão parte do princípio de que os guias da Associação, por estarem em constante contato com a Secretaria de Turismo e terem feito parte da elaboração dos roteiros turísticos como foi visto anteriormente, possuem um conhecimento ao menos superficial a respeito do Plano Turístico da cidade. Em alguns casos, tal situação não se confirmou como esperado, porém no geral foi possível obter discursos relevantes sobre o tema proposto pela pergunta.

A primeira IC mostra que o sujeito coletivo acredita na existência de uma preocupação com a Educação Ambiental no Plano Turístico, mesmo que essa temática não apareça explicitamente no documento. Tal percepção vem ao encontro de uma resposta dada pelo sujeito coletivo do grupo 1 (ver p. 45) a um questionamento bastante semelhante a esse, e que traz a idéia de que não existe um capítulo especial para a questão ambiental, sendo ela retratada assim como todos os outros aspectos: dentro do contexto.

No caso da IC número 2 pode-se observar que a mesma não apresenta dados concretos a respeito do assunto e sim uma percepção teórica sobre a relação da atividade turística com a EA. De acordo o discurso, *Ecoturismo e Educação Ambiental são coisas distintas, mas também uma faz parte da outra*, isto é, por mais que ambas as atividades caminhem individualmente, existe uma estreita ligação entre elas, que faz com que a primeira complemente a segunda e vice-versa. Porém, para Amâncio (2005, p. 74), deve-se sempre ter em mente que “a atividade ecoturística pode ser enquadrada como um espaço para a ação da educação ambiental não formal, mas o ecoturismo não se confunde com a educação ambiental, ele por si só não tem o cunho educativo, e sim, muito mais recreativo e de lazer”, embora indiretamente exerça tal função.

Como já discutido nesta pesquisa, a relação existente entre o ecoturismo e a EA é bastante profunda, uma vez que ambas possuem como foco a natureza e a sua preservação.

De acordo com Sansolo (2005, p. 10), “assim como o ecoturismo, a educação ambiental como um movimento, uma dinâmica, um fenômeno social, engloba diversas linhas de pensamento e tem em comum um eixo temático: a crise ambiental”. Sendo assim, tal associação deve ser valorizada e trabalhada para que possa coletivamente atingir o objetivo de cada atividade, que é a preservação do meio ambiente, já que, conforme o discurso da IC aqui discutida, *uma faz parte da outra*.

A terceira e última IC gerada pela presente questão diz haver sempre a preocupação com o meio ambiente em todos os roteiros realizados pelos guias de turismo da Associação. Segundo tal discurso, eles tentam passar ao visitante *uma conscientização sobre a localização da cidade e a importância da preservação*. Além disso, outro fato importante a ressaltar é a afirmação do não conhecimento do Plano Turístico em si por parte do sujeito coletivo, o que confirma a observação feita no primeiro parágrafo dessa análise, de que alguns guias não possuem o contato devido com o documento de planejamento do Turismo de Rio Grande.

QUADRO Nº 9 – Resposta dos entrevistados sobre quais atividades do roteiro dirigido aos idosos visam à conscientização do turista a respeito dos problemas sociais e ambientais

QUESTÃO 2: Quais atividades do roteiro dirigido às pessoas idosas sugerido no Plano visam à conscientização do turista a respeito dos atuais problemas sociais e ambientais? Por quê?	
Idéia Central – 1	Discurso do Sujeito Coletivo – 1
No roteiro dirigido para a Melhor Idade não tem nada.	<i>Não, não tem. Não tem mesmo.</i>
Idéia Central – 2	Discurso do Sujeito Coletivo – 2
Quando se comenta sobre os atrativos se busca a sensibilização do turista e também da comunidade para questões de EA.	<i>Eu acredito que dentro dos próprios atrativos que são oferecidos todas as atividades tendem a levar à sensibilidade não somente do turista, mas também do transeunte, da própria comunidade para essas questões de Educação Ambiental, da preocupação com o ambiente e da conscientização de que nós também somos terra né? Eu acredito que seja nesse sentido. É muito assim ó, tu vai comentar sobre um prédio e aí tu já podes aplicar alguma coisa sobre a conservação, sobre a importância da preservação não só do prédio, mas do entorno, da conservação da calçada como é importante e que as pessoas se preocupem e se vê alguma coisa juntar, não custa nada. Quando se faz o passeio de barco, por exemplo, nós estamos observando o meio ambiente e fazendo também com que as pessoas tanto da Ilha dos Marinheiros como de São José do Norte, como de qualquer outro lugar, estejam desenvolvendo também as suas atividades, não é? O barqueiro, por exemplo, então é uma parte social.</i>
Idéia Central – 3	Discurso do Sujeito Coletivo – 3
A gente pede para Continua...	<i>A gente pede para não colocar lixo, para não arrancar árvore, é esse tipo</i>

QUESTÃO 2: Quais atividades do roteiro dirigido às pessoas idosas sugerido no Plano visam à conscientização do turista a respeito dos atuais problemas sociais e ambientais? Por quê?	
não colocar lixo, não arrancar árvore, mas não tem nada maior que isso.	<i>de coisa que a gente consegue fazer. Agora não que tenha uma coisa maior do que isso. Não, não tem.</i>
Idéia Central – 4	Discurso do Sujeito Coletivo – 4
Há necessidade de preservar, porque senão não vai haver isso mais adiante.	<i>Eu acho que pelo menos aqui na Associação a gente tenta, porque a gente tem saída de campo, se vai no Taim, se vai em São José do Norte, se foi na Ilha dos Marinheiros. Então há uma necessidade de se preservar esse meio que a gente é [...] sustentável que a gente diz né? Que se não preservar não vai haver isso daí mais adiante. Eu acho que é uma ação pequena, mas sabe aquela coisa de grão em grão um dia se chega lá?</i>
Idéia Central – 5	Discurso do Sujeito Coletivo – 5
Peco por desconhecer esses roteiros.	<i>Nessa parte assim eu desconheço. Até na verdade eu peço um pouco por não conhecer muito o roteiro que é voltado pra melhor idade, né? Por isso aí eu não saberia te responder.</i>

Três das cinco ICs acima falam aquilo que já havia sido mencionado anteriormente pelos membros da Secretaria de Turismo quando perguntados sobre a inserção de ações de EA no roteiro dirigido aos idosos, isto é, que oficialmente não existe. Tal situação é enfática e diretamente apontada pela IC 1, a qual oferece como resposta a essa questão um curto e definitivo “não”, e comprovada mais sutilmente pelas ICs 2 e 3, que serão comentadas a seguir.

A IC número 2, “Quando se comenta sobre os atrativos se busca a sensibilização do turista e também da comunidade para questões de EA”, mostra que a questão da preservação socioambiental parte dos guias e da sua visão de que é necessário abordar o assunto durante suas rotas pela cidade, mas que isso não é algo previsto no roteiro que eles estão realizando. O sujeito coletivo tem a crença de que *dentro dos próprios atrativos que são oferecidos todas as atividades tendem a levar à sensibilização*, como em um passeio de barco ou na visitação de um prédio do centro histórico, por exemplo. O mesmo acontece na terceira IC, cujo discurso afirma que os guias pedem *para não colocar lixo, para não arrancar árvore*, mas que é somente *esse tipo de coisa que a gente consegue fazer*, que não há nada maior do que isso.

Diante desse cenário, é preciso ressaltar a necessidade de um cuidado para que não se caia na armadilha de presumir que todos os guias turísticos tenham o mesmo comprometimento e, conseqüentemente, acabe se negligenciando a necessidade de refletir e prever a forma mais adequada para trabalhar o conceito de EA dentro dos passeios turísticos. Segundo Ruschmann (2000, p. 76) os operadores turísticos, ou seja, as pessoas

responsáveis pela elaboração dos passeios, “têm a responsabilidade de elaborar roteiros ecologicamente adequados, e poderão utilizar guias e especialistas que orientarão os turistas durante as viagens”. Portanto, a responsabilidade principal dos guias é desenvolver aquilo que já foi planejado e não improvisar maneiras de conscientização ambiental durante a execução do seu trabalho.

Além do apontado acima, o discurso da IC 2 ainda traz duas contribuições bastante importantes para a discussão aqui proposta. A primeira diz respeito ao fato de a atividade turística lidar não somente com questões relacionadas à natureza, mas também à dimensão social da comunidade visitada; a segunda, por sua vez, diz respeito à idéia de que, de acordo com as palavras do próprio sujeito coletivo, *nós também somos terra*, isto é, o ser humano também é parte integrante do meio natural.

De acordo com Swarbrooke (2000, p. 123), “o turismo sustentável não pode existir se protegemos o meio ambiente, mas ignorarmos as necessidades sociais dos turistas e das comunidades locais”, já que as pessoas fazem parte do ambiente e suas atitudes o afetam diretamente. Sendo assim, para que a atividade turística seja o mais justa e sustentável possível, é essencial que se leve em consideração o sistema de relações humanas existentes durante o processo e os diferentes grupos sociais que o compõe, os quais são, segundo Beni (2001), os seguintes:

- os turistas;
- os trabalhadores em hotelaria, principalmente aqueles que migram para servir de mão-de-obra temporária e
- os autóctones, ou seja, a comunidade receptora.

Tendo em vista as particularidades de cada agrupamento acima e os impactos causados e sofridos por eles em decorrência de um Turismo mal planejado, cita-se aqui a proposta de implementação dos quatro “Es”, de John Swarbrooke (2000, p. 110), em busca de formas mais sustentáveis de Turismo. Para o autor, essa é uma forma de resumir a dimensão social da atividade turística.

- Equidade, assegurando que todos os que investem no turismo sejam tratados de forma justa;
- Equivalência de oportunidades, tanto para os que trabalham na indústria do turismo quanto para as pessoas que querem ser turistas;
- Ética, em outras palavras, a indústria do turismo agindo com honestidade em relação aos turistas e sendo ética na forma de lidar com seus fornecedores e,

igualmente, os governos destas localidades sendo éticos em relação à sua população local e aos turistas;

- Equivalência de parceria, isto é, os turistas tratando os que os servem como parceiros iguais e não como subalternos.

Finalmente, a IC 2 apresenta a idéia de que o ser humano é parte integrante da natureza e não um simples espectador ou dominador dela, uma vez que todos os recursos naturais por ele utilizados, e eventualmente devastados, acabam lhe faltando e, assim, afetando gravemente a sua própria existência. A relação que há entre homem e natureza é uma via de mão dupla, onde alterações em um dos lados refletem no outro, reciprocamente. Conforme Carvalho (2004) é um equívoco tratar esses dois planos como independentes e antagônicos entre si, pois a interação entre o mundo natural e o social é indissociável. Para a autora as condições de vida humana na terra e as marcas dessa presença na natureza são resultado de tal troca e “criam permanentemente, no mundo, novos cursos de vida, fluxos de comunicação e paisagens tanto naturais quanto culturais”. (p. 82)

Passando à análise da penúltima IC pode-se dizer que a mesma remete à idéia da sustentabilidade já no seu enunciado, que é “Há necessidade de preservar, porque senão não vai haver isso mais adiante”. Tal sentença muito se assemelha àquela tradicional definição de desenvolvimento sustentável da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (DMMAD) que está já enraizada no imaginário coletivo e diz que o “desenvolvimento que é capaz de garantir as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras atenderem às suas” (1988, p. 9). Embora este conceito seja atualmente contestado e, em muitos pontos, já tenha sido superado, funciona aqui para ilustrar bem a idéia de que sujeito coletivo da IC 4 crê que, fazendo a sua parte agora, mesmo que essa seja uma ação pequena, no futuro ainda será possível usufruir dos atrativos nos quais trabalha com fins turísticos.

Por fim, tem-se a dizer que a IC 5 apresenta-se como o caso mais claro de desconhecimento não só do Plano Turístico de Rio Grande em si, mas também do roteiro dirigido aos idosos. E fecha-se declarando que o objetivo das duas primeiras questões analisadas, “identificar as inter-relações entre Turismo e Educação Ambiental existentes no Plano Turístico de Rio Grande e em seu roteiro dirigido às pessoas idosas” foi atingido com bastante êxito.

QUADRO Nº 10 – Resposta dos guias quando perguntados se seguem o roteiro para os idosos sugerido pela Secretaria de Turismo

QUESTÃO 3: O Sr.(a) segue o roteiro para os idosos sugerido pela Secretaria de Turismo? Por quê?	
Idéia Central – 1	Discurso do Sujeito Coletivo – 1
Não, mas acho que é realizado.	<i>Acho que são realizados sim, é que não por mim. Não por mim. Eu desempenho um roteiro próprio, né? Às vezes até com o que eles vêm já planejados. Não sigo este roteiro aí.</i>
Idéia Central – 2	Discurso do Sujeito Coletivo – 2
O roteiro é adaptado de acordo com as preferências de cada grupo.	<i>O roteiro seria um ponto de partida, né? Seria a mola geradora que despertou o interesse das pessoas. Então essa questão dos roteiros tem que ser muito flexível, né? De repente um item ou um atrativo daquele roteiro não se enquadra para aquele momento, para aquele grupo, para aquela ocasião e então nós o flexibilizamos, o adaptamos para a expectativa do turista. Então seguir à risca um roteiro é complicado, não tem como né? Porque o nosso objetivo maior é o grupo. Então quando nós entramos em contato com eles vamos descobrir: O que é que eles querem? Que tipo de atividade eles querem? Que horário eles tem disponível? Se eles vão ficar na cidade ou não vão? Então nós organizamos de acordo com as preferências que eles têm. É combinado com eles, né?</i>
Idéia Central – 3	Discurso do Sujeito Coletivo – 3
O objetivo dos guias é orientar, acompanhar e dar informações, o pacote é feito pela agência.	<i>Não. É assim ó, aqueles roteiros foram feitos para serem comercializados pelas agências aqui da cidade que fazem o turismo receptivo. Nós somos guias de turismo e o guia é chamado pela agência. O nosso objetivo é de orientar, de acompanhar, de dar informações. Nós não temos acesso, por exemplo, a fazer o pacote, porque o pacote é da agência. Então eu não levo para um baile a não ser que tenha na cidade, esteja ocorrendo alguma coisa que a gente possa oferecer.</i>

O conjunto das ICs geradas a partir da presente questão mostra que os guias turísticos entrevistados não realizam o roteiro “Rio Grande Inesquecível para a Melhor Idade” tal como ele é sugerido pelo Plano Turístico e divulgado pela Secretaria de Turismo. Suas respostas vêm ao encontro da IC 2 da questão 3 (ver p. 55) feita aos membros da Secretaria, a qual enuncia que “Os roteiros são um guia para mostrar o que a cidade oferece em termos turísticos” e cujo discurso afirma que *A expectativa dos 10 roteiros é mostrar um leque de variedades que o município pode oferecer*, ou seja, tais roteiros funcionam única e exclusivamente como inspiração, tanto para os guias, como para os visitantes.

Seguindo essa linha de pensamento, tem-se a primeira IC, cujo sujeito coletivo acredita que o roteiro oficial seja praticado por seus colegas embora ele mesmo não o faça. De acordo com o seu discurso, ele desenvolve um roteiro próprio partindo daquilo que as pessoas que o procuram têm em mente. É categórico ao afirmar: *Não sigo este roteiro aí.*

No caso da IC 2, observa-se que essa é a que possui maiores semelhanças com a IC dos membros da Secretaria de Turismo citada acima, uma vez que já no seu enunciado, “O roteiro é adaptado de acordo com as preferências de cada grupo”, é possível confirmar a idéia de que os roteiros sugeridos são flexíveis e modificados a partir da vontade dos turistas. Em seu discurso o sujeito afirma que *O roteiro seria um ponto de partida, né? Seria a mola geradora que despertou o interesse das pessoas. Então essa questão dos roteiros tem que ser muito flexível, né?*, o que esclarece a questão já levantada de que os 10 roteiros foram realmente elaborados com o objetivo de despertar o interesse das pessoas e, a partir daí, guiarem os envolvidos ao desenvolvimento de um passeio mais personalizado. O sujeito coletivo deixa bem claro que *seguir à risca um roteiro é complicado*, porque seu foco é o grupo e, sendo assim, os passeios são organizados *de acordo com as preferências que eles têm*.

Já a terceira e última IC, além de reforçar a idéia de que os roteiros não são realizados na íntegra pelos guias turísticos ao dizer em seu discurso que *O nosso objetivo é de orientar, de acompanhar, de dar informações. Nós não temos acesso, por exemplo, a fazer o pacote*, refere-se ao importante papel das agências de turismo receptivo dentro desse processo. Novamente, esse é um fator ao qual já havia sido feita referência por parte do grupo amostral anterior (p. 53) e que é agora confirmado pela fala dos guias. Segundo consta, *aqueles roteiros foram feitos para serem comercializados pelas agências aqui da cidade que fazem o turismo receptivo*.

QUADRO Nº 11 – Resposta dos entrevistados sobre que outro tipo de roteiro turístico é realizado em Rio Grande com os idosos

QUESTÃO 4: Que outro tipo de roteiro turístico é realizado na cidade com esta parcela da população?	
Idéia Central – 1	Discurso do Sujeito Coletivo – 1
Existe um cuidado especial com os idosos devido às suas limitações físicas.	<i>O roteiro que se faz com idosos é o mesmo roteiro que se faz com escolas. Qual a diferença? A gente vai dar mais tempo para o idoso, a gente dá aquele tempo porque tem aquele que tá caminhando de bengala, porque tem aquele que vai demorar a subir escada, mas o roteiro é semelhante. Ele é muito igual ao outros roteiros, só o que vai diferenciar é isso, é o tempo e acho que tem mais museus. Geralmente se oferece um roteiro no centro histórico, né? Dependendo do grupo; se ele pode caminhar, se ele tem essa disponibilidade; a gente faz um roteiro no centro histórico na Praça Xavier Ferreira. E se ele não tem essa disponibilidade então a gente faz esse mesmo roteiro em torno da Praça, mas na condução que eles vêm e aí desce só na igreja, por exemplo, porque a igreja tem a possibilidade de eles ficarem</i>
<i>Continua...</i>	

QUESTÃO 4: Que outro tipo de roteiro turístico é realizado na cidade com esta parcela da população?	
	<i>sentados, entende? Ali a gente tem mais condições de falar não só da igreja, mas um pouco da história de Rio Grande e eles estão sentados. Então a terceira idade faz muito panorâmico na cidade, porque tem muitas pessoas que não podem tá caminhando entre todos aqueles prédios. Aí se vai ao Museu Oceanográfico, que tem acesso para descer. E se eles têm condições de fazer a travessia para o Eco-Museu, se leva para o Eco-Museu; se eles não têm essas condições a gente permanece só ali no Museu Oceanográfico na parte central, entendeu? Vamos até os Molhes da Barra, fazemos toda a área portuária. Se houver disponibilidade de tempo se leva na parte do Porto Novo porque lá tem uma sala onde eles também ficam sentados, entendeu? A gente conduz até São José do Norte para almoço principalmente, não é? Que é uma coisa que é bastante oferecida, mas tem que se saber se eles estão dispostos a fazer a travessia, se é um grupo que pode fazer essa travessia. Lá tem uma pequena caminhada até o restaurante, então a gente tem que saber se eles têm essas condições. Temos todo um cuidado com o turista idoso porque sabemos que ele pode não caminhar, entende? Tem uns que não têm problema nenhum, mas tem outros que têm. Então nós temos todo esse cuidado.</i>
Idéia Central – 2	Discurso do Sujeito Coletivo – 2
Com base nos 10 roteiros se pega um pouco de cada um e se monta um roteiro diferenciado.	<i>Nós pegamos um pouco do roteiro religioso, pegamos um pouco do eco, do esportivo (terceira idade também quer esportivo né?), pegamos compras, né? Então nós podemos, se pegarmos como base os 10 roteiros, pegar um pouco de cada um e montar um roteiro totalmente diferenciado.</i>
Idéia Central – 3	Discurso do Sujeito Coletivo – 3
Trabalho com roteiros que o grupo traz pronto.	<i>Eu trabalho já os roteiros específicos que eles já vêm com os roteiros.</i>
Idéia Central – 4	Discurso do Sujeito Coletivo – 4
Tento colocar a questão cultural e São José do Norte e o Porto para trabalhar o meio ambiente.	<i>Tento colocar o máximo possível dessa questão cultural, visitação de museus, de igrejas, fazer os passeios às vezes até pra São José do Norte que a gente trabalha um pouco do ambiente ou visitando o Porto também a gente ressalta bem essa parte aí.</i>

A IC 1, “Existe um cuidado especial com os idosos devido às suas limitações físicas”, se diferencia das outras três que aqui aparecem por ser a única que professa as crenças do sujeito coletivo a respeito da velhice. Nessa IC, é enfatizado o fato de o idoso, por vezes, apresentar dificuldades físicas, as quais limitam a sua capacidade de caminhar longas distâncias ou até mesmo permanecer de pé por um período mais prolongado. Seu discurso diz ser o roteiro feito com turistas idosos bastante semelhante àquele realizado com escolas, por exemplo, sendo que, segundo ele, a principal diferença é que *A gente vai*

dar mais tempo para o idoso, a gente dá aquele tempo porque tem aquele que tá caminhando de bengala, porque tem aquele que vai demorar a subir escada, mas o roteiro é semelhante. Tal aproximação é benéfica, uma vez que não faz distinção preconceituosa entre os públicos de turistas e trata os idosos com o devido respeito e consideração, porém deve-se ter sempre em mente que o cuidado para com os velhos é, sim, muito necessário. É como dizem Fromer & Vieira (2004, p. 11-12), “a terceira idade exige uma oferta compatível com sua disponibilidade de tempo e recursos, além de um tratamento diferenciado que satisfaça suas necessidades, expectativas e que também se adeqüe às suas limitações”.

As autoras citadas acima ressaltam a necessidade de a oferta dirigida aos idosos se fundamentar em dados sobre a realidade e as características desse grupo, para que o segmento se desenvolva satisfatoriamente. Segundo elas (*ibidem*, p. 82-83), tais fatores são os seguintes:

- “a terceira idade deve ser vista sem concessões ou beneplácitos, como um segmento participante e atuante do mercado turístico”;
- “promover palestras sobre os locais a serem visitados [...] os clientes da terceira idade são mais críticos e exigentes no que se refere à qualidade dos produtos que adquirem. É importante frisar que esses turistas jamais podem ser infantilizados”;
- “oferecer atividades físicas durante a viagem, resguardando a disposição de participação de cada um e idiosincrasias”;
- “estimular a vivência de novas experiências” e
- “valorizar a individualidade”.

Finalizando, Fromer & Vieira (*ibidem*) também apontam que: devem ser evitadas a imposição de programações preestabelecidas; o planejamento deve prever supervisão médica e nutricional; não se deve segregar a oferta dirigindo-a somente para a terceira idade; não se deve condicionar a oferta turística para os idosos à baixa temporada; e deve haver um aprimoramento da forma de comunicação do mercado com a terceira idade conferindo-lhe o mesmo tratamento dispensado aos outros segmentos.

A primeira IC ainda enumera os atrativos que geralmente compõem um passeio realizado com os grupos de idosos em Rio Grande. São eles: a Praça Xavier Ferreira, as igrejas do centro histórico da cidade, o Museu Oceanográfico, o Eco-Museu, os Molhes da Barra, o Porto Novo e o município de São José do Norte, principalmente para almoço.

Na seqüência, as ICs 2, 3 e 4 apresentam outras bases para a elaboração dos roteiros dirigidos aos idosos. Segundo o sujeito coletivo da IC 2 *se pegarmos como base os 10 roteiros, pegar um pouco de cada um, é possível montar um roteiro totalmente diferenciado*. Já o discurso da IC 3 diz trabalhar com roteiros já prontos solicitados pelos próprios turistas. Enquanto a IC 4 atribui à visitação de museus e igrejas e ao passeio à São José do Norte e ao Porto a formação de um roteiro cultural e ambiental.

Concluída a análise das duas últimas questões apresenta-se a meta comum a elas, “verificar se o roteiro dirigido aos idosos sugerido pelo Plano é realizado pelos guias e a relação entre este e outros passeios alternativos”, e diz-se ter sido a mesma atingida já que foi descoberto que o roteiro proposto pela Secretaria de Turismo não é realizado na íntegra pelos guias turísticos e, também, que o mesmo serve de inspiração para a elaboração dos passeios que são praticados.

QUADRO Nº 12 – Opinião dos guias a respeito do que deve ser feito para estimular o turismo na velhice

QUESTÃO 5: Em sua opinião, o que deve ser feito para estimular o turismo na velhice?	
Idéia Central – 1	Discurso do Sujeito Coletivo – 1
Grupos de terceira idade estimulam o turismo.	<i>O que eu acho que é muito importante para a pessoa idosa é participar de alguns grupos, porque o grupo é que vai fazer esse idoso viajar. Nós não podemos bater na porta do idoso, nós os guias de turismo. Mas se esse idoso participa de um grupo com certeza ele vai ser incentivado a passear. O pessoal desses grupos de idosos aqui em Rio Grande já está viajando bastante, eu acho. De repente um encontro de grupos de melhor idade ou alguma coisa nesse sentido estimularia o turismo para essas pessoas. A gente inclusive já ofereceu um tour em Rio Grande para os grupos de terceira idade. Porque já que eles gostam de conhecer outros lugares eles têm que conhecer a cidade deles primeiro. Então se fez tour gratuito pela Secretaria, se fez um roteiro que era ali no centro histórico na volta da praça até porque não se tinha ônibus.</i>
Idéia Central – 2	Discurso do Sujeito Coletivo – 2
A pessoa idosa deve ser estimulada como um todo, o turismo é somente uma das possibilidades.	<i>Eu iria um pouco além do estímulo ao turismo, eu iria na pessoa em si, né? Para tirar aquele estigma de que na velhice tudo acabou e que tem que ficar sentado em casa esperando a morte chegar, né? Então, em primeiro lugar eu tentaria conscientizar o quê? Que não existe idade para ser feliz, que não existe idade para se continuar vivendo, que não existe idade para continuar sendo jovem (não fisicamente né, mas espiritualmente também) e eu conscientizaria aquela pessoa, tentaria motivar aquela pessoa para ver o valor que ela tem dentro dela e que ela ainda tem muito para viver, que a vida dela só vai terminar quando realmente ela morrer, né? Feito essa conscientização, aberta essa janela para o interior desse público, eu entraria com o turismo como uma forma de vivenciar essas belezas da vida, essas coisas boas da vida, né? O</i>
<i>Continua...</i>	

QUESTÃO 5: Em sua opinião, o que deve ser feito para estimular o turismo na velhice?	
	<i>turismo seria apenas um dos leques, né?</i>
Idéia Central – 3	Discurso do Sujeito Coletivo – 3
Precisa ter infraestrutura para receber as pessoas idosas.	<i>Eu acho que o que pode ser feito é proporcionar ao pessoal que chega uma melhor estrutura. Porque vai depender assim da locomoção. Eles precisam de um ônibus, de hotéis que tenham elevador, o restaurante vai se programar um que tenha rampa, né? Eu acho que tem como propiciar isso para essa parcela da população.</i>
Idéia Central – 4	Discurso do Sujeito Coletivo – 4
Tem que estimular e divulgar mais os lugares e os acessos.	<i>Eu acho que tem que é incentivar. Às vezes até a família. E também ser um pouquinho mais divulgado que dá para sair, não precisa ficar em casa. Divulgar mais os lugares e também os acessos: “Olha o prédio tal tem rampa, dá pra ir”.</i>
Idéia Central – 5	Discurso do Sujeito Coletivo – 5
Falta mais diversão, algo com que os idosos possam se divertir.	<i>Eu acredito que o que falte mais especificamente para eles é essa parte mais de diversão mesmo assim, né? Que a gente possa promover ou que algum clube ofereça alguma coisa para que eles possam se divertir nesse sentido assim de dança mesmo que é o que eles costumam pedir. Quando eles fazem pernoite eles costumam perguntar se tem algum lugar para que eles possam ir dançar ou fazer uma brincadeira ou até um próprio bingo assim, alguma coisa que eles possam se divertir com o grupo deles junto.</i>

A primeira idéia central que aqui aparece é, tal como aconteceu na questão anterior, muito semelhante à resposta dada pelos membros da Secretaria de Turismo quando perguntados sobre o mesmo tema, já que ambos mencionam a importância dos grupos de terceira idade para estimular a atividade turística. Enquanto os primeiros pensam em um intercâmbio entre os agrupamentos das diferentes cidades com o objetivo de divulgação, os segundos acreditam que o simples fato de os idosos participarem das reuniões e atividades promovidas já faz com que eles sejam impelidos à prática turística, e os guias acabam sugerindo um encontro dos grupos de terceira idade. Tal idéia é de certa forma comprovada por Ferrari (2007, p. 249), que apesar de não falar em Turismo acredita que os grupos de idosos são responsáveis diretos pelo bem estar de cada um de seus participantes. Para a autora, esses grupamentos levam os velhos a “se modificar, criar novos valores, novas maneiras de pensar, de sentir e de agir, e facilitam as modificações e transformações das relações sociais que continuamente vão se enriquecendo”, o que confirma o discurso da IC 1 de que *é muito importante para a pessoa idosa é participar de alguns grupos, porque o grupo é que vai fazer esse idoso viajar.*

Já a IC 2 apresenta algo bastante diferente, uma vez que, ao invés de se ater ao estímulo do Turismo, abre os horizontes e fala em um incentivo geral para as pessoas idosas, sendo a atividade turística somente um desses vetores. Para o sujeito coletivo

primeiramente é necessário *tirar aquele estigma de que na velhice tudo acabou e que tem que ficar sentado em casa esperando a morte chegar* e, assim, *motivar aquela pessoa para ver o valor que ela tem dentro dela e que ela ainda tem muito para viver, que a vida dela só vai terminar quando realmente ela morrer*. Só então é que entra em cena o Turismo, como uma das formas de vivenciar as belezas e as coisas boas da vida. Sendo assim, também se pode citar aqui Ferrari (2007, p. 248), para quem a velhice é “uma época que pode ser caracterizada como um período de aproveitamento para realização pessoal de investimento em si próprio” e que diz ser o lazer o “mais diverso e extenso conjunto de atividades para essa faixa etária” (*ibidem*).

Seguindo em frente com a análise têm-se três ICs que trazem soluções práticas para melhorar o desenvolvimento do Turismo para os idosos em Rio Grande. A IC 3 diz que é necessário uma melhor estrutura para receber bem esse público. Já a IC 4 menciona o fato de faltar estímulo até mesmo da família nesse sentido, e por isso devem ser mais divulgados não só os locais, mas também os acessos dos atrativos. E, por fim, a IC 5 aponta a falta de atividades de entretenimento, como dança ou bingo, nos roteiros oferecidos.

QUADRO Nº 13 – Opinião dos entrevistados sobre como o Turismo pode melhor contribuir para a conscientização ambiental e social dos idosos

QUESTÃO 6: Em sua opinião, como o Turismo pode melhor contribuir para a conscientização ambiental e social dos idosos?	
Idéia Central – 1	Discurso do Sujeito Coletivo – 1
O turista sempre vai aprender algo.	<i>Eu acho que se o turista não toma consciência de imediato, aquilo ali quando ele ouvir novamente já não é uma novidade. Então eu acho que independente da idade eles vão aprender sempre, né? O que eles não souberem eles vão aprender. Tanto a criança como o idoso sempre vai fazer isso e vai passar aquilo adiante, né?</i>
Idéia Central – 2	Discurso do Sujeito Coletivo – 2
Através do guia de turismo devem ser desenvolvidos roteiros que tenham uma visão ambiental e social.	<i>Eu acredito que o Turismo na visão atual já está caminhando para isso. Os roteiros já são adequados, não só pra a Melhor Idade como para qualquer outra idade, visando o meio ambiente, visando os passeios que se pode fazer, não é? Eu acho que nessas recepções que se faz com eles, precisa já no passeio mostrar a necessidade daquilo que a gente passa batido, que às vezes não chama muito atenção e que em um desses passeios mais detalhados tu tem como ir mostrando. Pode ser também cuidado nos hotéis e não atirando lixo para fora do ônibus, porque afinal de contas tu vai para uma outra cidade e essa outra cidade tá te recebendo e não pode ser atirando lixo na rua, né? Por isso o guia de turismo é uma peça chave dentro do Turismo. Sem ele fica difícil desenvolver Turismo em</i>
<i>Continua...</i>	

QUESTÃO 6: Em sua opinião, como o Turismo pode melhor contribuir para a conscientização ambiental e social dos idosos?	
	<i>algum lugar, tá? Então o guia de turismo que é bem trabalhado, que fez curso, que se aperfeiçoa, que anda atrás, com certeza vai desenvolver os roteiros muito melhor dentro desta visão não só de meio ambiente como social. Conforme o grupo que vem a gente acaba ressaltando para um lado. Porque aí eles têm curiosidade, eles fazem perguntas. Nós temos toda uma área aqui bem na beira ali do Saco da Mangueira ali que eles perguntam por que tem todo aquele pessoal. Geralmente o pessoal que vem da serra que vem de fora. Por que tem aquele pessoal meio que favelado ali, como é que se cuida, como é que é cuidado o esgoto da cidade. Depende muito do grupo que vem. Aí a gente vai ressaltando para as curiosidades e para as perguntas deles, né? Vamos nos enfocando para esses lados assim.</i>
Idéia Central – 3	Discurso do Sujeito Coletivo – 3
O Turismo tem um cunho social.	<i>Levando esses grupos para determinados locais onde eles possam observar diferentes culturas, diferentes tradições, diferentes maneiras de se viver, diferentes maneiras de se comportar e vendo esse conjunto que seria o social do local né, eu acho que as pessoas aprendem que a realidade social delas não é única, não é? Mas que há uma diversidade social e a partir dali ela pode se sentir tocada a repensar sua atividade social enquanto cidadão e também repensar a atividade social, a realidade social de outros grupos através da diversidade.</i>
Idéia Central – 4	Discurso do Sujeito Coletivo – 4
O Turismo é uma poderosa ferramenta de educação.	<i>Eu acredito que o Turismo seja uma das principais ferramentas de educação, porque junta no caso a educação e ao mesmo tempo a recreação, o lazer. Então, é uma forma prazerosa de se aprender. É uma das principais ferramentas educativas para que as pessoas in lócus possam sentir-se tocadas para essa questão de preservação. Ele também é um facilitador de conscientização, porque as pessoas sentindo o atrativo natural em que estão naquele momento e sendo despertadas para a beleza daquele local, sendo despertadas para enxergar o além da beleza natural, todo o ecossistema envolvido e a partir dali o Turismo então torna-se um facilitador para que a pessoa realmente pense: “Puxa vida, isso aqui é tão bonito”. E fazer com que ela se sinta parte daquilo ali também, porque ela é também natureza, ela também é terra, né? E então nós somos um integrante do meio ambiente. Às vezes nós colocamos que nós estamos fora desse ambiente, mas nós também somos o ambiente, esse meio ambiente né?</i>

É possível dividir as ICs geradas por essa última questão em dois grupos, tal como já foi feito anteriormente. O primeiro conjunto trata do Turismo como ferramenta de educação, enquanto o segundo fala mais especificamente das questões social e ambiental da atividade.

As ICs 1 e 4, respectivamente “O turista sempre vai aprender algo” e “O Turismo é uma poderosa ferramenta de educação”, compõem o primeiro agrupamento e são bastante semelhantes quando defendem que a atividade turística possui capacidade educativa. De acordo com a IC 1, por exemplo, *se o turista não toma consciência de*

imediate, aquilo ali quando ele ouvir novamente já não é uma novidade, e assim que ele voltar ao seu lugar de origem vai passar adiante tudo que foi falado ou praticado durante a sua viagem. Tal situação é enfatizada por Ruschmann (2000, p. 75) quando a autora diz que a educação para o turismo ambiental “deverá ser desenvolvida por meio de programas não formais, chamando o ‘cidadão-turista’ a uma participação consciente na proteção do meio ambiente não apenas durante suas férias, mas também no cotidiano, no local de residência permanente”.

Somando-se a isso, o discurso da IC 4 diz acreditar ser a atividade turística uma das principais ferramentas de educação, pois soma o aprendizado ao lazer, sendo então *uma forma prazerosa de se aprender*. Além disso, o sujeito coletivo vê o Turismo como um *facilitador de conscientização*, uma vez que faz com que as pessoas se sintam parte integrante do meio ambiente. Nota-se que tal idéia é uma repetição daquela sustentada anteriormente pela IC 2 da segunda questão (p. 64) de que *nós somos terra*, isto é, os seres humanos também fazem parte da natureza.

O segundo grupo aqui formado engloba as ICs número 2 e 3, “Através do guia de turismo devem ser desenvolvidos roteiros que tenham uma visão ambiental e social” e “O Turismo tem um cunho social”, e aponta para a necessidade de o Turismo possuir um enfoque tanto ambiental quanto social, sendo o último mencionado por ambas as ICs.

A IC 2 dá um enfoque maior à importância do guia de turismo para o desenvolvimento de uma prática turística que leve em consideração todos os aspectos que a envolvem. Já a terceira IC traz mais especificamente a idéia de que o conflito de realidades que ocorre com o Turismo é benéfico, uma vez que *as pessoas aprendem que a realidade social delas não é única* e, assim, passam a respeitar outras culturas e classes. Além disso, esse sujeito coletivo acredita que as pessoas que têm essa experiência repensam a sua atividade social e também *a realidade social de outros grupos através da diversidade*. Tal fato vem ao encontro à idéia de Swarbrooke (2000) que defende a necessidade de uma maior ênfase à dimensão social do Turismo não só quanto aos seus impactos socioculturais, mas também em termos de equidade social.

Por fim, conclui-se que o objetivo das duas últimas questões, “propor ações para estimular e ampliar o turismo para as pessoas idosas considerando sua disponibilidade de tempo e potencial para participação em ações de lazer e cultura” foi atingido, já que a pergunta número 5 apresentou propostas concretas de como estimular o turismo na velhice e a 6 discorreu a respeito de situações que ocorrem com a prática turística.

9 GRUPO 3: TURISTAS IDOSOS

Finalmente, foram ouvidas pessoas idosas, as quais participaram de passeios turísticos promovidos pela Prefeitura de Rio Grande. Na ocasião da pesquisa não havia previsão para a visita de grupos de terceira idade provenientes de outras localidades. Como a intenção da investigação era obter informações a respeito dos roteiros, o objetivo não seria afetado se fossem entrevistados membros de grupos de idosos locais, que realizaram passeios turísticos na cidade. Por esse motivo, a amostra ficou composta por essas pessoas idosas que participam dos grupos de terceira idade vinculados à Prefeitura e que realizaram roteiros promovidos pela Associação de Guias da cidade. São quatro os grupos em questão, divididos por região: Hidráulica, Parque Marinha, zona rural da Quinta e 4ª Secção da Barra; sendo que todos estão representados por pelo menos um membro em um total de sete integrantes da amostra.

Quatro perguntas foram feitas aos idosos, as quais se apresentam tal como o padrão adotado nesse estudo, analisadas na seqüência tendo como referência a metodologia de Lefèvre & Lefèvre (2005) do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

QUADRO Nº 14 – Resposta dos idosos quando perguntados qual passeio fez e quais atividades foram realizadas durante o mesmo

QUESTÃO 1: Que passeio o Sr.(a) fez e quais atividades foram realizadas durante o mesmo?	
Idéia Central – 1	Discurso do Sujeito Coletivo – 1
Fomos a diversos lugares.	<i>Para vários lugares já fomos. Aqui bem pertinho da cidade nós temos a Lagoa Verde, que é pegadinho do Centro Português quem vai para o Cassino. Lindíssimo. Passamos um dia muito bom. E o pesqueiro é lá para o lado do Povo Novo, também foi um lugar muito lindo que nós fizemos. Fomos no Museu Oceanográfico, na Ilha da Pólvora. Adorei né? Mesmo sendo de Rio Grande eu não conhecia ainda, né? Fomos também na Ilha dos Marinheiros, muito bonito o lugar, né? E fomos também na 5ª Secção da Barra, no farol. Fizemos a passagem na Quitéria e a Festa do Mar e fomos no Parque das Pedras, no Cassino e na cascatinha.</i>
Idéia Central – 2	Discurso do Sujeito Coletivo – 2
Fizemos atividades diversas. Continua...	<i>A gente passeia, conhece e passa o dia né? Faz também uma educação física assim, né? A gente joga bola, brinca, dança, pula corda. E fizemos churrasco, né? Fizemos também trilha, fomos a um lugar aí também que eu não recordo o nome e a gente fez muitas atividades ali e tinha umas trilhas, a gente fez trilha.</i>

QUESTÃO 1: Que passeio o Sr.(a) fez e quais atividades foram realizadas durante o mesmo?	
Idéia Central – 3	Discurso do Sujeito Coletivo – 3
Os passeios são sempre válidos.	<i>Sempre os passeios são válidos. São excursões muito boas. Vale a pena. A gente aprende sempre em cada um. É bom a gente conhecer assim esses lugares e ainda mais assim, além dos passeios a amizade que a gente faz, né? É um círculo de amizades assim muito bom, né? É uma família, eu digo que é a minha segunda família. Além disso, para nós é muito proveitoso porque além de o nosso pessoal sair um pouco daquela rotina do dia-a-dia, a gente não fica naquele ócio, aquele fechamento em casa. Então essas atividades que são desenvolvidas pela nossa coordenação são realmente muito interessantes para o pessoal. Nós notamos o pessoal sente aquela expectativa da chegada da nova semana pra fazer novos passeios.</i>
Idéia Central – 4	Discurso do Sujeito Coletivo – 4
Fomos a locais de contemplação para ver coisas ligadas à natureza.	<i>Fomos a locais assim de passeios digamos para contemplação, como é que é feito o tratamento digamos de qualquer benefício para a natureza.</i>

A primeira IC gerada pela presente questão explicita exatamente os locais que os idosos visitaram durante seus passeios turísticos pela cidade de Rio Grande. O sujeito coletivo diz que esteve em diversos lugares, tais como a Lagoa Verde, o Museu Oceanográfico, a Ilha da Pólvora, a Ilha dos Marinheiros, o farol da 5ª Secção da Barra, etc. Alguns desses pontos são previstos para visitação pelo roteiro “Rio Grande Inesquecível para a Melhor Idade” (anexo 1), porém muitos daqueles bastante elogiados pelos idosos não fazem parte do itinerário. Um exemplo é a Lagoa Verde, que  , segundo o sujeito coletivo, *Lindíssimo. Passamos um dia muito bom.*

Outro aspecto a ser comentado a respeito da IC 1 é o fato de não serem mencionados pelos idosos os pontos de visitação mais tradicionais quando se trata de turismo para a terceira idade, ou seja, igrejas e monumentos históricos em geral. Tais atrativos são um dos focos principais do roteiro sugerido pelo Plano Turístico, ocupando um dia inteiro de passeio e um possível dia adicional. Sendo assim, acredita-se que, talvez, pode não ter sido dada a devida ênfase a essa parte do roteiro pelos turistas por serem eles residentes da cidade, ou, até mesmo, pode-se considerar que os idosos possuem preferência por locais onde há um maior contato com a natureza e que os permitam desfrutar de atividades mais dinâmicas.

Já a segunda IC traz especificamente as atividades praticadas durante esses passeios. De acordo com o discurso do sujeito coletivo as mesmas são diversas e *a gente passeia, conhece e passa o dia n ?.* Essas incluem educação física, quando *a gente joga*

bola, brinca, dança, pula corda, além de churrascos e trilhas. Nota-se que aqui novamente é conferida especial ênfase às atividades relacionadas ao ar livre e ao movimento, como o caso do dançar, do jogar bola, etc. Levando em consideração que segundo Cortelletti & Casara (2007, p. 35) as mudanças e restrições da idade madura e da velhice não impossibilitam o exercício físico, mas pelo contrário “ajudam a prevenir doenças e a diminuir efeitos nocivos do sedentarismo, fazendo com que corpo e mente evoluam à medida que o tempo passa, de forma harmônica e construtiva, respeitando a individualidade física, histórica e emocional de cada ser”, é possível entender o porquê da preferência dos idosos por esse tipo de atividade, já que elas fazem com que o idoso sintasse mais disposto para seguir com a sua vida diária.

Na seqüência, a IC de número 3, “Os passeios são sempre válidos”, apresenta a idéia de que toda e qualquer prática que tire o idoso da sua rotina e tenha como premissa básica o seu convívio com outras pessoas é benéfica ao seu bem-estar. Cortelletti & Casara (2007) dizem que sendo o humano um ser social, ele é resultante da interação de seus componentes biofisiológicos e socioculturais, ou seja, deve exercitar ambos o seu corpo e a sua mente, para que se sinta pleno e saudável. Tal situação é também mencionada pelo presente DSC, quando fala que *é um círculo de amizades assim muito bom, né? É uma família, eu digo que é a minha segunda família. Além disso, para nós é muito proveitoso porque além de o nosso pessoal sair um pouco daquela rotina do dia-a-dia, a gente não fica naquele ócio, aquele fechamento em casa.*

Ainda a esse respeito, Nascimento (1997, p. 41) comenta serem as excursões turísticas a forma mais eficaz de os idosos fazerem amizade, uma vez que “o turista não tem nada com que se preocupar e que, por isso, se dedica à alegria, ao companheirismo, aos passeios, aos restaurantes, às compras”. O autor ainda acrescenta que viajar “é a maneira mais rápida de esquecer problemas e aliviar tensões”. Sendo assim, os idosos aqui entrevistados estão com toda a razão quando dizem que *sempre os passeios são válidos. [...] Vale a pena.*

Finalmente na quarta IC os idosos voltam a mencionar os lugares aos quais estiveram, e dizem terem realizado passeios de contemplação à natureza, onde puderam ver *como é que é feito o tratamento digamos de qualquer benefício para a natureza*. Nesse ponto é possível perceber traços de um trabalho relacionado à EA feito juntamente aos idosos e por eles percebido mesmo que na forma de uma simples visitação aos atrativos naturais.

QUADRO Nº 15 – Resposta dos entrevistados sobre quais atividades preferiram

QUESTÃO 2: Quais foram aquelas atividades que o Sr.(a) mais gostou?	
Idéia Central – 1	Discurso do Sujeito Coletivo – 1
Gosto da convivência com as pessoas do grupo.	<i>A convivência com a turma sabe? Aquele aconchego que a gente tem. Porque eu, por exemplo, moro sozinha e a maioria mora sozinha, né? Nos passeios a gente está junto com os amigos, a gente troca idéias, a gente conversa né? Sai daquele aperto da casa. Isso faz muito bem para o nosso ego, né? A gente se sente feliz mesmo.</i>
Idéia Central – 2	Discurso do Sujeito Coletivo – 2
Gostei de alguns lugares em especial.	<i>O passeio, o passeio. Tudo que apresentaram lá né? A Ilha dos Marinheiros. A Quinta. Lá na Quinta fizemos um passeio muito bonito também. Lá a Ilha da Pólvora. Tivemos oportunidade de ter aquela visão maravilhosa da cidade, né? Foi muito lindo. Também gostei lá da 5ª Secção da Barra. Eu gostei porque a gente assim andou de microônibus para fora, né? A gente atravessou o mar porque não é em São José do Norte, é na 5ª Secção e lá a gente atravessa o mar de novo para ir lá no farol. E também da trilha essa que a gente foi, né? Adorei fazer a trilha. Achei muito interessante assim, né? Tipo um labirinto né, tu rodeia um labirinto. Achei muito interessante fazer aquilo.</i>
Idéia Central – 3	Discurso do Sujeito Coletivo – 3
Gostei do contato com a natureza.	<i>Ah, o contato com a natureza. O que eu gostei é que muitos de nós, embora com a idade que a gente tem, muitas vezes passa despercebido o que é a natureza ou como é que deve preservar.</i>
Idéia Central – 4	Discurso do Sujeito Coletivo – 4
Gostei da ginástica.	<i>A educação física também, né? Porque a gente fez bastante ginástica ali. Ginástica é ótimo para a gente, para a saúde né, pra tudo.</i>

Esta questão aborda aquelas atividades que foram eleitas como preferidas pelos idosos entrevistados. Algumas delas estão presentes no roteiro proposto pelo Plano, porém a grande maioria diz respeito a aspectos mais subjetivos como no caso do “contato com a natureza”, mencionado na terceira IC.

Na IC número 1 é reforçada a idéia já anteriormente discutida de que o contato com as demais pessoas pertencentes ao grupo é algo bastante valorizado pelos idosos. Assim como na IC 3 da questão precedente, o presente discurso diz serem a convivência com a turma e o sair de casa os pontos altos dos roteiros turísticos, já que *nos passeios a gente está junto com os amigos, a gente troca idéias, a gente conversa né? Sai daquele aperto da casa. Isso faz muito bem para o nosso ego, né? A gente se sente feliz mesmo*. O mesmo é defendido por Nascimento (2007), para quem o lazer deixa o idoso pronto para novos desafios e com o domínio das ações do cotidiano. Além disso, o autor acredita que

também melhora a auto-estima dos velhos, refletindo de forma benéfica em suas relações interpessoais e emocionais.

No caso da IC 2 também são repetidas algumas informações que haviam aparecido na análise da primeira pergunta. Mais precisamente está-se falando da IC 1 da questão 1, a qual traz os lugares visitados na ocasião dos passeios turísticos. Aqui a idéia central é que o turista idoso gostou de alguns lugares em especial – como, por exemplo, a Ilha dos Marinheiros, a Ilha da Pólvora, a 5ª Secção da Barra e etc. – os quais já tinham sido citados anteriormente. Além disso, é mencionada com bastante entusiasmo uma trilha que foi realizada pelo grupo, confirmando a hipótese de que os idosos valorizam em demasia atividades que propiciem um contato com a natureza.

Seguindo no mesmo caminho tem-se a IC 3, que especificamente fala sobre essa proximidade com a natureza, apreciada pelos turistas. Segundo o sujeito coletivo, *embora com a idade que a gente tem, muitas vezes passa despercebido o que é a natureza ou como é que deve preservar*. Tal afirmação subentende que os idosos percebem o caráter ambientalmente educativo do Turismo, pois deixam claro nas entrelinhas que o contato com a natureza abre os olhos para as questões ambientais.

Já a quarta IC traz de volta a educação física no tempo de lazer, o que, de acordo com Cortelletti & Casara (2007, p. 34-35), é essencial aos velhos, pois

com atividades físicas permanentes e sistemáticas, fisiologicamente o corpo responde de maneira significativa. O trinômio saúde, movimento e lazer reforça os valores de que o adulto de idade madura são protagonistas do seu tempo e espaço. As diferentes dinâmicas de trabalhos, com técnicas psicofísicas prazerosas, os motivam a atividades contínuas. Contribuem para que sejam seres de harmonia em seus lares e atuantes em suas comunidades.

Para o sujeito coletivo, *Ginástica é ótimo para a gente, para a saúde né, pra tudo*, o que mostra que os idosos estão bastante cientes da necessidade de se movimentar para a preservação do seu bem estar físico e psicológico.

Concluídas as análises das duas primeiras questões propostas a esta amostra, apresenta-se o objetivo de cada uma delas, que é “verificar se o roteiro dirigido aos idosos sugerido pelo Plano é realizado pelos guias e a relação entre este e outros passeios alternativos” e declara-se que o roteiro “Rio Grande Inesquecível para a Melhor Idade” não foi realizado com os grupos de terceira idade do município, embora muitas de suas

atividades tenham sido praticadas. Foi possível verificar que os passeios relacionados à natureza foram os mais valorizados, o que mostra uma predisposição dos idosos às atividades ao ar livre. Diante disso, pode-se dizer que tal objetivo atingiu o seu propósito de estabelecer relações entre o roteiro sugerido e os *tours* verdadeiramente praticados.

QUADRO Nº 16 – Fala dos idosos a respeito de como as atividades realizadas contribuíram para uma maior conscientização social e ambiental

QUESTÃO 3: Fale um pouco sobre como as atividades realizadas contribuíram para uma maior conscientização a respeito dos problemas sociais e a necessidade de preservação do meio ambiente.	
Idéia Central – 1	Discurso do Sujeito Coletivo – 1
Tendo contato com a natureza é que se vê a realidade.	<i>Com certeza. Hoje acho que nós mesmos, nós que eu digo as pessoas né, tão poluindo mais o ambiente, tem falta de respeito com as plantas, até mesmo com os animais né? Quando tem contato com a natureza a gente lamenta saber quando maltratam árvores, fazem derrubadas [...] não tem necessidade, né? Então contribui em forma de instruir o ser humano no que deve ser feito porque ainda há tempo né? De nós tentarmos digamos assim salvar a natureza né? É uma tarefa muito árdua, muito difícil, mas sempre que houver uma conscientização do ser humano, e nós fizemos parte desse grupo né, eu acho que aí a pessoa vai ter mais cuidado com aquilo que deve ser feito e fazendo aquilo que deve ser feito há uma melhora muito grande da natureza. É muito bom ver isso. Eu acho, eu percebo a natureza hoje é em primeiro lugar. Eu não dava valor assim aos verdes, né, à natureza. E depois que eu comecei a freqüentar esse grupo eu dou valor assim a um pedacinho de capim. Dou valor sabe? Então isso aí para mim foi muito bom, é o que eu mais gostei. Foi sobre o meio ambiente. Porque a gente aprende a dar valor, né? E aí é que a gente vê a realidade, né? E eu acho que a gente tem que mais é cuidar desses lugares assim, que a gente pode ser mais orientada para cuidar mais desses lugares assim, né? Nos passeios a pessoa relaxa né, conversa muito com outro colega né? Não fica naquela preocupação, que tá pensando nisso, pensando naquilo. Então assim a gente fica bem a vontade né? Olhando, a pessoa vendo né? E a gente nota assim também muito carinho das pessoas que residem ali pela volta. Tudo muito bem cuidado, limpinho sabe? Os lugares bem longe do povoado como se chama e bem limpos. Então a gente sente assim carinho com a área verde, né? É muito gostoso.</i>
Idéia Central – 2	Discurso do Sujeito Coletivo – 2
Contribuí de forma mais fraca para a conscientização social.	<i>Se encararmos da maneira que deve se encarar o que nos é exposto contribui muito, né? Se nós formos ali só para passar, aí não adianta nada, não se vê nada. O que adianta é que embora se trabalhe quinze minutos digamos assim uma hora, mas aproveite realmente, tenha consciência daquilo ali, é muito importante. Então isso aí eu acho que a contribuição é enorme. Mas eu acho que para o meio ambiente é melhor porque se a pessoa já tem algum problema, lá a gente esquece, né? E o outro também, mas o melhor é esse eu acho.</i>

A presente questão buscava informações a respeito da conscientização ambiental e social proporcionada pelos passeios turísticos e, sendo assim, gerou duas ICs, as quais se referem, respectivamente, a ambos os tópicos investigados.

A primeira IC defende a idéia de que é somente através de um maior contato com a natureza que se enxerga a realidade, ou seja, as problemáticas e desafios que o meio natural enfrenta só são realmente notados se existir uma vivência mais ativa nesse meio. É como diz Carvalho (2004, p. 86), para quem é essencial “ler” o meio ambiente, isto é, “aprender um conjunto de relações sociais e processos naturais, captando as dinâmicas de interação entre as dimensões sociais e naturais na configuração de dada realidade socioambiental”. Segundo a autora (*ibidem*) não basta observar passivamente o entorno, é importante uma “certa educação do olhar, aprender a ‘ler’ e compreender o que se passa a nossa volta”.

De acordo com o sujeito coletivo da IC 1 os passeios turísticos contribuíram muito para os idosos se sentirem mais conectados com a natureza e, assim, tomarem também para si a responsabilidade da preservação. Nas palavras deles, *depois que eu comecei a freqüentar esse grupo eu dou valor assim a um pedacinho de capim. [...] Porque a gente aprende a dar valor, né? E aí é que a gente vê a realidade, né?. Para os idosos nos passeios a pessoa relaxa né, conversa muito com outro colega né? Não fica naquela preocupação, que tá pensando nisso, pensando naquilo. Então assim a gente fica bem a vontade né?.* Com isso pode-se dizer que o Turismo possui um fator educativo bastante forte, uma vez que a pessoa está em um momento mais descontraído e consegue, assim, enxergar coisas que antes passavam por ela despercebidas.

A outra IC, como dito anteriormente, aborda a questão da conscientização social proporcionada pelos roteiros turísticos. Segundo o seu discurso, *“se encararmos da maneira que deve se encarar o que nos é exposto contribui muito, né? Se nós formos ali só para passar, aí não adianta nada, não se vê nada.* É novamente a idéia de Carvalho (2004) sobre “ler” o meio ambiente, quando se deve realmente vivenciá-lo para então entender o que ali acontece. Além disso, a segunda IC mostra que os idosos acreditam ser o Turismo mais benéfico à conscientização ambiental do que à social. Para eles *para o meio ambiente é melhor porque se a pessoa já tem algum problema, lá a gente esquece, né? E o outro também, mas o melhor é esse eu acho.*

Por fim, deixa-se claro que o objetivo desta questão, “identificar as inter-relações entre Turismo e Educação Ambiental existentes em seu roteiro dirigido às pessoas idosas”,

foi atingido quando os idosos relacionaram sua prática turística com uma maior visibilidade dos problemas ambientais e, embora com menos intensidade, sociais.

QUADRO N° 17 – Opinião dos idosos sobre o que os faria ter mais vontade de participar de passeios turísticos

QUESTÃO 4: O que faria o Sr.(a) ter mais vontade de participar de passeios turísticos na sua cidade ou até mesmo fora dela?	
Idéia Central – 1	Discurso do Sujeito Coletivo – 1
Falta apoio dos órgãos que lidam com o Turismo.	<i>A gente não tem um respaldo maior né? Precisaríamos de um apoio muito grande. Facilitando, nos dando mais oportunidades, mais condições para a gente poder viajar entende? Fica tudo muito caro então as pessoas não vão muito por isso, né? O prefeito teria de cuidar mais disso aí porque eu acho que nós que somos da terceira idade, nós precisamos sair, nós precisamos conhecer outros lugares, né? A Prefeitura como eles são da parte dos idosos que eles dizem que fazem, deviam conseguir mais um passeio para a gente ir né? Eu acho que era melhor. Se uma agência de turismo se dispusesse digamos assim a nos levar numa viagem para nós seria muito benéfico. Além disso, eu acho que tem que ter mais é uma condução própria para a gente andar, que o prefeito nos desse assim mais apoio com ônibus né? Não tem que tá dependendo deles daqui né? Condução que se tenha para a gente ir né? Eu acho que é isso aí que tem que ter mais. Porque às vezes a gente deixa de fazer passeios, e passeios bons né, por não ter uma condução para levar o pessoal, né? Porque é muito caro, para pagar assim é muito caro. Então isso é que tá fazendo falta para nós. Eu acho assim que a gente tinha que ter mais apoio.</i>
Idéia Central – 2	Discurso do Sujeito Coletivo – 2
Qualquer passeio é bom.	<i>Ah não sei. Eu gosto muito de passear. Antes eu não passeava, não saía né, ficava em casa parada. Depois que eu entrei para esse grupo qualquer tipo de passeio que elas nos oferecem eu tô e tô porque acho que todos são de valia para mim assim. Qualquer passeio que a gente faça fora do habitat que estamos sempre é bom. Pela mudança que faz na cabeça da gente. A gente quando volta a gente tem coisas diferentes para pensar e isso é que é muito bom na nossa idade, sabe?</i>
Idéia Central – 3	Discurso do Sujeito Coletivo – 3
Estimular os grupos de terceira idade a juntar dinheiro para viajar.	<i>Estimular os próprios grupos né? Se reunir e fazer, né? Fazer uma cota de [...] uma caixinha, por exemplo, para juntar mensal.</i>

Duas das ICs acima apontam, mesmo que indiretamente, a falta de dinheiro como um empecilho para a prática turística na terceira idade. Na IC 1 a falta de apoio dos órgãos que lidam com o Turismo é vista como o principal obstáculo, enquanto na IC 3, é a pouca mobilização dos próprios idosos a culpada. É certo que, tal como diz o discurso da primeira IC, a falta de condução adequada é um grande limitador, porém é necessário, sim,

um estímulo muito maior aos grupos de idosos, para que assim, eles mesmos se organizem para viajar. Nascimento (1997, p. 41) dá um conselho aos velhos no que concerne a organização de suas viagens:

Se há cruzeiros milionários pelo Caribe e ilhas do Mediterrâneo, se há viagens de volta ao mundo em navios de luxo, há também excursões econômicas de um dia ou de um só pernoite, feitas em ônibus confortáveis. Você pode inclusive reunir os amigos, decidir aonde gostaria de ir com eles e deixar o resto para uma agência de turismo local organizar. A maioria delas presta excelente serviço por preço razoável.

Já na segunda IC, os idosos demonstram a sua satisfação ao participar de passeios turísticos. Para eles, *qualquer passeio que a gente faça fora do habitat que estamos sempre é bom. Pela mudança que faz na cabeça da gente. A gente quando volta a gente tem coisas diferentes para pensar e isso é que é muito bom na nossa idade, sabe?*. O Turismo aparece como uma ótima alternativa para os idosos desfrutarem da sua velhice de forma mais leve e saudável. A atividade turística é uma das sugestões que Nascimento (1997) dá para acabar com a solidão e o tédio, enriquecer a vida, fazer amizades, ocupar-se e distrair-se. O autor (*ibidem*, p. 41) defende que “uma vida ativa é o que há de mais eficiente para retardar o envelhecimento” e aponta o Turismo como uma parte bem importante na busca por uma melhor qualidade de vida para os idosos.

Fechando esta análise, declara-se o objetivo da questão – que é “propor ações para estimular e ampliar o Turismo para as pessoas idosas considerando sua disponibilidade de tempo e potencial para participação em ações de lazer e cultura” – parcialmente atingido, devido ao não surgimento de sugestões concretas que fomentem a atividade turística para os idosos. Embora tenha sido falado a respeito do incentivo da Prefeitura e da necessidade de maior mobilização dos idosos, nada sobre novos passeios ou atividades foi abordado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a realizar um estudo a respeito do Turismo direcionado aos idosos desenvolvido na cidade de Rio Grande e a sua relação com a Educação Ambiental. Considerando que ambas as áreas envolvidas, Turismo e Educação Ambiental, se encontram em evidência devido à atual situação de crise social e ambiental, viu-se como relevante e significativo uni-las em uma investigação qualitativa, que buscou analisar de que forma se influenciam entre si e quais as conseqüências advindas dessa relação.

O tema levou em conta o fato de a população idosa estar cada vez maior, não só em âmbito nacional, como também mundialmente. Este segmento etário necessita da implantação de medidas e políticas sociais urgentes que promovam atividades que incentivem seus integrantes a se inserirem mais ativamente na sociedade, que até então vem os excluindo e marginalizando. Os velhos se beneficiam com esses estímulos positivos, que promovem o seu envelhecimento bem-sucedido e uma vivência dessa etapa vital com maior qualidade de vida. Além disso, destaca-se que os idosos podem, também, contribuir para um melhor desenvolvimento, tanto do Turismo, quanto da EA.

O objetivo principal da pesquisa foi investigar o Turismo na velhice realizado em Rio Grande – em seus âmbitos teórico e prático – sob a ótica da Educação Ambiental, o que foi operacionalizado através de um estudo sobre o Plano Turístico da cidade, investigando em especial o roteiro dirigido à terceira idade e como se dava a prática dos envolvidos no processo.

O “Plano Turístico Rio Grande, Cidade Histórica, Cidade do Mar” foi, em um primeiro momento, minuciosamente analisado pela autora e as informações daí advindas serviram de base para a elaboração das entrevistas e posterior análise de algumas de suas questões. Além disso, o estudo do Plano serviu de subsídio para um melhor entendimento do cenário turístico de Rio Grande, de suas perspectivas e de suas metas, fazendo

principalmente com que a conversa com os membros da Secretaria de Turismo e guias fluisse de forma mais objetiva possível.

Tanto o Plano, como o roteiro “Rio Grande Inesquecível para a Melhor Idade”, foram abordados nas entrevistas realizadas com os integrantes da Secretaria de Turismo e com os guias turísticos, uma vez que ambos os grupos amostrais teoricamente possuíam conhecimento prévio de ambos. Embora os guias da Associação de Guias de Rio Grande tivessem participado ativamente da elaboração dos roteiros a serem sugeridos pelo Plano, muitos possuíam pouco ou nenhum conhecimento a esse respeito, o que foi evidenciado pela pesquisadora durante a coleta de dados feita junto a esse segmento da amostra. Em decorrência disso, foram bastante diferenciadas as maneiras como se posicionaram sobre o assunto: os membros da Secretaria, com entusiasmo, e os guias, com menos firmeza ou interesse, por certo devido ao pouco conhecimento sobre o tema em foco na pesquisa.

Finalmente, a prática dos roteiros turísticos para a terceira idade foi investigada em todos os grupos amostrais, sendo que os integrantes da Secretaria comentaram a respeito do que tomam conhecimento através daqueles que operacionalizam a proposta, já que para eles é inviável a participação efetiva e rotineira nesses passeios. Um ponto bastante enfatizado por guias e membros da Secretaria é que os roteiros sugeridos no Plano servem apenas de estímulo e chamativo ao visitante, e que por isso não são realizados na íntegra. Tal fato é posteriormente comprovado pela fala dos idosos, uma vez que as atividades realizadas por eles não são exatamente aquelas presentes no roteiro “Rio Grande Inesquecível para a Melhor Idade”. Os guias, principalmente, adotam uma postura até certo ponto evasiva ao falarem a respeito desse roteiro, o que se acredita acontecer devido ao fato de não ser realizado em sua totalidade e sim, serem feitas adaptações constantes para atender as necessidades das agências, do contexto e da demanda específica dos integrantes de cada grupo.

Os objetivos específicos deste estudo foram três, os quais serviram como critérios e indicadores na elaboração das entrevistas. Todas elas tiveram suas questões construídas para atingir uma meta específica, que era nada mais do que um desses objetivos, os quais foram comentados na ocasião da análise das entrevistas, porém referindo-se às questões que se relacionavam no momento, e não ao cenário geral da investigação. Sendo assim, faz-se necessária uma releitura desses objetivos específicos, levando em consideração a soma de todos os resultados obtidos.

O primeiro objetivo buscava identificar as inter-relações entre Turismo e Educação Ambiental existentes no Plano Turístico de Rio Grande e em seu roteiro dirigido às pessoas idosas. Foi possível concluir, através das falas dos entrevistados, que no Plano existe uma preocupação bastante grande com o meio ambiente, a qual permeia todos os itens por ele abrangidos. Porém, o mesmo não prevê diretamente medidas ambientalmente educativas que tratem o Turismo como um aliado concreto na busca por uma mudança de mentalidade e atitude das pessoas. O mesmo acontece no roteiro dirigido à terceira idade, o qual, apesar disso, realiza atividades de EA de forma intrínseca. Além disso, deve-se ressaltar que, tanto o Plano, como o roteiro, possuem uma visão bastante biologicista do meio ambiente, ou seja, valorizando preferencialmente o natural em detrimento de outros aspectos, tal como o social, por exemplo.

O segundo objetivo pretendia verificar se o roteiro dirigido aos idosos sugerido pelo Plano é realizado pelos guias, e a relação com outros passeios alternativos. A esse respeito ficou claro, como já mencionado anteriormente, que não só o roteiro para a terceira idade como também todos os outros nove sugeridos pelo Plano Turístico se constituem, na verdade, num estímulo aos turistas para visitarem Rio Grande, e que essas rotas são adaptadas de acordo com a vontade e perfil de cada grupo. Sendo assim, pode-se dizer que o roteiro “Rio Grande Inesquecível para a Melhor Idade” não é realizado pelos guias turísticos em sua totalidade, ele é adaptado para melhor atender a demanda específica dos integrantes de cada grupo.

Finalmente, o terceiro objetivo específico era propor ações para estimular e ampliar o Turismo para as pessoas idosas, considerando sua disponibilidade de tempo e potencial para participação em ações de lazer e cultura. Diante de tudo que foi coletado através das falas dos entrevistados participantes dessa investigação e também do referencial teórico elaborado pela pesquisadora, fundamentado nas idéias de autores que tratam da temática em pauta, sugere-se o seguinte:

- realizar uma campanha de *marketing* forte que atinja os idosos diretamente em seus locais de convivência, isto é, nos nichos nos quais eles se encontram no dia-a-dia. É importante considerar que a família é elemento chave para este processo, uma vez que, em vários casos, é o estímulo familiar, ou a falta dele, que motiva as atitudes dos velhos. Sendo assim, esta campanha deve também buscar atingir filhos e netos,

para, quem sabe, a partir deles surja uma maior valorização da atividade turística na velhice;

- realizar parceria com grupos de terceira idade, primeiramente do próprio município, para depois atingir aqueles de outras regiões. A idéia é chegar a um intercâmbio entre eles, quando seria trocado não só material de divulgação e informações a respeito das cidades, mas também boa receptividade aos visitantes. Os grupos de idosos de um determinado município turístico receberiam aqueles de outros locais, que viessem com o objetivo de fazer Turismo, com uma programação especificamente elaborada para recebê-los. Poderiam ser promovidos bailes de integração, passeios conjuntos, atividades recreativas, etc.;
- promover bailes e outros eventos recreativos para a terceira idade, que tenham como “pano de fundo” o tema viagem. Em um baile com decoração baseada em pontos turísticos do mundo, por exemplo, poderiam ser sorteadas passagens promocionais. Outra possibilidade é a realização de uma sessão de cinema apresentando documentários turísticos ou até mesmo uma rifa que sorteie passeios. Essa seria uma maneira criativa e divertida para despertar nos idosos a vontade de juntar seus amigos e sair de sua cidade para conhecer outros lugares;
- investir em infra-estrutura especial para os idosos, tais como transporte seguro, locais com rampa, postos médicos próximos aos locais turísticos, etc.

Com relação à ligação entre Turismo e EA, propõe-se que seja criada uma seção dentro do Plano Turístico de Rio Grande, que trate especificamente sobre isso, e busque novas formas de inserir ações de EA no planejamento turístico da cidade como um todo e, também, naqueles roteiros sugeridos pelo documento. Deve-se ter claro que isso é um processo e que, assim sendo, tem que ser constantemente revisto, revisitado e repaginado, ou seja, as ações de EA propostas não podem ser estáticas, mas sempre modificadas ou substituídas para atender as necessidades e características pessoais e ambientais do momento, assegurando, assim, a sua eficiência.

Por ora concluindo, pode-se dizer que o Turismo voltado aos idosos praticado na cidade de Rio Grande é planejado e praticado de acordo com alguns princípios da EA aos quais foram feitas referência ao longo deste estudo. Certamente, ainda é necessária uma

maior ênfase às questões do meio social, uma vez que é o meio natural o centro das atenções, mas existem indícios bastante significativos que apontam nessa direção. Todos os grupos amostrais disseram acreditar ser o Turismo também um fator de conscientização social e, por isso, acredita-se bastar um estímulo maior neste sentido para atingir-se um patamar mais avançado no que isto concerne. Turismo e EA, diante de tudo o que foi aqui comentado, são relacionáveis sim, podendo se beneficiar mutuamente, com conseqüências positivas para todos os públicos aos quais se destinam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Carlos Cândido. **Introdução à técnica de análise de dados Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)**. Rio Grande: FURG, 2005.

AMÂNCIO, Cristhiane Oliveira da Graça. O ensino a distância da Educação Ambiental direcionado para o Ecoturismo: a experiência no curso de especialização por tutoria a distância em Ecoturismo da UFLA/FAEPE (2000-2003). In PEDRINI, Alexandre de Gusmão (org.). **O Ecoturismo e a Educação Ambiental** (pp. 67-92). Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2005.

BALDESSIN, Anísio. O Idoso: Viver e Morrer com Dignidade. In NETTO, M. P. **Tratado de Gerontologia**. 2. ed. Revista e Ampliada (pp. 869-878). São Paulo: Atheneu, 2007.

BENI, Mario Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. 4. ed. São Paulo: SENAC, 2001.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **A geografia do espaço turístico como construção complexa da comunicação**. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

CAPITANINI, Marilim Elizabeth S. Solidão na velhice: realidade ou mito? In NERI, Anita Liberalesso & FREIRE, Sueli Aparecida (orgs.). **E por falar em boa velhice** (pp. 69-80). Campinas, SP: Papirus, 2000.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação. In LAYRARGUES, Philippe Pomier (coord.). **Identidades da educação ambiental brasileira** (pp. 13-24). Brasília: MMA, 2004.

CASCINO, Fábio. **Educação Ambiental: princípios, história, formação de professores**. 3. ed. São Paulo: SENAC, 2003.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (CMMAD). **Nosso Futuro Comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

COSTA, Nadja Maria Castilho da & COSTA, Vivian Castilho da. Educação Ambiental pelo Ecoturismo, em Unidades de Conservação: uma proposta efetiva para o parque estadual da pedra branca (PEPB) – RJ. In PEDRINI, Alexandre de Gusmão (org.). **O Ecoturismo e a Educação Ambiental** (pp. 39-65). Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2005.

COOPER, Chris; FLETCHER, John; WANHILL, Stephen; GILBERT, David; & SHEPHERD, Rebecca. **Turismo, princípios e prática**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

CORTELLETTI, Ivonne Assunta; & CASARA, Miriam Bonho. **Projeto Pedagógico: Universidade da Terceira Idade – UNTI**. Caxias do Sul: Educs, 2007.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FERRARI, Maria Auxiliadora Cursino. Lazer, Ocupação do Tempo Livre e os Programas de Terceira Idade. In NETTO, M. P. **Tratado de Gerontologia**. 2. ed. Revista e Ampliada (pp. 243-251). São Paulo: Atheneu, 2007.

FREIRE, Sueli Aparecida. Envelhecimento bem-sucedido e bem-estar psicológico. In NERI, Anita Liberalesso & FREIRE, Sueli Aparecida (orgs.). **E por falar em boa velhice** (pp. 21-31). Campinas, SP: Papirus, 2000.

FREIRE, Sueli Aparecida & SOMMERHALDER, Cinara. Envelhecer nos tempos modernos. In NERI, Anita Liberalesso & FREIRE, Sueli Aparecida (orgs.). **E por falar em boa velhice** (pp. 125-135). Campinas, SP: Papirus, 2000.

FROMER, Betty & VIEIRA, Débora Dutra. **Turismo e Terceira Idade**. 2. ed. São Paulo, Aleph, 2004.

GUIMARÃES, Mauro. Educação Ambiental Crítica. In LAYRARGUES, Philippe Pomier (coord.). **Identidades da educação ambiental brasileira** (pp. 25-34). Brasília: MMA, 2004.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2001.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. A Função Social do Ecoturismo. Disponível em: <<http://www.senac.br/informativo/BTS/301/boltec301e.htm>>. Acesso em: 18 out. 2007.

_____. (coord.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: MMA, 2004.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos)**. Caxias do Sul: Educs, 2005.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Educação Ambiental Transformadora. In LAYRARGUES, Philippe Pomier (coord.). **Identidades da educação ambiental brasileira** (pp. 65-84). Brasília: MMA, 2004.

_____. **Trajatória e Fundamentos da Educação Ambiental**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. 10. ed. Campinas: Papirus, 2003.

- _____. **Estudos do Lazer: uma introdução**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2002.
- MATHEUS, Carlos Eduardo; MORAES, America Jacintha de & CAFFAGNI, Carla Wanessa do Amaral. **Educação Ambiental para o Turismo Sustentável**. Vivências integradas e outras estratégias metodológicas. São Carlos: Rima, 2005.
- MELO, Victor Andrade de; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao Lazer**. Barueri, SP: Manole, 2003.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Pinsky, 2000.
- MOMENTO. **Revista do Departamento de Educação e Ciências do Comportamento**. Vol. 15. Rio Grande: FURG, 2002.
- NASCIMENTO, Jorge R. **Aprenda a curtir seus anos dourados**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- NERI, Anita Liberalesso & FREIRE, Sueli Aparecida (orgs.). **E por falar em boa velhice**. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- _____. Apresentação. Qual é a idade da velhice? In NERI, Anita Liberalesso & FREIRE, Sueli Aparecida (orgs.). **E por falar em boa velhice** (pp. 7-19). Campinas, SP: Papirus, 2000.
- NERI, Anita Liberalesso & YASSUDA, Mônica Sanches (orgs.); CACHIONI, Meire (colab.). **Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos**. Campinas, SP: Papirus, 2004.
- NERI, Anita Liberalesso. O que a psicologia tem a oferecer ao estudo e à intervenção no campo do envelhecimento no Brasil, hoje. In NERI, Anita Liberalesso & YASSUDA, Mônica Sanches (orgs.); CACHIONI, Meire (colab.). **Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos** (pp. 13-27). Campinas, SP: Papirus, 2004.
- NOVAES, Maria Helena. **Psicologia da Terceira Idade: conquistas possíveis e rupturas necessárias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nau, 2000.
- OLIVEIRA, Juarez de Castro; ALBUQUERQUE, Fernando Roberto P. de C. & SENNA, Janaína Reis Xavier. **Breves notas sobre a mortalidade no Brasil no período 2000 – 2005**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.
- PEDRINI, Alexandre de Gusmão (org.). **O Ecoturismo e a Educação Ambiental**. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2005.
- PEDRINI, Alexandre de Gusmão & TORGANO, Milta Fonseca. Ecoturismo com Educação Ambiental: discursos e práticas. In PEDRINI, Alexandre de Gusmão (org.). **O Ecoturismo e a Educação Ambiental** (pp. 13-38). Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2005.

PORTO, Ivalina. O idoso no grupo de convivência e a construção da cidadania. In MOMENTO. **Revista do Departamento de Educação e Ciências do Comportamento**. Vol. 15. (pp. 131-146) Rio Grande: FURG, 2002.

PORTO, Ivalina. **Formação de animadores de grupos para uma ação educativa gerontológica**. Salamanca: Kadmos, 1997.

RUSCHEINSKY, Aloísio (org.). **Educação Ambiental: abordagens múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RUSCHEINSKY, Aloísio & COSTA, Adriane Lobo. A Educação Ambiental a partir de Paulo Freire. In RUSCHEINSKY, Aloísio (org.). **Educação Ambiental: abordagens múltiplas** (pp. 73-89). Porto Alegre: Artmed, 2002.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente**. 6 ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

SAITO, Carlos Hiroo. Política Nacional de Educação Ambiental e construção da cidadania: desafios contemporâneos. In RUSCHEINSKY, Aloísio (org.). **Educação Ambiental: abordagens múltiplas** (pp. 47-59). Porto Alegre: Artmed, 2002.

SAMPAIO, Carlos Alberto. **Turismo: uma busca de outra racionalidade**. Rio Grande, Revista Ambiente e Educação, n. 8: 131 - 141, 2003.

SANSOLO, Davis Gruber. Apresentação. In PEDRINI, Alexandre de Gusmão (org.). **O Ecoturismo e a Educação Ambiental** (pp. 9- 10). Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2005.

SANTOS, José Eduardo dos & SATO, Michele. Universidade e Ambientalismo – Encontros não são Despedidas. In SANTOS, José Eduardo dos & SATO, Michele (orgs.). **A contribuição da Educação Ambiental à esperança de Pandora** (pp. 31-49). São Carlos: Rima, 2003.

SANTOS, José Eduardo dos & SATO, Michele (orgs.). **A contribuição da Educação Ambiental à esperança de Pandora**. São Carlos: Rima, 2003.

SATO, Michèle & CARVALHO, Isabel (orgs.). **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In SATO, Michèle & CARVALHO, Isabel (orgs.). **Educação Ambiental: pesquisa e desafios** (pp. 17-44). Porto Alegre: Artmed, 2005.

SERRANO, Célia M. Toledo & BRUHNS, Heloisa T. (orgs.). **Viagens à natureza: Turismo, cultura e ambiente**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2005.

SERRANO, Célia Maria de Toledo. Uma introdução à discussão sobre Turismo, cultura e ambiente. In SERRANO, Célia Maria de Toledo & BRUHNS, Heloisa Turini (orgs.). **Viagem à natureza: turismo, cultura e ambiente** (pp. 11-22). 7. ed. Campinas: Papirus, 2005.

SOUZA, Heloísa Maria Rodrigues de; JACOB FILHO, Wilson & SOUZA, Romeu Rodrigues de. **Turismo e Qualidade de Vida na Terceira Idade**. Barueri, SP: Manole, 2006.

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável: conceitos e impacto ambiental, vol. 1**. São Paulo: Aleph, 2000.

_____. **Turismo Sustentável: turismo cultural, ecoturismo e ética, vol. 5**. São Paulo: Aleph, 2000.

VALENTE, Antônio Luis Schifino. **Plano Turístico: Rio Grande, cidade histórica, cidade do mar**. Rio Grande, FURG, 2006.

VELASCO, Sirio Lopez. Querer-Poder e os Desafios Socioambientais do Século XXI. In RUSCHEINSKY, Aloísio (org.). **Educação Ambiental: abordagens múltiplas** (pp. 37-46). Porto Alegre: Artmed, 2002.

VITTA, Alberto de. Atividade física e bem-estar na velhice. In NERI, Anita Liberalesso & FREIRE, Sueli Aparecida (orgs.). **E por falar em boa velhice** (pp. 81-89). Campinas, SP: Papirus, 2000.

ZARKRZEWSKI, Sônia Balvedi (org.). **Educação Ambiental na escola: abordagens conceituais**. Erechim: Edifapes, 2003.

_____. Cenários da trajetória da Educação Ambiental. In ZARKRZEWSKI, Sônia Balvedi (org.). **Educação Ambiental na escola: abordagens conceituais** (pp. 39-44). Erechim: Edifapes, 2003.

ZIMERMAN, Guite I. Velhice: aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. Disponível em: <<http://www.viajamais.com.br>>. Acesso em: 08 mai. 2008.

ANEXOS

10 ANEXO 1 – ROTEIRO “RIO GRANDE INESQUECÍVEL PARA A MELHOR
IDADE”



Rio Grande Inesquecível para a Melhor Idade

ROTEIRO TURÍSTICO 8

Duração: 2 a 3 dias

Segmentos: Turismo da Terceira Idade, Lazer, Cultural

1º dia

Conheça a cidade mais antiga do Estado do Rio Grande do Sul. Visite o Museu Oceanográfico, o Museu Antártico e o Centro de Reabilitação de Animais Marinhos da Fundação Universidade Federal Rio Grande. Nos finais de semana, você poderá ainda realizar uma travessia de barco e conhecer o Eco-Museu da Ilha da Pólvora, localizado no estuário da maior lagoa do litoral brasileiro. Participe de um baile e jantar de confraternização com representantes locais de grupos da terceira idade.

2º dia

Conheça, no centro histórico, o mural de azulejos portugueses, a praça Xavier Ferreira, em estilo neoclássico, e as edificações com valor histórico e arquitetônico, entre elas o prédio-monumento da Alfândega, construído em homenagem à participação dos gaúchos na Guerra do Paraguai, a igreja mais antiga do Rio Grande do Sul, o Quartel-General e a Prefeitura Municipal. Visite os museus Coleção Arte Sacra e Histórico; o monumento-túmulo de Bento Gonçalves, herói da Revolução Farroupilha, e a doca do mercado municipal, para apreciar a paisagem junto ao estuário da Lagoa dos Patos. Não deixe de realizar um emocionante passeio em vagonetas levadas pelo vento, junto aos Molhes da Barra, e de visitar a praia do Cassino, onde está situado o balneário marítimo mais antigo do Brasil.

3º dia (opcional)

Visite o Panteão e a Sala de Memórias de Tamandaré, Patrono da Marinha Brasileira. Visite também o Museu Naval e, depois, faça a travessia de barco para a cidade vizinha de São José do Norte.

11 ANEXO 2 – INSTRUMENTOS DE PESQUISA

11.1 Instrumento para Entrevistas com os Guias de Turismo

Objetivo Geral: investigar o Turismo para os idosos realizado em Rio Grande, em seus âmbitos teórico e prático, sob a ótica da Educação Ambiental.

Questionário:

Objetivo: identificar as inter-relações entre Turismo e Educação Ambiental existentes no Plano Turístico de Rio Grande e em seu roteiro dirigido às pessoas idosas.

- 1. O Sr.(a) tem conhecimento se existe no Plano Turístico de Rio Grande uma preocupação com a Educação Ambiental? Por quê? Como isso é demonstrado?*
- 2. Quais atividades do roteiro dirigido às pessoas idosas sugerido no Plano visam à conscientização do turista a respeito dos atuais problemas sociais e ambientais? Por quê?*

Objetivo: verificar se o roteiro dirigido aos idosos sugerido pelo Plano é realizado pelos guias e a relação entre este e outros passeios alternativos.

- 3. O Sr.(a) segue o roteiro para os idosos sugerido pela Secretaria de Turismo? Por quê?*
- 4. Que outro tipo de roteiro turístico é realizado na cidade com esta parcela da população? Quais as similaridades e diferenças entre tais roteiros alternativos e aquele sugerido no Plano?*

Objetivo: propor ações para estimular e ampliar o turismo para as pessoas idosas considerando sua disponibilidade de tempo e potencial para participação em ações de lazer e cultura.

- 5. Em sua opinião, o que deve ser feito para estimular o Turismo na velhice?*
- 6. Em sua opinião, como o Turismo pode melhor contribuir para a conscientização ambiental e social dos idosos?*

11.2 Instrumento para Entrevistas com os Membros da Secretaria de Turismo de Rio Grande

Objetivo Geral: investigar o Turismo para os idosos realizado em Rio Grande, em seus âmbitos teórico e prático, sob a ótica da Educação Ambiental.

Questionário:

Objetivo: identificar as inter-relações entre Turismo e Educação Ambiental existentes no Plano Turístico de Rio Grande e em seu roteiro dirigido às pessoas idosas.

1. De que maneira é tratada a relação Turismo – Educação Ambiental no Plano Turístico de Rio Grande? Dê exemplos.

2. Foram inseridas ações de Educação Ambiental no roteiro dirigido às pessoas idosas? Quais e com que objetivo?

Objetivo: verificar se o roteiro dirigido aos idosos sugerido pelo Plano é realizado pelos guias e a relação entre este e outros passeios alternativos.

3. O Sr.(a) tem conhecimento se essa proposta vem sendo utilizada pelos guias turísticos da cidade? Por quê?

Objetivo: propor ações para estimular e ampliar o turismo para as pessoas idosas considerando sua disponibilidade de tempo e potencial para participação em ações de lazer e cultura.

4. Em sua opinião, o que deve ser feito para estimular o Turismo na velhice?

5. Em sua opinião, como o Turismo pode melhor contribuir para a conscientização ambiental e social dos idosos?

11.3 Instrumento para Entrevistas com Turistas Idosos

Objetivo Geral: investigar o Turismo para os idosos realizado em Rio Grande, em seus âmbitos teórico e prático, sob a ótica da Educação Ambiental.

Questionário:

Objetivo: verificar se o roteiro dirigido aos idosos sugerido pelo Plano é realizado pelos guias e a relação entre este e outros passeios alternativos.

1. *Que passeio o Sr.(a) fez e quais atividades foram realizadas durante o mesmo?*
2. *Quais foram aquelas que o Sr.(a) mais gostou?*

Objetivo: identificar as inter-relações entre Turismo e Educação Ambiental existentes [no Plano Turístico de Rio Grande e] em seu roteiro dirigido às pessoas idosas.

3. *Fale um pouco sobre como as atividades realizadas contribuíram para uma maior conscientização a respeito dos problemas sociais e a necessidade de preservação do meio ambiente.*

Objetivo: propor ações para estimular e ampliar o Turismo para as pessoas idosas considerando sua disponibilidade de tempo e potencial para participação em ações de lazer e cultura.

4. *O que faria o sr.(a) ter mais vontade de participar de passeios turísticos na sua cidade ou até mesmo fora dela?*

12 ANEXO 3 – CONSTRUÇÃO DOS DSCs DO GRUPO 1

12.1 Questão 1

De que maneira é tratada a relação Turismo – Educação Ambiental no Plano Turístico de Rio Grande? Dê exemplos.

IAD 1 (Instrumento de Análise de Discurso 1)

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS (sublinhadas)	ANCORAGEM (itálico)
<p>S1- Bem, assim ó, (1ª idéia) <u>o Plano Turístico ele é uma referência podemos dizer, ele não é um trabalho pronto, final, acabado.</u> Dentro do Plano Turístico, uma das ações que se teve foi elaborar os produtos turísticos oficiais do município. Bem, como se fez isso? (2ª idéia) <u>Se reuniu várias pessoas, técnicos, pessoas com conhecimento em diferentes áreas;</u> desde a arquitetura, o meio ambiente, a história, a geografia, a questão do porto e tal; nós reunimos essas pessoas todas em diversas reuniões ao longo de praticamente 8, 9 meses e se discutiu exaustivamente a cidade sob <u>vários pontos de vista, principalmente a questão da sustentabilidade e o turismo, a parte ambiental.</u> Bem, com essas pessoas capacitadas; aí nós tivemos representantes do NEMA, por exemplo; nós moldamos esses roteiros, então eles são produto dessa discussão ampla e tanto que (3ª idéia) <i>em todos os roteiros executados existe uma preocupação das agências de turismo local e também principalmente dos guias turísticos;</i> que foram preparados pra isso e participaram da discussão; <i>da preservação ambiental e também de despertar no visitante a sensibilização pela questão da preservação do meio ambiente.</i> Então isso está dentro deste contexto já por definição, tá? Claro que hoje nós estamos trabalhando com várias entidades na questão da Ilha dos Marinheiros, né? [...] que aí essa questão ambiental sobressai, mas ali também o NEMA tem trabalhado há muitos anos e eles estão conosco, o Sebrae através do projeto, do convênio Prefeitura Municipal - Costa Doce. O Sebrae a exemplo como tem do nosso convênio com a FURG [...] então todas essas questões estão sendo tratadas e eu te diria assim ó, na Ilha dos Marinheiros a visitação hoje, dos turistas, nós incentivamos que eles façam a travessia de barco e não vão com os seus carros próprios, seus veículos próprios, não é? Então fazendo a travessia de barco são grupos controlados que lá eles vão trabalhar e vão receber toda a orientação no sentido de preservar e de tirar o melhor possível da</p>	<p>(1ª idéia) O Plano Turístico é uma referência, não um trabalho pronto. C</p> <p>(2ª idéia) Os roteiros turísticos oficiais do município são produto de ampla discussão com pessoas capacitadas. D</p> <p>(3ª idéia) Nos roteiros existe preocupação com a preservação ambiental e em despertar no visitante a sensibilização ambiental. B</p>	<p>É necessário EA para o Turismo. B</p>

<p>questão ambiental.</p> <p>ENT. - E fora os roteiros, no Plano mesmo existe essa preocupação?</p> <p>S1 – Não, no Plano tem assim ó, ações para a primeira, segunda e terceira fase. Nós estamos na primeira fase, que é da elaboração dos produtos e organização de vários setores. Então existe, por exemplo, ali mesmo na Ilha que é a nossa maior preocupação com o turismo hoje é na Ilha dos Marinheiros (o turismo ambiental, tá?) que é onde o ecossistema é mais frágil e poderia dar algum problema. E a preocupação, isso o Plano se refere, na questão da Ilha em si, mas (4ª idéia) <u>a parte ambiental fica como um dos aspectos retratados como os outros todos: patrimônio histórico, por exemplo, ele não tem capítulo à parte, ele é dentro do contexto. Então todas as ações que estão sendo feitas na Ilha, elas têm como primeira meta prioritária a preservação e a valorização do meio ambiente.</u></p>	<p>(4ª idéia) A parte ambiental é retratada dentro do contexto como todos os outros aspectos, mas existe preocupação com a preservação e a valorização do meio ambiente.</p> <p>A</p>	
<p>S2 - Olha eu te diria assim (1ª idéia) <u>com uma grande preocupação e com o interesse, com a intenção de preservar o meio ambiente.</u> (2ª idéia) <i>E a gente entende que o turismo tem que ser sustentável, mas também não só do aspecto econômico, mas também do aspecto ambiental.</i> Então é por isso que o turismo ele tem que ter essa particularidade, essa peculiaridade na orientação, na exploração de alguns locais, mas preservando a sua natureza, não é? Porque é por isso que existem algumas preocupações principalmente nas reservas; e aí eu vou lembrar a reserva do Taim; em que as pessoas reclamam que não podem entrar na reserva, conhecer a reserva ou explorar a reserva de certa forma. E (3ª idéia) <i>a gente entende e se preocupa no aspecto turístico de as pessoas não conseguirem visitar a reserva, mas ao mesmo tempo a gente entende porque pela falta, diria eu, da educação do ser humano para com o meio ambiente. Ele não tem a preocupação da preservação, da manutenção do estado natural e pura e simplesmente ele utiliza sem a preocupação de conservar.</i> Então eu te dou o exemplo assim da Ilha dos Marinheiros, que então já é uma coisa assim mais próxima, mais palpável, ela é mais freqüentada, ela permite a presença do humano de uma forma assim sem restrições. Mas a gente tem procurado fazer ações a fins de que ali se preserve os recursos naturais na sua maior potencialidade, dentro do possível. É por isso que a gente tem feito como, por exemplo, dentro da área do esporte, mas que também é</p>	<p>(1ª idéia) Com grande preocupação e intenção de preservar o meio ambiente.</p> <p>A</p> <p>(2ª idéia) O turismo tem que ser sustentável não só no aspecto econômico, mas também no aspecto ambiental.</p> <p>E</p> <p>(3ª idéia) O aspecto turístico preocupa, mas a gente entende por causa da falta de educação do ser humano para com o meio ambiente.</p> <p>B</p>	<p>(2ª idéia) O turismo deve ser econômica e ambientalmente sustentável.</p> <p>E</p> <p>(3ª idéia) É necessário EA para o Turismo.</p> <p>B</p>

<p>turismo no eixo Secretaria, que é a volta ecológica da Ilha chamada assim porque a gente entende que aquilo ali é um manancial, né? É uma ilha do interior do estado do Rio Grande do Sul, a maior ilha do Rio Grande do Sul melhor dizendo, e ali tem todo um aspecto rural, natural que precisa ser preservado e orientado, né? Nós estamos com diversas ações dentro da Ilha de sinalização e de orientação, e preceptores a fim de que possam conduzir os turistas de uma forma ordeira mantendo e conhecendo os aspectos peculiares da Ilha. Também temos feito algum trabalho junto da comunidade pra que ela desperte, né? Embora eles ali são moradores e talvez não tenham essa preocupação, mas com essa vinda em grande número de pessoas e todos esses movimentos que se faz e várias ações que estão acontecendo na Ilha, hoje a Ilha tem uma série de programações extremamente divulgadas que faz com que; com a ligação a seco né da ponte, das melhorias todas que tem na Ilha; faz com que as pessoas procurem a ilha. Então o ideal que precisa também ter este [...] esta sintonia de que a Ilha, pra sua sustentação inclusive, deles mesmo, precisa manter esse estado de natural, de ecologia fazendo com que o meio ambiente seja preservado e mantido a fim de continuar tendo um atrativo e ao mesmo tempo um lugar bom e normal como era ou foi pra eles na sua vida.</p>		
---	--	--

A – Existe preocupação com a preservação e a valorização do meio ambiente.

B - É necessário EA para o Turismo.

C - O Plano Turístico é uma referência, não um trabalho pronto.

D - Os roteiros turísticos oficiais do município são produto de ampla discussão com pessoas capacitadas.

E - O Turismo deve ser econômica e ambientalmente sustentável.

IAD 2

A – Existe preocupação com a preservação e a valorização do meio ambiente.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S1 - A parte ambiental fica como um dos aspectos retratados como os outros todos: patrimônio histórico, por exemplo; ele não tem capítulo à parte, ele é dentro do contexto. Então todas as ações que estão sendo feitas [...] elas têm como primeira meta prioritária a preservação e a</p>	<p><i>Com uma grande preocupação e com o interesse, com a intenção de preservar o meio ambiente. A parte ambiental fica como um dos aspectos retratados como os outros todos: patrimônio histórico, por exemplo; não tem capítulo à parte, está dentro do contexto. Então todas as ações que</i></p>

valorização do meio ambiente. S2 - Com uma grande preocupação e com o interesse, com a intenção de preservar o meio ambiente.	<i>estão sendo feitas [...] elas têm como meta prioritária a preservação e a valorização do meio ambiente.</i>
--	--

B – É necessário EA para o Turismo.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
S1 - Em todos os roteiros executados existe uma preocupação das agências de turismo local e também principalmente dos guias turísticos; que foram preparados pra isso e participaram da discussão; da preservação ambiental e também de despertar no visitante a sensibilização pela questão da preservação do meio ambiente. S2 - A gente entende e se preocupa no aspecto turístico de as pessoas não conseguirem visitar a reserva, mas ao mesmo tempo a gente entende porque pela falta, diria eu, da educação do ser humano para com o meio ambiente. Ele não tem a preocupação da preservação, da manutenção do estado natural e pura e simplesmente ele utiliza sem a preocupação de conservar.	<i>A gente entende e se preocupa no aspecto turístico de as pessoas não conseguirem visitar alguns locais, mas ao mesmo tempo a gente entende. Falta educação do ser humano para com o meio ambiente. Ele não tem a preocupação da preservação, da manutenção do estado natural e pura e simplesmente ele utiliza sem a preocupação de conservar. Por isso, em todos os roteiros executados existe uma preocupação das agências de turismo local e também principalmente dos guias turísticos; que foram preparados pra isso e participaram da discussão; com a preservação ambiental e também de despertar no visitante a sensibilização pela questão da preservação do meio ambiente.</i>

C - O Plano Turístico é uma referência, não um trabalho pronto.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
S1 - O Plano Turístico ele é uma referência podemos dizer, ele não é um trabalho pronto, final, acabado.	<i>O Plano Turístico é uma referência podemos dizer, ele não é um trabalho pronto, final, acabado.</i>

D - Os roteiros turísticos oficiais do município são produto de ampla discussão com pessoas capacitadas.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
S1 - Se reuniu várias pessoas, técnicos, pessoas com conhecimento em diferentes áreas [...] e se discutiu exaustivamente a cidade sob vários pontos de vista, principalmente a questão da sustentabilidade e o turismo, a parte ambiental.	<i>Reuniu-se várias pessoas, técnicos, pessoas com conhecimento em diferentes áreas [...] e se discutiu exaustivamente a cidade sob vários pontos de vista, principalmente a questão da sustentabilidade e o turismo, a parte ambiental.</i>

E – O Turismo deve ser econômica e ambientalmente sustentável.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
S2 - E a gente entende que o turismo tem que ser sustentável, mas também não só do aspecto econômico, mas também do aspecto ambiental.	<i>A gente entende que o Turismo tem que ser sustentável não só do aspecto econômico, mas também do aspecto ambiental.</i>

QUADRO SÍNTESE

Idéias Centrais

Existe preocupação com a preservação e a valorização do meio ambiente.	É necessário EA para o Turismo.	O Plano Turístico é uma referência, não um trabalho pronto.	Os roteiros turísticos oficiais do município são produto de ampla discussão com pessoas capacitadas.	O Turismo deve ser econômica e ambientalmente sustentável.
--	---------------------------------	---	--	--

IC - Existe preocupação com a preservação e a valorização do meio ambiente.

DSC

Com uma grande preocupação e com o interesse, com a intenção de preservar o meio ambiente. A parte ambiental fica como um dos aspectos retratados como os outros todos: patrimônio histórico, por exemplo; não tem capítulo à parte, está dentro do contexto. Então todas as ações que estão sendo feitas [...] elas têm como meta prioritária a preservação e a valorização do meio ambiente.

IC - É necessário EA para o Turismo.

DSC

A gente entende e se preocupa no aspecto turístico de as pessoas não conseguirem visitar alguns locais, mas ao mesmo tempo a gente entende. Falta educação do ser humano para com o meio ambiente. Ele não tem a preocupação da preservação, da manutenção do estado natural e pura e simplesmente ele utiliza sem a preocupação de conservar. Por isso, em todos os roteiros executados existe uma preocupação das agências de turismo local e também principalmente dos guias turísticos; que foram preparados pra isso e participaram da discussão; com a preservação ambiental e também de despertar no visitante a sensibilização pela questão da preservação do meio ambiente.

IC - O Plano Turístico é uma referência, não um trabalho pronto.

DSC

O Plano Turístico é uma referência podemos dizer, ele não é um trabalho pronto, final, acabado.

IC - Os roteiros turísticos oficiais do município são produto de ampla discussão com pessoas capacitadas.

DSC

Reuniu-se várias pessoas, técnicos, pessoas com conhecimento em diferentes áreas [...] e se discutiu exaustivamente a cidade sob vários pontos de vista, principalmente a questão da sustentabilidade e o turismo, a parte ambiental.

IC - O Turismo deve ser econômica e ambientalmente sustentável.

DSC

A gente entende que o Turismo tem que ser sustentável não só do aspecto econômico, mas também do aspecto ambiental.

12.2 Questão 2

Foram inseridas ações de Educação Ambiental no roteiro dirigido às pessoas idosas? Quais e com que objetivo?

IAD 1 (Instrumento de Análise de Discurso 1)

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS (sublinhadas)	ANCORAGEM (itálico)
<p>S1 - Tem com referência ao passeio na Praia do Cassino, porque diferente dos outros roteiros; como tem o roteiro, por exemplo, do período do veraneio; este roteiro para a terceira idade seria a princípio fora do período do veraneio e a visita que está prevista na Praia do Cassino <u>é uma visita então, é uma caminhada pela praia onde eles terão oportunidade com o guia de conhecer as aves, a flora, tudo que tem naquele entorno.</u> Inclusive houve um trabalho de um aluno da FURG do mestrado da geografia em que ele fez um trabalho voltado pra flora, fauna na Praia do Cassino para essas ocasiões, tá? <u>Então dependendo do enfoque do grupo de terceira idade, quando eles forem na Praia do Cassino, que é o local também que eles poderão ter uma orientação específica sobre isso.</u></p>	<p>Tem com referência ao passeio na Praia do Cassino. Nele as pessoas poderão ter uma orientação nesse sentido.</p> <p style="text-align: center;">A</p>	
<p>S2 – A gente pensa assim ó... (1ª idéia) <i>A cidade de Rio Grande por ser uma cidade plana ela exige menos esforço, vamos dizer assim, das pessoas</i> porque (2ª idéia) <i>a gente sabe que as pessoas como essas chamadas da melhor idade são pessoas mais propensas a terem dificuldades físicas e também de saúde.</i> Antes o que a gente sabe? Que (3ª idéia) <i>o turismo também é extremamente importante pra qualidade de vida das pessoas, o conhecer uma coisa nova, o andar, o viajar, o passear, o conhecer outras pessoas faz um bem muito grande pra saúde das pessoas.</i> E a cidade de Rio Grande tem ações de deslocamento muito próprias para as pessoas da melhor idade e então em cima desse aspecto geográfico do município, a gente tem procurado junto com algumas entidades a valorização [...] e o governo federal inclusive tá proporcionando isso, mas aí de uma forma generalizada com a preocupação da melhor idade, de fazer com que essas pessoas se locomovam, andem e visitem o país. Tem o projeto, projeto não [...] já tá em atuação, o Viaje Bem da Melhor Idade com descontos em hotéis, passagens aéreas, de ônibus,</p>	<p>(1ª idéia) Rio Grande por ser uma cidade plana exige menos esforço dos idosos.</p> <p style="text-align: center;">B</p> <p>(2ª idéia) As pessoas da Melhor Idade são mais propensas a dificuldades físicas e de saúde.</p> <p style="text-align: center;">B</p> <p>(3ª idéia) O Turismo é importante para a qualidade de vida e faz bem para a saúde.</p> <p style="text-align: center;">C</p>	<p>(1ª idéia) Os idosos exigem um cuidado maior.</p> <p style="text-align: center;">B</p> <p>(2ª idéia) Os idosos exigem um cuidado maior.</p> <p style="text-align: center;">B</p> <p>(3ª idéia) O Turismo contribui para melhoras na saúde das pessoas idosas.</p> <p style="text-align: center;">C</p>

<p>enfim. E Rio Grande também quer ser um local onde possa receber esses turistas, essas pessoas da melhor idade porque também é uma cidade plana, agradável de se caminhar, tem bons passeios pra serem feitos como museus, praças, enfim tudo aquilo que a gente tem de potencial turístico pode ser utilizado para a exploração, para a utilização do grupo da melhor idade.</p> <p>ENT. - E foram inseridas ações de Educação Ambiental nesse roteiro para a terceira idade?</p> <p>S2 – (4ª idéia) <u>De forma sincera, não, né? Mas existe a preocupação.</u> É que como a própria Secretária é uma secretária nova, só tem apenas dois anos [...] tu mesmo que tá fazendo curso, mestrado sabe das dificuldades que se tem, a resistência que tem, o quanto (5ª idéia) <u>é difícil pra que a gente consiga sensibilizar as pessoas nesse comportamento que tem uma nova conduta, mas a gente tem essa preocupação presente e à medida que a gente pode colocar isso em prática e acentuar a gente tem feito isso.</u> A gente tem aí também o NEMA que tem nos ajudado, buscado apoio também pra algumas atividades que fazem, é enfim, nós entendemos que isso é extremamente importante.</p>	<p>(4ª idéia) Não, mas existe a preocupação. D</p> <p>(5ª idéia) É difícil sensibilizar as pessoas para essa nova conduta, mas essa preocupação está presente. D</p>	
--	--	--

A - Tem com referência ao passeio na Praia do Cassino. Nele as pessoas poderão ter uma orientação nesse sentido.

B - Os idosos exigem um cuidado maior.

C - O Turismo contribui para melhoras na saúde das pessoas idosas.

D – Existe a preocupação, mas é difícil sensibilizar as pessoas.

IAD 2

A - Tem com referência ao passeio na Praia do Cassino. Nele as pessoas poderão ter uma orientação nesse sentido.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S1 - Tem com referência ao passeio na Praia do Cassino [...] é uma visita, então é uma caminhada pela praia onde eles terão oportunidade com o guia de conhecer as aves, a flora, tudo que tem naquele entorno. [...] Então dependendo do enfoque do grupo de terceira idade, quando eles forem na Praia do Cassino, que é o local também que eles poderão ter uma orientação específica sobre isso.</p>	<p><i>Tem com referência ao passeio na Praia do Cassino, que é uma caminhada pela praia onde os idosos terão oportunidade com o guia de conhecer as aves, a flora, tudo que tem naquele entorno. Então dependendo do enfoque do grupo de Terceira Idade, quando eles forem na Praia do Cassino eles poderão ter uma orientação específica sobre isso.</i></p>

B - Os idosos exigem um cuidado maior.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S2 - A cidade de Rio Grande por ser uma cidade plana ela exige menos esforço, vamos dizer assim, das pessoas.</p> <p>S2 - A gente sabe que as pessoas como essas chamadas da melhor idade são pessoas mais propensas a terem dificuldades físicas e também de saúde.</p>	<p><i>Pessoas da Melhor Idade são mais propensas a dificuldades físicas e de saúde.</i></p> <p><i>A cidade de Rio Grande, por ser plana, exige menos esforço dessas pessoas.</i></p>

C - O Turismo contribui para melhoras na saúde das pessoas idosas.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S2 - O turismo também é extremamente importante pra qualidade de vida das pessoas, o conhecer uma coisa nova, o andar, o viajar, o passear, o conhecer outras pessoas faz um bem muito grande pra saúde das pessoas.</p>	<p><i>O Turismo é extremamente importante para a qualidade de vida das pessoas. Conhecer coisas novas, andar, viajar, passear e conhecer outras pessoas faz um bem muito grande para a saúde dos idosos.</i></p>

D – Existe a preocupação, mas é difícil sensibilizar as pessoas.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S2 - De forma sincera, não, né? Mas existe a preocupação.</p> <p>S2 - É difícil pra que a gente consiga sensibilizar as pessoas nesse comportamento que tem uma nova conduta, mas a gente tem essa preocupação presente e à medida que a gente pode colocar isso em prática e acentuar a gente tem feito isso.</p>	<p><i>De forma sincera, não, né? Mas existe a preocupação. É difícil conseguir sensibilizar as pessoas nessa nova conduta, mas a gente tem essa preocupação presente e à medida que se pode colocar isso em prática e acentuar, a gente tem feito isso.</i></p>

QUADRO SÍNTESE

Idéias Centrais

Tem com referência ao passeio na Praia do Cassino. Nele as pessoas poderão ter uma orientação nesse sentido.	Os idosos exigem um cuidado maior.	O Turismo contribui para melhoras na saúde das pessoas idosas.	Existe a preocupação, mas é difícil sensibilizar as pessoas.
--	------------------------------------	--	--

IC - Tem com referência ao passeio na Praia do Cassino. Nele as pessoas poderão ter uma orientação nesse sentido.

<p>DSC</p> <p><i>Tem com referência ao passeio na Praia do Cassino, que é uma caminhada pela praia onde os idosos terão oportunidade com o guia de conhecer as aves, a flora, tudo que tem naquele entorno. Então dependendo do enfoque do grupo de Terceira Idade, quando eles forem na Praia do Cassino eles poderão ter uma orientação específica sobre isso.</i></p>
--

IC - Os idosos exigem um cuidado maior.

DSC

Pessoas da Melhor Idade são mais propensas a dificuldades físicas e de saúde. A cidade de Rio Grande, por ser plana, exige menos esforço dessas pessoas.

IC - O Turismo contribui para melhoras na saúde das pessoas idosas.

DSC

O Turismo é extremamente importante para a qualidade de vida das pessoas. Conhecer coisas novas, andar, viajar, passear e conhecer outras pessoas faz um bem muito grande para a saúde dos idosos.

IC – Existe a preocupação, mas é difícil sensibilizar as pessoas.

DSC

De forma sincera, não, né? Mas existe a preocupação. É difícil conseguir sensibilizar as pessoas nessa nova conduta, mas a gente tem essa preocupação presente e à medida que se pode colocar isso em prática e acentuar, a gente tem feito isso.

12.3 Questão 3

O Sr.(a) tem conhecimento se essa proposta vem sendo utilizada pelos guias turísticos da cidade? Por quê?

IAD 1 (Instrumento de Análise de Discurso 1)

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS (sublinhadas)	ANCORAGEM (itálico)
<p>S1 - Bom, aí temos que dividir em duas partes, assim ó: (1ª idéia) <u>pelos guias turísticos sim, porque os guias desde o início estiveram participando de todas essas discussões como eu falei, foram uma daquelas instituições convidadas.</u> Então os guias automaticamente eles fazem reuniões semanais com a sociedade deles lá [...] na associação e eles discutem os roteiros, eles analisam as questões. A questão da Praia do Cassino que eu te falei, das aves aquilo tudo, eles levaram o material do trabalho do aluno e discutiram, por exemplo, e outros tantos. Bem, então eles têm uma sistemática de atualização e (2ª idéia) <u>eles tão dentro desse contexto de transmitir o conceito dos roteiros embora adaptando sempre para cada tipo de grupo, tá? Porque às vezes, por exemplo, é o que nós estávamos conversando, eu posso ter o roteiro número 1, mas vem um grupo que tem um interesse um pouco diferente e a</u></p>	<p>(1ª idéia) Pelos guias sim, porque eles participaram desde o início das discussões. A</p> <p>(2ª idéia) Os roteiros são adaptados para cada grupo, existe uma flexibilidade nos mesmos. B</p>	

<p><u>gente adapta. Isso aqui não precisa ser exatamente como tá, existe flexibilidade pra isso, inclusive deixa bem claro isso no livro. Agora essa é a questão dos guias, (3ª idéia) a questão das agências este é um problema. Por quê? Porque o município ele consegue fazer a parte institucional: motivar, incentivar os agentes de turismo, montar os produtos, mas comercializar quem faz são as agências. Rio Grande historicamente não tem agência receptiva, tem mais emissiva, não é? Bom, e aí é aquilo que eu te falei, a gente nota que as agências até hoje elas estão na dúvida em assumir um papel de serem agências emissivas ou receptivas, ou as duas coisas com a mesma intensidade. Então nós temos hoje de fato apenas uma ou duas agências que se consideram receptivas, né? E aí elas estão se preparando para comercializar isso, mas eu acho que isso tá um pouco ainda [...] que eles tão com dificuldade, elas não têm ainda a condição como nós esperávamos né? Talvez vai precisar algum tempo mais, que as coisas precisam de um tempo para amadurecer. É recente, porque as agências que trabalhavam com receptivo deixaram de trabalhar então agora surgiram agências novas, duas ou três, e até nós estamos fazendo uma reunião com elas pra conversar sobre isso, porque a gente quer mais que isso saia pra rua, comercialize e não adianta né [...] e a gente faz a divulgação institucional, mas a comercialização tem que ser elas. Então nisso (4ª idéia) eu acho que a cidade tá realmente um pouco atrasada, na comercialização por parte da iniciativa privada.</u></p>	<p>(3ª idéia) As agências estão se preparando para comercializar os roteiros, mas estão com dificuldade. C</p> <p>(4ª idéia) A cidade está atrasada na comercialização por parte da iniciativa privada. C</p>	
<p>S2 - <u>É eu te diria assim ó, (1ª idéia) a expectativa que nós fizemos com os 10 roteiros foi pra mostrar um leque de variedades que o município pode oferecer. Claro que esses 10 roteiros da forma como estão quando nós vamos a um seminário, vamos a uma feira, vamos a um salão (e agora em Junho se irá também ao Salão Brasileiro, 3º Salão Brasileiro de Turismo) esses roteiros são levados na sua íntegra, né? Mas (2ª idéia) na prática eles não são realizados um por um, né? Mas eles [...] temos visto, (3ª idéia) o nosso interesse embora eles estejam formatados daquela forma, é de que eles despertem o interesse nas diversas modalidades, nos diversos segmentos que existem do turismo, seja ele religioso, da melhor idade, de lazer, de esportes náuticos, inúmeras são as opções. Porque daqui a pouco pode despertar em algum grupo da melhor idade como isso</u></p>	<p>(1ª idéia) Os 10 roteiros são para mostrar o leque de variedades que o município tem a oferecer. B</p> <p>(2ª idéia) Na prática eles não são realizados um por um. B</p>	

<p>agora tá começando a se desenvolver mais e diz “Olha, Rio Grande já tem um roteiro pronto pra se fazer o turismo da melhor idade, o roteiro tal”. É, esse foi o nosso interesse, a nossa vontade porque do contrário se fosse só isso a gente faria só esse e trabalharia só em cima desse, né? O que a gente sabe é que na realidade o primeiro dia de um e de outro são muito parecidos, então eles até se confundem, distingui-se algumas coisas dentro de um pra outro e que acaba sendo misturado, faz uma miscigenação aí entre os roteiros. Mas <u>o mais importante pra nós era mostrar ao grande público com potencial turístico que a cidade de Rio Grande possui esses atrativos, que há a possibilidade de fazer roteiros turísticos pra melhor idade na cidade de Rio Grande. certo?</u> E já formatando um inclusive para quê desperte assim um interesse maior, melhor, né? É uma coisa assim mais dirigida que eu acho que tem valor e que nós agora com todo esse esforço aí que o próprio governo federal tá fazendo, a gente [...] agora vamos fazer um fam-tour na cidade de Rio Grande e vamos procurar incentivar principalmente o grupo da melhor idade. E também (4ª idéia) <u>depende um pouco dos guias, das agências receptivas pra atrair os turistas. É uma ferramenta eu, nós fizemos e estamos colocando à disposição pra que eles possam oferecer de uma melhor maneira.</u></p>	<p>(3ª idéia) O interesse é que os roteiros despertem o interesse para o turismo em Rio Grande. B</p> <p>(4ª idéia) Os roteiros são uma ferramenta, depende dos guias e das agências atraírem os turistas. C</p>	
---	--	--

A – Pelos guias sim, porque eles participaram desde o início das discussões.

B – Os roteiros são um guia para mostrar o que a cidade oferece em termos turísticos.

C – É necessário empenho da iniciativa privada.

IAD 2

A – Pelos guias sim, porque eles participaram desde o início das discussões.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S1 – Pelos guias turísticos sim, porque os guias desde o início estiveram participando de todas essas discussões como eu falei, foram uma daquelas instituições convidadas.</p>	<p><i>Pelos guias turísticos sim, porque desde o início estiveram participando de todas as discussões. Foram uma daquelas instituições convidadas.</i></p>

B – Os roteiros são um guia para mostrar o que a cidade oferece em termos turísticos.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S1 – Eles [os guias] tão dentro desse contexto de</p>	<p><i>A expectativa dos 10 roteiros é mostrar um leque</i></p>

<p>transmitir o conceito dos roteiros embora adaptando sempre para cada tipo de grupo, tá? Porque às vezes, por exemplo, é o que nós estávamos conversando, eu posso ter o roteiro número 1, mas vem um grupo que tem um interesse um pouco diferente e a gente adapta. Isso aqui não precisa ser exatamente como tá, existe flexibilidade pra isso, inclusive deixa bem claro isso no livro.</p> <p>S2 – A expectativa que nós fizemos com os 10 roteiros foi pra mostrar um leque de variedades que o município pode oferecer.</p> <p>S2 – Na prática eles não são realizados um por um, né?</p> <p>S2 – O nosso interesse embora eles estejam formatados daquela forma, é de que eles despertem o interesse nas diversas modalidades, nos diversos segmentos que existem do turismo, seja ele religioso, da melhor idade, de lazer, de esportes náuticos, inúmeras são as opções. [...] mais importante pra nós era mostrar ao grande público com potencial turístico que a cidade de Rio Grande possui esses atrativos, que há a possibilidade de fazer roteiros turísticos pra melhor idade na cidade de Rio Grande, certo?</p>	<p><i>de variedades que o município pode oferecer. O nosso interesse, embora eles estejam formatados daquela forma, é de que eles despertem o interesse nas diversas modalidades, nos diversos segmentos que existem do turismo. Então na prática eles não são realizados um por um. Os guias estão dentro desse contexto de transmitir o conceito dos roteiros embora adaptando sempre para cada tipo de grupo. Porque às vezes, por exemplo, eu posso ter o roteiro número 1, mas vem um grupo que tem um interesse um pouco diferente e a gente adapta. Os roteiros não precisam ser exatamente como estão, existe flexibilidade. O mais importante para nós era mostrar ao grande público com potencial turístico que a cidade de Rio Grande possui esses atrativos, que há a possibilidade de fazer roteiros turísticos para a Melhor Idade na cidade de Rio Grande, certo?</i></p>
---	--

C – É necessário empenho da iniciativa privada.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S1 – A questão das agências este é um problema. Por quê? Porque o município ele consegue fazer a parte institucional: motivar, incentivar os agentes de turismo, montar os produtos, mas comercializar quem faz são as agências. [...] E aí elas estão se preparando para comercializar isso, mas eu acho que isso tá um pouco ainda [...] que eles têm com dificuldade, elas não têm ainda a condição como nós esperávamos né?</p> <p>S1 – Eu acho que a cidade tá realmente um pouco atrasada, na comercialização por parte da iniciativa privada.</p> <p>S2 – Depende um pouco dos guias, das agências receptivas pra atrair os turistas. É uma ferramenta eu, nós fizemos e estamos colocando à disposição pra que eles possam oferecer de uma melhor maneira.</p>	<p><i>Eu acho que a cidade tá realmente um pouco atrasada na comercialização por parte da iniciativa privada. Os roteiros são uma ferramenta. Nós fizemos e estamos colocando à disposição para que os guias e as agências receptivas possam oferecer de uma melhor maneira. O município consegue fazer a parte institucional: motivar, incentivar os agentes de turismo, montar os produtos, mas comercializar quem faz são as agências. Elas estão se preparando para comercializar isso, mas eu acho que eles estão com dificuldade, elas não têm ainda a condição como nós esperávamos.</i></p>

QUADRO SÍNTESE

Idéias Centrais

Pelos guias sim, porque eles participaram desde o início das discussões.	Os roteiros são um guia para mostrar o que a cidade oferece em termos turísticos.	É necessário empenho da iniciativa privada.
--	---	---

IC - Pelos guias sim, porque eles participaram desde o início das discussões.

DSC

Pelos guias turísticos sim, porque desde o início estiveram participando de todas as discussões. Foram uma daquelas instituições convidadas.

IC - Os roteiros são um guia para mostrar o que a cidade oferece em termos turísticos.

DSC

A expectativa dos 10 roteiros é mostrar um leque de variedades que o município pode oferecer. O nosso interesse, embora eles estejam formatados daquela forma, é de que eles despertem o interesse nas diversas modalidades, nos diversos segmentos que existem do turismo. Então na prática eles não são realizados um por um. Os guias estão dentro desse contexto de transmitir o conceito dos roteiros embora adaptando sempre para cada tipo de grupo. Porque às vezes, por exemplo, eu posso ter o roteiro número 1, mas vem um grupo que tem um interesse um pouco diferente e a gente adapta. Os roteiros não precisam ser exatamente como estão, existe flexibilidade. O mais importante para nós era mostrar ao grande público com potencial turístico que a cidade de Rio Grande possui esses atrativos, que há a possibilidade de fazer roteiros turísticos para a Melhor Idade na cidade de Rio Grande, certo?

IC - É necessário empenho da iniciativa privada.

DSC

Eu acho que a cidade tá realmente um pouco atrasada na comercialização por parte da iniciativa privada. Os roteiros são uma ferramenta. Nós fizemos e estamos colocando à disposição para que os guias e as agências receptivas possam oferecer de uma melhor maneira. O município consegue fazer a parte institucional: motivar, incentivar os agentes de turismo, montar os produtos, mas comercializar quem faz são as agências. Elas estão se preparando para comercializar isso, mas eu acho que eles estão com dificuldade, elas não têm ainda a condição como nós esperávamos.

12.4 Questão 4

Em sua opinião, o que deve ser feito para estimular o turismo na velhice?

IAD 1 (Instrumento de Análise de Discurso 1)

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS (sublinhadas)	ANCORAGEM (itálico)
<u>S1 - Olha, eu acredito assim ó: (1ª idéia) primeiro eu acho que esse plano do Ministério do Turismo que se criou agora é uma medida excelente, porque é uma oportunidade à Melhor Idade e tal, (2ª idéia) a pessoa tem mais tempo, pode aproveitar a vida, aquilo tudo que a gente sabe, né? É o momento adequado pra usufruir das maravilhas da natureza, das maravilhas construídas pelo homem e dos nossos atrativos. Então eu acho que esse programa ele já vai favorecer bastante, tá? (3ª idéia) Em segundo lugar eu acho que é o marketing, a</u>	(1ª idéia) O Plano do Ministério do Turismo é uma medida excelente. A (2ª idéia) Na velhice a pessoa tem mais tempo para usufruir das maravilhas da natureza e das maravilhas construídas pelo homem. D	Os idosos possuem mais disponibilidade. D

<p><u>divulgação que falta também e no caso específico de Rio Grande é uma das nossas metas</u>, o Plano prevê isso... nós temos até o final de 2009 pra colocar esse produto com maior intensidade no mercado estadual, que é o nosso público alvo, nós queremos atingir o mercado do Rio Grande do Sul até 2009. Bem, então nós queremos é marketing e divulgação, mas pra isso precisa recursos/dinheiro e o município até hoje não teve recurso suficiente. (4ª idéia) <u>Uma outra possibilidade seria através dos grupos da terceira idade de várias cidades se unirem</u> ou até [...] não sei, aí eu desconheço se existe uma entidade ou na, mas certamente a Dona Ivalina poderia sugerir isso ou <u>fazer esse intercâmbio de maneira a levar a folheteria de Rio Grande, nós poderíamos passar a folheteria pra ela mandar e haver um intercâmbio</u>, porque inclusive nesses grupos, nesses roteiros está prevista uma recepção em algum momento pelos grupos da terceira idade da cidade de confraternização, opcional mas tá previsto. <u>Então esse intercâmbio através das próprias entidades locais de cada cidade seria interessante.</u></p>	<p>(3ª idéia) Falta divulgação e marketing. B</p> <p>(4ª idéia) Intercâmbio entre os grupos da terceira idade das cidades. C</p>	
<p>S2 - Bom, é [...] (1ª idéia) <u>esse passo que o governo federal instituiu né, através do Ministério do Turismo eu acho extremamente importante, válido, né?</u> Mas ainda tem que ter muito da iniciativa privada. Eu sempre tenho dito que até a pouco tempo o Brasil só se preocupava com as suas crianças (não que não tivesse que se preocupar com as suas crianças, eu acho que graças à preocupação das crianças nós vamos ter adultos melhores, né?), mas hoje além da preocupação das crianças nós começamos a ter que ter preocupações com os da melhor idade. Porque, isso não só no Brasil isso no mundo, (2ª idéia) <i>cada vez mais o ser humano vive mais tempo né e, portanto, da sua aposentadoria até a sua morte vai um lapso de tempo pra muitos trinta anos e essas pessoas precisam ter alguma coisa pra fazerem né? E tecnicamente é um grupo que tá aposentado que tem uma economia, não é? E que já foi aquelas necessidades de quando a gente é jovem, tá constituindo família, tem os filhos pra criar [...] não tem mais essas despesas. Então eles vão ter esses recursos, que é pra sua manutenção e a sua preservação da sua saúde, como eu disse no início que alguns deles têm algumas doenças crônicas, mas também sobra recursos pra o seu lazer e com as entidades; aí (3ª idéia) <u>a iniciativa privada, o governo estadual, federal e municipal; entendendo de que essas pessoas</u></i></p>	<p>(1ª idéia) O Plano do Ministério do Turismo é extremamente importante e válido. A</p> <p>(2ª idéia) Os idosos precisam de algo para fazer e já não têm as mesmas necessidades de antes, possuem mais tempo e dinheiro. D</p>	<p>Os idosos possuem mais disponibilidade. D</p>

<p><u>precisam se locomover, que são um potencial econômico tanto na área do turismo como em outras áreas e oferecer condições melhores para essas pessoas, assim como o governo federal tá colocando aí [...] cadastrou empresas aéreas, rodoviárias e hotéis que dêem desconto. <u>Certamente isso é um grande trunfo que fará com que aqueles municípios de zonas turísticas mais consagradas, que têm uma evolução, que têm uma sustentação do turismo mais sazonal num período do ano, possam ter o turismo todo o ano, né?</u> Por exemplo, o Balneário Cassino poderá ter a ocupação de seus hotéis durante todo o ano, não só nas férias, no verão, se houverem atrativos suficientes para essas pessoas virem até Rio Grande, né, até o Cassino, lá se divertirem, conhecerem um pouco a nossa cidade e terem também esse atendimento extremamente importante e necessário.</u></p>	<p>(3ª idéia) Os idosos possuem um potencial econômico que pode resolver o problema da sazonalidade no turismo. E</p>	
--	---	--

A – O Plano do Ministério do Turismo é uma medida excelente.

B – Falta divulgação e marketing.

C – Intercâmbio entre os grupos de terceira idade das cidades.

D – Os idosos possuem mais disponibilidade.

E – Os idosos possuem um potencial econômico que pode resolver o problema da sazonalidade no turismo.

IAD 2

A - O Plano do Ministério do Turismo é uma medida excelente.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S1 – Primeiro eu acho que esse plano do Ministério do Turismo que se criou agora é uma medida excelente, porque é uma oportunidade à Melhor Idade. S2 – Esse passo que o governo federal instituiu né, através do Ministério do Turismo eu acho extremamente importante, válido, né?</p>	<p><i>Eu acho que esse plano do Ministério do Turismo que se criou é uma medida excelente e extremamente válida, porque é uma oportunidade à Melhor Idade.</i></p>

B - Falta divulgação e marketing.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S1 – Em segundo lugar eu acho que é o marketing, a divulgação que falta também e no caso específico de Rio Grande é uma das nossas metas.</p>	<p><i>Falta marketing, divulgação e no caso específico de Rio Grande é uma das nossas metas.</i></p>

C - Intercâmbio entre os grupos de terceira idade das cidades.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
S1 – Uma outra possibilidade seria através dos grupos da terceira idade de várias cidades se unirem [...] fazer esse intercâmbio de maneira a levar a folheteria de Rio Grande, nós poderíamos passar a folheteria pra ela mandar e haver um intercâmbio. [...] Então esse intercâmbio através das próprias entidades locais de cada cidade seria interessante.	<i>Uma possibilidade seria através dos grupos da terceira idade de várias cidades se unirem. Fazer esse intercâmbio de maneira a levar a folheteria de Rio Grande, nós poderíamos passar a folheteria e haver um intercâmbio. Então esse intercâmbio através das próprias entidades locais de cada cidade seria interessante.</i>

D – Os idosos possuem mais disponibilidade.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
S1 – A pessoa tem mais tempo, pode aproveitar a vida, aquilo tudo que a gente sabe, né? É o momento adequado pra usufruir das maravilhas da natureza, das maravilhas construídas pelo homem e dos nossos atrativos. S2 – Cada vez mais o ser humano vive mais tempo né e, portanto, da sua aposentadoria até a sua morte vai um lapso de tempo pra muitos trinta anos e essas pessoas precisam ter alguma coisa para fazerem né? E tecnicamente é um grupo que tá aposentado que tem uma economia, não é? E que já foi aquelas necessidades de quando a gente é jovem, tá constituindo família, tem os filhos pra criar [...] não tem mais essas despesas. Então eles vão ter esses recursos, que é pra sua manutenção e a sua preservação da sua saúde, como eu disse no início que alguns deles têm algumas doenças crônicas, mas também sobra recursos pra o seu lazer.	<i>Cada vez mais o ser humano vive mais tempo e, portanto, da sua aposentadoria até a sua morte vai um lapso de tempo para muitos trinta anos e essas pessoas precisam ter alguma coisa para fazerem, né? A pessoa tem mais tempo, pode aproveitar a vida, né? É o momento adequado para usufruir das maravilhas da natureza, das maravilhas construídas pelo homem e dos nossos atrativos. Tecnicamente é um grupo que tá aposentado e que tem uma economia, não é? E já se foram aquelas necessidades de quando a gente é jovem, tá constituindo família, tem os filhos pra criar [...] não tem mais essas despesas. Então eles vão ter esses recursos para a sua manutenção e a preservação da sua saúde, mas também sobra recursos para o seu lazer.</i>

E – Os idosos possuem um potencial econômico que pode resolver o problema da sazonalidade no turismo.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
S2 – Certamente isso é um grande trunfo que fará com que aqueles municípios de zonas turísticas mais consagradas, que têm uma evolução, que têm uma sustentação do turismo mais sazonal num período do ano, possam ter o turismo todo o ano, né?	<i>O potencial econômico dos idosos é um grande trunfo que fará com que aqueles municípios de zonas turísticas mais consagradas, que têm uma evolução, que têm uma sustentação do turismo mais sazonal (em um certo período do ano) possam ter o turismo todo o ano.</i>

QUADRO SÍNTESE

Idéias Centrais

O Plano do Ministério do Turismo é uma	Falta divulgação e marketing.	Intercâmbio entre os grupos de terceira idade das	Os idosos possuem mais disponibilidade.	Os idosos possuem um potencial
--	-------------------------------	---	---	--------------------------------

medida excelente.		idades.		econômico que pode resolver o problema da sazonalidade no turismo.
-------------------	--	---------	--	--

IC - O Plano do Ministério do Turismo é uma medida excelente.

DSC

Eu acho que esse plano do Ministério do Turismo que se criou é uma medida excelente e extremamente válida, porque é uma oportunidade à Melhor Idade.

IC - Falta divulgação e marketing.

DSC

Falta marketing, divulgação e no caso específico de Rio Grande é uma das nossas metas.

IC - Intercâmbio entre os grupos de terceira idade das cidades.

DSC

Uma possibilidade seria através dos grupos da terceira idade de várias cidades se unirem. Fazer esse intercâmbio de maneira a levar a folheteria de Rio Grande, nós poderíamos passar a folheteria e haver um intercâmbio. Então esse intercâmbio através das próprias entidades locais de cada cidade seria interessante.

IC – Os idosos possuem mais disponibilidade.

DSC

Cada vez mais o ser humano vive mais tempo e, portanto, da sua aposentadoria até a sua morte vai um lapso de tempo para muitos trinta anos e essas pessoas precisam ter alguma coisa para fazerem, né? A pessoa tem mais tempo, pode aproveitar a vida, né? É o momento adequado para usufruir das maravilhas da natureza, das maravilhas construídas pelo homem e dos nossos atrativos. Tecnicamente é um grupo que tá aposentado e que tem uma economia, não é? E já se foram aquelas necessidades de quando a gente é jovem, tá constituindo família, tem os filhos pra criar [...] não tem mais essas despesas. Então eles vão ter esses recursos para a sua manutenção e a preservação da sua saúde, mas também sobra recursos para o seu lazer.

IC – Os idosos possuem um potencial econômico que pode resolver o problema da sazonalidade no turismo.

DSC

O potencial econômico dos idosos é um grande trunfo que fará com que aqueles municípios de zonas turísticas mais consagradas, que têm uma evolução, que têm uma sustentação do turismo mais sazonal (em um certo período do ano) possam ter o turismo todo o ano.

12.5 Questão 5

Em sua opinião, como o turismo pode melhor contribuir para a conscientização ambiental e social dos idosos?

IAD 1 (Instrumento de Análise de Discurso 1)

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS (sublinhadas)	ANCORAGEM (itálico)
<p>S1 - Primeiro eu não sei se eu tô certo, mas (1ª idéia) <i>eu acho que o idoso já tem uma certa sensibilização muito forte pra questão ambiental porque toda a experiência de vida [...] que às vezes vêm os jovens pra cá e colocam o lixo no lago, correm por lá e passam com as motos por cima das dunas, a gente sabe que isso acontece. E acho que a terceira idade já tem uma experiência de vida muito enriquecida, muito grande, e eles são os primeiros, acho que já é um sentimento bem aflorado nisso.</i> O que pode acontecer, eu acredito, é, como eu falei ainda a pouco, dentro desses roteiros que são executados no momento em que, por exemplo, eles caminham pela Praia do Cassino e o guia turístico vai orientá-los e existe a possibilidade também do pessoal do NEMA, se eles desejarem o NEMA está preparado pra isso e já fez em alguns momentos, acompanharem e passarem inclusive uma aula in lócus falando do contexto ali, das aves, das conchas, das dunas [...] então isso (2ª idéia) <u>pode acontecer quase como se fosse uma aula no próprio local com esse espírito.</u> Eu acho que isso ajudaria a <u>fortalecer essa idéia.</u> (3ª idéia) <i>Eu acho que o turismo em termos de preservação ambiental ele proporciona pra qualquer idade, só que o idoso eu entendo que ele já vem mais com essa visão de experiência de vida, né?</i> E alguns jovens também os surfistas, por exemplo, já tem esse valor. Então (4ª idéia) <u>eu acredito que a Educação Ambiental ela é cada vez mais forte dentro do turismo numa intensidade diferente e eu falo também a questão ambiental não só natural, porque a questão também de patrimônio e ambiente construído também é importante, né? Então eu acho que não dá pra separar as coisas.</u></p>	<p>(1ª idéia) O idoso já tem uma certa sensibilização por causa da experiência de vida. A</p> <p>(2ª idéia) Os roteiros podem acontecer como uma aula para reforçar a idéia de conscientização ambiental. C</p> <p>(3ª idéia) O Turismo em termos de preservação proporciona para qualquer idade, mas o idoso já vem com essa experiência de vida. A</p> <p>(4ª idéia) A EA é cada vez mais forte dentro do Turismo, tanto no aspecto natural como no aspecto do ambiente construído. B</p>	<p>O idoso possui mais consciência ambiental do que o jovem. A</p>
<p>S2 – (1ª idéia) <u>Olha eu acredito que o turismo tem essa capacidade, né?</u> Agora talvez até seja, tô assim pensando rapidamente pra te responder, talvez até seja o grande vetor pra mostrar da necessidade. Porque daqui a</p>	<p>(1ª idéia) O Turismo tem a capacidade de conscientizar ambientalmente as pessoas. B</p>	

<p>pouco com um guia conduzindo o grupo, né? Não tô falando agora no turismo individual, vamos pensar em turismo de massa, grupos que se deslocam pra cá e pra lá, vão fazer visita em uma reserva, numa cidade, numa igreja, num museu [...] (2ª idéia) <u>se esse grupo tiver a assistência; e normalmente deveria ser assim, ter uma assistência de um guia de turismo; e nesse guia sempre houver ou nos locais onde eles vão frequentar, vão visitar, tiver presente a preocupação do ecoturismo, do meio ambiente, certamente isso vai ficar marcado, isso vai ficar na retina, isso vai ficar na lembrança. Essas pessoas que começam a conviver com essas ações vão chegar nas suas casas, nos seus lares, nos seus meios ambiente, no local onde trabalham, vivem e reproduzir mesmo.</u> Então eu acho que (3ª idéia) <u>o turismo, desde que as fontes geradoras do turismo produzam ou procedam dessa forma, certamente ele pode ser o desencadeador, o multiplicador dessas ações.</u></p>	<p>(2ª idéia) Se o guia turístico e os locais visitados tiverem a preocupação com o meio ambiente, isso vai ficar na lembrança das pessoas e elas vão passar adiante. D</p> <p>(3ª idéia) O Turismo pode ser o desencadeador de ações de conscientização ambiental. B</p>	
---	---	--

A – O idoso possui mais consciência ambiental do que o jovem.

B – O Turismo tem a capacidade de conscientizar ambientalmente as pessoas.

C – Os roteiros podem acontecer como uma aula para reforçar a idéia de conscientização ambiental.

D – Se o guia turístico e os locais visitados tiverem a preocupação com o meio ambiente, isso vai ficar na lembrança das pessoas e elas vão passar adiante.

IAD 2

A – O idoso possui mais consciência ambiental do que o jovem.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S1 – Eu acho que o idoso já tem uma certa sensibilização muito forte pra questão ambiental porque toda a experiência de vida [...] que às vezes vêm os jovens pra cá e colocam o lixo no lago, correm por lá e passam com as motos por cima das dunas, a gente sabe que isso acontece. E acho que a terceira idade já tem uma experiência de vida muito enriquecida, muito grande, e eles são os primeiros, acho que já é um sentimento bem aflorado nisso.</p> <p>S1 – Eu acho que o turismo em termos de preservação ambiental ele proporciona pra qualquer idade, só que o idoso eu entendo que ele já vem mais com essa visão de experiência de vida, né?</p>	<p><i>Eu acho que o Turismo em termos de preservação ambiental ele proporciona para qualquer idade só que o idoso, eu entendo, já vem mais com uma visão de experiência de vida, né? Eu acho que o idoso já tem uma sensibilização muito forte para com questão ambiental justamente por causa dessa experiência de vida. Às vezes vem os jovens pra cá e colocam lixo no lago, correm por lá e passam com as motos por cima das dunas, a gente sabe que isso acontece. E acho que a terceira idade já tem uma experiência de vida muito enriquecida, muito grande, e eles são os primeiros, acho que já é um sentimento bem aflorado nisso.</i></p>

B – O Turismo tem a capacidade de conscientizar ambientalmente as pessoas.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S1 – Eu acredito que a Educação Ambiental ela é cada vez mais forte dentro do turismo numa intensidade diferente e eu falo também a questão ambiental não só natural, porque a questão também de patrimônio e ambiente construído também é importante, né? Então eu acho que não dá pra separar as coisas.</p> <p>S2 – Olha eu acredito que o turismo tem essa capacidade, né?</p> <p>S2 – O turismo, desde que as fontes geradoras do turismo produzam ou procedam dessa forma, certamente ele pode ser o desencadeador, o multiplicador dessas ações.</p>	<p><i>Eu acredito que o Turismo tem essa capacidade, pode ser o desencadeador, o multiplicador dessas ações. A Educação Ambiental é cada vez mais forte dentro do Turismo numa intensidade diferente. E eu falo também a questão ambiental não só natural, porque a questão também de patrimônio e ambiente construído também é importante, né? Então eu acho que não dá pra separar as coisas.</i></p>

C – Os roteiros podem acontecer como uma aula para reforçar a idéia de conscientização ambiental.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S1 – Pode acontecer quase como se fosse uma aula no próprio local com esse espírito. Eu acho que isso ajudaria a fortalecer essa idéia.</p>	<p><i>Os roteiros podem acontecer quase como se fosse uma aula no próprio local com esse espírito de conscientização ambiental. Eu acho que isso ajudaria a fortalecer essa idéia.</i></p>

D – Se o guia turístico e os locais visitados tiverem a preocupação com o meio ambiente, isso vai ficar na lembrança das pessoas e elas vão passar adiante.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S2 – [...] se esse grupo tiver a assistência; e normalmente deveria ser assim, ter uma assistência de um guia de turismo; e nesse guia sempre houver ou nos locais onde eles vão freqüentar, vão visitar, tiver presente a preocupação do ecoturismo, do meio ambiente, certamente isso vai ficar marcado, isso vai ficar na retina, isso vai ficar na lembrança. Essas pessoas que começam a conviver com essas ações vão chegar nas suas casas, nos seus lares, nos seus meios ambiente, no local onde trabalham, vivem e reproduzir mesmo.</p>	<p><i>Se os grupos tiverem assistência (e normalmente deveria ser assim, ter uma assistência de um guia de turismo) e nesse guia sempre houver ou nos locais onde eles vão freqüentar, vão visitar, tiver presente a preocupação do ecoturismo, do meio ambiente, certamente isso vai ficar marcado, isso vai ficar na retina, isso vai ficar na lembrança. Essas pessoas que começam a conviver com essas ações vão chegar nas suas casas, nos seus lares, nos seus meios ambiente, no local onde trabalham, vivem e reproduzir mesmo.</i></p>

QUADRO SÍNTESE

Idéias Centrais

O idoso possui mais consciência ambiental do que o jovem.	O Turismo tem a capacidade de conscientizar ambientalmente as	Os roteiros podem acontecer como uma aula para reforçar a idéia de conscientização	Se o guia turístico e os locais visitados tiverem a preocupação com o meio ambiente, isso vai
---	---	--	---

	peças.	ambiental.	ficar na lembrança das pessoas e elas vão passar adiante.
--	--------	------------	---

IC – O idoso possui mais consciência ambiental do que o jovem.

DSC

Eu acho que o Turismo em termos de preservação ambiental ele proporciona para qualquer idade só que o idoso, eu entendo, já vem mais com uma visão de experiência de vida, né? Eu acho que o idoso já tem uma sensibilização muito forte para com questão ambiental justamente por causa dessa experiência de vida. Às vezes vem os jovens pra cá e colocam lixo no lago, correm por lá e passam com as motos por cima das dunas, a gente sabe que isso acontece. E acho que a terceira idade já tem uma experiência de vida muito enriquecida, muito grande, e eles são os primeiros, acho que já é um sentimento bem aflorado nisso.

IC – O Turismo tem a capacidade de conscientizar ambientalmente as pessoas.

DSC

Eu acredito que o Turismo tem essa capacidade, pode ser o desencadeador, o multiplicador dessas ações. A Educação Ambiental é cada vez mais forte dentro do Turismo numa intensidade diferente. E eu falo também a questão ambiental não só natural, porque a questão também de patrimônio e ambiente construído também é importante, né? Então eu acho que não dá pra separar as coisas.

IC – Os roteiros podem acontecer como uma aula para reforçar a idéia de conscientização ambiental.

DSC

Os roteiros podem acontecer quase como se fosse uma aula no próprio local com esse espírito de conscientização ambiental. Eu acho que isso ajudaria a fortalecer essa idéia.

IC – Se o guia turístico e os locais visitados tiverem a preocupação com o meio ambiente, isso vai ficar na lembrança das pessoas e elas vão passar adiante.

DSC

Se os grupos tiverem assistência (e normalmente deveria ser assim, ter uma assistência de um guia de turismo) e nesse guia sempre houver ou nos locais onde eles vão freqüentar, vão visitar, tiver presente a preocupação do ecoturismo, do meio ambiente, certamente isso vai ficar marcado, isso vai ficar na retina, isso vai ficar na lembrança. Essas pessoas que começam a conviver com essas ações vão chegar nas suas casas, nos seus lares, nos seus meios ambiente, no local onde trabalham, vivem e reproduzir mesmo.

13 ANEXO 4 – CONSTRUÇÃO DOS DSCs DO GRUPO 2

13.1 Questão 1

O Sr.(a) tem conhecimento se existe no Plano Turístico de Rio Grande uma preocupação com a Educação Ambiental? Por quê? Como isso é demonstrado?

IAD 1 (Instrumento de Análise de Discurso 1)

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS (sublinhadas)	ANCORAGEM (itálico)
<p>S1 – (1ª idéia) <u>Existe, inclusive nós (os guias) já trabalhamos com isso, com alguns professores da Universidade (inclusive tem um que é irmão do Igmarr) ele nos deu um curso, agora eu não lembro o nome do curso, mas tinha assim ó: pra que a gente passasse essa preocupação que se tem;</u> era alguma coisa assim ó: preocupação com a Lagoa dos Patos, com o pessoal que sobrevive da Lagoa né? Pescadores. Mas eu não lembro o nome [...]</p> <p>ENT. – Este curso é vinculado à Secretaria?</p> <p>S1 – Não, não é vinculado à Secretaria. Isso aí é um projeto do Porto com a FURG, não tem nada a ver com a Secretaria.</p> <p>ENT. – Tu tens conhecimento do Plano? Existe nele essa preocupação com a EA?</p> <p>S1 – <u>Não exatamente. Não tem assim uma coisa específica, não tem.</u></p>	<p>(1ª idéia) Existe e nós guias devemos passar essa preocupação. C</p> <p>(2ª idéia) Uma coisa específica não tem. A</p>	
<p>S2 – (1ª idéia) <u>Olha eu acredito que sim porque dentro do Plano Turístico inclusive há um foco voltado para o Ecoturismo, né?</u> (2ª idéia) <u>É claro que Ecoturismo e Educação Ambiental são coisas distintas, mas também que uma faz parte da outra né?</u> Mas (3ª idéia) <u>existe sim dentro do Plano essa preocupação de mostrar a importância, ou melhor, de conscientizar as pessoas da importância da Educação Ambiental mostrando as belezas naturais e como isso se representa né?</u> Então eu vejo nesse sentido, que há essa preocupação.</p>	<p>(1ª idéia) Acredito que sim, porque há um foco no Ecoturismo. A</p> <p>(2ª idéia) Ecoturismo e EA são coisas distintas, mas que fazem parte uma da outra. B</p> <p>(3ª idéia) Existe no Plano a preocupação de conscientizar as pessoas da importância da EA. A</p>	<p>Ecoturismo e EA são distintos, mas se complementam. B</p>
<p>S3 – (1ª idéia) <u>A preocupação é constante sempre, né? A gente tem sempre em todos os roteiros;</u> e gostaria de dizer que esses roteiros foram feitos também com o nosso auxílio, da associação de guias de turismo; <u>em todos eles existe uma preocupação com o meio ambiente, né?</u> Pra que nós guias de turismo quando trabalhamos temos a grande preocupação de conduzir o grupo de uma determinada maneira pra que ele não faça nenhuma poluição, que a gente pelo menos observe né? Como o cigarro se alguns fumam</p>	<p>(1ª idéia) A preocupação é constante. Todos os planejamentos e roteiros acompanhados por guias têm essa preocupação presente. C</p>	

<p>se leva sempre alguma sacolinha ou alguma coisa pra se colocar. Se nós vamos na Ilha, por exemplo, que é um lugar que a gente também tem mais cuidado embora ela não esteja é [...] eles observam que em alguns lugares não estão adequados, né? Porque tem lixo, tem [...] Então a gente fala sobre isso, mas também não deixamos eles colocarem nada de resíduos nem de alguma coisa de papéis ou de fruta, de alguma coisa [...] sempre se leva uma sacola, sempre se faz alguma coisa. Então <u>todos os planejamentos, todos esses roteiros turísticos, todos eles quando estão acompanhados de um guia, da associação pelo menos né, tem essa preocupação.</u></p> <p>ENT. – E do Plano em si, do documento, a Sra. tem conhecimento?</p> <p>S3 – (2ª idéia) <u>Não nós não temos o Plano em si todo, eu não tenho o Plano aqui pra te mostrar, mas sei que em todos os roteiros que foram feitos a gente sempre teve essa preocupação.</u></p>	<p>(2ª idéia) Não tenho conhecimento do Plano em si, mas em todos os roteiros que foram feitos existe essa preocupação.</p> <p>C</p>	
<p>S4 – No Plano Turístico? (1ª idéia) <u>Pelo menos tinham passado pra nós nos vários contatos que a gente tem com a Secretaria de Turismo, que funciona aqui no local onde funciona a Secretaria do Meio Ambiente, é que a gente tente passar para os nossos grupos, os grupos que a gente recebe, uma conscientização sobre a localização da cidade e a importância da preservação, principalmente nos lugares aonde se vai: a Ilha da Pólvora, São José do Norte e travessia [...] que a gente procure passar pros grupos aqueles cuidados básicos de não jogar coisas pela janela, né? E se ver alguma coisa também tentar relevar porque às vezes a nossa cidade é uma cidade também de um fluxo muito grande de pessoas né, então (2ª idéia) <u>eu acho que existe sim algo. Não tanto quanto se vê em outros lugares, mas há uma preocupação. Existe sim.</u></u></p>	<p>(1ª idéia) A gente deve passar para os grupos uma conscientização sobre a localização da cidade e a importância da preservação.</p> <p>C</p> <p>(2ª idéia) Existe algo. Há uma preocupação.</p> <p>A</p>	
<p>S5 – <u>No Plano Turístico eu acredito que até tenha, mas não, mas tá meio implícito assim.</u> Eu conheço os roteiros e tudo, mas acredito que isso fica a par do nosso trabalho assim né? Pra não criar tanto impacto e tudo. Na minha realidade eu procuro trabalhar com essa parte ambiental também.</p>	<p>Acredito que tenha, mas é meio implícito.</p> <p>A</p>	

A – Existe, mas nada específico. Está implícito.

B – Ecoturismo e EA são distintos, mas se complementam.

C – Todos os roteiros acompanhados por guias têm essa preocupação.

IAD 2

A – Existe, mas nada específico. Está implícito.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S1 – Não exatamente. Não tem assim uma coisa específica, não tem.</p> <p>S2 – Olha eu acredito que sim porque dentro do Plano Turístico inclusive há um foco voltado para o Ecoturismo, né?</p> <p>S2 – Existe sim dentro do Plano essa preocupação de mostrar a importância, ou melhor, de conscientizar as pessoas da importância da Educação Ambiental mostrando as belezas naturais e como isso se representa né?</p> <p>S4 – Eu acho que existe sim algo. Não tanto quanto se vê em outros lugares, mas há uma preocupação. Existe sim.</p> <p>S5 – No Plano Turístico eu acredito que até tenha, mas não, mas tá meio implícito assim.</p>	<p><i>Não tem assim uma coisa específica, não tem. Eu acredito que até tenha algo, mas tá meio implícito. Existe dentro do Plano essa preocupação de mostrar a importância, ou melhor, de conscientizar as pessoas da importância da Educação Ambiental mostrando as belezas naturais e como isso se representa, né? Não tanto quanto se vê em outros lugares, mas há uma preocupação.</i></p>

B – Ecoturismo e EA são distintos, mas se complementam.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S2 – É claro que Ecoturismo e Educação Ambiental são coisas distintas, mas também que uma faz parte da outra né?</p>	<p><i>Ecoturismo e Educação Ambiental são coisas distintas, mas também uma faz parte da outra.</i></p>

C – Todos os roteiros acompanhados por guias têm essa preocupação.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S1 – Existe, inclusive nós (os guias) já trabalhamos com isso, [...] pra que a gente passasse essa preocupação que se tem.</p> <p>S3 – A preocupação é constante sempre, né? A gente tem sempre em todos os roteiros [...] em todos eles existe uma preocupação com o meio ambiente, né? [...] todos os planejamentos, todos esses roteiros turísticos, todos eles quando estão acompanhados de um guia, da associação pelo menos né, tem essa preocupação.</p> <p>S3 – Não nós não temos o Plano em si todo, [...] mas sei que em todos os roteiros que foram feitos a gente sempre teve essa preocupação.</p> <p>S4 – Pelo menos tinham passado pra nós [...] que a gente tente passar para os nossos grupos, os grupos que a gente recebe, uma conscientização sobre a localização da cidade e a importância da preservação, principalmente nos lugares aonde se vai.</p>	<p><i>Existe, inclusive nós guias já trabalhamos com isso. A gente sempre em todos os roteiros tem uma preocupação com o meio ambiente, né? Todos os planejamentos, todos esses roteiros turísticos, todos eles quando estão acompanhados de um guia, da associação pelo menos né, tem essa preocupação. A gente tenta passar para os nossos grupos, os grupos que a gente recebe, uma conscientização sobre a localização da cidade e a importância da preservação, principalmente nos lugares aonde se vai. Nós não temos conhecimento do Plano em si, mas sei que em todos os roteiros que foram feitos a gente sempre teve essa preocupação.</i></p>

QUADRO SÍNTESE

Idéias Centrais

Existe, mas nada específico. Está implícito.	Ecoturismo e EA são distintos, mas se complementam.	Todos os roteiros acompanhados por guias têm essa preocupação.
--	---	--

IC – Existe, mas nada específico. Está implícito.

DSC <i>Não tem assim uma coisa específica, não tem. Eu acredito que até tenha algo, mas tá meio implícito. Existe dentro do Plano essa preocupação de mostrar a importância, ou melhor, de conscientizar as pessoas da importância da Educação Ambiental mostrando as belezas naturais e como isso se representa, né? Não tanto quanto se vê em outros lugares, mas há uma preocupação.</i>
--

IC – Ecoturismo e EA são distintos, mas se complementam.

DSC <i>Ecoturismo e Educação Ambiental são coisas distintas, mas também uma faz parte da outra.</i>
--

IC – Todos os roteiros acompanhados por guias têm essa preocupação.

DSC <i>Existe, inclusive nós guias já trabalhamos com isso. A gente sempre em todos os roteiros tem uma preocupação com o meio ambiente, né? Todos os planejamentos, todos esses roteiros turísticos, todos eles quando estão acompanhados de um guia, da associação pelo menos né, tem essa preocupação. A gente tenta passar para os nossos grupos, os grupos que a gente recebe, uma conscientização sobre a localização da cidade e a importância da preservação, principalmente nos lugares aonde se vai. Nós não temos conhecimento do Plano em si, mas sei que em todos os roteiros que foram feitos a gente sempre teve essa preocupação.</i>
--

13.2 Questão 2

Quais atividades do roteiro dirigido às pessoas idosas sugerido no Plano visam à conscientização do turista a respeito dos atuais problemas sociais e ambientais? Por quê?

IAD 1 (Instrumento de Análise de Discurso 1)

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS (sublinhadas)	ANCORAGEM (itálico)
S1 - O que acontece? Quando a gente vai passear com vários turistas (aí independente de ser esse roteiro ou não, né?) que a gente faz né? (1ª idéia) <u>A gente pede pra, o máximo, é não colocar lixo, pra não arrancar árvore, é esse tipo de coisa que a gente consegue fazer. Agora não que tenha uma coisa maior do que isso. Não, não tem.</u> ENT. - Naquele roteiro de atividades tem alguma coisa?	(1ª idéia) A gente pede para não colocar lixo, não arrancar árvore, mas não tem nada maior que isso. C (2ª idéia) No roteiro dirigido	

<p>S1 – (2ª idéia) <u>Não, não tem. Não tem mesmo.</u> Agora o NEMA tem uma preocupação, mas é que assim ó: não cabe a nós os guias fazer, isso aí tem que vir de um órgão maior e a gente até vai fazer. Mas a gente mesmo faz esse pedido pro pessoal que tá andando de ônibus não colocar lixo, mas é uma coisinha básica, muito pouquinho.</p>	<p>para a Melhor Idade não tem nada. A</p>	
<p>S2 - Olha <u>eu acredito que dentro dos próprios atrativos que são oferecidos</u> como, por exemplo, uma ida à Ilha dos Marinheiros, um passeio de lancha pela Lagoa dos Patos, a caminhada a pé pelas praças da cidade, pelo centro histórico (que é o entorno da Praça Francisco Xavier Ferreira) [...] <u>todas essas atividades, elas tendem a levar à sensibilidade não somente do turista, mas também do transeunte, do próprio da comunidade pra essas questões de Educação Ambiental, da preocupação com o ambiente e da conscientização de que nós também somos terra né? Eu acredito que seja nesse sentido.</u></p>	<p>Dentro dos atrativos oferecidos todas as atividades tendem a levar à sensibilidade do turista e também da comunidade para questões de EA. B</p>	
<p>S3 - Bem, uma coisa bem clara que eu gostaria de dizer. Esses roteiros aqui, eles foram feitos aqui pela Secretaria, mas que a Secretaria não é ela que desenvolve o roteiro, né? O roteiro é desenvolvido pelo guia de turismo com uma agência. Então a agência que faz esses pacotes. O Plano Turístico ele visou e continua visando fomentar, trazer turistas, fazer um plano, fazer um roteiro para que as agências é que viabilizem isso aqui. Isso aqui não é viabilizado por nós guias de turismo e nem mesmo por quem fez o Plano, entende? São as ferramentas que eles deram para que as agências pudessem trabalhar fazendo o desenvolvimento desses roteiros aqui. Bem, neste roteiro aqui que nós temos que é o roteiro pra melhor idade, vamos dizer assim, uma das partes aqui que ele faz é de um passeio de barco né? Então <u>quando se faz o passeio de barco, por exemplo, nós estamos observando o meio ambiente e fazendo também com que as pessoas tanto da Ilha como em São José do Norte, como em qualquer outro lugar, estejam desenvolvendo também as suas atividades, não é? O barqueiro, por exemplo, então é uma parte social.</u> E para recreação esse Plano aqui colocou um baile, não sei se vocês observaram, né? Vocês observaram que aqui também [...] participe de um baile e jantar de confraternização. Mas isso aqui foi feito visando o grupo que chegue e que uma agência venda este pacote. Então este baile é uma atividade que a agência vai se responsabilizar por esse trabalho, né?</p>	<p>Quando se faz um passeio de barco, por exemplo, se observa tanto a parte ambiental quanto a social. B</p>	

<p>S4 - Olha eu não trabalho assim diretamente com receptivo, recebendo grupo principalmente da terceira idade, mas eu fiz um trabalho com os grupos da terceira idade daqui da cidade e foi desenvolvido com eles uma visita ao centro histórico. A Associação possui um projeto de centro histórico que era aplicada aqui na cidade. Era uma hora de história, então visita-se o prédio da Prefeitura, a Biblioteca, ali a doca do Mercado, a igreja, as duas igrejas né; do São Francisco e a Catedral; aquele largo ali Doutor Pio, a Alfândega, a Câmara do Comércio e a Praça Xavier Ferreira. E sempre que [...] (1ª idéia) <u>é muito assim ó, tu vai comentar sobre o prédio e aí tu já podes aplicar alguma coisa sobre a conservação, sobre a importância da preservação e assim [...] de preservação não só do prédio, mas do entorno, da conservação da calçada como é importante e que as pessoas se preocupem e se vê alguma coisa juntar, não custa nada.</u> De repente algum menos avisado larga uma garrafinha o outro passa e pega né, isso aí não [...] então eu acho que há uma preocupação. O entorno ali da doca do Mercado principalmente o cuidado que é necessário por causa da Lagoa né, o envolvimento que há com os peixes. (2ª idéia) <u>Eu acho que pelo menos aqui assim na associação a gente tenta, porque a gente tem saída de campo, se vai no Taim, se vai em São José do Norte, se foi na Ilha dos Marinheiros [...] então há uma necessidade de se preservar esse meio que a gente é [...] sustentável que a gente diz né? Que se não preservar não vai haver isso daí mais adiante. Eu acho que é uma, é pequena assim, mas sabe aquela coisa de grão em grão um dia se chega lá né?</u></p>	<p>(1ª idéia) Quando se comenta sobre um atrativo se fala sobre a conservação e a sua preservação e do seu entorno. B</p> <p>(2ª idéia) Há necessidade de preservar, porque senão não vai haver isso mais adiante. D</p>	
<p>S5 - Olha, <u>nessa parte assim eu desconheço. Até na verdade eu peço um pouco por não conhecer muito o roteiro que é voltado pra melhor idade, né? Por isso aí eu não saberia te responder.</u> Eu poderia te responder na parte do meu trabalho com grupos de melhor idade. Aí eu poderia te falar o que eu posso fazer, mas não dentro desses roteiros.</p>	<p>Peco por desconhecer esses roteiros. E</p>	

A – No roteiro dirigido para a Melhor Idade não tem nada.

B – Quando se comenta sobre os atrativos se busca a sensibilização do turista e também da comunidade para questões de EA.

C – A gente pede para não colocar lixo, não arrancar árvore, mas não tem nada maior que isso.

D – Há necessidade de preservar, porque senão não vai haver isso mais adiante.

E – Peco por desconhecer esses roteiros.

IAD 2

A – No roteiro dirigido para a Melhor Idade não tem nada.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
S1 – Não, não tem. Não tem mesmo.	<i>Não, não tem. Não tem mesmo.</i>

B – Quando se comenta sobre os atrativos se busca a sensibilização do turista e também da comunidade para questões de EA.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S2 – Olha eu acredito que dentro dos próprios atrativos que são oferecidos [...] todas essas atividades, elas tendem a levar à sensibilização não somente do turista, mas também do transeunte, do próprio da comunidade pra essas questões de Educação Ambiental, da preocupação com o ambiente e da conscientização de que nós também somos terra né? Eu acredito que seja nesse sentido.</p> <p>S3 – Quando se faz o passeio de barco, por exemplo, nós estamos observando o meio ambiente e fazendo também com que as pessoas tanto da Ilha como em São José do Norte, como em qualquer outro lugar, estejam desenvolvendo também as suas atividades, não é? O barqueiro, por exemplo, então é uma parte social.</p> <p>S4 – É muito assim ó, tu vai comentar sobre o prédio e aí tu já podes aplicar alguma coisa sobre a conservação, sobre a importância da preservação e assim [...] de preservação não só do prédio, mas do entorno, da conservação da calçada como é importante e que as pessoas se preocupem e se vê alguma coisa juntar, não custa nada.</p>	<p><i>Eu acredito que dentro dos próprios atrativos que são oferecidos todas as atividades tendem a levar à sensibilização não somente do turista, mas também do transeunte, da própria comunidade para essas questões de Educação Ambiental, da preocupação com o ambiente e da conscientização de que nós também somos terra né? Eu acredito que seja nesse sentido. É muito assim ó, tu vai comentar sobre um prédio e aí tu já podes aplicar alguma coisa sobre a conservação, sobre a importância da preservação não só do prédio, mas do entorno, da conservação da calçada como é importante e que as pessoas se preocupem e se vê alguma coisa juntar, não custa nada. Quando se faz o passeio de barco, por exemplo, nós estamos observando o meio ambiente e fazendo também com que as pessoas tanto da Ilha dos Marinheiros como de São José do Norte, como de qualquer outro lugar, estejam desenvolvendo também as suas atividades, não é? O barqueiro, por exemplo, então é uma parte social.</i></p>

C – A gente pede para não colocar lixo, não arrancar árvore, mas não tem nada maior que isso.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
S1 – A gente pede pra, o máximo, é não colocar lixo, pra não arrancar árvore, é esse tipo de coisa que a gente consegue fazer. Agora não que tenha uma coisa maior do que isso. Não, não tem.	<i>A gente pede para não colocar lixo, para não arrancar árvore, é esse tipo de coisa que a gente consegue fazer. Agora não que tenha uma coisa maior do que isso. Não, não tem.</i>

D – Há necessidade de preservar, porque senão não vai haver isso mais adiante.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
S4 – Eu acho que pelo menos aqui assim na associação a gente tenta, porque a gente tem saída de campo, se vai no Taim, se vai em São José do Norte, se foi na Ilha dos Marinheiros [...] então há uma necessidade de se preservar esse meio que a gente é [...] sustentável que a gente diz né? Que se não preservar não vai haver isso daí mais adiante. Eu acho que é uma, é pequena assim, mas sabe aquela coisa de grão em grão um dia se chega lá né?	<i>Eu acho que pelo menos aqui na Associação a gente tenta, porque a gente tem saída de campo, se vai no Taim, se vai em São José do Norte, se foi na Ilha dos Marinheiros. Então há uma necessidade de se preservar esse meio que a gente é [...] sustentável que a gente diz né? Que se não preservar não vai haver isso daí mais adiante. Eu acho que é uma ação pequena, mas sabe aquela coisa de grão em grão um dia se chega lá?</i>

E – Peco por desconhecer esses roteiros.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
S5 – Nessa parte assim eu desconheço. Até na verdade eu peço um pouco por não conhecer muito o roteiro que é voltado pra melhor idade, né? Por isso aí eu não saberia te responder.	<i>Nessa parte assim eu desconheço. Até na verdade eu peço um pouco por não conhecer muito o roteiro que é voltado pra melhor idade, né? Por isso aí eu não saberia te responder.</i>

QUADRO SÍNTESE

Idéias Centrais

No roteiro dirigido para a Melhor Idade não tem nada.	Quando se comenta sobre os atrativos se busca a sensibilização do turista e também da comunidade para questões de EA.	A gente pede para não colocar lixo, não arrancar árvore, mas não tem nada maior que isso.	Há necessidade de preservar, porque senão não vai haver isso mais adiante.	Peco por desconhecer esses roteiros.
---	---	---	--	--------------------------------------

IC – No roteiro dirigido para a Melhor Idade não tem nada.

DSC <i>Não, não tem. Não tem mesmo.</i>
--

IC – Quando se comenta sobre os atrativos se busca a sensibilização do turista e também da comunidade para questões de EA.

DSC <i>Eu acredito que dentro dos próprios atrativos que são oferecidos todas as atividades tendem a levar à sensibilidade não somente do turista, mas também do transeunte, da própria comunidade para essas questões de Educação Ambiental, da preocupação com o ambiente e da conscientização de que nós também somos terra né? Eu acredito que seja nesse sentido. É muito assim ó, tu vai comentar sobre um prédio e aí tu já podes aplicar alguma coisa sobre a conservação, sobre a importância da preservação não só do prédio, mas do entorno, da conservação da calçada como é importante e que as pessoas se preocupem e se vê alguma coisa juntar, não custa nada. Quando se faz o passeio de barco, por exemplo, nós estamos observando o meio ambiente e fazendo também com que as pessoas tanto da Ilha dos</i>

Marinheiros como de São José do Norte, como de qualquer outro lugar, estejam desenvolvendo também as suas atividades, não é? O barqueiro, por exemplo, então é uma parte social.

IC – A gente pede para não colocar lixo, não arrancar árvore, mas não tem nada maior que isso.

DSC
A gente pede para não colocar lixo, para não arrancar árvore, é esse tipo de coisa que a gente consegue fazer. Agora não que tenha uma coisa maior do que isso. Não, não tem.

IC – Há necessidade de preservar, porque senão não vai haver isso mais adiante.

DSC
Eu acho que pelo menos aqui na Associação a gente tenta, porque a gente tem saída de campo, se vai no Taim, se vai em São José do Norte, se foi na Ilha dos Marinheiros. Então há uma necessidade de se preservar esse meio que a gente é [...] sustentável que a gente diz né? Que se não preservar não vai haver isso daí mais adiante. Eu acho que é uma ação pequena, mas sabe aquela coisa de grão em grão um dia se chega lá?

IC – Peco por desconhecer esses roteiros.

DSC
Nessa parte assim eu desconheço. Até na verdade eu peço um pouco por não conhecer muito o roteiro que é voltado pra melhor idade, né? Por isso aí eu não saberia te responder.

13.3 Questão 3

O Sr.(a) segue o roteiro para os idosos sugerido pela Secretaria de Turismo? Por quê?

IAD 1 (Instrumento de Análise de Discurso 1)

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS (sublinhadas)	ANCORAGEM (itálico)
<p>S1 - Eu muito pouco trabalho com idosos, muito pouco. Raramente eu recebo assim grupos de idosos. <u>Eu trabalho mais com escolas, mas não porque eu queira é porque os meus clientes são mais escolas. Então eu muito pouco trabalho, quase nada.</u> ENT. - A Sra. tem conhecimento se esse roteiro é realizado? S1 - <u>Acho que são realizados sim, é que não por mim. Não por mim.</u></p>	<p>Muito pouco, mas acho que é realizado sim. A</p>	
<p>S2 – (1ª idéia) <u>Não, na verdade a questão dos roteiros ela tem que ser muito flexível, né?</u> Porque é oferecido um produto tá? É</p>	<p>(1ª idéia) Os roteiros são flexíveis, adaptados de acordo com cada grupo.</p>	

<p>oferecida uma embalagem, né? Mas daqui a pouco aquela embalagem ela não satisfaz 100% das expectativas do grupo, então o que que é necessário? <u>De repente um item, um atrativo daquele roteiro ele não se enquadra pra aquele momento, pra aquele grupo, pra aquela ocasião e então nós flexibilizamos esse roteiro, adaptamos para a expectativa do consumidor né, no caso do turista. Então seguir à risca um roteiro é complicado, não tem como né?</u></p> <p>ENT. - Mas as pessoas procuram por este roteiro?</p> <p>S2 – (2ª idéia) <u>Ele seria um ponto de partida né? Seria a mola geradora que despertou o interesse</u> e a partir dali a pessoa pergunta: “Vem cá, mas será que daria para nós fazermos uma outra coisa ou dá pra acrescentar outra coisa além dessas?”, aí a gente estuda aquilo ali e dentro do tempo disponível [...] Até porque nem sempre o grupo ele, por exemplo, dispõe de dois dias. De repente o grupo vem um dia, um bate e volta, vem pela manhã e vai embora à noite, então o roteiro de dois dias já não se encaixa. Então nós selecionamos conversando, por exemplo, com o orientador ou o coordenador do grupo quais seriam os principais interesses daquele roteiro de dois dias, o que eles gostariam mais de ver para que nós possamos flexibilizar pra um dia.</p>	<p>B</p> <p>(2ª idéia) O roteiro é um ponto de partida.</p> <p>B</p>	
<p>S3 - Bom, então o que nós fazemos? (1ª idéia) <u>Nós somos guias de turismo. O nosso objetivo é de orientar, de acompanhar, de dar informações. Nós não temos acesso, por exemplo, a fazer o pacote, porque o pacote é da agência. Então eu não levo pra um baile a não ser que tenha na cidade, esteja ocorrendo alguma coisa que a gente possa oferecer. Do contrário a gente não faz, não acompanha pro baile entendeu? Mas o que nós podemos, o que geralmente a gente faz? Faz um roteiro dentro desse aqui, de levar a São José do Norte, por exemplo, se é do interesse do grupo porque (2ª idéia) o nosso objetivo maior é o grupo. Então quando nós entramos em contato com eles [...] O que é que eles querem? Que tipo de atividade eles querem? Que horário eles tem disponível? Se eles vão ficar na cidade ou não vão? Entendeu? Tudo isso é que vai fazer com que a gente possa orientá-los na maneira de “Olha, então o que é que vocês querem ver?” “Ah, a gente quer ver o museu ou quer ver aqui, quer ver ali”. Então nós organizamos de acordo com as preferências que eles têm. É combinado com eles, né?</u> Então se na cidade tem algum evento, alguma coisa que se possa oferecer,</p>	<p>(1ª idéia) O objetivo dos guias é orientar, acompanhar e dar informações, o pacote é feito pela agência.</p> <p>C</p> <p>(2ª idéia) O nosso objetivo é o grupo, o roteiro é organizado de acordo com a sua preferência.</p> <p>B</p>	

<p>se oferece. Se por acaso estivesse aqui na FEARG, por exemplo, durante as tardes tem baile. Se a gente tem um grupo e eles têm disponibilidade de tempo e a gente pode oferecer aqui então se oferece, mas nós não organizamos nenhum baile. Isso aqui é um roteiro feito para agências.</p>		
<p><u>S4 – Não. É assim ó, aqueles roteiros foram feitos pra ser comercializados pelas agências aqui da cidade que fazem o turismo receptivo. O nosso papel, o guia é chamado por agência.</u> No caso a agência ela faz contato com o grupo, o grupo fez contato com a agência: “A gente quer ir a Rio Grande passar um dia ou dois dias e aí a gente quer ver que passeios que vocês têm a oferecer”. A agência vai oferecer aqueles 10 pacotes. Dependendo da clientela que vêm, vai se encaixar num daqueles pacotes. Se for terceira idade ou um outro grupo, a agência vai fazer contato com nós aqui da associação, com qualquer um de nós e vai nos chamar. Mediante a chamada da agência, a agência é que vai nos colocar a par que tipo de grupo é que tá vindo: “Olha é grupo de terceira idade, tem pessoas deficientes, não tem pessoas deficientes, a gente acertou tais e tais roteiros, tais e tais locais”, entendes? E um pouco a agência também já se encarrega. No caso, tem a terceira idade ali, que tem no roteiro tem baile. Se a agência acertar com o grupo que vai fazer o baile, a agência que vai preparar isso tudo, a nós só cabe conduzir aquela [...] Claro que daí tu vai ver a melhor rua pra indicar pro motorista, a calçada pras pessoas descerem, entendes? Os locais de acesso. Se a agência nos chamar antes até nós podemos juntos sentar e dizer “Olha que idade tem esse pessoal? Ah, é tal e tal idade. Olha então é melhor ir aqui, em tal lugar”, né? A gente como já tem uma experiência de campo como a gente diz, pra nós é melhor situar a agência, né? Porque nós não fizemos, ahn [...] não comercializamos o pacote direto, não é direto conosco. Então isso aí é só com agência.</p>	<p>Não. Os roteiros foram feitos para serem comercializados pelas agências. A agência é que nos contrata. C</p>	
<p><u>S5 - Não eu não sigo, porque eu tenho uma clientela particular</u> que eu trabalhava numa agência de turismo a sete, quase oito anos atrás, tá? Então aí em comecei a ter uma clientela de todas as idades inclusive melhor idade. <u>Então eu desempenho um roteiro próprio, né? Às vezes até com o que eles vêm já planejados, né? Não, eu não sigo este roteiro aí.</u></p>	<p>Não porque eu desempenho um roteiro próprio. A</p>	

A – Não, mas acho que é realizado.

B – O roteiro é adaptado de acordo com as preferências de cada grupo.

C – O objetivo dos guias é orientar, acompanhar e dar informações, o pacote é feito pela agência.

IAD 2

A – Não, mas acho que é realizado.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S1 – Eu trabalho mais com escolas, mas não porque eu queira é porque os meus clientes são mais escolas. Então eu muito pouco trabalho, quase nada. [...] Acho que são realizados sim, é que não por mim. Não por mim.</p> <p>S5 – Não eu não sigo, porque eu tenho uma clientela particular [...] Então eu desempenho um roteiro próprio, né? Às vezes até com o que eles vêm já planejados, né? Não, eu não sigo este roteiro aí.</p>	<p><i>Acho que são realizados sim, é que não por mim. Não por mim. Eu desempenho um roteiro próprio, né? Às vezes até com o que eles vêm já planejados. Não sigo este roteiro aí.</i></p>

B – O roteiro é adaptado de acordo com as preferências de cada grupo.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S2 – Não, na verdade a questão dos roteiros ela tem que ser muito flexível, né? [...] De repente um item, um atrativo daquele roteiro ele não se enquadra pra aquele momento, pra aquele grupo, pra aquela ocasião e então nós flexibilizamos esse roteiro, adaptamos para a expectativa do consumidor né, no caso do turista. Então seguir à risca um roteiro é complicado, não tem como né?</p> <p>S2 – Ele seria um ponto de partida né? Seria a mola geradora que despertou o interesse.</p> <p>S3 – o nosso objetivo maior é o grupo. Então quando nós entramos em contato com eles [...] O que é que eles querem? Que tipo de atividade eles querem? Que horário eles tem disponível? Se eles vão ficar na cidade ou não vão? [...] Então nós organizamos de acordo com as preferências que eles têm. É combinado com eles, né?</p>	<p><i>O roteiro seria um ponto de partida né? Seria a mola geradora que despertou o interesse das pessoas. Então essa questão dos roteiros tem que ser muito flexível, né? De repente um item ou um atrativo daquele roteiro não se enquadra para aquele momento, para aquele grupo, para aquela ocasião e então nós o flexibilizamos, o adaptamos para a expectativa do turista. Então seguir à risca um roteiro é complicado, não tem como né? Porque o nosso objetivo maior é o grupo. Então quando nós entramos em contato com eles vamos descobrir: O que é que eles querem? Que tipo de atividade eles querem? Que horário eles tem disponível? Se eles vão ficar na cidade ou não vão? Então nós organizamos de acordo com as preferências que eles têm. É combinado com eles, né?</i></p>

C – O objetivo dos guias é orientar, acompanhar e dar informações, o pacote é feito pela agência.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S3 – Nós somos guias de turismo. O nosso objetivo é de orientar, de acompanhar, de dar informações. Nós não temos acesso, por exemplo, a fazer o pacote, porque o pacote é da agência. Então eu não levo pra um baile a não ser que tenha na cidade, esteja ocorrendo alguma coisa que a gente possa oferecer.</p>	<p><i>Não. É assim ó, aqueles roteiros foram feitos para serem comercializados pelas agências aqui da cidade que fazem o turismo receptivo. Nós somos guias de turismo e o guia é chamado pela agência. O nosso objetivo é de orientar, de acompanhar, de dar informações. Nós não temos acesso, por exemplo, a fazer o pacote, porque o pacote é da</i></p>

S4 – Não. É assim ó, aqueles roteiros foram feitos pra ser comercializados pelas agências aqui da cidade que fazem o turismo receptivo. O nosso papel, o guia é chamado por agência.	<i>agência. Então eu não levo para um baile a não ser que tenha na cidade, esteja ocorrendo alguma coisa que a gente possa oferecer.</i>
--	--

QUADRO SÍNTESE

Idéias Centrais

Não, mas acho que é realizado.	O roteiro é adaptado de acordo com as preferências de cada grupo.	O objetivo dos guias é orientar, acompanhar e dar informações, o pacote é feito pela agência.
--------------------------------	---	---

IC – Não, mas acho que é realizado.

DSC <i>Acho que são realizados sim, é que não por mim. Não por mim. Eu desempenho um roteiro próprio, né? Às vezes até com o que eles vêm já planejados. Não sigo este roteiro aí.</i>

IC – O roteiro é adaptado de acordo com as preferências de cada grupo.

DSC <i>O roteiro seria um ponto de partida né? Seria a mola geradora que despertou o interesse das pessoas. Então essa questão dos roteiros tem que ser muito flexível, né? De repente um item ou um atrativo daquele roteiro não se enquadra para aquele momento, para aquele grupo, para aquela ocasião e então nós o flexibilizamos, o adaptamos para a expectativa do turista. Então seguir à risca um roteiro é complicado, não tem como né? Porque o nosso objetivo maior é o grupo. Então quando nós entramos em contato com eles vamos descobrir: O que é que eles querem? Que tipo de atividade eles querem? Que horário eles tem disponível? Se eles vão ficar na cidade ou não vão? Então nós organizamos de acordo com as preferências que eles têm. É combinado com eles, né?</i>

IC – O objetivo dos guias é orientar, acompanhar e dar informações, o pacote é feito pela agência.

DSC <i>Não. É assim ó, aqueles roteiros foram feitos para serem comercializados pelas agências aqui da cidade que fazem o turismo receptivo. Nós somos guias de turismo e o guia é chamado pela agência. O nosso objetivo é de orientar, de acompanhar, de dar informações. Nós não temos acesso, por exemplo, a fazer o pacote, porque o pacote é da agência. Então eu não levo para um baile a não ser que tenha na cidade, esteja ocorrendo alguma coisa que a gente possa oferecer.</i>
--

13.4 Questão 4

Que outro tipo de roteiro turístico é realizado na cidade com esta parcela da população?

IAD 1 (Instrumento de Análise de Discurso 1)

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS (sublinhadas)	ANCORAGEM (itálico)
S1 – (1ª idéia) <u>O roteiro que se faz com idosos é o mesmo roteiro que se faz com a</u>	(1ª idéia) O roteiro é semelhante aos outros, mas	

<p><u>escola. Qual a diferença? A gente vai dar mais tempo pro idoso, a gente dá aquele tempo porque tem aquele que tá caminhando de bengala, porque tem aquele que vai demorar a subir escada, mas o roteiro é semelhante a que se faz [...] a gente não muda.</u></p> <p>ENT. – Este roteiro é aquele sugerido ou não?</p> <p>S1 – Eu não lembro exatamente qual é aquele sugerido, por que o que acontece? Os pontos turísticos a gente vai levar independente, pode fazer o inverso né? Sei lá, eu não lembro de ter visto, tem vários roteiros e esse só pra idosos eu não lembro qual é. (2ª idéia) <u>Ele é muito igual ao outros roteiros, só o que vai diferenciar é isso, é o tempo [...] o tempo e acho que tem mais museus.</u></p>	<p>com o idoso se tem um cuidado especial.</p> <p>A</p> <p>(2ª idéia) O roteiro para os idosos é igual aos outros, o que diferencia é o tempo e tem mais museus.</p> <p>A</p>	
<p>S2 - Olha eu te diria, se nós pegarmos por exemplo esses 10 roteiros né? Por exemplo, ali tu vai encontrar o ecoturismo, tu vais encontrar o turismo religioso, tu vais encontrar o turismo arquitetônico, o turismo técnico e por aí afora, o esportivo [...] É, eu te diria que os dez roteiros eles são apenas um norteador né? Então nós poderíamos colocar um pouco de cada coisa, porque os 10 roteiros estão apenas ali representando o patrimônio que a cidade tem, o que cidade tem para oferecer, que produtos nós teríamos pra esse público, né, de terceira idade e na verdade o que nós podemos fazer? <u>Nós pegamos um pouco do religioso, pegamos um pouco do eco, do esportivo (terceira idade também quer esportivo né?), pegamos compras né? Então nós podemos se pegarmos como base os 10 roteiros nós podemos pegar um pouco de cada um e montarmos um roteiro totalmente diferenciado.</u></p>	<p>Com base nos 10 roteiros se pega um pouco de cada um e se monta um roteiro diferenciado.</p> <p>B</p>	
<p>S3 - Bom, é como eu já te expliquei. O objetivo aqui é de acordo com as preferências que eles têm e as necessidades deles. O que é que a gente oferece? (1ª idéia) <u>Oferece um roteiro no centro histórico, né? Dependendo do grupo: de poder caminhar, se ele pode caminhar, se ele tem essa disponibilidade; a gente faz um roteiro no centro histórico na Praça Xavier Ferreira, se ele tem essa disponibilidade. E se ele não tem essa disponibilidade então a gente faz esse mesmo roteiro em torno da Praça, mas na condução que eles vêm e aí desce só na igreja, por exemplo, porque a igreja tem a possibilidade de eles ficarem sentados, entende? Então ali a gente tem mais condições de falar não só da igreja, mas um pouco da história de Rio Grande e eles estão sentados.</u> (2ª idéia)</p>	<p>(1ª idéia) Se o grupo pode caminhar faz um roteiro a pé no Centro Histórico, senão faz o mesmo roteiro dentro do ônibus.</p> <p>A</p> <p>(2ª idéia) Vamos no Museu Oceanográfico e, se o grupo</p>	

<p><u>Levamos também no Museu Oceanográfico: se eles têm condições de fazer a travessia para o Eco-Museu, se leva para o Eco-Museu; se eles não têm essas condições a gente permanece só ali no Museu Oceanográfico na parte central, entendeu? (3ª idéia) Vamos até os Molhes da Barra, fazemos toda a área portuária. Se houver disponibilidade de tempo se leva na parte do Porto Novo porque lá tem uma sala, porque lá eles também ficam sentados, entendeu? Então nós apresentamos aquela parte toda ali deles, levamos na área portuária na condição que eles têm. (4ª idéia) Temos todo um cuidado com o turista idoso porque sabemos que ele pode não caminhar, entende? Tem uns que não têm problema nenhum, mas tem outros que têm. Então nós temos todo esse cuidado. Se eles gostam de almoçar em São José do Norte (5ª idéia) a gente conduz até São José do Norte pra almoço principalmente, não é? Que é uma coisa que é bastante oferecida, mas tem que se saber se eles estão dispostos a fazer a travessia, se é um grupo que pode fazer essa travessia. Lá tem uma pequena caminhada até o restaurante, então a gente tem que saber se eles têm essas condições. Então cada vez que a gente atende um grupo da melhor idade se tem essas preocupações, tá? Se há essa possibilidade.</u></p>	<p>tem condições de fazer a travessia, no Eco-Museu. A</p> <p>(3ª idéia) Vamos nos Molhes da Barra e no Porto Novo onde eles podem ficar sentados. A</p> <p>(4ª idéia) Temos um cuidado com o turista idoso por causa das suas limitações. A</p> <p>(5ª idéia) Vamos almoçar em São José do Norte se eles estão dispostos a fazer a travessia e caminhar um pouco. A</p>	
<p><u>S4 - É o que eu tô te dizendo geralmente já é agendado com a agência onde vamos e o que vamos fazer. Mas geralmente assim terceira idade eles vêm, eles fazem panorâmico na cidade, porque tem muitas pessoas que não podem tá caminhando né, entre todos aqueles prédios. Aí se vai ao Museu Oceanográfico, que aí tem acesso pra descer. Nem todos atravessam no barco, porque as pessoas às vezes têm medo, né? São José do Norte nem sempre tá no roteiro às vezes, porque precisa de mais um tempo, às vezes entra um grupo e vem com um dia e aí tem que encaixar aquilo ali, né? Nem todos vão nas vagonetas, nos Molhes, vão até a praia, às vezes o ônibus fica ali na faixa, caminham até lá o mar (muitos não conhecem o mar, o pessoal da serra principalmente) vêm e molham os pés ou vai no Cassino [...] mas não caminham muito, então tem que ser lugares assim, geralmente é mais o panorâmico ou locais assim que já entram, museus coisas assim.</u></p>	<p>Geralmente fazem passeio panorâmico e vão a museus para não ter que caminhar muito. A</p>	
<p><u>S5 - Eu costumo trabalhar com grupos de terceira idade os grupos que já vêm de fora, tá? Eu trabalho muito com receptivo. De dentro da cidade eu posso te dizer que eu não</u></p>		

<p>trabalhei com nenhum nesse tempo aí de profissão.</p> <p>ENT. - Mas e os grupos de fora da cidade?</p> <p>S5 - Os de fora (1ª idéia) <u>eu trabalho já os roteiros específicos que eles já vêm com os roteiros.</u> Quando eles pedem pra eu montar alguma coisa eu trabalho com museus da cidade ou coisa que eles pedem mesmo. Às vezes eles me dizem: “Olha a gente não quer saber de museu. A gente quer conhecer os Molhes da Barra, quer passear de vagoneta”, eu monto conforme o que eles pedem. Quando eles deixam livre pra eu fazer alguma coisa assim, ah [...] como é pouco tempo assim que a gente tem pra trabalhar; geralmente eles vêm de fora, viajam toda a noite; e a gente tem um tempo específico pra trabalhar e eles querem ir embora cedo, né? Então aí eu (2ª idéia) <u>tento colocar o máximo possível dessa questão cultural, visitaçã de museus, de igrejas, fazer os passeios às vezes até pra São José do Norte que a gente trabalha um pouco do ambiente ou visitando o Porto também a gente ressalta bem essa parte aí.</u></p>	<p>(1ª idéia) Trabalho com roteiros que o grupo traz pronto.</p> <p>C</p> <p>(2ª idéia) Tento colocar a questão cultural e São José do Norte e o Porto para trabalhar o meio ambiente.</p> <p>D</p>	
---	---	--

A – Existe um cuidado especial com os idosos devido às suas limitações físicas.

B – Com base nos 10 roteiros se pega um pouco de cada um e se monta um roteiro diferenciado.

C – Trabalho com roteiros que o grupo traz pronto.

D – Tento colocar a questão cultural e São José do Norte e o Porto para trabalhar o meio ambiente.

IAD 2

A – Existe um cuidado especial com os idosos devido às suas limitações físicas.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S1 – O roteiro que se faz com idosos é o mesmo roteiro que se faz com a escola. Qual a diferença? A gente vai dar mais tempo pro idoso, a gente dá aquele tempo porque tem aquele que tá caminhando de bengala, porque tem aquele que vai demorar a subir escada, mas o roteiro é semelhante a que se faz [...] a gente não muda.</p> <p>S1 – Ele é muito igual ao outros roteiros, só o que vai diferenciar é isso, é o tempo [...] o tempo e acho que tem mais museus.</p> <p>S3 – Oferece um roteiro no centro histórico, né? Dependendo do grupo; de poder caminhar, se ele pode caminhar, se ele tem essa disponibilidade; a gente faz um roteiro no centro histórico na Praça</p>	<p><i>O roteiro que se faz com idosos é o mesmo roteiro que se faz com escolas. Qual a diferença? A gente vai dar mais tempo para o idoso, a gente dá aquele tempo porque tem aquele que tá caminhando de bengala, porque tem aquele que vai demorar a subir escada, mas o roteiro é semelhante. Ele é muito igual ao outros roteiros, só o que vai diferenciar é isso, é o tempo e acho que tem mais museus.</i></p> <p><i>Geralmente se oferece um roteiro no centro histórico, né? Dependendo do grupo; se ele pode caminhar, se ele tem essa disponibilidade; a gente faz um roteiro no centro histórico na Praça Xavier Ferreira. E se ele não tem essa disponibilidade</i></p>

<p>Xavier Ferreira, se ele tem essa disponibilidade. E se ele não tem essa disponibilidade então a gente faz esse mesmo roteiro em torno da Praça, mas na condução que eles vêm e aí desce só na igreja, por exemplo, porque a igreja tem a possibilidade de eles ficarem sentados, entende? Então ali a gente tem mais condições de falar não só da igreja, mas um pouco da história de Rio Grande e eles estão sentados.</p> <p>S3 – Levamos também no Museu Oceanográfico; se eles têm condições de fazer a travessia para o Eco-Museu, se leva para o Eco-Museu; se eles não têm essas condições a gente permanece só ali no Museu Oceanográfico na parte central, entendeu?</p> <p>S3 – Vamos até os Molhes da Barra, fazemos toda a área portuária. Se houver disponibilidade de tempo se leva na parte do Porto Novo porque lá tem uma sala, porque lá eles também ficam sentados, entendeu?</p> <p>S3 – Temos todo um cuidado com o turista idoso porque sabemos que ele pode não caminhar, entende? Tem uns que não têm problema nenhum, mas tem outros que têm. Então nós temos todo esse cuidado.</p> <p>S3 – A gente conduz até São José do Norte pra almoço principalmente, não é? Que é uma coisa que é bastante oferecida, mas tem que se saber se eles estão dispostos a fazer a travessia, se é um grupo que pode fazer essa travessia. Lá tem uma pequena caminhada até o restaurante, então a gente tem que saber se eles têm essas condições.</p> <p>S4 – Geralmente assim terceira idade eles vêm, eles fazem panorâmico na cidade, porque tem muitas pessoas que não podem tá caminhando né, entre todos aqueles prédios. Aí se vai ao Museu Oceanográfico, que aí tem acesso pra descer. Nem todos atravessam no barco, porque as pessoas às vezes têm medo, né?</p>	<p><i>então a gente faz esse mesmo roteiro em torno da Praça, mas na condução que eles vêm e aí desce só na igreja, por exemplo, porque a igreja tem a possibilidade de eles ficarem sentados, entende? Ali a gente tem mais condições de falar não só da igreja, mas um pouco da história de Rio Grande e eles estão sentados. Então a terceira idade faz muito panorâmico na cidade, porque tem muitas pessoas que não podem tá caminhando entre todos aqueles prédios. Aí se vai ao Museu Oceanográfico, que tem acesso para descer. E se eles têm condições de fazer a travessia para o Eco-Museu, se leva para o Eco-Museu; se eles não têm essas condições a gente permanece só ali no Museu Oceanográfico na parte central, entendeu? Vamos até os Molhes da Barra, fazemos toda a área portuária. Se houver disponibilidade de tempo se leva na parte do Porto Novo porque lá tem uma sala onde eles também ficam sentados, entendeu? A gente conduz até São José do Norte para almoço principalmente, não é? Que é uma coisa que é bastante oferecida, mas tem que se saber se eles estão dispostos a fazer a travessia, se é um grupo que pode fazer essa travessia. Lá tem uma pequena caminhada até o restaurante, então a gente tem que saber se eles têm essas condições. Temos todo um cuidado com o turista idoso porque sabemos que ele pode não caminhar, entende? Tem uns que não têm problema nenhum, mas tem outros que têm. Então nós temos todo esse cuidado.</i></p>
--	--

B – Com base nos 10 roteiros se pega um pouco de cada um e se monta um roteiro diferenciado.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S2 – Nós pegamos um pouco do religioso, pegamos um pouco do eco, do esportivo (terceira idade também quer esportivo né?), pegamos compras né? Então nós podemos se pegarmos como base os 10 roteiros nós podemos pegar um pouco de cada um e montarmos um roteiro totalmente diferenciado.</p>	<p><i>Nós pegamos um pouco do roteiro religioso, pegamos um pouco do eco, do esportivo (terceira idade também quer esportivo né?), pegamos compras, né? Então nós podemos, se pegarmos como base os 10 roteiros, pegar um pouco de cada um e montar um roteiro totalmente diferenciado.</i></p>

C – Trabalho com roteiros que o grupo traz pronto.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S5 – Eu trabalho já os roteiros específicos que eles</p>	<p><i>Eu trabalho já os roteiros específicos que eles já</i></p>

já vêm com os roteiros.	<i>vêm com os roteiros.</i>
-------------------------	-----------------------------

D – Tento colocar a questão cultural e São José do Norte e o Porto para trabalhar o meio ambiente.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
S5 – Tento colocar o máximo possível dessa questão cultural, visitação de museus, de igrejas, fazer os passeios às vezes até pra São José do Norte que a gente trabalha um pouco do ambiente ou visitando o Porto também a gente ressalta bem essa parte aí.	<i>Tento colocar o máximo possível dessa questão cultural, visitação de museus, de igrejas, fazer os passeios às vezes até pra São José do Norte que a gente trabalha um pouco do ambiente ou visitando o Porto também a gente ressalta bem essa parte aí.</i>

QUADRO SÍNTESE

Idéias Centrais

Existe um cuidado especial com os idosos devido às suas limitações físicas.	Com base nos 10 roteiros se pega um pouco de cada um e se monta um roteiro diferenciado.	Trabalho com roteiros que o grupo traz pronto.	Tento colocar a questão cultural e São José do Norte e o Porto para trabalhar o meio ambiente.
---	--	--	--

IC – Existe um cuidado especial com os idosos devido às suas limitações físicas.

<p>DSC</p> <p><i>O roteiro que se faz com idosos é o mesmo roteiro que se faz com escolas. Qual a diferença? A gente vai dar mais tempo para o idoso, a gente dá aquele tempo porque tem aquele que tá caminhando de bengala, porque tem aquele que vai demorar a subir escada, mas o roteiro é semelhante. Ele é muito igual ao outros roteiros, só o que vai diferenciar é isso, é o tempo e acho que tem mais museus.</i></p> <p><i>Geralmente se oferece um roteiro no centro histórico, né? Dependendo do grupo; se ele pode caminhar, se ele tem essa disponibilidade; a gente faz um roteiro no centro histórico na Praça Xavier Ferreira. E se ele não tem essa disponibilidade então a gente faz esse mesmo roteiro em torno da Praça, mas na condução que eles vêm e aí desce só na igreja, por exemplo, porque a igreja tem a possibilidade de eles ficarem sentados, entende? Ali a gente tem mais condições de falar não só da igreja, mas um pouco da história de Rio Grande e eles estão sentados. Então a terceira idade faz muito panorâmico na cidade, porque tem muitas pessoas que não podem tá caminhando entre todos aqueles prédios. Ai se vai ao Museu Oceanográfico, que tem acesso para descer. E se eles têm condições de fazer a travessia para o Eco-Museu, se leva para o Eco-Museu; se eles não têm essas condições a gente permanece só ali no Museu Oceanográfico na parte central, entendeu? Vamos até os Molhes da Barra, fazemos toda a área portuária. Se houver disponibilidade de tempo se leva na parte do Porto Novo porque lá tem uma sala onde eles também ficam sentados, entendeu? A gente conduz até São José do Norte para almoço principalmente, não é? Que é uma coisa que é bastante oferecida, mas tem que se saber se eles estão dispostos a fazer a travessia, se é um grupo que pode fazer essa travessia. Lá tem uma pequena caminhada até o restaurante, então a gente tem que saber se eles têm essas condições.</i></p> <p><i>Temos todo um cuidado com o turista idoso porque sabemos que ele pode não caminhar, entende? Tem uns que não têm problema nenhum, mas tem outros que têm. Então nós temos todo esse cuidado.</i></p>
--

IC – Com base nos 10 roteiros se pega um pouco de cada um e se monta um roteiro diferenciado.

DSC

Nós pegamos um pouco do roteiro religioso, pegamos um pouco do eco, do esportivo (terceira idade também quer esportivo né?, pegamos compras, né? Então nós podemos, se pegarmos como base os 10 roteiros, pegar um pouco de cada um e montar um roteiro totalmente diferenciado.

IC – Trabalho com roteiros que o grupo traz pronto.

DSC

Eu trabalho já os roteiros específicos que eles já vêm com os roteiros.

IC – Tento colocar a questão cultural e São José do Norte e o Porto para trabalhar o meio ambiente.

DSC

Tento colocar o máximo possível dessa questão cultural, visitação de museus, de igrejas, fazer os passeios às vezes até pra São José do Norte que a gente trabalha um pouco do ambiente ou visitando o Porto também a gente ressaltava bem essa parte aí.

13.5 Questão 5

Em sua opinião, o que deve ser feito para estimular o turismo na velhice?

IAD 1 (Instrumento de Análise de Discurso 1)

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS (sublinhadas)	ANCORAGEM (itálico)
<p>S1 - Hoje em dia (1^a idéia) <u>eu acho que o pessoal já t� [...] tem esses grupos formados de idosos que a gente tem assim bastante aqui em Rio Grande, eles já tão viajando bastante, eu acho.</u> Mas isso aí é influenciado pelos coordenadores deles que deve ser [...] que devem [...] porque o que acontece que eu já vi aqui em Rio Grande? Eles vão viajar pra determinado lugar, eles não pegam a agência pra baratear o custo. �s vezes não pegam guia pra baratear porque tem muita gente com possibilidade menor, alguma coisa. Só que aí eles não se dão conta que vai ser tão pouca diferença por uma agência e que vai ter todo um seguro, vai ter todo um conhecimento que eles não vão ter sozinhos. Porque eles vão a vários lugares que eu já vi e eu participava de um grupo de coral que era de terceira idade e eles viajavam, só que eles não pegavam guia nem agência. Pegavam um ônibus, a coordenadora dividia aquele</p>	<p>(1^a idéia) Os grupos de idosos viajam bastante. A</p>	

<p>número de lugares pra baratear, tudo pra baratear.</p> <p>ENT. - O que a Sra. acha que pode ser feito a mais para os idosos viajarem mais?</p> <p>S1 - Eu acho que coisas alternativas pra juntar dinheiro. Até mesmo se tu fizer um baile e convidar outras pessoas que não fazem parte do grupo, vão pagar um real, dois reais [...] é dinheiro que eles têm. Porque eles têm muita assim, muita ajuda de muitos lugares que auxiliam os idosos nesse sentido de não cobrar salão, não cobrar pra angariar dinheiro. E se eles não têm, têm que fazer alguma coisa alternativa pra juntar, né?</p> <p>ENT. - E por parte dos órgãos de turismo, o que pode ser feito pra instigar nos idosos essa vontade de fazer turismo?</p> <p>S1 - Olha, (2ª idéia) <u>o que a gente já fez foi assim: nós oferecemos tour em Rio Grande porque já que eles gostam de conhecer outros lugares eles têm que conhecer a cidade deles primeiro. Então se fez tour gratuito pela Secretaria, se fez um roteiro que era ali no centro histórico na volta da praça até porque não se tinha ônibus, então tu ia fazer: tu ia fazer do mercado, da biblioteca, ali na volta, aí em todos aqueles monumentos dentro da praça, quartel general, biblioteca e sabe [...] explicar pra eles o que era aquilo ali. Isso nós fizemos por nossa conta, né? E a Secretaria.</u> E nisso eles ficam assim abismados que eles moram na cidade e não sabem: “Ai, aqui foi tal coisa”. Eles até sabem que aquele lugar ali é a Prefeitura, mas não sabem quem construiu aquilo ali, que aquilo ali antes de ser Prefeitura foi escola, foi hospital, foi uma casa de um senhor que era muito rico. A história que conta é que vai engrandecer né? E aí que eles gostam. Eles gostam, gostam mesmo.</p>	<p>(2ª idéia) Já foram feitos passeios gratuitos em Rio Grande para os grupos de terceira idade.</p> <p>A</p>	
<p>S2 - Em primeiro lugar, (1ª idéia) <u>eu já iria um pouco além do estímulo ao turismo, eu iria na pessoa em si né, estimular que [...] conscientizar essas pessoas que [...] tirar aquele estigma de que na velhice tudo acabou, já não tem mais né, tem que ficar sentado em casa esperando a morte chegar, né? Então, em primeiro lugar eu tentaria conscientizar o quê? Que as pessoas elas têm, que não existe idade para ser feliz, que não existe idade para se continuar vivendo, não existe idade para continuar sendo jovem (não fisicamente né, mas espiritualmente também) e eu conscientizaria aquela pessoa, tentaria motivar aquela pessoa para ver o valor que ela tem dentro dela e que ela ainda tem muito pra viver, que a vida dela só vai terminar quando realmente ela morrer, né? E a partir</u></p>	<p>(1ª idéia) Eu estimularia a pessoa idosa como um todo a conscientizando de que ela tem muito ainda para viver.</p> <p>B</p> <p>(2ª idéia) O Turismo seria</p>	

<p>daí, (2ª idéia) <u>feito essa conscientização, aberta essa janela né pro interior desse público, eu entraria com o turismo como uma forma de vivenciar essas belezas da vida, essas coisas boas da vida, né? O turismo seria apenas um dos leques, né?</u> Então, eu vejo essa forma assim.</p>	<p>apenas um leque, uma forma de vivenciar as coisas boas a vida. B</p>	
<p>S3 - Bom, o idoso já tem vontade de viajar, não é? Desde uma vez que ele participe [...] <u>o que eu acho que é muito importante para a pessoa idosa é participar de alguns grupos, porque o grupo é que vai fazer esse idoso viajar. Nós não podemos bater na porta do idoso, nós guias de turismo. Mas se esse idoso participa de um grupo com certeza ele vai ser incentivado a passear.</u> E o que recomendamos é que ele pegue sempre um guia, né? Porque fazer passeios, viajar por viajar, botar um grupo num ônibus e sair sem um guia [...] ficam as coisas bem mais difíceis.</p>	<p>O idoso deve participar de grupos e dentro deles será estimulado a viajar. A</p>	
<p>S4 - O que pode ser feito? Eu acho assim, com essa facilidade que tá tendo agora que as pessoas têm uma renda, não é uma renda boa, mas é uma renda fixa, que ele sabe que todo aquele mês ele pode, né? Então, se percebe que as pessoas tão saindo mais, tão mais assim [...] e que tenham saúde, né? O principal pra que eles possam sair. (1ª idéia) <u>Eu acho que o que pode ser feito é proporcionar esse pessoal que chega porque vai depender assim da locomoção. Eles precisam de um ônibus (que quem tem dificuldade não pode ser double deck, porque tem aquela escadinha que é terrível, tem que ser um ônibus mais comum), hotéis na cidade que recebe assim [...] que a maioria tem elevador, quer dizer que isso aí, quanto a isso tá, o restaurante vai se programar um restaurante que tenha rampa, né? Eu acho que tem como [...] tem como assim propiciar essa parcela.</u> Só que é uma coisa ainda nova, tem pessoas que tem medo. Tu sabes que eu fiz esses grupos daqui da cidade e tinha pessoas que moram aqui a trinta anos e nunca tinham parado pra na calçada assim em frente aos prédios olhar pra cima, detalhes assim que quando tu vai falando chama a atenção. A Praça, o pessoal atravessa a Praça no meio ali na Xavier Ferreira ou vai pro Mercado [...] voa. Não olha o chafariz, não de onde que veio, é o Brigadeiro [José da Silva Paes] ali em frente à Prefeitura [...] então eles ficaram encantados, tem muita coisa na nossa cidade que dá assim pra fazer até andando. Claro uma coisa de andar na praça, devagar. Eu mesmo, esse grupo que eu fiz, cada semana</p>	<p>(1ª idéia) Precisa ter infraestrutura para receber as pessoas idosas. C</p>	

<p>eu fiz com um grupo: Parque Marinha, Barra, Quinta e aqui da Hidráulica. Cada semana eu fiz com um grupo e eu levava em torno de quatro horas, já tinha [...] tem que ter uma programação. Assim ó, e se alguém não tá bem, acha que tá um pouquinho cansado senta, dá uma descansada. Na igreja o pessoal aproveita pra sentar e rezar, descansar um pouquinho ali na frente. Quer dizer tem como, tem como fazer. (2ª idéia) <u>Eu acho que tem que é incentivar. Às vezes até a família. Ser um pouquinho mais divulgado que dá pra sair, não precisa ficar em casa.</u></p> <p>ENT. - Por parte das entidades de turismo, o que a Sra. acha que elas podem fazer pra estimular isso?</p> <p>S4 – (3ª idéia) <u>Divulgar mais os lugares que [...] e os acessos: “Olha o prédio tal tem rampa, dá pra ir”.</u> Porque agora o pessoal, os prédios tão se adequando desde os mais antigos tão se adequando. Então assim, informar. Informar [...] rádio, TV. O SESC faz um trabalho assim direcionado né com a terceira idade pra viagens e tudo mais.</p>	<p>(2ª idéia) Tem que incentivar e divulgar mais. D</p> <p>(3ª idéia) As entidades de turismo devem divulgar mais os lugares e os acessos. D</p>	
<p>S5 - Assim ó, é que nós já temos assim em Rio Grande [...] Eu costumo dizer sempre pros meus turistas não só de melhor idade, mas pra todos que eu recebo: a nossa cidade ela não é uma cidade turística, ela é uma cidade histórica, né? Então eu procuro assim mostrar pra esses grupos que vêm (como é que eu vou te dizer assim?) o melhor que a gente pode ter aqui. Eles geralmente eles não pedem assim uma coisa assim específica. Já atendi um ou dois grupos que me pediram um baile tá? Que é o que eles gostam, tá? Mas eu vou te dizer assim [...] de todos os grupos que eu trabalho, o de melhor idade é o melhor que tem. Porque eles prestam atenção, porque eles são interessados e eles respeitam muito o trabalho do guia, né? E pra eles tudo tá bom assim, pra eles tudo é maravilhoso porque eles vêm naquele sentido mais light assim da coisa, né? E mesmo assim eles procuram respeitar o nosso trabalho. (1ª idéia) <u>E eu acredito que o que falte mais especificamente pra eles é essa parte mais de diversão mesmo assim, né? Que a gente possa promover ou que algum clube ofereça, né, alguma coisa pra que eles possam se divertir nesse sentido assim de dança mesmo que é o que eles costumam pedir. Quando eles fazem pernoite eles costumam perguntar se tem algum lugar pra que eles possam ir dançar ou fazer uma brincadeira ou até um próprio bingo assim, alguma coisa que eles possam se divertir com o grupo deles junto.</u></p> <p>ENT. - E pra estimular eles a viajarem o que</p>	<p>(1ª idéia) Falta mais diversão, algo com que os idosos possam se divertir. E</p>	

a Sra. acha que pode ser feito? S5 – (2ª idéia) <u>De repente um encontro. Um encontro de grupos de melhor idade. Alguma coisa nesse sentido assim.</u>	(2ª idéia) Um encontro de grupos de Melhor Idade. A	
---	--	--

A – Grupos de terceira idade estimulam o turismo.

B – A pessoa idosa deve ser estimulada como um todo, o turismo é somente uma das possibilidades.

C – Precisa ter infra-estrutura para receber as pessoas idosas.

D – Tem que estimular e divulgar mais os lugares e os acessos.

E – Falta mais diversão, algo com que os idosos possam se divertir.

IAD 2

A – Grupos de terceira idade estimulam o turismo.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S1 – Eu acho que o pessoal já tá [...] tem esses grupos formados de idosos que a gente tem assim bastante aqui em Rio Grande, eles já tão viajando bastante, eu acho.</p> <p>S1 – O que a gente já fez foi assim: nós oferecemos tour em Rio Grande porque já que eles gostam de conhecer outros lugares eles têm que conhecer a cidade deles primeiro. Então se fez tour gratuito pela Secretaria, se fez um roteiro que era ali no centro histórico na volta da praça até porque não se tinha ônibus.</p> <p>S3 - O que eu acho que é muito importante para a pessoa idosa é participar de alguns grupos, porque o grupo é que vai fazer esse idoso viajar. Nós não podemos bater na porta do idoso, nós guias de turismo. Mas se esse idoso participa de um grupo com certeza ele vai ser incentivado a passear.</p> <p>S5 – De repente um encontro. Um encontro de grupos de melhor idade. Alguma coisa nesse sentido assim.</p>	<p><i>O que eu acho que é muito importante para a pessoa idosa é participar de alguns grupos, porque o grupo é que vai fazer esse idoso viajar. Nós não podemos bater na porta do idoso, nós os guias de turismo. Mas se esse idoso participa de um grupo com certeza ele vai ser incentivado a passear. O pessoal desses grupos de idosos aqui em Rio Grande já está viajando bastante, eu acho. De repente um encontro de grupos de melhor idade ou alguma coisa nesse sentido estimularia o turismo para essas pessoas. A gente inclusive já ofereceu um tour em Rio Grande para os grupos de terceira idade. Porque já que eles gostam de conhecer outros lugares eles têm que conhecer a cidade deles primeiro. Então se fez tour gratuito pela Secretaria, se fez um roteiro que era ali no centro histórico na volta da praça até porque não se tinha ônibus.</i></p>

B – A pessoa idosa deve ser estimulada como um todo, o turismo é somente uma das possibilidades.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S2 – Eu já iria um pouco além do estímulo ao turismo, eu iria na pessoa em si né, estimular que [...] conscientizar essas pessoas que [...] tirar aquele estigma de que na velhice tudo acabou, já não tem mais né, tem que ficar sentado em casa esperando a morte chegar, né? Então, em primeiro lugar eu tentaria conscientizar o quê? Que as pessoas elas têm, que não existe idade para ser</p>	<p><i>Eu iria um pouco além do estímulo ao turismo, eu iria na pessoa em si, né? Para tirar aquele estigma de que na velhice tudo acabou e que tem que ficar sentado em casa esperando a morte chegar, né? Então, em primeiro lugar eu tentaria conscientizar o quê? Que não existe idade para ser feliz, que não existe idade para se continuar vivendo, que não existe idade para continuar</i></p>

<p>feliz, que não existe idade para se continuar vivendo, não existe idade para continuar sendo jovem (não fisicamente né, mas espiritualmente também) e eu conscientizaria aquela pessoa, tentaria motivar aquela pessoa para ver o valor que ela tem dentro dela e que ela ainda tem muito pra viver, que a vida dela só vai terminar quando realmente ela morrer, né?</p> <p>S2 – Feito essa conscientização, aberta essa janela né pro interior desse público, eu entraria com o turismo como uma forma de vivenciar essas belezas da vida, essas coisas boas da vida, né? O turismo seria apenas um dos leques, né?</p>	<p><i>sendo jovem (não fisicamente né, mas espiritualmente também) e eu conscientizaria aquela pessoa, tentaria motivar aquela pessoa para ver o valor que ela tem dentro dela e que ela ainda tem muito para viver, que a vida dela só vai terminar quando realmente ela morrer, né? Feito essa conscientização, aberta essa janela para o interior desse público, eu entraria com o turismo como uma forma de vivenciar essas belezas da vida, essas coisas boas da vida, né? O turismo seria apenas um dos leques, né?</i></p>
---	---

C – Precisa ter infra-estrutura para receber as pessoas idosas.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S4 – Eu acho que o que pode ser feito é proporcionar esse pessoal que chega porque vai depender assim da locomoção. Eles precisam de um ônibus [...], hotéis na cidade que recebe assim [...] que a maioria tem elevador, quer dizer que isso aí, quanto a isso tá, o restaurante vai se programar um restaurante que tenha rampa, né? Eu acho que tem como [...] tem como assim propiciar essa parcela.</p>	<p><i>Eu acho que o que pode ser feito é proporcionar ao pessoal que chega uma melhor estrutura. Porque vai depender assim da locomoção. Eles precisam de um ônibus, de hotéis que tenham elevador, o restaurante vai se programar um que tenha rampa, né? Eu acho que tem como propiciar isso para essa parcela da população.</i></p>

D – Tem que estimular e divulgar mais os lugares e os acessos.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S4 – Eu acho que tem que é incentivar. Às vezes até a família. Ser um pouquinho mais divulgado que dá pra sair, não precisa ficar em casa.</p> <p>S4 – Divulgar mais os lugares que [...] e os acessos: “Olha o prédio tal tem rampa, dá pra ir”.</p>	<p><i>Eu acho que tem que é incentivar. Às vezes até a família. E também ser um pouquinho mais divulgado que dá para sair, não precisa ficar em casa. Divulgar mais os lugares e também os acessos: “Olha o prédio tal tem rampa, dá pra ir”.</i></p>

E – Falta mais diversão, algo com que os idosos possam se divertir.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S5 – E eu acredito que o que falte mais especificamente pra eles é essa parte mais de diversão mesmo assim, né? Que a gente possa promover ou que algum clube ofereça, né, alguma coisa pra que eles possam se divertir nesse sentido assim de dança mesmo que é o que eles costumam pedir. Quando eles fazem pernoite eles costumam perguntar se tem algum lugar pra que eles possam ir dançar ou fazer uma brincadeira ou até um próprio bingo assim, alguma coisa que eles possam se divertir com o grupo deles junto.</p>	<p><i>Eu acredito que o que falte mais especificamente para eles é essa parte mais de diversão mesmo assim, né? Que a gente possa promover ou que algum clube ofereça alguma coisa para que eles possam se divertir nesse sentido assim de dança mesmo que é o que eles costumam pedir. Quando eles fazem pernoite eles costumam perguntar se tem algum lugar para que eles possam ir dançar ou fazer uma brincadeira ou até um próprio bingo assim, alguma coisa que eles possam se divertir com o grupo deles junto.</i></p>

QUADRO SÍNTESE

Idéias Centrais

Grupos de terceira idade estimulam o turismo.	A pessoa idosa deve ser estimulada como um todo, o turismo é somente uma das possibilidades.	Precisa ter infra-estrutura para receber as pessoas idosas.	Tem que estimular e divulgar mais os lugares e os acessos.	Falta mais diversão, algo com que os idosos possam se divertir.
---	--	---	--	---

IC – Grupos de terceira idade estimulam o turismo.

DSC

O que eu acho que é muito importante para a pessoa idosa é participar de alguns grupos, porque o grupo é que vai fazer esse idoso viajar. Nós não podemos bater na porta do idoso, nós os guias de turismo. Mas se esse idoso participa de um grupo com certeza ele vai ser incentivado a passear. O pessoal desses grupos de idosos aqui em Rio Grande já está viajando bastante, eu acho. De repente um encontro de grupos de melhor idade ou alguma coisa nesse sentido estimularia o turismo para essas pessoas. A gente inclusive já ofereceu um tour em Rio Grande para os grupos de terceira idade. Porque já que eles gostam de conhecer outros lugares eles têm que conhecer a cidade deles primeiro. Então se fez tour gratuito pela Secretaria, se fez um roteiro que era ali no centro histórico na volta da praça até porque não se tinha ônibus.

IC – A pessoa idosa deve ser estimulada como um todo, o turismo é somente uma das possibilidades.

DSC

Eu iria um pouco além do estímulo ao turismo, eu iria na pessoa em si, né? Para tirar aquele estigma de que na velhice tudo acabou e que tem que ficar sentado em casa esperando a morte chegar, né? Então, em primeiro lugar eu tentaria conscientizar o quê? Que não existe idade para ser feliz, que não existe idade para se continuar vivendo, que não existe idade para continuar sendo jovem (não fisicamente né, mas espiritualmente também) e eu conscientizaria aquela pessoa, tentaria motivar aquela pessoa para ver o valor que ela tem dentro dela e que ela ainda tem muito para viver, que a vida dela só vai terminar quando realmente ela morrer, né? Feito essa conscientização, aberta essa janela para o interior desse público, eu entraria com o turismo como uma forma de vivenciar essas belezas da vida, essas coisas boas da vida, né? O turismo seria apenas um dos leques, né?

IC – Precisa ter infra-estrutura para receber as pessoas idosas.

DSC

Eu acho que o que pode ser feito é proporcionar ao pessoal que chega uma melhor estrutura. Porque vai depender assim da locomoção. Eles precisam de um ônibus, de hotéis que tenham elevador, o restaurante vai se programar um que tenha rampa, né? Eu acho que tem como propiciar isso para essa parcela da população.

IC – Tem que estimular e divulgar mais os lugares e os acessos.

DSC

Eu acho que tem que é incentivar. Às vezes até a família. E também ser um pouquinho mais divulgado que dá para sair, não precisa ficar em casa. Divulgar mais os lugares e também os acessos: “Olha o prédio tal tem rampa, dá pra ir”.

IC – Falta mais diversão, algo com que os idosos possam se divertir.

DSC

Eu acredito que o que falte mais especificamente para eles é essa parte mais de diversão mesmo assim, né? Que a gente possa promover ou que algum clube ofereça alguma coisa para que eles possam se divertir nesse sentido assim de dança mesmo que é o que eles costumam pedir. Quando eles fazem pernoite eles costumam perguntar se tem algum lugar para que eles possam ir dançar ou fazer uma brincadeira ou até um próprio bingo assim, alguma coisa que eles possam se divertir com o grupo deles junto.

13.6 Questão 6

Em sua opinião, como o turismo pode melhor contribuir para a conscientização ambiental e social dos idosos?

IAD 1 (Instrumento de Análise de Discurso 1)

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS (sublinhadas)	ANCORAGEM (itálico)
<p>S1 – (1ª idéia) <u>Eu acho que independente da idade eles vão aprender sempre, né? O que eles não souberem eles vão aprender.</u> E na conscientização ambiental eu acho que já se tá fazendo [...] aquelas latas de lixo separadas, né? Pra eles saberem que aquilo ali vai demorar tantos anos pra ser destruído, pra; sei lá; não atirarem lixo dentro da Lagoa, né? Ou algum tipo de gordura ou óleo que vai se desmanchar e vai custar mais. <u>Eu acho que tanto desde a criança como no idoso ele sempre vai fazer isso e ele vai passar aquilo adiante né?</u> A água, a preservação da água, né? Que eles gastam um monte de água lavando os carros e molhando as plantas e fazendo um monte de coisa que eu acho que eles passam isso aí sim, mas eles não fazem porque não sabem. (2ª idéia) <u>E no turismo vai ser assim voltado no hotel:</u> “Gente vamos tomar um banho, mas um banho razoável; não é porque a gente tá fora da cidade que a gente vai precisar gastar um monte de água”. <u>Sei lá. E aí, não vamos atirar lixo pra fora do ônibus, latinha, papel, porque afinal de contas tu vai pra uma outra cidade e essa outra cidade tá te recebendo e não pode ser atirando lixo na rua, né?</u> Até mesmo quem fuma tem mania de atirar bagana de cigarro que suja, que suja um monte né? Ou então atira no jardim, essas coisas [...] ninguém gosta. Quem não fuma não gosta. Eu acho até que quem fuma não gosta, mas não se dá conta né? Amassa aquela coisinha e atira, ou</p>	<p>(1ª idéia) Independente da idade o turista vai sempre aprender e passar adiante. A</p> <p>(2ª idéia) No turismo deve ser no hotel e não atirando lixo na rua. B</p>	

<p>então acabou de fumar e atira e como a gente tem visto às vezes prende fogo nas estradas né? Eu acho que deva ser assim, no turismo também: tu vai viajar a primeira coisa que tu pode fazer ao entrar num ônibus é dizer pra eles que tem [...] hoje em dia quase todos os ônibus de turismo já tem os lixinhos do lado da pessoa né? E incentivar eles a usar aquilo ali né? Copinhos e coisa, porque é muito assim ó: o copinho, por exemplo, eu sei que tem uma dificuldade de desmanchar, mas tu vai dar o quê? Tu vai dar vidro dentro do ônibus? É meio perigoso né? Pode se bater se o ônibus estiver andando, no máximo com o copinho vai ser se derramar, não vai cortar.</p>		
<p>S2 - Olha, o turismo [...] aí sim (1ª idéia) <i>eu acredito que o turismo seja uma das principais ferramentas de educação. Ela junta no caso a educação e junta ao mesmo tempo a recreação, ao lazer. Então, é uma forma prazerosa de se aprender.</i> Então eu vejo o turismo como principal ferramenta por quê? Porque (2ª idéia) <i>o turismo é um facilitador de conscientização, porque as pessoas elas sentindo o atrativo natural em que elas estão naquele momento e sendo despertadas pra beleza daquele local, sendo despertadas pro além, para enxergar o além da beleza natural, mas todo o ecossistema envolvido e a partir dali o turismo então torna-se um facilitador para que a pessoa realmente pense: “Puxa vida, isso aqui é tão bonito”. E fazer com que ela se sinta parte daquilo ali também, porque ela é também natureza, ela também é terra, né? E então nós somos um integrante do meio ambiente.</i> Às vezes nós colocamos que nós estamos fora desse ambiente, mas nós também somos o ambiente, esse meio ambiente né? E também nós sofremos tudo que é feito contra o ambiente logicamente nós também sofremos. Então eu vejo nesse sentido, que (3ª idéia) <i>o turismo é uma das principais ferramentas educativas pra que as pessoas in lócus possam sentir-se tocadas pra essa questão de preservação.</i> ENT. - E quanto à questão social? S2 - Ah, sim. Porque, por exemplo, o que seria um turismo sustentável? Turismo Sustentável seria aquele turismo em que estaríamos preocupados com o agora e também principalmente com as gerações futuras, né? Então, por exemplo, se nós levarmos um grupo de turistas para a Ilha dos Marinheiros, né? Que lá é toda uma situação diferente, são os ilhéus, é uma realidade social diferente, né? Então (4ª idéia) <i>levando esses grupos pra determinados locais onde</i></p>	<p>(1ª idéia) O Turismo é uma forma prazerosa de se aprender. C</p> <p>(2ª idéia) O Turismo é um facilitador de conscientização porque aproxima as pessoas da natureza. C</p> <p>(3ª idéia) O Turismo é uma ferramenta educativa que faz com que as pessoas sintam-se tocadas pela questão da preservação. C</p> <p>(4ª idéia) Com o Turismo as pessoas aprendem que há</p>	<p>(1ª idéia) O Turismo é uma poderosa ferramenta de educação. C</p> <p>(2ª idéia) O Turismo tem um cunho social. D</p>

<p><i>eles possam observar diferentes culturas, diferentes tradições, diferentes maneiras de se viver, diferentes maneiras de se comportar e vendo esse conjunto que seria o social do local né, eu acho que as pessoas aprendem que a realidade social delas não é única, não é? Mas que há uma diversidade social e a partir dali ela pode se sentir tocada a repensar sua atividade social enquanto cidadão e também repensar a atividade social, a realidade social de outros grupos através da diversidade.</i></p>	<p>uma diversidade social e repensam a sua atividade social.</p> <p>D</p>	
<p>S3 – Olha (1ª idéia) <u>eu acredito assim que o turismo, na visão atual que a gente tem de turismo, ele já está bastante caminhando pra isso. Ele já caminha [...] Os roteiros já são adequados não só pra a melhor idade como pra qualquer outra idade visando o meio ambiente, visando os passeios que se pode fazer, não é?</u> Não só dentro da cidade, mas nós temos aqui os Molhes da Barra (que infelizmente agora os Molhes da Barra não vão ficar disponíveis com o passeio de vagoneta né?) [...] mas trabalhei muito com a melhor idade nos passeios de vagoneta.</p> <p>ENT. - E a Sra. acha que o turismo contribui para essa conscientização a respeito do ambiente e [...]</p> <p>S3 - Do ambiente com certeza. Olha, eu acredito assim [...] (2ª idéia) <u>O turismo, o guia de turismo é uma peça chave dentro do turismo. Sem o guia de turismo fica difícil desenvolver turismo em algum lugar, tá? Então o guia de turismo que ele é bem trabalhado, que ele fez curso, que ele se aperfeiçoa, que ele anda atrás, com certeza ele vai desenvolver os roteiros muito melhor dentro desta visão não só de meio ambiente como social.</u></p>	<p>(1ª idéia) O Turismo já está visando o meio ambiente.</p> <p>B</p> <p>(2ª idéia) O guia de turismo é indispensável para desenvolver roteiros com uma visão ambiental e social.</p> <p>B</p>	
<p>S4 – (1ª idéia) <u>Eu acho que nessas recepções que se faz com eles, precisa já no passeio: “Olha como é importante a árvore tem que ser cuidada, tem que [...] alguém precisa tomar conta das praças, tem que ter uma secretaria, algum [...]”. Mostrar a necessidade daquilo que a gente passa batido, que às vezes não chama muito atenção, num desses passeios mais detalhados tu tem como ir mostrando. Eu acho que tu se aproveita. Tu nota o prédio que é bonito, tu mostra a frente, tu mostra a árvore.</u> Olha, e outra, hoje em dia tá assim ó, antes o pessoal plantava por plantar, porque precisava de árvore. Hoje já é coisa mais direcionada, tem que ver uma planta que não tenha muita raiz porque vai atravessar encanamentos e vai estragar. Não pode ser muito alta porque vai pegar a</p>	<p>(1ª idéia) Nos passeios tem que mostrar aquilo que passa batido no dia-a-dia.</p> <p>B</p>	

<p>energia elétrica, principalmente na nossa cidade que venta muito. Então tem vários pontos que tu na hora que tu tá falando, que tu tá mostrando, tu pode abranger isso daí. A diversidade que pode ser feita ou que não deva ser feita que de repente tem locais que não deve ser introduzido outro tipo de árvore, de fruta, de flores que não sejam daquela região. Eu acho que tudo isso daí pode, basta se juntar e trabalhar junto, né?</p> <p>ENT. - A Sra. acha que o turista toma essa consciência?</p> <p>S4 - (2ª idéia) <u>Eu acho que se não toma assim de imediato, aquilo ali quando ele ouvir novamente já não é uma novidade, eu já ouvi isso daí.</u> Eu tava vendo ontem ou anteontem na internet uma senhora, uma historinha de uma senhora de que ela embarcava no ônibus e tinha uma sacolinha assim e ela ia jogando alguma coisinha pela janela. E um rapaz chamou a atenção “Que será que ela joga?”. E diz que aí perguntou pra ela “O que a senhora joga aí na janela?”. E ela disse “Ah eu venho, eu faço esse trajeto todos os dias e eu trago sementes de flores e eu jogo pela janela”. “Ah, mas a senhora não vê que a semente, a senhora tá na estrada a semente vai cair no asfalto e não vai chegar até onde a terra tá”. E ela disse “Ah possivelmente o vento pode carregar uma ou duas e um dia vai tá florido na beira né?”. E aí passou-se um tempo e ele voltou a fazer o mesmo trajeto e perguntou pra motorista né? Aqueles motoristas que conhecem todos os passageiros “E aquela senhora?”. “Morreu”. “Ah, tá”. E aí olhou pra fora e tinha árvore, florzinha e tudo mais. Quer dizer ela não chegou a ver né? Porque ela tinha dito pra ele que ela fazia a parte dela, se não fosse pra ela ver os outros veriam, né? E a mesma coisa eu acho que se tu falar pro turista disso, daquilo, mostrar. A pessoa faz muito contraste com a serra né? Compara a nossa cidade com a serra. A conscientização e tudo mais. É uma colonização diferente, então podemos trazer isso pra nós também. Se mostrarmos isso aqui que tá diferente, quem sabe se todo mundo colaborar um dia vai ser parecido. Eu acho que tem jeito.</p>	<p>(2ª idéia) Se a pessoa não toma consciência de imediato, quando ouvir de novo não é mais novidade.</p> <p>A</p>	
<p>S5 - Em vários aspectos. Aqui na cidade em particular também, né? Porque a gente tem toda essa parte da Laguna dos Patos, tem a Praia do Cassino, nós fazemos o passeio de vagonetas, então [...] É que na verdade eu trabalho com vários aspectos assim não só voltando pra área ambiental, né? A gente ressalta muito isso na nossa visita no porto, a gente conversa muito com eles na nossa</p>		

<p>palestra, onde nós trabalhamos lá com o grupo da Alitur. Mas não é uma coisa assim especificamente voltada para a área ambiental, é o todo.</p> <p>ENT. - A Sra. acha que o turismo faz as pessoas notarem mais os problemas ambientais e sociais?</p> <p>S5 - Sim, sem dúvida. Sem dúvida. Porque o nosso trabalho enquanto a gente vai falando com o grupo, né? E também isso aí também é uma surpresa assim. <u>Conforme o grupo que vem a gente acaba ressaltando pra um lado. Porque aí eles têm curiosidade, eles fazem perguntas. Nós temos toda uma área aqui bem na beira ali do Saco da Mangueira ali que eles perguntam por que tem todo aquele pessoal. Geralmente o pessoal que vem da serra que vem de fora. Por que tem aquele pessoal meio que favelado ali, como é que se cuida, como é que é cuidado o esgoto da cidade. Depende muito do grupo que vem. Aí a gente vai ressaltando pras curiosidades e pras perguntas deles, né? Vamos nos enfocando pra esses lados assim.</u></p>	<p>Conforme o grupo é ressaltado mais um lado, ambiental ou social.</p> <p>B</p>	
---	--	--

A – O turista sempre vai aprender algo.

B – Através do guia de turismo devem ser desenvolvidos roteiros que tenham uma visão ambiental e social.

C – O Turismo é uma poderosa ferramenta de educação.

D – O Turismo tem um cunho social.

IAD 2

A – O turista sempre vai aprender algo.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S1 – Eu acho que independente da idade eles vão aprender sempre, né? O que eles não souberem eles vão aprender [...] Eu acho que tanto desde a criança como no idoso ele sempre vai fazer isso e ele vai passar aquilo adiante né?</p> <p>S4 – Eu acho que se não toma assim de imediato, aquilo ali quando ele ouvir novamente já não é uma novidade, eu já ouvi isso daí.</p>	<p><i>Eu acho que se o turista não toma consciência de imediato, aquilo ali quando ele ouvir novamente já não é uma novidade. Então eu acho que independente da idade eles vão aprender sempre, né? O que eles não souberem eles vão aprender. Tanto a criança como o idoso sempre vai fazer isso e vai passar aquilo adiante, né?</i></p>

B – Através do guia de turismo devem ser desenvolvidos roteiros que tenham uma visão ambiental e social.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S1 – E no turismo vai ser assim voltado no hotel [...] Sei lá. E aí, não vamos atirar lixo pra fora do</p>	<p><i>Eu acredito que o Turismo na visão atual já está caminhando para isso. Os roteiros já são</i></p>

<p>ônibus, latinha, papel, porque afinal de contas tu vai pra uma outra cidade e essa outra cidade tá te recebendo e não pode ser atirando lixo na rua, né?</p> <p>S3 – Eu acredito assim que o turismo, na visão atual que a gente tem de turismo, ele já está bastante caminhando pra isso. Ele já caminha [...] Os roteiros já são adequados não só pra a melhor idade como pra qualquer outra idade visando o meio ambiente, visando os passeios que se pode fazer, não é?</p> <p>S3 – O turismo, o guia de turismo é uma peça chave dentro do turismo. Sem o guia de turismo fica difícil desenvolver turismo em algum lugar, tá? Então o guia de turismo que ele é bem trabalhado, que ele fez curso, que ele se aperfeiçoa, que ele anda atrás, com certeza ele vai desenvolver os roteiros muito melhor dentro desta visão não só de meio ambiente como social.</p> <p>S4 – Eu acho que nessas recepções que se faz com eles, precisa já no passeio [...] Mostrar a necessidade daquilo que a gente passa batido, que às vezes não chama muito atenção, num desses passeios mais detalhados tu tem como ir mostrando. Eu acho que tu se aproveita. Tu nota o prédio que é bonito, tu mostra a frente, tu mostra a árvore.</p> <p>S5 – Conforme o grupo que vem a gente acaba ressaltando pra um lado. Porque aí eles têm curiosidade, eles fazem perguntas. Nós temos toda uma área aqui bem na beira ali do Saco da Mangueira ali que eles perguntam por que tem todo aquele pessoal. Geralmente o pessoal que vem da serra que vem de fora. Por que tem aquele pessoal meio que favelado ali, como é que se cuida, como é que é cuidado o esgoto da cidade. Depende muito do grupo que vem. Aí a gente vai ressaltando pras curiosidades e pras perguntas deles, né? Vamos nos enfocando pra esses lados assim.</p>	<p><i>adequados, não só pra a Melhor Idade como para qualquer outra idade, visando o meio ambiente, visando os passeios que se pode fazer, não é? Eu acho que nessas recepções que se faz com eles, precisa já no passeio mostrar a necessidade daquilo que a gente passa batido, que às vezes não chama muito atenção e que em um desses passeios mais detalhados tu tem como ir mostrando. Pode ser também cuidado nos hotéis e não atirando lixo para fora do ônibus, porque afinal de contas tu vai para uma outra cidade e essa outra cidade tá te recebendo e não pode ser atirando lixo na rua, né? Por isso o guia de turismo é uma peça chave dentro do Turismo. Sem ele fica difícil desenvolver Turismo em algum lugar, tá? Então o guia de turismo que é bem trabalhado, que fez curso, que se aperfeiçoa, que anda atrás, com certeza vai desenvolver os roteiros muito melhor dentro desta visão não só de meio ambiente como social. Conforme o grupo que vem a gente acaba ressaltando para um lado. Porque aí eles têm curiosidade, eles fazem perguntas. Nós temos toda uma área aqui bem na beira ali do Saco da Mangueira ali que eles perguntam por que tem todo aquele pessoal. Geralmente o pessoal que vem da serra que vem de fora. Por que tem aquele pessoal meio que favelado ali, como é que se cuida, como é que é cuidado o esgoto da cidade. Depende muito do grupo que vem. Aí a gente vai ressaltando para as curiosidades e para as perguntas deles, né? Vamos nos enfocando para esses lados assim.</i></p>
---	---

C – O Turismo é uma poderosa ferramenta de educação.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S2 – Eu acredito que o turismo seja uma das principais ferramentas de educação. Ela junta no caso a educação e junta ao mesmo tempo a recreação, ao lazer. Então, é uma forma prazerosa de se aprender.</p> <p>S2 – O turismo é um facilitador de conscientização, porque as pessoas elas sentindo o atrativo natural em que elas estão naquele momento e sendo despertadas pra beleza daquele local, sendo despertadas pro além, para enxergar o além da beleza natural, mas todo o ecossistema envolvido e a partir dali o turismo então torna-se um facilitador para que a pessoa realmente pense: “Puxa vida, isso aqui é tão bonito”. E fazer com que ela se sinta parte daquilo ali também, porque</p>	<p><i>Eu acredito que o Turismo seja uma das principais ferramentas de educação, porque junta no caso a educação e ao mesmo tempo a recreação, o lazer. Então, é uma forma prazerosa de se aprender. É uma das principais ferramentas educativas para que as pessoas in lócus possam sentir-se tocadas para essa questão de preservação. Ele também é um facilitador de conscientização, porque as pessoas sentindo o atrativo natural em que estão naquele momento e sendo despertadas para a beleza daquele local, sendo despertadas para a beleza daquele local, sendo despertadas para enxergar o além da beleza natural, todo o ecossistema envolvido e a partir dali o Turismo então torna-se um facilitador para que a pessoa realmente pense: “Puxa vida, isso aqui é tão</i></p>

<p>ela é também natureza, ela também é terra, né? E então nós somos um integrante do meio ambiente. Às vezes nós colocamos que nós estamos fora desse ambiente, mas nós também somos o ambiente, esse meio ambiente né?</p> <p>S2 – O turismo é uma das principais ferramentas educativas pra que as pessoas in lócus possam sentir-se tocadas pra essa questão de preservação.</p>	<p><i>bonito”. E fazer com que ela se sinta parte daquilo ali também, porque ela é também natureza, ela também é terra, né? E então nós somos um integrante do meio ambiente. Às vezes nós colocamos que nós estamos fora desse ambiente, mas nós também somos o ambiente, esse meio ambiente né?</i></p>
--	---

D – O Turismo tem um cunho social.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S2 – Levando esses grupos pra determinados locais onde eles possam observar diferentes culturas, diferentes tradições, diferentes maneiras de se viver, diferentes maneiras de se comportar e vendo esse conjunto que seria o social do local né, eu acho que as pessoas aprendem que a realidade social delas não é única, não é? Mas que há uma diversidade social e a partir dali ela pode se sentir tocada a repensar sua atividade social enquanto cidadão e também repensar a atividade social, a realidade social de outros grupos através da diversidade.</p>	<p><i>Levando esses grupos para determinados locais onde eles possam observar diferentes culturas, diferentes tradições, diferentes maneiras de se viver, diferentes maneiras de se comportar e vendo esse conjunto que seria o social do local né, eu acho que as pessoas aprendem que a realidade social delas não é única, não é? Mas que há uma diversidade social e a partir dali ela pode se sentir tocada a repensar sua atividade social enquanto cidadão e também repensar a atividade social, a realidade social de outros grupos através da diversidade.</i></p>

QUADRO SÍNTESE

Idéias Centrais

O turista sempre vai aprender algo.	Através do guia de turismo devem ser desenvolvidos roteiros que tenham uma visão ambiental e social.	O Turismo tem um cunho social.	O Turismo é uma poderosa ferramenta de educação.
-------------------------------------	--	--------------------------------	--

IC – O turista sempre vai aprender algo.

<p>DSC</p> <p><i>Eu acho que se o turista não toma consciência de imediato, aquilo ali quando ele ouvir novamente já não é uma novidade. Então eu acho que independente da idade eles vão aprender sempre, né? O que eles não souberem eles vão aprender. Tanto a criança como o idoso sempre vai fazer isso e vai passar aquilo adiante, né?</i></p>
--

IC – Através do guia de turismo devem ser desenvolvidos roteiros que tenham uma visão ambiental e social.

<p>DSC</p> <p><i>Eu acredito que o Turismo na visão atual já está caminhando para isso. Os roteiros já são adequados, não só pra a Melhor Idade como para qualquer outra idade, visando o meio ambiente, visando os passeios que se pode fazer, não é? Eu acho que nessas recepções que se faz com eles, precisa já no passeio mostrar a necessidade daquilo que a gente passa batido, que às vezes não chama muito atenção e que em um desses passeios mais detalhados tu tem como ir mostrando. Pode ser também cuidado nos</i></p>
--

hotéis e não atirando lixo para fora do ônibus, porque afinal de contas tu vai para uma outra cidade e essa outra cidade tá te recebendo e não pode ser atirando lixo na rua, né? Por isso o guia de turismo é uma peça chave dentro do Turismo. Sem ele fica difícil desenvolver Turismo em algum lugar, tá? Então o guia de turismo que é bem trabalhado, que fez curso, que se aperfeiçoa, que anda atrás, com certeza vai desenvolver os roteiros muito melhor dentro desta visão não só de meio ambiente como social. Conforme o grupo que vem a gente acaba ressaltando para um lado. Porque aí eles têm curiosidade, eles fazem perguntas. Nós temos toda uma área aqui bem na beira ali do Saco da Mangueira ali que eles perguntam por que tem todo aquele pessoal. Geralmente o pessoal que vem da serra que vem de fora. Por que tem aquele pessoal meio que favelado ali, como é que se cuida, como é que é cuidado o esgoto da cidade. Depende muito do grupo que vem. Aí a gente vai ressaltando para as curiosidades para as perguntas deles, né? Vamos nos enfocando para esses lados assim.

IC – O Turismo é uma poderosa ferramenta de educação.

DSC

Eu acredito que o Turismo seja uma das principais ferramentas de educação, porque junta no caso a educação e ao mesmo tempo a recreação, o lazer. Então, é uma forma prazerosa de se aprender. É uma das principais ferramentas educativas para que as pessoas in lócus possam sentir-se tocadas para essa questão de preservação. Ele também é um facilitador de conscientização, porque as pessoas sentindo o atrativo natural em que estão naquele momento e sendo despertadas para a beleza daquele local, sendo despertadas para enxergar o além da beleza natural, todo o ecossistema envolvido e a partir dali o Turismo então torna-se um facilitador para que a pessoa realmente pense: “Puxa vida, isso aqui é tão bonito”. E fazer com que ela se sinta parte daquilo ali também, porque ela é também natureza, ela também é terra, né? E então nós somos um integrante do meio ambiente. Às vezes nós colocamos que nós estamos fora desse ambiente, mas nós também somos o ambiente, esse meio ambiente né?

IC – O Turismo tem um cunho social.

DSC

Levando esses grupos para determinados locais onde eles possam observar diferentes culturas, diferentes tradições, diferentes maneiras de se viver, diferentes maneiras de se comportar e vendo esse conjunto que seria o social do local né, eu acho que as pessoas aprendem que a realidade social delas não é única, não é? Mas que há uma diversidade social e a partir dali ela pode se sentir tocada a repensar sua atividade social enquanto cidadão e também repensar a atividade social, a realidade social de outros grupos através da diversidade.

14 ANEXO 5 – CONSTRUÇÃO DOS DSCs DO GRUPO 3

14.1 Questão 1

Que passeio o Sr.(a) fez e quais atividades foram realizadas durante o mesmo?

IAD 1 (Instrumento de Análise de Discurso 1)

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS (sublinhadas)	ANCORAGEM (itálico)
<p>S1 – (1ª idéia) <u>Pra vários lugares já fomos. Aqui bem pertinho da cidade nós temos ali o Recanto do [...] a Lagoa Verde, que é pegadinho do Centro Português quem vai pro Cassino. Um lindíssimo. Passamos um dia muito bom. E o pesqueiro é lá pro lado do Povo Novo, também foi um lugar muito lindo que nós fizemos.</u> Andamos indo também pra uma colônia, mais longe né? Mas foi muito bom. (2ª idéia) <u>Sempre os passeios são válidos, sempre são válidos.</u> Tem vários outros [...] Organizamos pra FENADOCE em Pelotas mais de uma vez. E tem muitos outros lugares [...] Arambaré, quem vai pra Porto Alegre. <u>São excursões muito boas. Vale a pena. A gente aprende sempre em cada um.</u> Esse do Cristal ali tem até um museu muito bonito do Cristal. Quando a gente vai pra Arambaré passamos por Cristal entramos e fomos no museu. A gente aproveitou, não é?</p>	<p>(1ª idéia) Já fomos para vários lugares: Lagoa Verde, o pesqueiro perto do Povo Novo. A</p> <p>(2ª idéia) Os passeios são sempre válidos. A gente aprende em cada um. C</p>	
<p>S2 - Olha eu fiz passeio porque eu tô a pouco tempo assim no grupo da cidadania né, do meio ambiente. Ahn, aqui mesmo [...] (1ª idéia) <u>Museu, fomos na Ilha da Pólvora. Adorei né? Mesmo sendo de Rio Grande eu não conhecia ainda, né? Fomos na Ilha dos Marinheiros [...] muito bom, muito bonito o lugar, né? E fomos também na 5ª Secção da Barra, no farol.</u> Muito bom. (2ª idéia) <u>É bom a gente conhecer assim esses lugares e ainda mais assim, além dos passeios a amizade que a gente faz, né? As pessoas [...] é um círculo de amizades assim muito bom, né? É uma família, eu digo que é a minha segunda família.</u></p>	<p>(1ª idéia) Fomos no Museu Oceanográfico, na Ilha da Pólvora, na Ilha dos Marinheiros e no farol da 5ª Secção da Barra. A</p> <p>(2ª idéia) É bom conhecer os lugares e ainda melhor as amizades que se faz. C</p>	
<p>S3 - Nós fizemos vários passeios para diversas localidades do nosso interior. (1ª idéia) <u>Nós fizemos na Ilha dos Marinheiros, nós fizemos na Barra, nós fizemos passagem na Quitéria [...]</u> (2ª idéia) <u>esses locais assim de passeios digamos para contemplação, como é que é feito o tratamento digamos de [...] qualquer benefício para a natureza. Dá</u></p>	<p>(1ª idéia) Fomos na Ilha dos Marinheiros, na Barra, na passagem da Quitéria. A</p> <p>(2ª idéia) Fomos a locais de contemplação para ver coisas ligadas à natureza. D</p>	

<p>pra ti ter um intervalo aí de esporte, de brincadeiras entre nós, há facilidade né? Então (3ª idéia) <u>para nós é muito proveitoso. Realmente é porque além de o nosso pessoal sair um pouco daquela rotina do dia-a-dia, a gente não fica naquele ócio, aquele fechamento em casa. Então essas atividades que são desenvolvidas pela nossa coordenação é realmente muito interessante para o pessoal. Nós notamos que esse nosso pessoal é muito gratificante, o pessoal sente aquela expectativa da chegada da nova semana pra fazer novos passeios.</u> Agora mesmo nesse momento o nosso grupo tá fazendo uma seção de [...] uma seção física, ao ar livre na praça ali. E eu só não fui hoje porque eu pratiquei esporte ontem, futebol de salão, então hoje eu deveria ficar aqui reservando o espaço para quando eles retornassem.</p>	<p>(3ª idéia) É muito proveitoso porque foge da rotina. C</p>	
<p>S4 – (1ª idéia) <u>Nós fomos na Ilha, né? A Ilha dos Marinheiros.</u> E a gente [...] (2ª idéia) <u>a gente faz assim uma educação física assim, né? E fizemos churrasco né, a gente joga bola, fizemos trilha: fomos num lugar aí também que eu não recorde o nome agora, não tô recordando o nome que a gente foi [...]</u> <u>tinha umas trilhas, a gente faz trilha.</u> A professora, a Profª. Glair que é a nossa professora de educação física. Agora faz duas semanas (1ª idéia) <u>nós fomos no Museu da FURG né, Oceanográfico.</u> E aí agora eles tão programando outros passeios. A gente vai fazer outros passeios. São José do Norte. Eles prometeram nos levar à São José do Norte.</p>	<p>(1ª idéia) Fomos na Ilha dos Marinheiros e no Museu Oceanográfico. A</p> <p>(2ª idéia) Fazemos Educação Física, churrasco, jogamos bola, fazemos trilha. B</p>	
<p>S5 - (1ª idéia) <u>Fomos na Ilha dos Marinheiros, cascata já fomos,</u> foram diversos né? Com o grupo né? Do passeio né? (2ª idéia) <u>Só passear, conhecer e passar o dia né? Fazer churrasquinho,</u> já fizemos na Ilha né, levamos a carne e fizemos. Outra vez a prefeitura patrocinou também um churrasco.</p>	<p>(1ª idéia) Fomos na Ilha dos Marinheiros, na cascata. A</p> <p>(2ª idéia) Passeamos, conhecemos, passamos o dia e fizemos churrasco. B</p>	
<p>S6 - Olha nós (1ª idéia) <u>fomos no Parque das Pedras.</u> É muito bom, muito bonito, porque lá é um lugar assim [...] porque a gente foi no verão né? Então era um lugar assim [...] ele era, antes ele tinha água ali e tinha secado a água então ficou assim como uma praia, uma praça, uma [...] assim tudo sequinho e a gente caminhava ali, né? (2ª idéia) <u>A gente brincou, a gente dançou, a gente pulou corda, a gente fez muitas atividades ali, né?</u> Maravilhoso. E outro que nós fomos foi, deixa eu ver, (1ª idéia) <u>no Cassino a gente foi também, né?</u> Passeamos no Cassino na praia, né? Também</p>	<p>(1ª idéia) Fomos no Parque das Pedras e no Cassino. A</p> <p>(2ª idéia) Brincamos, dançamos, pulamos corda. B</p>	

brincamos e corremos e, né, fizemos bastantes atividades ali. Foi muito bom.		
<p>S7 - (1ª idéia) <u>Fomos ao Museu; fizemos o Museu; fizemos na Festa do Mar</u> e nesses lugares dos outros grupos que a gente vai né? Nos aniversários. Na Águia Branca tivemos também uma festinha. No Parque Marinha, na Barra, ali no Centro Social Urbano, tivemos lá também. Esses lugares que a gente faz os encontros sempre.</p> <p>ENT. - E passeios turísticos? Quais que a Sra. fez?</p> <p>S7 - (1ª idéia) <u>Nós fomos na cascatinha</u>, fomos na FENADOCE. Porque faz quatro anos, elas já foram a mais lugares do que eu, eu fui a menos lugares que elas.</p>	(1ª idéia) Fomos ao Museu Oceanográfico, na festa do Mar, na cascatinha. A	

A – Fomos a diversos lugares.

B – Fizemos atividades diversas.

C – Os passeios são sempre válidos.

D – Fomos a locais de contemplação para ver coisas ligadas à natureza.

IAD 2

A – Fomos a diversos lugares.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S1 – Pra vários lugares já fomos. Aqui bem pertinho da cidade nós temos ali o Recanto do [...] a Lagoa Verde, que é pegadinho do Centro Português quem vai pro Cassino. Um lindíssimo. Passamos um dia muito bom. E o pesqueiro é lá pro lado do Povo Novo, também foi um lugar muito lindo que nós fizemos.</p> <p>S2 - Museu, fomos na Ilha da Pólvora. Adorei né? Mesmo sendo de Rio Grande eu não conhecia ainda, né? Fomos na Ilha dos Marinheiros [...] muito bom, muito bonito o lugar, né? E fomos também na 5ª Secção da Barra, no farol.</p> <p>S3 – Nós fizemos na Ilha dos Marinheiros, nós fizemos na Barra, nós fizemos passagem na Quitéria.</p> <p>S4 – Nós fomos na Ilha, né? A Ilha dos Marinheiros. [...] nós fomos no Museu da FURG né, Oceanográfico.</p> <p>S5 – Fomos na Ilha dos Marinheiros, cascata já fomos.</p> <p>S6 – Fomos no Parque das Pedras [...] no Cassino a gente foi também, né?</p> <p>S7 – Fomos ao Museu; fizemos o Museu; fizemos na Festa do Mar [...] nós fomos na cascatinha.</p>	<p><i>Para vários lugares já fomos. Aqui bem pertinho da cidade nós temos a Lagoa Verde, que é pegadinho do Centro Português quem vai para o Cassino. Lindíssimo. Passamos um dia muito bom. E o pesqueiro é lá para o lado do Povo Novo, também foi um lugar muito lindo que nós fizemos. Fomos no Museu Oceanográfico, na Ilha da Pólvora. Adorei né? Mesmo sendo de Rio Grande eu não conhecia ainda, né? Fomos também na Ilha dos Marinheiros, muito bonito o lugar, né? E fomos também na 5ª Secção da Barra, no farol. Fizemos a passagem na Quitéria e a Festa do Mar e fomos no Parque das Pedras, no Cassino e na cascatinha.</i></p>

B – Fizemos atividades diversas.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S4 – A gente faz assim uma educação física assim, né? E fizemos churrasco né, a gente joga bola, fizemos trilha: fomos num lugar aí também que eu não recordo o nome agora, não tô recordando o nome que a gente foi [...] tinha umas trilhas, a gente faz trilha.</p> <p>S5 – Só passear, conhecer e passar o dia né? Fazer churrasquinho.</p> <p>S6 – A gente brincou, a gente dançou, a gente pulou corda, a gente fez muitas atividades ali, né?</p>	<p><i>A gente passeia, conhece e passa o dia né? Faz também uma educação física assim, né? A gente joga bola, brinca, dança, pula corda. E fizemos churrasco, né? Fizemos também trilha, fomos a um lugar aí também que eu não recordo o nome e a gente fez muitas atividades ali e tinha umas trilhas, a gente fez trilha.</i></p>

C – Os passeios são sempre válidos.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S1 – Sempre os passeios são válidos, sempre são válidos. [...] São excursões muito boas. Vale a pena. A gente aprende sempre em cada um.</p> <p>S2 – É bom a gente conhecer assim esses lugares e ainda mais assim, além dos passeios a amizade que a gente faz, né? As pessoas [...] é um círculo de amizades assim muito bom, né? É uma família, eu digo que é a minha segunda família.</p> <p>S3 – Para nós é muito proveitoso. Realmente é porque além de o nosso pessoal sair um pouco daquela rotina do dia-a-dia, a gente não fica naquele ócio, aquele fechamento em casa. Então essas atividades que são desenvolvidas pela nossa coordenação é realmente muito interessante para o pessoal. Nós notamos que esse nosso pessoal é muito gratificante, o pessoal sente aquela expectativa da chegada da nova semana pra fazer novos passeios.</p>	<p><i>Sempre os passeios são válidos. São excursões muito boas. Vale a pena. A gente aprende sempre em cada um. É bom a gente conhecer assim esses lugares e ainda mais assim, além dos passeios a amizade que a gente faz, né? É um círculo de amizades assim muito bom, né? É uma família, eu digo que é a minha segunda família. Além disso, para nós é muito proveitoso porque além de o nosso pessoal sair um pouco daquela rotina do dia-a-dia, a gente não fica naquele ócio, aquele fechamento em casa. Então essas atividades que são desenvolvidas pela nossa coordenação são realmente muito interessantes para o pessoal. Nós notamos o pessoal sente aquela expectativa da chegada da nova semana pra fazer novos passeios.</i></p>

D – Fomos a locais de contemplação para ver coisas ligadas à natureza.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S3 – Esses locais assim de passeios digamos para contemplação, como é que é feito o tratamento digamos de [...] qualquer benefício para a natureza.</p>	<p><i>Fomos a locais assim de passeios digamos para contemplação, como é que é feito o tratamento digamos de qualquer benefício para a natureza.</i></p>

QUADRO SÍNTESE

Idéias Centrais

Fomos a diversos lugares.	Fizemos atividades diversas.	Os passeios são sempre válidos.	Fomos a locais de contemplação para ver coisas ligadas à natureza.
---------------------------	------------------------------	---------------------------------	--

IC – Fomos a diversos lugares.

DSC

Para vários lugares já fomos. Aqui bem pertinho da cidade nós temos a Lagoa Verde, que é pegadinho do Centro Português quem vai para o Cassino. Lindíssimo. Passamos um dia muito bom. E o pesqueiro é lá para o lado do Povo Novo, também foi um lugar muito lindo que nós fizemos. Fomos no Museu Oceanográfico, na Ilha da Pólvora. Adorei né? Mesmo sendo de Rio Grande eu não conhecia ainda, né? Fomos também na Ilha dos Marinheiros, muito bonito o lugar, né? E fomos também na 5ª Secção da Barra, no farol. Fizemos a passagem na Quitéria e a Festa do Mar e fomos no Parque das Pedras, no Cassino e na cascatinha.

IC – Fizemos atividades diversas.

DSC

A gente passeia, conhece e passa o dia né? Faz também uma educação física assim, né? A gente joga bola, brinca, dança, pula corda. E fizemos churrasco, né? Fizemos também trilha, fomos a um lugar aí também que eu não recordo o nome e a gente fez muitas atividades ali e tinha umas trilhas, a gente fez trilha.

IC – Os passeios são sempre válidos.

DSC

Sempre os passeios são válidos. São excursões muito boas. Vale a pena. A gente aprende sempre em cada um. É bom a gente conhecer assim esses lugares e ainda mais assim, além dos passeios a amizade que a gente faz, né? É um círculo de amizades assim muito bom, né? É uma família, eu digo que é a minha segunda família. Além disso, para nós é muito proveitoso porque além de o nosso pessoal sair um pouco daquela rotina do dia-a-dia, a gente não fica naquele ócio, aquele fechamento em casa. Então essas atividades que são desenvolvidas pela nossa coordenação são realmente muito interessantes para o pessoal. Nós notamos o pessoal sente aquela expectativa da chegada da nova semana pra fazer novos passeios.

IC – Fomos a locais de contemplação para ver coisas ligadas à natureza.

DSC

Fomos a locais assim de passeios digamos para contemplação, como é que é feito o tratamento digamos de qualquer benefício para a natureza.

14.2 Questão 2

Quais foram aquelas atividades que o Sr.(a) mais gostou?

IAD 1 (Instrumento de Análise de Discurso 1)

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS (sublinhadas)	ANCORAGEM (itálico)
S1 – (1ª idéia) <u>Ah, o contato com a natureza.</u> (2ª idéia) <u>a convivência com a turma, sabe?</u> <u>Aquele aconchego que a gente tem. Porque a gente mora [...] eu, por exemplo, moro</u>	(1ª idéia) O contato com a natureza. C	

<p><u>sozinha e a maioria mora sozinha, né? Isso faz muito bem pro nosso ego, né? A gente se sente feliz mesmo.</u></p> <p>ENT. – E os lugares em si? Aqui em Rio Grande principalmente que lugares a Sra. gostou de visitar?</p> <p>S1 - A Ilha dos Marinheiros eu fiquei encantada, foi um passeio que gostei muito. Já te falei nos outros. (3ª idéia) <u>A Ilha dos Marinheiros [...] qual é o outro aqui? Na Quinta. Lá na Quinta fizemos um passeio muito bonito também. Lá a [Ilha da] Pólvora. Tivemos oportunidade de ter aquela visão maravilhosa da cidade, né? Foi muito lindo.</u> E vem aqui na nossa volta, por exemplo, passeios lá pelo porto assim. Só não dá pra entrar né, mas passamos pra conhecer. Isso são coisas diferentes que a gente faz e que nos agrada muito.</p>	<p>(2ª idéia) A convivência com a turma. A</p> <p>(3ª idéia) Mais gostei da Ilha dos Marinheiros, da Quinta e da Ilha da pólvora. B</p>	
<p>S2 - O que eu mais gostei? Foi esse lá da 5ª <u>Secção da Barra. Eu gostei porque a gente assim andou de microônibus pra fora, né? A gente atravessou o mar porque não é no Norte [São José do Norte], é na 5ª Secção e lá a gente atravessa o mar de novo pra ir lá no farol.</u> Eu gostei muito. A gente visitou igrejas também lá.</p>	<p>Foi o da 5ª Secção a Barra, porque a gente andou de microônibus para fora. B</p>	
<p>S3 - Atividades assim no sentido de desenvolvimento pra nós? (1ª idéia) <u>O que eu gostei e o que eu gosto sempre assim afora o convívio nosso, que a gente troca idéias, a gente conversa né, como eu te expliquei sai daquele aperto da casa.</u> (2ª idéia) <u>O que eu gostei é que muitos de nós, embora com a idade que a gente tem, muitas vezes passa despercebido o que é a natureza ou como é que deve preservar.</u> Nós fizemos um trabalho que nos foi feito um trabalho que a gente participou né [...] no Cassino não é? Que é praia né? Então a gente [...] aquela retirada daquele lixo, o reaproveitamento orgânico, né? Então são coisas que a mim me chamou atenção e acho que à maioria do grupo né? O que deve ser feito pra preservar a natureza.</p>	<p>(1ª idéia) Fora o convívio, eu gosto da conversa e de sair do aperto de casa. A</p> <p>(2ª idéia) Muitas vezes passa despercebido o que é a natureza e como preservar. C</p>	
<p>S4 - O que eu mais gostei de fazer? É, (1ª idéia) <u>fora estar junto com as minhas amigas né?</u> (2ª idéia) <u>A trilha essa que a gente foi né?</u> O Morro Redondo parece que a gente foi. Em Pelotas, passando Pelotas não tem uma comunidade pesqueira? Esse lugar que a gente foi esqueci o nome. Fomos com a Profª. Glair e as meninas [...] <u>é a trilha, adorei fazer a trilha com ela. Achei muito interessante assim, né? Tipo um labirinto né, tu rodeia um labirinto. Achei muito interessante fazer aquilo.</u></p>	<p>(1ª idéia) Estar junto com as minhas amigas. A</p> <p>(2ª idéia) Adorei a trilha. B</p>	

S5 – (1ª idéia) <u>O passeio, o passeio. Tudo que apresentaram lá né?</u> (2ª idéia) <u>A educação física também, né? Ginástica como se faz aqui também né?</u>	(1ª idéia) Tudo o que apresentaram no passeio. B (2ª idéia) A ginástica. D	
S6 – (1ª idéia) <u>Ah eu gostei da ginástica, né? Porque a gente fez bastante ginástica ali.</u> E depois não é, e era plano, né? Dava bem pra gente fazer não tinha, não pra se machucar nem nada, né? Foi muito bom. Cantamos, né? Bah, foi maravilhoso!	(1ª idéia) Eu gostei da ginástica. D	
S7 – (1ª idéia) <u>O passeio, ginástica, né? Ginástica é ótimo pra gente, pra saúde né, pra tudo.</u> Acho que foi isso que a gente fez e passeou, andou nos lugares. Era tempo de Natal até quando nós tivemos lá, muito bonito e tal, né? Ali na Ilha dos Marinheiros, na pontinha a gente passou a tarde toda fizemos lanche e depois passeamos lá, né?	(1ª idéia) A ginástica que é bom para a saúde. D	

A – Gosto da convivência com as pessoas do grupo.

B – Gostei de alguns lugares em especial.

C – Gostei do contato com a natureza.

D – Gostei da ginástica.

IAD 2

A – Gosto da convivência com as pessoas do grupo.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
S1 – A convivência com a turma sabe? Aquele aconchego que a gente tem. Porque a gente mora [...] eu, por exemplo, moro sozinha e a maioria mora sozinha, né? Isso faz muito bem pro nosso ego, né? A gente se sente feliz mesmo. S3 – O que eu gostei e o que eu gosto sempre assim afora o convívio nosso, que a gente troca idéias, a gente conversa né, como eu te expliquei sai daquele aperto da casa. S4 – Fora estar junto com as minhas amigas né?	<i>A convivência com a turma sabe? Aquele aconchego que a gente tem. Porque eu, por exemplo, moro sozinha e a maioria mora sozinha, né? Nos passeios a gente está junto com os amigos, a gente troca idéias, a gente conversa né? Sai daquele aperto da casa. Isso faz muito bem para o nosso ego, né? A gente se sente feliz mesmo.</i>

B – Gostei de alguns lugares em especial.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
S1 – A Ilha dos Marinheiros [...] qual é o outro aqui? Na Quinta. Lá na Quinta fizemos um passeio muito bonito também. Lá a [Ilha da] Pólvora. Tivemos oportunidade de ter aquela visão maravilhosa da cidade, né? Foi muito lindo. S2 – Foi esse lá da 5ª Secção da Barra. Eu gostei	<i>O passeio, o passeio. Tudo que apresentaram lá né? A Ilha dos Marinheiros. A Quinta. Lá na Quinta fizemos um passeio muito bonito também. Lá a Ilha da Pólvora. Tivemos oportunidade de ter aquela visão maravilhosa da cidade, né? Foi muito lindo. Também gostei lá da 5ª Secção da</i>

<p>porque a gente assim andou de microônibus pra fora, né? A gente atravessou o mar porque não é no Norte [São José do Norte], é na 5ª Secção e lá a gente atravessa o mar de novo pra ir lá no farol.</p> <p>S4 – A trilha essa que a gente foi né? [...] é a trilha, adorei fazer a trilha com ela. Achei muito interessante assim, né? Tipo um labirinto né, tu rodeia um labirinto. Achei muito interessante fazer aquilo.</p> <p>S5 – O passeio, o passeio. Tudo que apresentaram lá né?</p>	<p><i>Barra. Eu gostei porque a gente assim andou de microônibus para fora, né? A gente atravessou o mar porque não é em São José do Norte, é na 5ª Secção e lá a gente atravessa o mar de novo para ir lá no farol. E também da trilha essa que a gente foi, né? Adorei fazer a trilha. Achei muito interessante assim, né? Tipo um labirinto né, tu rodeia um labirinto. Achei muito interessante fazer aquilo.</i></p>
---	---

C – Gostei do contato com a natureza.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S1 – Ah, o contato com a natureza.</p> <p>S3 – O que eu gostei é que muitos de nós, embora com a idade que a gente tem, muitas vezes passa despercebido o que é a natureza ou como é que deve preservar.</p>	<p><i>Ah, o contato com a natureza. O que eu gostei é que muitos de nós, embora com a idade que a gente tem, muitas vezes passa despercebido o que é a natureza ou como é que deve preservar.</i></p>

D – Gostei da ginástica.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S5 – A educação física também, né? Ginástica como se faz aqui também né?</p> <p>S6 – Ah eu gostei da ginástica, né? Porque a gente fez bastante ginástica ali.</p> <p>S7 – O passeio, ginástica, né? Ginástica é ótimo pra gente, pra saúde né, pra tudo.</p>	<p><i>A educação física também, né? Porque a gente fez bastante ginástica ali. Ginástica é ótimo para a gente, para a saúde né, pra tudo.</i></p>

QUADRO SÍNTESE

Idéias Centrais

Gosto da convivência com as pessoas do grupo.	Gostei de alguns lugares em especial.	Gostei do contato com a natureza.	Gostei da ginástica.
---	---------------------------------------	-----------------------------------	----------------------

IC – Gosto da convivência com as pessoas do grupo.

<p>DSC</p> <p><i>A convivência com a turma sabe? Aquele aconchego que a gente tem. Porque eu, por exemplo, moro sozinha e a maioria mora sozinha, né? Nos passeios a gente está junto com os amigos, a gente troca idéias, a gente conversa né? Sai daquele aperto da casa. Isso faz muito bem para o nosso ego, né? A gente se sente feliz mesmo.</i></p>
--

IC – Gostei de alguns lugares em especial.

DSC

O passeio, o passeio. Tudo que apresentaram lá né? A Ilha dos Marinheiros. A Quinta. Lá na Quinta fizemos um passeio muito bonito também. Lá a Ilha da Pólvora. Tivemos oportunidade de ter aquela visão maravilhosa da cidade, né? Foi muito lindo. Também gostei lá da 5ª Secção da Barra. Eu gostei porque a gente assim andou de microônibus para fora, né? A gente atravessou o mar porque não é em São José do Norte, é na 5ª Secção e lá a gente atravessa o mar de novo para ir lá no farol. E também da trilha essa que a gente foi, né? Adorei fazer a trilha. Achei muito interessante assim, né? Tipo um labirinto né, tu rodeia um labirinto. Achei muito interessante fazer aquilo.

IC – Gostei do contato com a natureza.

DSC

Ah, o contato com a natureza. O que eu gostei é que muitos de nós, embora com a idade que a gente tem, muitas vezes passa despercebido o que é a natureza ou como é que deve preservar.

IC – Gostei da ginástica.

DSC

A educação física também, né? Porque a gente fez bastante ginástica ali. Ginástica é ótimo para a gente, para a saúde né, pra tudo.

14.3 Questão 3

Fale um pouco sobre como as atividades realizadas contribuíram para uma maior conscientização a respeito dos problemas sociais e a necessidade de preservação do meio ambiente.

IAD 1 (Instrumento de Análise de Discurso 1)

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS (sublinhadas)	ANCORAGEM (<i>itálico</i>)
<p>S1 – (1ª idéia) <u>É a gente quando tem contato com a natureza a gente lamenta saber quando maltratam árvores, fazem derrubadas [...] não tem necessidade, né?</u> Essa que tá acontecendo agora do Amazonas. Aquilo ali é uma tristeza. Como é que o governo deixou um estrangeiro vim tomar conta daquilo ali? Tá pagando não interessa. O nosso Brasil não tá a venda e ele tá botando o Brasil à venda. Ah, eu tô muito indignada com a atitude do governo em ter permitido que isso acontecesse. Ele que procure levar o povo pra lá. Que procure organizar lugares assim habitáveis pras pessoas irem mais pra lá. Aquilo lá não é habitável porque não tem ninguém que puxe o pessoal pra lá. Então fica deserto, não tem condições.</p>	<p>(1ª idéia) Quando tem contato com a natureza a gente lamenta quando a maltratam.</p> <p>A</p>	

<p>ENT. - E nesses passeios que a Sra. faz? A Sra. acha que eles contribuem para essa conscientização?</p> <p>S1 - Ah, sim. (2ª idéia) <u>E a gente nota assim muito carinho das pessoas que residem ali pela volta. Tudo muito bem cuidado, limpinho sabe? Os lugares bem longe do povoado como se chama e bem limpos. Então a gente sente assim carinho com o [...] com a área verde, né? É muito gostoso.</u></p>	<p>(2ª idéia) Nos passeios a gente nota o carinho das pessoas com a área verde.</p> <p>A</p>	
<p>S2 - (1ª idéia) <u>Ah eu acho pra mim foi muito melhor os ambientais, né?</u> Eu notei assim [...] eu mesmo não dava assim, mesmo morando em chácara, (2ª idéia) <u>eu não dava valor assim a muitas [...] os verdes, né, à natureza. E depois que eu comecei a freqüentar esse grupo eu dou valor assim a um pedacinho de capim. Dou valor sabe? Então isso aí pra mim foi muito bom, é o que eu mais gostei. Foi sobre o meio ambiente. Porque a gente aprende a dar valor, né?</u> Eu jogava coisas assim que são recicláveis, né? Jogava fora no lixo, não dava assim valor e agora não, agora é diferente.</p>	<p>(1ª idéia) Pra mim foi muito mais a questão ambiental.</p> <p>B</p> <p>(2ª idéia) Depois dos passeios comecei a dar mais valor à natureza.</p> <p>A</p>	
<p>S3 - Com certeza, (1ª idéia) <u>contribui em forma de instruir o ser humano no que deve ser feito porque ainda há tempo né? De nós tentarmos digamos assim salvar a natureza né? É uma tarefa muito árdua, muito difícil, mas sempre que houver uma conscientização do ser humano, e nós fizemos parte desse grupo né, eu acho que aí a pessoa vai ter mais cuidado com aquilo que deve ser feito e fazendo aquilo que deve ser feito há uma melhora muito grande da natureza.</u></p> <p>ENT. - E com relação aos problemas sociais?</p> <p>S3 - Sim, também contribui. (2ª idéia) <u>Se encararmos da maneira que deve se encarar o que nos é exposto contribui muito, né? Se nós formos ali só pra passar, aí não adianta nada, não se vê nada. O que adianta é que embora se trabalhe quinze minutos digamos assim uma hora, mas aproveite realmente, tenha consciência daquilo ali, é muito importante. Então isso aí eu acho que a contribuição é enorme.</u></p>	<p>(1ª idéia) Contribui para instruir sobre o que deve ser feito para salvar a natureza.</p> <p>A</p> <p>(2ª idéia) Com relação aos problemas sociais também contribui se encararmos de forma correta.</p> <p>B</p>	
<p>S4 - <u>Com certeza.</u> Mesmo porque quando a gente [...] assim né quando a gente era pequena a gente via assim é diferente, né? As coisas eram mais [...] <u>hoje acho que nós mesmos, nós que eu digo as pessoas né, tão poluindo mais o ambiente, tem falta de respeito com as plantas, até mesmo com os animais né? A gente vê muito os animais assim [...] até a gente fez um projeto aí com o NEMA né? Eu participei aqui uns dias aqui</u></p>	<p>Com certeza porque hoje as pessoas desrespeitam mais o ambiente e isso eu notei nos passeios.</p> <p>A</p>	

do cursinho a respeito das tartarugas né, que tão em extinção né? E a gente [...] e eu notei isso aí no passeio esse e eu achei legal.		
<p>S5 – (1ª idéia) <u>Claro, é muito bom ver isso. Eu acho, eu percebo a natureza hoje é em primeiro lugar.</u> Uma coisa que antigamente ninguém fazia isso aí. Hoje não. Até as crianças tão nascendo e já tão sabendo o que é isso aí.</p> <p>ENT. - O senhor acha que esses passeios contribuem para isso?</p> <p>S5 - Contribui.</p> <p>ENT. - De que forma?</p> <p>S5 – (2ª idéia) <u>Olhando, a pessoa vendo né? Entendendo e, vamos dizer, a gente vai num passeio e tem que ir num riacho, num rio já vê como corre né? A água.</u></p>	<p>(1ª idéia) Claro, eu percebo que hoje a natureza é em primeiro lugar. A</p> <p>(2ª idéia) Os passeios contribuem porque a pessoa vê e entende como funciona. A</p>	
<p>S6 – (1ª idéia) <u>Ah, com certeza, contribui com certeza. Porque aí é que a gente vê, né, a realidade, né? E eu acho que a gente tem que mais é cuidar desses lugares assim, que a gente pode ser mais orientada pra cuidar mais desses lugares assim, né?</u></p> <p>ENT. - E quanto aos problemas sociais? A Sra. acha que dá para repará-los nesses passeios?</p> <p>S6 - Dá, dá. A gente (2ª idéia) <u>até que [...] que dá pra gente ver esse lado aí, mas eu acho que pra o meio ambiente eu acho que é melhor.</u></p>	<p>(1ª idéia) Contribui porque aí que se vê a realidade. A</p> <p>(2ª idéia) Dá para reparar nos problemas sociais, mas para o meio ambiente é melhor. B</p>	
<p>S7 – (1ª idéia) <u>Acho que sim. A pessoa relaxa né, conversa muito com outro colega né? Não fica naquela preocupação, que tá pensando nisso, pensando naquilo. Então assim a gente fica bem a vontade né?</u></p> <p>ENT. - A Sra. acha que esses passeios contribuem mais para notar problemas ambientais ou sociais?</p> <p>S7 – (2ª idéia) <u>Ah, eu acho que é ambiental né? Eu acho porque se a pessoa já tem algum problema, lá a gente esquece né? E o outro também, mas o melhor é esse eu acho.</u></p>	<p>(1ª idéia) Sim, porque a pessoa relaxa e não fica pensando em outras coisas. A</p> <p>(2ª idéia) Contribui mais para a conscientização ambiental. B</p>	

A – Tendo contato com a natureza é que se vê a realidade.

B – Contribui de forma mais fraca para a conscientização social.

IAD 2

A – Tendo contato com a natureza é que se vê a realidade.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
S1 – É a gente quando tem contato com a natureza	<i>Com certeza. Hoje acho que nós mesmos, nós que</i>

<p>a gente lamenta saber quando maltratam árvores, fazem derrubadas [...] não tem necessidade, né?</p> <p>S1 – E a gente nota assim muito carinho das pessoas que residem ali pela volta. Tudo muito bem cuidado, limpinho sabe? Os lugares bem longe do povoado como se chama e bem limpos. Então a gente sente assim carinho com o [...] com a área verde, né? É muito gostoso.</p> <p>S2 – Eu não dava valor assim a muitas [...] os verdes, né, à natureza. E depois que eu comecei a freqüentar esse grupo eu dou valor assim a um pedacinho de capim. Dou valor sabe? Então isso aí pra mim foi muito bom, é o que eu mais gostei. Foi sobre o meio ambiente. Porque a gente aprende a dar valor, né?</p> <p>S3 – Contribui em forma de instruir o ser humano no que deve ser feito porque ainda há tempo né? De nós tentarmos digamos assim salvar a natureza né? É uma tarefa muito árdua, muito difícil, mas sempre que houver uma conscientização do ser humano, e nós fizemos parte desse grupo né, eu acho que aí a pessoa vai ter mais cuidado com aquilo que deve ser feito e fazendo aquilo que deve ser feito há uma melhora muito grande da natureza.</p> <p>S4 – Com certeza [...] hoje acho que nós mesmos, nós que eu digo as pessoas né, tão poluindo mais o ambiente, tem falta de respeito com as plantas, até mesmo com os animais né?</p> <p>S5 – Claro, é muito bom ver isso. Eu acho, eu percebo a natureza hoje é em primeiro lugar.</p> <p>S5 – Olhando, a pessoa vendo né? Entendendo e, vamos dizer, a gente vai num passeio e tem que ir num riacho, num rio já vê como corre né? A água.</p> <p>S6 – Ah, com certeza, contribui com certeza. Porque aí é que a gente vê, né, a realidade, né? E eu acho que a gente tem que mais é cuidar desses lugares assim, que a gente pode ser mais orientada pra cuidar mais desses lugares assim, né?</p> <p>S7 – Acho que sim. A pessoa relaxa né, conversa muito com outro colega né? Não fica naquela preocupação, que tá pensando nisso, pensando naquilo. Então assim a gente fica bem a vontade né?</p>	<p><i>eu digo as pessoas né, tão poluindo mais o ambiente, tem falta de respeito com as plantas, até mesmo com os animais né? Quando tem contato com a natureza a gente lamenta saber quando maltratam árvores, fazem derrubadas [...] não tem necessidade, né? Então contribui em forma de instruir o ser humano no que deve ser feito porque ainda há tempo né? De nós tentarmos digamos assim salvar a natureza né? É uma tarefa muito árdua, muito difícil, mas sempre que houver uma conscientização do ser humano, e nós fizemos parte desse grupo né, eu acho que aí a pessoa vai ter mais cuidado com aquilo que deve ser feito e fazendo aquilo que deve ser feito há uma melhora muito grande da natureza. É muito bom ver isso. Eu acho, eu percebo a natureza hoje é em primeiro lugar. Eu não dava valor assim aos verdes, né, à natureza. E depois que eu comecei a freqüentar esse grupo eu dou valor assim a um pedacinho de capim. Dou valor sabe? Então isso aí para mim foi muito bom, é o que eu mais gostei. Foi sobre o meio ambiente. Porque a gente aprende a dar valor, né? E aí é que a gente vê a realidade, né? E eu acho que a gente tem que mais é cuidar desses lugares assim, que a gente pode ser mais orientada para cuidar mais desses lugares assim, né? Nos passeios a pessoa relaxa né, conversa muito com outro colega né? Não fica naquela preocupação, que tá pensando nisso, pensando naquilo. Então assim a gente fica bem a vontade né? Olhando, a pessoa vendo né? E a gente nota assim também muito carinho das pessoas que residem ali pela volta. Tudo muito bem cuidado, limpinho sabe? Os lugares bem longe do povoado como se chama e bem limpos. Então a gente sente assim carinho com a área verde, né? É muito gostoso.</i></p>
--	---

B – Contribui de forma mais fraca para a conscientização social.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S2 – Ah eu acho pra mim foi muito melhor os ambientais, né?</p> <p>S3 – Se encararmos da maneira que deve se encarar o que nos é exposto contribui muito, né? Se nós formos ali só pra passar, aí não adianta nada, não se vê nada. O que adianta é que embora se trabalhe quinze minutos digamos assim uma hora, mas aproveite realmente, tenha consciência daquilo ali, é muito importante. Então isso aí eu acho que a contribuição é enorme.</p>	<p><i>Se encararmos da maneira que deve se encarar o que nos é exposto contribui muito, né? Se nós formos ali só para passar, aí não adianta nada, não se vê nada. O que adianta é que embora se trabalhe quinze minutos digamos assim uma hora, mas aproveite realmente, tenha consciência daquilo ali, é muito importante. Então isso aí eu acho que a contribuição é enorme. Mas eu acho que para o meio ambiente é melhor porque se a pessoa já tem algum problema, lá a gente esquece,</i></p>

<p>S6 – Até que [...] que dá pra gente ver esse lado aí, mas eu acho que pra o meio ambiente eu acho que é melhor.</p> <p>S7 – Ah, eu acho que é ambiental né? Eu acho porque se a pessoa já tem algum problema, lá a gente esquece né? E o outro também, mas o melhor é esse eu acho.</p>	<p><i>né? E o outro também, mas o melhor é esse eu acho.</i></p>
--	--

QUADRO SÍNTESE

Idéias Centrais

<p>Tendo contato com a natureza é que se vê a realidade.</p>	<p>Contribui de forma mais fraca para a conscientização social.</p>
--	---

IC – Tendo contato com a natureza é que se vê a realidade.

<p>DSC</p> <p><i>Com certeza. Hoje acho que nós mesmos, nós que eu digo as pessoas né, tão poluindo mais o ambiente, tem falta de respeito com as plantas, até mesmo com os animais né? Quando tem contato com a natureza a gente lamenta saber quando maltratam árvores, fazem derrubadas [...] não tem necessidade, né? Então contribui em forma de instruir o ser humano no que deve ser feito porque ainda há tempo né? De nós tentarmos digamos assim salvar a natureza né? É uma tarefa muito árdua, muito difícil, mas sempre que houver uma conscientização do ser humano, e nós fizemos parte desse grupo né, eu acho que aí a pessoa vai ter mais cuidado com aquilo que deve ser feito e fazendo aquilo que deve ser feito há uma melhora muito grande da natureza. É muito bom ver isso. Eu acho, eu percebo a natureza hoje é em primeiro lugar. Eu não dava valor assim aos verdes, né, à natureza. E depois que eu comecei a freqüentar esse grupo eu dou valor assim a um pedacinho de capim. Dou valor sabe? Então isso aí para mim foi muito bom, é o que eu mais gostei. Foi sobre o meio ambiente. Porque a gente aprende a dar valor, né? E aí é que a gente vê a realidade, né? E eu acho que a gente tem que mais é cuidar desses lugares assim, que a gente pode ser mais orientada para cuidar mais desses lugares assim, né? Nos passeios a pessoa relaxa né, conversa muito com outro colega né? Não fica naquela preocupação, que tá pensando nisso, pensando naquilo. Então assim a gente fica bem a vontade né? Olhando, a pessoa vendo né? E a gente nota assim também muito carinho das pessoas que residem ali pela volta. Tudo muito bem cuidado, limpinho sabe? Os lugares bem longe do povoado como se chama e bem limpos. Então a gente sente assim carinho com a área verde, né? É muito gostoso.</i></p>

IC – Contribui de forma mais fraca para a conscientização social.

<p>DSC</p> <p><i>Se encararmos da maneira que deve se encarar o que nos é exposto contribui muito, né? Se nós formos ali só para passar, aí não adianta nada, não se vê nada. O que adianta é que embora se trabalhe quinze minutos digamos assim uma hora, mas aproveite realmente, tenha consciência daquilo ali, é muito importante. Então isso aí eu acho que a contribuição é enorme. Mas eu acho que para o meio ambiente é melhor porque se a pessoa já tem algum problema, lá a gente esquece, né? E o outro também, mas o melhor é esse eu acho.</i></p>

14.4 Questão 4

O que faria o Sr.(a) ter mais vontade de participar de passeios turísticos na sua cidade ou até mesmo fora dela?

IAD 1 (Instrumento de Análise de Discurso 1)

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS (sublinhadas)	ANCORAGEM (itálico)
<p><u>S1 – (1ª idéia) O lugar. Olha qualquer passeio que a gente faça fora do habitat que estamos sempre é bom. Pela mudança que faz na cabeça da gente. A gente quando volta a gente tem coisas diferentes pra pensar e isso é que é muito bom na nossa idade, sabe? A gente tem com que preencher a gente não fica pensando em coisas passadas, tristes. Porque a tendência é sempre pensar no pior, na tristeza. Então a gente tem que tá sempre convivendo com coisa leves pra manter os pensamentos saudáveis que aí a energia do corpo é boa também, né? Tu recebe bons fluídos como se costuma dizer. Este contato nosso assim a gente passa muita assim muita energia positiva umas pras outras. É muito bom. Fico com pena das pessoas idosas que não entendem isso aí, não querem ir, umas até dizem coisas pejorativas contra as que gostam né? Entendem mal. Eu lamento. O meu limite é pequenininho. Se elas vissem como a gente aprende coisas convivendo com os outros, como é bom.</u></p> <p><u>ENT. - O que a Sra. acha que o governo ou as entidades de turismo poderiam fazer para estimular essas pessoas que não viajam a viajarem mais?</u></p> <p><u>S1 – (2ª idéia) Facilitar, nos dar mais oportunidades, mais condições pra gente poder viajar entende? Fica tudo muito caro, então as pessoas não vão muito por isso, né?</u></p> <p>Olha há uns tempos atrás o nosso grupo ganhava tudo. O Wilson Branco e o anterior nos proporcionou muitos passeios. Nos cedia o ônibus pra nós passear, então nós não pagávamos o ônibus. Às vezes fazíamos uma cotinha de um real cada um pra dar pro motorista, porque ele nos levava a vários lugares, né? Além do programado. Então nós dávamos um premiozinho pra ele. Mas de repente a política mudou e ficou muito restrito. Agora nós estamos pensando em ir em Punta del Este no fim do ano. Nosso passeio de encerramento. E vamos conseguir se Deus quiser! Mesmo que ninguém nos ajude nós vamos fazer uma caixinha e vamos conseguir.</p>	<p>(1ª idéia) O lugar porque qualquer passeio é bom para sair do habitat e arejar a cabeça.</p> <p>B</p> <p>(2ª idéia) As entidades de turismo podiam facilitar, nos dar mais oportunidades e condições de viajar.</p> <p>A</p>	
<p><u>S2 - O que eu gostaria assim que o prefeito nos desse assim mais apoio com ônibus [...] Porque às vezes a gente deixa de fazer passeios, e passeios bons né, por não ter uma</u></p>	<p>Mais apoio da Prefeitura.</p> <p>A</p>	

<p><u>condução pra levar o pessoal, né? Porque é muito caro, pra pagar assim é muito caro. Então isso é que tá fazendo falta pra nós. Eu acho assim que a gente tinha que ter mais apoio.</u></p>		
<p>S3 - Eu acho, eu não sei se por eu ser daqui e o grupo também é daqui, o grupo sempre mostra um interesse de partir pra outros locais mais distantes, locais que ainda não foram por nós conhecidos assim né? Então nós [...] eu acho que a gente já quer sair um pouco mais dessa rotina digamos assim. Não que não seja benéfica, é muito benéfica, mas já tá se tornando muito rotineiro porque [...] também (1ª idéia) <u>a gente não tem um respaldo maior né, precisaríamos de um apoio muito grande, né?</u></p> <p>ENT. - O que o Sr. Acha que as entidades de turismo poderiam fazer para estimular o turismo na velhice?</p> <p>S3 - Olha eu acredito que [...] claro, tudo gira em torno de um orçamento, tudo gira em torno do dinheiro queira ou não queira, mas (2ª idéia) <u>se uma agência de turismo se dispusesse digamos assim a nos levar numa viagem. Olha nós já tínhamos [...] trimestre, trimestral [...] se podíamos hoje vamos a São Leopoldo ver o zoológico, amanhã ou depois nós vamos a Gramado [...] aonde for ou mais próximo, mas fora daqui, pra nós seria muito benéfico, mas eu não sei se há um interesse. Pelo menos até agora as agências de turismo não se manifestaram a respeito, né? Mas seria muito bom para o grupo, né?</u></p>	<p>(1ª idéia) Precisa-se de mais apoio. A</p> <p>(2ª idéia) Se uma agência nos levasse, nós íamos para vários lugares fora da cidade. A</p>	
<p>S4 - <u>Ah não sei. Eu gosto muito de passear. Antes eu não passeava, não saía né, ficava em casa parada. Depois que eu entrei pra esse grupo qualquer tipo de passeio que elas nos oferecem eu tô e tô porque acho que todos são de valia pra mim assim.</u> Muita coisa eu nem conhecia, eu nem sabia que existia entendesse? E aí pra mim isso daí tá sendo assim [...] tudo que vem assim pra mim é gratificante, é bom ir nos lugares mesmo. Eu vou te dizer assim que eu tô aprendendo muita coisa, né? Coisas que eu não sabia nem que [...] porque eu sempre morei aqui na Barra, quer dizer eu ia até a praia só nas dunas né, eu só conhecia as dunas ali né? E agora não, eu conheço muitas outras coisas assim, entendesse? Adorei ver os golfinhos lá e o leão marinho lá aquele lá [...] adorei ver aquilo ali que é uma coisa que eu nunca tinha visto, morando aqui na Barra não tinha visto, não tinha conhecimento né? Coisas assim.</p>	<p>Não sei, mas eu gosto muito de passear. B</p>	

<p>S5 - É que nós aqui [...] infelizmente nós não temos turismo pra terceira idade aqui em Rio Grande. É muito pouco né? Em outros lugares aí a gente escuta que fazem passeios, vão de um centro pra outro né, pra outra cidade né? Aqui não, aqui tá meio parado o turismo aqui né?</p> <p>ENT. - E o que o Sr. acha que pode ser feito pra estimular isso?</p> <p>S5 - <u>Estimular os próprios grupos né? Se reunir e fazer né? Fazer uma cota de [...] uma caixinha, por exemplo, pra juntar mensal.</u> Teve um na Hidráulica ali que teve isso aí e foram até Gramado e aquela zona ali de Gramado e Canela.</p>	<p>Estimular os próprios grupos e fazer uma caixinha para juntar dinheiro.</p> <p>C</p>	
<p>S6 - <u>Olha, eu acho que [...] eu acho pra mim assim que o prefeito teria de cuidar mais disso aí, né? Porque eu acho que nós que somos da terceira idade, nós precisamos sair, nós precisamos conhecer outros lugares, né?</u> Ah, e um lugar também que eu fui e que eu gostei muito [...] que é também que a gente foi só uma vez, o prefeito só nos deu uma viagem e não nos deu mais [...] foi em Santa Maria. Maravilhoso! Que cidade linda aquela, né?</p>	<p>O Prefeito deveria cuidar mais disso porque a terceira idade precisa conhecer outros lugares.</p> <p>A</p>	
<p>S7 - (1ª idéia) <u>Eu acho que tem que ter mais é uma condução própria pra gente andar né? Não tem que tá dependendo deles daqui né? Condução que se tenha pra gente ir né? Eu acho que é isso aí que tem que ter mais.</u> E lá mesmo na Quinta nós não temos lugar certo de fazer as reuniões, a gente não tem uma sede, né? A gente tinha vontade de conseguir uma sede pra gente, pra fazer os encontros.</p> <p>ENT. - O que a Sra. acha que as entidades de turismo podem fazer para estimular o turismo para os idosos?</p> <p>S7 - (2ª idéia) <u>Ah eu acho que a Prefeitura como eles são da parte dos idosos que eles dizem que fazem né, deviam de conseguir mais um passeio pra gente ir né? Eu acho que era melhor.</u></p>	<p>(1ª idéia) Condução própria.</p> <p>A</p> <p>(2ª idéia) A prefeitura devia conseguir mais passeios para nós.</p> <p>A</p>	

A – Falta apoio dos órgãos que lidam com o Turismo.

B – Qualquer passeio é bom.

C – Estimular os grupos de terceira idade a juntar dinheiro para viajar.

IAD 2

A – Falta apoio dos órgãos que lidam com o Turismo.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
------------------	-----

<p>S1 – Facilitar, nos dar mais oportunidades, mais condições pra gente poder viajar entende? Fica tudo muito caro, então as pessoas não vão muito por isso, né?</p> <p>S2 - O que eu gostaria assim que o prefeito nos desse assim mais apoio com ônibus [...] Porque às vezes a gente deixa de fazer passeios, e passeios bons né, por não ter uma condução pra levar o pessoal, né? Porque é muito caro, pra pagar assim é muito caro. Então isso é que tá fazendo falta pra nós. Eu acho assim que a gente tinha que ter mais apoio.</p> <p>S3 – A gente não tem um respaldo maior né, precisaríamos de um apoio muito grande, né?</p> <p>S3 – Se uma agência de turismo se dispusesse digamos assim a nos levar numa viagem. Olha nós já tínhamos [...] trimestre, trimestral [...] se podíamos hoje vamos a São Leopoldo ver o zoológico, amanhã ou depois nós vamos a Gramado [...] aonde for ou mais próximo, mas fora daqui, pra nós seria muito benéfico.</p> <p>S6 - Olha, eu acho que [...] eu acho pra mim assim que o prefeito teria de cuidar mais disso aí, né? Porque eu acho que nós que somos da terceira idade, nós precisamos sair, nós precisamos conhecer outros lugares, né?</p> <p>S7 – Eu acho que tem que ter mais é uma condução própria pra gente andar né? Não tem que tá dependendo deles daqui né? Condução que se tenha pra gente ir né? Eu acho que é isso aí que tem que ter mais.</p> <p>S7 – Ah eu acho que a Prefeitura como eles são da parte dos idosos que eles dizem que fazem né, deviam de conseguir mais um passeio pra gente ir né? Eu acho que era melhor.</p>	<p><i>A gente não tem um respaldo maior né? Precisaríamos de um apoio muito grande. Facilitando, nos dando mais oportunidades, mais condições para a gente poder viajar entende? Fica tudo muito caro então as pessoas não vão muito por isso, né? O prefeito teria de cuidar mais disso aí porque eu acho que nós que somos da terceira idade, nós precisamos sair, nós precisamos conhecer outros lugares, né? A Prefeitura como eles são da parte dos idosos que eles dizem que fazem, deviam conseguir mais um passeio para a gente ir né? Eu acho que era melhor. Se uma agência de turismo se dispusesse digamos assim a nos levar numa viagem para nós seria muito benéfico. Além disso, eu acho que tem que ter mais é uma condução própria para a gente andar, que o prefeito nos desse assim mais apoio com ônibus né? Não tem que tá dependendo deles daqui né? Condução que se tenha para a gente ir né? Eu acho que é isso aí que tem que ter mais. Porque às vezes a gente deixa de fazer passeios, e passeios bons né, por não ter uma condução para levar o pessoal, né? Porque é muito caro, para pagar assim é muito caro. Então isso é que tá fazendo falta para nós. Eu acho assim que a gente tinha que ter mais apoio.</i></p>
--	--

B – Qualquer passeio é bom.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S1 – O lugar. Olha qualquer passeio que a gente faça fora do habitat que estamos sempre é bom. Pela mudança que faz na cabeça da gente. A gente quando volta a gente tem coisas diferentes pra pensar e isso é que é muito bom na nossa idade, sabe?</p> <p>S4 - Ah não sei. Eu gosto muito de passear. Antes eu não passeava, não saía né, ficava em casa parada. Depois que eu entrei pra esse grupo qualquer tipo de passeio que elas nos oferecem eu tô e tô porque acho que todos são de valia pra mim assim.</p>	<p><i>Ah não sei. Eu gosto muito de passear. Antes eu não passeava, não saía né, ficava em casa parada. Depois que eu entrei para esse grupo qualquer tipo de passeio que elas nos oferecem eu tô e tô porque acho que todos são de valia para mim assim. Qualquer passeio que a gente faça fora do habitat que estamos sempre é bom. Pela mudança que faz na cabeça da gente. A gente quando volta a gente tem coisas diferentes para pensar e isso é que é muito bom na nossa idade, sabe?</i></p>

C – Estimular os grupos de terceira idade a juntar dinheiro para viajar.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>S5 – Estimular os próprios grupos né? Se reunir e</p>	<p><i>Estimular os próprios grupos né? Se reunir e</i></p>

fazer né? Fazer uma cota de [...] uma caixinha, por exemplo, pra juntar mensal.	<i>fazer, né? Fazer uma cota de [...] uma caixinha, por exemplo, para juntar mensal.</i>
---	--

QUADRO SÍNTESE

Idéias Centrais

Falta apoio dos órgãos que lidam com o Turismo.	Qualquer passeio é bom.	Estimular os grupos de terceira idade a juntar dinheiro para viajar.
---	-------------------------	--

IC – Falta apoio dos órgãos que lidam com o Turismo.

<p>DSC</p> <p><i>A gente não tem um respaldo maior né? Precisaríamos de um apoio muito grande. Facilitando, nos dando mais oportunidades, mais condições para a gente poder viajar entende? Fica tudo muito caro então as pessoas não vão muito por isso, né? O prefeito teria de cuidar mais disso aí porque eu acho que nós que somos da terceira idade, nós precisamos sair, nós precisamos conhecer outros lugares, né? A Prefeitura como eles são da parte dos idosos que eles dizem que fazem, deviam conseguir mais um passeio para a gente ir né? Eu acho que era melhor. Se uma agência de turismo se predispusesse digamos assim a nos levar numa viagem para nós seria muito benéfico. Além disso, eu acho que tem que ter mais é uma condução própria para a gente andar, que o prefeito nos desse assim mais apoio com ônibus né? Não tem que tá dependendo deles daqui né? Condução que se tenha para a gente ir né? Eu acho que é isso aí que tem que ter mais. Porque às vezes a gente deixa de fazer passeios, e passeios bons né, por não ter uma condução para levar o pessoal, né? Porque é muito caro, para pagar assim é muito caro. Então isso é que tá fazendo falta para nós. Eu acho assim que a gente tinha que ter mais apoio.</i></p>
--

IC – Qualquer passeio é bom.

<p>DSC</p> <p><i>Ah não sei. Eu gosto muito de passear. Antes eu não passeava, não saía né, ficava em casa parada. Depois que eu entrei para esse grupo qualquer tipo de passeio que elas nos oferecem eu tô e tô porque acho que todos são de valia para mim assim. Qualquer passeio que a gente faça fora do habitat que estamos sempre é bom. Pela mudança que faz na cabeça da gente. A gente quando volta a gente tem coisas diferentes para pensar e isso é que é muito bom na nossa idade, sabe?</i></p>

IC – Estimular os grupos de terceira idade a juntar dinheiro para viajar.

<p>DSC</p> <p><i>Estimular os próprios grupos né? Se reunir e fazer, né? Fazer uma cota de [...] uma caixinha, por exemplo, para juntar mensal.</i></p>
